

**O VIDEODOCUMENTÁRIO COMO REGISTRO DOS 30 ANOS DE TRABALHO DA
LUMEN ET FIDES NO ATENDIMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA**

RAFAELA SILVA GARBAL
SHORRAYLA I. DUDA ATTAR
WESLEY CARLOS M. MURICI
WEVERSON JR. S. NASCIMENTO

**O VIDEODOCUMENTÁRIO COMO REGISTRO DOS 30 ANOS DE TRABALHO DA
LUMEN ET FIDES NO ATENDIMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA**

RAFAELA SILVA GARBAL
SHORRAYLA I. DUDA ATTAR
WESLEY CARLOS M. MURICI
WEVERSON JR. S. NASCIMENTO

Trabalho de Conclusão de curso (TCC),
apresentado à Faculdade de Comunicação
Social “Jornalista Roberto Marinho”,
Universidade do Oeste Paulista, como
requisito parcial para a sua conclusão.
Área de concentração: Jornalismo

Orientadora: Profa. Dra. Thaisa Sallum Bacco

**RAFAELA SILVA GARBAL
SHORRAYLA I. DUDA ATTAR
WESLEY CARLOS M. MURICI
WEVERSON JR. S. NASCIMENTO**

**O videodocumentário como registro dos 30 anos de trabalho da Lumen et
Fides no atendimento da pessoa com deficiência**

Trabalho de Conclusão de curso,
apresentado à Faculdade de
Comunicação Social “Jornalista Roberto
Marinho”, Universidade do Oeste Paulista,
como requisito parcial para a sua
conclusão.

Área de concentração: Jornalismo

Presidente Prudente, 13 de junho de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Tchiago Inague Rodrigues - Presidente

Prof. Me. Homero Ferreira - Membro

Profa. Dra. Thaisa Sallum Bacco - Orientadora

DEDICATÓRIA

A Deus, por nos conduzir em todo o período da faculdade e pela sabedoria para a conclusão deste trabalho. Aos nossos pais e familiares, pela paciência, atenção e compreensão ao longo dos quatro anos de estudo, e por sempre acreditarem em nós. Aos nossos amigos, pelo acolhimento, discussão e colaboração para o desenvolvimento deste projeto. À nossa orientadora, Thaisa Sallum Bacco, por acreditar em nossa pesquisa. E a todas as pessoas com deficiências.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à orientadora Professora Dr^a Thaisa Sallum Bacco, por compartilhar conosco seu conhecimento em videodocumentário e nos auxiliar para que pudéssemos dar o nosso melhor neste trabalho;

Agradecemos aos professores da Facopp, que desde o pré-projeto não mediram esforços para que o projeto fosse elaborado da melhor forma possível;

Agradecemos aos técnicos da TV Facopp, Carlos Shirosawa e Kaito Lomartir, e pela dedicação e empenho em ajudar o grupo no processo de edição do documentário;

Agradecemos aos profissionais da Lumen et Fides pela disposição em contribuir com nosso trabalho;

Agradecemos as famílias atendidas pela instituição, por compartilharem suas histórias;

Agradecemos à fundadora da Lumen et Fides, Aparecida Kozuki, pela contribuição histórica em nosso documentário e por cravar em nossos corações a alegria de termos documentado a história.

*“Porque eu aprendi nos livros muita coisa, eu aprendi muita teoria, mas o que eu aprendi na prática aqui na Lumen, não há academia, não há faculdade, não há livros que ensine, o respeito ao ser humano.”
(Rosa Maria de Lima – Professora da Lumen et Fides)*

RESUMO

O videodocumentário como registro dos 30 anos de trabalho da *Lumen et Fides* no atendimento da pessoa com deficiência

A presente pesquisa teve o objetivo de documentar o trabalho da Associação de Desenvolvimento de Crianças Limitadas - *Lumen et Fides*, que há 30 anos oferece tratamento na área de saúde e educação, atendendo crianças e adultos com deficiências múltiplas e transtorno do espectro do autismo em processo de habilitação. A pesquisa pretende levar ao conhecimento da sociedade, por meio de um videodocumentário, a existência dos atendimentos oferecidos e como a instituição pode contribuir na vida da pessoa com deficiência. O estudo utilizou a abordagem qualitativa e, como método, o estudo de caso. Os instrumentos de coleta de dados foram: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo com entrevistas em profundidade através de roteiro semiaberto e pesquisa e análise documental. A análise dos dados foi feita por meio da técnica de triangulação para documentar o trabalho realizado pela instituição. Todas as informações coletadas serviram como base para a composição do corte teórico e também da peça prática intitulada "Sonhos de Maio", com duração de 67 minutos. Com a produção do videodocumentário, os pesquisadores traçaram o panorama das três décadas de atendimento da *Lumen et Fides* a partir do jornalismo humanizado, promovendo as visões dos atendidos, profissionais, fundadores e aqueles que contribuíram com a história da instituição.

Palavras-chave: Videodocumentário. *Lumen et Fides*. Jornalismo humanizado. Presidente Prudente.

ABSTRACT

The video documentary as a record of the 30 years of work of Lumen et Fides on the attendance of the disabled person

The present research had as a goal to document the work of the Development Association of the Limited Children - Lumen et Fides which has offered for 30 years the treatment in the health and education fields helping children and adults with multiple deficiencies and disorder of the spectrum of the autism in the habilitation process. The research intends to take to the society's knowledge through a video documentary, the existence of the attendances offered and how the institution is able to contribute in the life of the deficient person. This study used the qualitative approach and as a method the study of case. The data collecting instruments were: bibliographic research, field research with deep interviews through a semi open script and documental research and analysis. The analysis of the data was done through the triangulation technique to document the work done by the institution. All the collected information served as a basis for the composition of the theoretical cut and also of the practical play entitled "Dreams of May", with a duration of 67 minutes. With the production of the video documentary, the researchers tracked the panorama of the three decades of attendance of the Lumen et Fides through the humanized journalism providing the visions of those helped, professionals, founders and those ones who contributed with the institution history

Keywords: Video documentary. Lumen et Fides. Humanized Journalism. Presidente Prudente.

LISTA DE SIGLAS

APAE	– Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
BB	– Banco do Brasil
BPC	– Benefício de Prestação Continuada
CER	– Centro de Educação e Reabilitação
CNAS	– Conselho Nacional de Assistência Social
CAPI	– Comitê Assessor de Pesquisa Institucional
CEP	– Comitê de Ética em Pesquisa
CREFITO	– Conselho Regional de Fisioterapia e de Terapia Ocupacional
FACOPP	– Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente
FIA	– Fundo da Infância e Adolescência
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS	– Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
INCE	– Instituto Nacional de Cinema Educativo
INSS	– Instituto Nacional do Seguro Social
IPTU	– Imposto Predial e Territorial Urbano
IPVA	– Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores
ISS	– Imposto Sobre Serviços
MPAS	– Ministério da Previdência e Assistência Social
ONU	– Organização das Nações Unidas
PECS	– Picture Exchange Communication System
PEIC	– Programa Especial de Iniciação Científica
PEIP-R	– Perfil Psicoeducacional Revisado
SABESP	– Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo
SINBFIR	– Sindicato das Instituições Benéficas Filantrópicas e Religiosas do Estado de São Paulo
SN	– Sistema Nervoso
SOS	– Serviço de Obras Sociais
SUS	– Sistema Único de Saúde
TEA	– Transtorno do Espectro do Autismo
TEACCH	– Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children
UNOESTE	– Universidade do Oeste Paulista

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	Plano Close.....	44
FIGURA 2 -	Plano Detalhe.....	44
FIGURA 3 -	Plano Americano.....	45
FIGURA 4 -	Plano Médio.....	45
FIGURA 5 -	Plano Geral.....	46
FIGURA 6 -	Grande Plano Geral.....	46
FIGURA 7 -	Plano de entrevista – Meio Close.....	47
FIGURA 8 -	Ângulo Plongée.....	49
FIGURA 9 -	Ângulo Contra-plongée.....	50
FIGURA 10 -	Inauguração hidroterapia em 1996.....	73
FIGURA 11 -	Doação das cadeiras de rodas.....	74
FIGURA 12 -	Método do <i>pediasuit</i>	77
FIGURA 13 -	Sala multissensorial.....	77
FIGURA 14 -	Logotipo.....	113
FIGURA 15 -	Tarjas para crédito das fontes.....	115
FIGURA 16 -	Videografismo.....	115
FIGURA 17 -	Lançamento: coordenação Lumen et Fides.....	116
FIGURA 18 -	Lançamento <i>Lumen et Fides</i> 12 de maio.....	116
FIGURA 19 -	Lançamento Público 31 de maio.....	117
FIGURA 20 -	Lançamento Público: vice-prefeito Douglas Kato.....	117
FIGURA 21 -	Lançamento Público.....	118

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	14
2.1	Problematização e justificativa.....	14
2.2	Objetivos.....	16
2.2.1	Objetivo geral.....	16
2.2.2	Objetivos específicos.....	16
2.3	Metodologia.....	16
3	JORNALISMO E DOCUMENTÁRIO.....	20
3.1	Cinema real e ficcional.....	20
3.1.1	Documentário no Brasil.....	24
3.1.2	Características do videodocumentário.....	29
3.1.3	O jornalismo humanizado.....	33
3.1.4	Jornalismo, mídia e deficiência.....	36
3.2	Linguagem audiovisual.....	39
3.2.1	Planos e enquadramentos.....	43
3.2.2	Movimentos de câmera.....	47
3.2.3	Ângulos.....	49
3.2.4	Iluminação.....	50
3.2.5	Som.....	52
3.3	Etapas de produção.....	56
3.3.1	Pré-produção.....	57
3.3.2	Elaboração do roteiro.....	59
3.3.3	Produção.....	62
3.3.4	Pós-produção.....	63
4	LUMEN ET FIDES.....	69
4.1	Registro histórico dos 30 anos.....	69
4.1.1	Deficiências: transtorno do espectro do autismo, neuromotora e neuromuscular.....	79
4.1.2	Educação.....	84
4.1.3	Saúde.....	93
5	MEMORIAL DESCRITIVO.....	100
5.1	A ideia.....	100
5.2	Desenvolvimento teórico.....	101
5.3	Apuração.....	102
5.4	Gravação.....	105
5.5	Edição.....	108
5.6	Identidade visual.....	112
5.7	Lançamento.....	116
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
	REFERÊNCIAS.....	124
	ANEXOS.....	131

ANEXO A - MODELO DE PROPOSTA DE FILMAGEM DE RABIGER.....	132
ANEXO B - DECRETO DE UTILIDADE PÚBLICA MUNICIPAL Nº2.618/88.....	134
ANEXO C - DECRETO DE UTILIDADE PÚBLICA FEDERAL Nº 6.286/92-11.....	136
ANEXO D - ATESTADO DE ENTIDADE BENEFICENTE DE ASSISTÊNCIA SOCIAL.....	138
ANEXO E - DECRETO DE UTILIDADE PÚBLICA ESTADUAL Nº 44.352.....	140
APÊNDICES.....	142
APÊNDICE A - PROPOSTA DE FILMAGEM.....	143
APÊNDICE B - QUADRO DE FUNCIONÁRIOS 2017.....	145
APÊNDICE C - PAUTAS.....	148
APÊNDICE D - MACRO E MICROTEMAS.....	176
APÊNDICE E - CRONOGRAMA DE GRAVAÇÕES.....	179
APÊNDICE F - LISTA DE ENTREVISTADOS.....	181
APÊNDICE G - RELATÓRIO DE IMAGEM.....	185
APÊNDICE H - ROTEIRO.....	187
APÊNDICE I - CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS AUTORAIS COMAUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, NOME SOM DE VOZ.....	227
APÊNDICE J - CLIPPING.....	229

1 INTRODUÇÃO

No mundo existem diversos tipos de deficiências. Elas podem ser congênitas, adquiridas no período de gestação, terem origem genética (hereditárias) e se apresentarem nos primeiros dias de vida de um indivíduo ou podem ser consequência de doenças, traumas e lesões. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2010), no país, as principais causas das deficiências são hereditárias ou congênitas, pois são decorrentes da falta de assistência adequada às mulheres durante a gestação ou parto.

De acordo com a última publicação do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), no Brasil, 45.606.048 milhões de pessoas declararam ter pelo menos uma das deficiências, dentre elas, visual, auditiva, motora, mental ou intelectual, o que corresponde a 23,9% da população brasileira.

Em Presidente Prudente, o último levantamento feito pelo IBGE (2010), apontou que 43.936 pessoas possuem pelo menos uma das deficiências investigadas: visual, auditiva, motora, mental ou intelectual. O inciso IV do artigo 203 da Constituição Federal (BRASIL, 1988)¹ garante a esse público a habilitação e reabilitação e a promoção de sua integração à vida comunitária. No município, o IBGE (2010) apontou que existem 58 entidades de assistência social e de saúde, classificadas sem fins lucrativos. De acordo com a Coordenadoria Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência em Presidente Prudente² há oito entidades assistenciais filantrópicas que tratam da pessoa com deficiência.

Uma dessas entidades é o objeto de estudo deste projeto: a Associação de Desenvolvimento de Crianças Limitadas - *Lumen et Fides*, que atende às deficiências classificadas como neuromotoras e neuromusculares, consideradas deficiências físicas e também conhecidas como limitações múltiplas. Em Presidente Prudente, a limitação física, segundo o IBGE (2010), apresenta 15.993 casos. A instituição Lumen também habilita a pessoa com transtorno do espectro do autismo (TEA), considerado deficiência intelectual.

¹ Art. 203. A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos: IV - a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária.

² ARENALES, A. Levantamento de informações. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <inclusao@presidentepudente.sp.gov.br> em: 13 dez. 2016.

Caracterizada como instituição filantrópica, a Lumen foi fundada em 15 de maio de 1987, por um grupo de pais com filhos deficientes. Eles tinham como objetivo melhorar a funcionalidade e independência de seus filhos, assim como socializá-los (LUMEM ET FIDES, 2012, p.6). Desde sua fundação, a entidade conta com profissionais multidisciplinares e especializados em atividades que estimulam a percepção de crianças e adultos limitados. (OLIVEIRA, 2016) A Lumen completa 30 anos em 2017 e atualmente atende 150 pessoas do município e região.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve como objetivo documentar as contribuições da *Lumen et Fides* no atendimento a deficientes com limitações múltiplas e transtorno do espectro do autismo ao longo da sua história. Para tanto, a estrutura da pesquisa foi dividida em cinco capítulos.

No capítulo 2, apresenta-se a fundamentação metodológica, que traz a situação problema e justificativa da pesquisa, além dos objetivos a serem atingidos. O delineamento da metodologia proporcionou aos pesquisadores, métodos e técnicas que compreendessem o objeto de estudo e encaminhassem à resolução problema.

O capítulo 3 conceitua o gênero documentário, o que permite o leitor compreender as suas características e desenvolvimento no mundo, bem como o panorama histórico no Brasil. O uso do jornalismo humanizado ao retratar histórias de cunho social. O estudo da mídia e deficiência, o qual permite conhecer os erros do jornalismo ao oferecer espaços somente quando o tema deficiência é pautado, e não ouvi-los em situações comuns do dia a dia, ou seja, oferecer espaços mais igualitários e condições plurais de comunicação a todos. No mesmo capítulo foi trabalhada a linguagem audiovisual e o processo de produção que refletiu no videodocumentário.

O capítulo 4 permite que o leitor conheça em profundidade o objeto de estudo, a *Lumen et Fides*, ao retratar o desenvolvimento da instituição ao longo dos 30 anos desde sua fundação, detalhando as principais contribuições para inclusão da pessoa com deficiência na sociedade e os atendimentos oferecidos para habilitação do transtorno do espectro do autismo e às deficiências múltiplas.

O memorial descritivo, apresentado no capítulo 5, proporciona ao leitor o passo a passo do desenvolvimento prático do videodocumentário, retratando os acontecimentos vivenciados pelos pesquisadores desde as ideias até o desenvolvimento das etapas de pré-produção, produção e pós-produção.

Para compartilhar a experiência do trabalho, as histórias e o desenvolvimento da *Lumen et Fides* ao longo dos 30 anos de atendimento, os pesquisadores propõem assistir ao videodocumentário *Sonhos de Maio*, resultado deste trabalho de conclusão de curso.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Problematização e justificativa

As dificuldades da integração da pessoa com deficiência na sociedade são situações decorrentes da falta de informação principalmente aquelas asseguradas a seus direitos, diferentes ou comum a todos. Durante muito tempo a pessoa com deficiência foi mantida dentro de lares, evitando o convívio e a socialização através dos conceitos pré-estabelecidos de normalidade.

Ao se tratar de igualdade e integração social, o decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, regulamentou a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, que dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência no exercício de seus direitos básicos, como a educação, a saúde, o trabalho, o lazer e a previdência social, decorrentes da constituição e das leis que propiciem o bem-estar pessoal, social e econômico.

Uma das atribuições do Decreto foi a definição de deficiência através do Art. 3º: “[...] considera-se: I - deficiência – toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano.” (BRASIL, 1999)

No Capítulo VII do mesmo Decreto, a Seção I (da saúde) e a Seção II (do acesso à educação), garante à pessoa com deficiência a habilitação e reabilitação integral, entendida como o desenvolvimento das potencialidades da pessoa portadora de deficiência, destinada a facilitar sua atividade laboral, educativa e social (BRASIL, 1999).

Com os direitos individuais e sociais assegurados por lei às pessoas com deficiência, cabe ao Poder Público possibilitar o pleno exercício de seus direitos básicos como a educação e a saúde. Pensando em oferecer esses dois tipos de assistência oferecidas em um só lugar, foi criada em 1987 a Associação de Desenvolvimento de Crianças Limitadas - *Lumen et Fides*, em decorrência das dificuldades enfrentadas pelos pais fundadores na inclusão de seus filhos deficientes na rede de ensino regular em Presidente Prudente. Há 30 anos, a instituição oferece atendimento multidisciplinar e especializado para o tratamento do transtorno do autismo e das deficiências consideradas múltiplas (neuromotora e neuromuscular).

A escolha da instituição *Lumen* para esta pesquisa foi motivada por oferecer continuidade do tratamento oferecido independente da idade ou condição física, psíquica e motora do assistido. Também por possuir tratamento de equoterapia (considerado o primeiro centro do Brasil dentro de uma instituição), além de sala de estímulos multissensoriais pioneira no município. E por ser a primeira entidade a realizar atendimento do transtorno do espectro do autismo em Presidente Prudente.

Os pesquisadores propõem através do objeto de estudo, a *Lumen et Fides*, documentar a importância de seu trabalho e tratamento na vida de deficientes, através de atividades pedagógicas e atendimento na área da saúde ao longo dos últimos 30 anos e com propósito de continuidade.

A relevância social do projeto está em proporcionar a disseminação de informações sobre a *Lumen et Fides* que contribui com atendimentos voltados à saúde e à educação da pessoa com deficiência e assim revelar, a partir de um videodocumentário, o papel da instituição para as famílias que possuem pessoa com deficiência e para estudantes e profissionais das áreas de atuação (saúde e educação).

Em termos acadêmicos, a pesquisa mostra-se relevante, pois aprofunda o uso do jornalismo como instrumento de registro histórico, documentando o trabalho realizado por uma instituição que proporciona a habilitação de pessoas com deficiência física e intelectual.

Em âmbito pessoal, a pesquisa vem ao encontro da afinidade com a linguagem audiovisual (aprimorada em estágio na TV Facopp Online) e o desafio de levar informações, esclarecimentos, histórias, a partir do jornalismo humanizado retratado por meio de videodocumentário.

Considera-se, a este respeito, quem são as famílias atendidas pela *Lumen*? E quais são as histórias dos pacientes atendidos pela instituição que podem auxiliar a sociedade a entender melhor seu trabalho? Como funcionam os serviços oferecidos pela unidade, em especial, aqueles pioneiros no atendimento a esses deficientes como equoterapia e sala de estímulos multissensoriais? Assim, como problemática desta pesquisa, coloca-se o seguinte questionamento: como a *Lumen et Fides* se desenvolveu ao longo dos 30 anos no atendimento de deficientes com limitações neuromotoras, neuromusculares e transtorno do espectro do autismo?

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

- Documentar as contribuições da *Lumen et Fides* no atendimento a deficientes com limitações múltiplas e transtorno do espectro do autismo ao longo de 30 anos de história.

2.2.2 Objetivos específicos

- Compreender o processo de produção de um documentário em vídeo.
- Traçar um panorama histórico com os principais fatos ocorridos nos 30 anos de atendimento da *Lumen et Fides* nas áreas de saúde e educação.
- Vivenciar a prática do jornalismo humanizado promovendo as visões dos atendidos, profissionais, fundadores e aqueles que contribuíram com a história da *Lumen*.
- Retratar, por meio de videodocumentário, as atividades desenvolvidas pela *Lumen* no atendimento a deficientes com limitações múltiplas e transtorno do espectro do autismo.

2.3 Metodologia

A metodologia, em seu nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitem a coleta e o processamento de informações visando ao encaminhamento e à resolução de problemas ou questão de investigação (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Para executar este trabalho, a natureza da pesquisa é qualitativa, na qual a relação entre o mundo e o sujeito não pode ser traduzida em números. De acordo com Gil (2012, p.27), é uma pesquisa desenvolvida com o objetivo de proporcionar visão geral de tipo aproximativo, acerca de determinado fato “[...] é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionais.”

Como método, foi utilizado o estudo de caso, que permitiu aos pesquisadores conhecerem a *Lumen et Fides* de forma aprofundada.

Para Yin (2010, p.24), o método do estudo de caso permite que o investigador retenha as características abrangentes e significativas dos eventos da vida real, isto é, os ciclos individuais da vida, comportamentos de pequenos grupos e até mesmo desempenho escolar. Deste ponto de vista, é relevante mencionar que neste projeto o método auxiliou na escolha das pessoas com deficiência e suas histórias, posteriormente contadas por familiares.

O autor ainda defende que a relevância do estudo de caso parte da necessidade e desejo de compreender fenômenos sociais complexos. “[...] o estudo de caso é usado em muitas situações, para contribuir com o nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados.” (YIN, 2010, p.24). Considera-se, a este respeito, que a utilização do método proporcionou aos pesquisadores compreender o processo histórico da *Lumen et Fides* e sua contribuição na vida da pessoa com deficiência através de relatos de profissionais, fundadores e aqueles que contribuíram com a história da instituição.

Para Gil (2012, p.58), o estudo de caso é caracterizado como a forma que permite um conhecimento amplo, “[...] estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado [...]”.

A partir da escolha da natureza e do método faz-se necessário a seleção de instrumentos de coleta de dados que, segundo Lakatos e Marconi (2010, p.163), estão diretamente relacionados com o problema a ser estudado. “[...] a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa, os recursos financeiros, a equipe humana e outros elementos que possam surgir no campo da investigação.”

Os instrumentos para coleta de dados utilizados neste estudo se dividiram em pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo com entrevistas em profundidade do tipo semiaberta e pesquisa e análise documental. Como ponto de partida, a pesquisa bibliográfica foi realizada para embasamento teórico sobre os temas deficiência e documentário.

De acordo com Lakatos e Marconi (2010, p.166), a pesquisa bibliográfica tem o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com o tema a ser estudado, “[...] com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.” Os pesquisadores buscaram informações em livros, artigos científicos e

revistas, totalizando 80 leituras e fichamentos de referenciais teóricos disponíveis na biblioteca da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e também em outras bibliotecas virtuais.

A pesquisa de campo foi utilizada para obter informações sobre o objeto de estudo e conhecer melhor os atendidos pela Lumen. Lakatos e Marconi (2010, p.169) definem que a pesquisa de campo é utilizada com o objetivo de conseguir informações ou conhecimentos acerca de um problema, “[...] para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.” Os pesquisadores estiveram a campo, convivendo na Lumen, durante 15 dias e observaram o trabalho desenvolvido pela instituição, levantando informações através de pré-entrevistas sobre o desenvolvimento histórico dos 30 anos, os atendimentos nas áreas de saúde e educação e busca por personagens que iriam compor o videodocumentário.

A pesquisa de campo tornou-se fundamental também para levantar os nomes das fontes que seriam entrevistadas em profundidade. Para Duarte (2011, p. 64), a entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, “[...] útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido.”

Ainda segundo Duarte (2011, p.64), entrevistas em profundidade podem ser divididas em dois tipos: a aberta e semiaberta. A utilizada pelo grupo foi a entrevista semiaberta, que partiu de um roteiro possível de ser alterado no decorrer da entrevista, sendo adaptável, permitindo flexibilidade: “[...] o pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta” (DUARTE, 2011, p.66). Nesta pesquisa, foram selecionadas 27 fontes para darem entrevista. O critério de seleção foi a busca por profissionais de todas as áreas do atendimento da *Lumen*, bem como famílias que representam as diferentes realidades trabalhadas pela instituição.

Outra técnica para coleta de dados foram a pesquisa e análise documental utilizada para acompanhar a evolução da *Lumen* ao longo dos 30 anos, em material disponível pela instituição. Para Gil (2012, p.51), a análise documental pode ser utilizada como técnica quando “[...] a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com objetivos da pesquisa.”

Durante a pesquisa, o grupo levantou documentos como atas de reuniões, estatutos, decretos de utilidades públicas (Federal, Estadual e Municipal), atestados de entidade beneficente de assistência social e certidões de pessoa jurídica. Além desses materiais, o grupo obteve fotos e vídeos que mostram o desenvolvimento da instituição desde sua fundação até os dias de atuais e fotos pessoais, solicitadas às famílias da pessoa com deficiência, de forma a ilustrar o audiovisual.

A análise dos resultados foi realizada pela técnica da triangulação dos dados coletados. Para Triviños (1987, p.138), este tipo de análise busca abranger máxima descrição, explicação e compreensão do foco em estudo: “Parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais como uma macrorrealidade social.”

Neste estudo os dados obtidos durante a pesquisa de campo, de entrevistas e a pesquisa e análise documental foram cruzados e analisados, a fim de alcançar as respostas que motivaram a pesquisa, ou seja, quais as contribuições da *Lumen et Fides* no atendimento de deficientes com limitações múltiplas e transtorno do espectro do autismo.

3 JORNALISMO E DOCUMENTÁRIO

3.1 Cinema real e ficcional

A chegada do trem à estação de *La Ciotat* na França, em 28 de dezembro de 1895, é considerada por muitos historiadores o marco do surgimento do cinema no mundo.

A câmera foi colocada perto dos trilhos, de modo que o trem aumentava gradualmente de tamanho conforme se aproximava, até parecer que atravessaria a tela e invadiria a sala. As pessoas se abaixavam, gritavam ou se levantavam para sair. Sentiam a emoção, como se estivessem em uma montanha-russa. (COUSINS, 2013, p. 23)

A primeira produção fílmica foi feita pelos irmãos Louis e Auguste Lumière e assistida pelo público do *Boulevard des Capucines*, em Paris. Segundo Cousins (2013), eles exibiram filmes curtos mostrando o cotidiano. Logo após a primeira divulgação da chegada do trem, a produção se espalhou rapidamente e em dois anos já tinha sido vista em vários países.

A ação dos irmãos Lumière evidenciou-se pelo predomínio de filmes de caráter documental, que marcou a primeira fase do cinema no mundo, pois retratava *in loco*, ou seja, os reais acontecimentos dos fatos conforme observavam e captavam as imagens. Mascarello (2006) defende que os primeiros filmes tinham herdado aspectos de serem atrações autônomas, compostas por uma única tomada, e pouco integrados a uma eventual cadeia narrativa, isto é, não tinham plano de sequência e narração com começo, meio e fim.

Na apresentação dos irmãos Lumière, estava presente Georges Méliés, mágico do Teatro Robert-Houdin de Paris, que comprou as ideias e mais tarde passou a produzir seus próprios filmes. Segundo Cruz (2010, p. 18), Méliés tinha percebido a capacidade de iludir através de suas produções e não só representar o real. Nascia, então, o filme ficcional. Sua principal contribuição foi a edição das cenas separadas, em uma ordem cronológica.

Da-Rin (2004, p.36) ressalta que o aumento da demanda por novos filmes no início do século XX e a responsabilidade da edição concentrada na mão de seus editores, e não mais dos exibidores, estimulou a realização de filmes mais longos, compostos por mais quantidade de planos: “Este conjunto de mudanças

possibilitou o surgimento de novas oportunidades comerciais e artísticas, com profundas implicações no modo de contar histórias.”

Para Da-Rin (2004, p.36-37), nos primeiros tempos de cinema, as cenas eram organizadas de forma não linear, como repetições temporais e acavamentos. “Na primeira década do século XX surgiu a montagem paralela, que permite ao espectador dar saltos imaginários, interpretando imagens sucessivas como ações simultâneas.” (DA-RIN, 2004, p.36-37)

Entre os anos de 1920 e 1930, o termo documentário passou a ser usado para nomear um domínio específico do cinema das produções de Robert Flaherty. Lucena (2012, p. 9) ressalta que a linguagem, do que se conhece hoje como documentário, só surgiu com os filmes de Flaherty nos anos de 1920, quando, ao visitar pela terceira vez uma comunidade de esquimós (*os inuits*), localizada no norte do Canadá, se encantou com os indivíduos e criou aquele que é considerado o primeiro filme de não ficção: *Nanook*, o esquimó (1922).

Lucena (2012, p. 9) descreve que os filmes de Flaherty – *Nanook* e *Moana* (1926) - inspiraram a crítica escrita pelo também documentarista inglês, John Grierson, e publicada no *New York Sun* em 8 de fevereiro de 1926. Nesta publicação foi usado pela primeira vez o termo documentar ou documentário, inspirado na palavra francesa *documentaire*, que denominava os filmes de viagem.

Os filmes de Flaherty, segundo Lucena (2012, p.10), redefiniram a visão inicial acerca dos dois tipos de cinema. O documentário passa a ser considerado como produção audiovisual que registra fatos e personagens, em situações que tenham como suporte o mundo real ou o mundo histórico e como protagonista os próprios sujeitos da ação. E o filme de ficção tem sua construção condicionada a um roteiro predeterminado, no qual a base é composta por personagens ficcionais interpretados por atores.

Para Nichols (2010, p.118), os documentários são retratos pessoais do cineasta ao considerar as questões sociais de uma perspectiva individual. “*Nanook*, o esquimó, por exemplo, funda-se no retrato que Flaherty constrói de *Nanook* e sua família, para nos dar uma ideia das realidades cotidianas da cultura esquimó encenadas por um membro dessa cultura.”

O autor (2010, p.118) ressalta que foi através do refinamento narrativo que Robert Flaherty levou à tela a vida dos inuits em *Nanook* e a habilidade

comercial com que John Grierson estabeleceu no fim da década de 1920, que o gênero tornou-se conhecido como cinema documentário.

A contribuição de Grierson, segundo Nichols (2010, p.118), também impulsionou o patrocínio governamental para a produção de documentários na Inglaterra, nos anos 30, da mesma forma como Dziga Vertov, outro importante cineasta e documentarista, fizera em toda a década de 1920 na União Soviética.

Vertov promovera o documentário bem antes de Grierson, mas permaneceu mais como um não conformista, no interior da nascente indústria cinematográfica soviética; não reuniu em torno de si um grupo de cineastas de mesma opinião nem conseguiu nada parecido com a base institucional sólida que Grierson estabeleceu. John Grierson tomou-se o principal inspirador dos movimentos britânico e, mais tarde, canadense, no campo do documentário. Apesar do exemplo valioso de Dziga Vertov e do cinema soviético em geral, foi Grierson quem assegurou um nicho relativamente estável para a produção de documentários. (NICHOLS, 2010, p.199)

A principal contribuição de Vertov antecipava a necessidade de um sincronismo entre o som e imagem; e, principalmente, da montagem interrompida, contínua, em processo de interpretação e organização dos fatos, como afirma Da-Rin (2004, p. 116):

Todo o método de Vertov se organiza em torno desta contradição dialética entre facticidade e montagem; ou seja, articulação entre o “cine-registro dos fatos” e a criação de uma nova estrutura visual capaz de interpretar relações visíveis e invisíveis – como, por exemplo, as relações de classe. A verdade não era encarada como algo “captável” por uma câmera oculta, mas como produto de uma construção que envolvia as sucessivas etapas de produção e criação cinematográfica: os filhos do “cinema-olho” estão em montagem a partir do momento em que se escolhe o assunto até a cópia final, ou seja, estão em montagem durante todo o processo de fabricação do filme.

Segundo Ramos e Serafim (2009, p.90), enquanto Flaherty se interessava, sobretudo, pela descrição das atividades humanas no contexto em que ocorrem, Vertov com seu método experimental desenvolvia uma outra perspectiva cinematográfica: evidenciar o próprio processo de realização.

Para Da-rin (2004, p. 125-126), Vertov defendia a tomada única ao contrário do método convencional de filmagem em que a cena pré-concebida era escrita no roteiro, ensaiada pelos atores e, se necessário, refeita até a obtenção de uma tomada satisfatória.

Desde ponto de vista, é relevante mencionar as evidências apresentadas até aqui subdivididas em duas histórias interpretadas por Nichols (2010, p.118):

1) a capacidade incomum das imagens cinematográficas e das fotografias de exibir uma cópia física daquilo que registram com precisão fotomecânica sobre uma emulsão fotográfica, graças à passagem da luz através de lentes, combinada com 2) a compulsão gerada nos pioneiros do cinema pela exploração dessa capacidade. Para alguns, essas histórias formam a base do desenvolvimento do documentário. A combinação da paixão pelo registro do real com um instrumento capaz de grande fidelidade atingiu uma pureza de expressão no ato da filmagem documental.

O autor (2010, p.48) defende que todo documentário visa retratar uma realidade e o reconhecimento como uma forma cinematográfica distinta e assim ganha espaço como um gênero e passa a não ser apenas uma questão de origem ou evolução e sim da combinação de experimentação poética, relato narrativo de história ou oratória retórica de um determinado momento histórico. “Os documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam de apenas um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos.” (NICHOLS, 2010, p.48)

Para Nichols (2010, p.26), real ou ficcional, documentar é o ato de contar histórias que podem ser divididas em dois tipos. O primeiro como documentário de satisfação de desejo, que normalmente são chamados de ficção e tornam concretos os frutos da imaginação, ou seja, um mundo de possibilidades infinitas. A segunda divisão é conhecida como documentário de representação social, chamado também de não ficção, que tem como objetivo explorar e proporcionar novas visões de mundo, ou seja, parte da necessidade de relatar histórias e compreender o processo de onde estão inseridas. “Para cada documentário, há pelo menos três histórias que se entrelaçam: a do cineasta, a do filme e a do público. De formas diferentes, todas essas histórias são parte daquilo a que assistimos quando perguntamos de que trata um certo filme.” (NICHOLS, 2010, p. 93)

Deste ponto de vista, os pesquisadores optaram por trabalhar com o documentário de representação social, compreendido através do pensamento de Nichols (2010, p. 27) em que proporcionam novas visões de um mundo comum, para sejam explorados e compreendidos. “Como ‘histórias verdadeiras’ que são,

pedem que acreditemos nelas.” (NICHOLS, 2010, p. 27) Neste caso, a interpretação e a organização do filme transmitem significados e valores. A partir das influências e experiências do documentário no mundo, foi possível compreender sua origem e desenvolvimento no Brasil.

3.1.1 Documentário no Brasil

A primeira produção de documentário no Brasil surgiu mudo e não ficcional.

A primeira filmagem no Brasil aconteceu, segundo as convenções historiográficas, nos últimos anos cada vez mais discutidos, em 19 de julho de 1898, na entrada da baía da Guanabara, por Afonso Segreto (1875). Teria sido um *travelling* pela orla do Rio a partir do tombadilho de um navio emblematicamente chamado “Brésil”. O registro não resistiu ao tempo e sequer foi fixado na crônica da época. Se não é fato, é bem contado e, na linha do Ford de *O Homem que matou Facinora*, “quando os fatos se transformam em lenda, imprima-se a lenda”. (LABAKI, 2006, p.17)

Para Altafini (1999, p.3), Segreto fez a tomada voltando da Itália, onde teria ido a mando do irmão Paschoal Segreto, comprar novos equipamentos e filmes cinematográficos e familiarizou-se com a nova tecnologia. Depois desta primeira experiência, os irmãos começaram a registrar regularmente os acontecimentos cívicos e a elite brasileira.

Para Labaki (2006, p.18), o documentário silencioso brasileiro começou em 1898, ocupando exclusivamente as telas até 1907 e estendeu-se até a transição para o sonoro no final dos anos 20 e começo dos anos 30. Abaixo serão citados os principais contribuidores para história do documentário brasileiro.

Em 1910, com iniciativa dos irmãos Paulino e Alberto Botelho, surge o primeiro cinejornal brasileiro, o *Bijou Jornal*, de curtíssima história.

Os irmãos Botelho foram os mais ativos realizadores na então capital, o Rio de Janeiro. Na década de 1910, Antonio Campos desenvolve intensa carreira em São Paulo. No Paraná, se destaca Aníbal Requião, duplo de cineasta e exibidor, sendo logo sucedido por João Batista Groff, que impera na Curitiba dos anos 20, atingindo o ápice ao rodar o média-metragem clássico sobre a passagem pelo estado de Getúlio Vargas à frente da Revolução de 1930, *Pátria Reprimida* (1930). (LABAKI, 2006, p.18)

Essa evolução, segundo Labaki (2006, p.20), progride lentamente até a incorporação de estratégias que vão marcar o aparecimento das primeiras realizações autorais na história do documentário brasileiro.

Para Gonçalves (2006 p.81), os filmes etnográficos, ou seja, filmes relacionados à exploração de temas sociais e culturais, levavam ao Brasil urbano imagens de um país imenso e desconhecido, divulgando as ações oficiais de integração nacional e a imagem idealizada de índios ainda selvagens. Esses primeiros filmes, segundo o autor (2006 p.81), contavam quase sempre com direção de Luiz Thomaz Reis, que operava a câmera, revelava e montava os filmes.

Além da grande noção de narrativa cinematográfica evidenciada nestes trabalhos, destacam-se as soluções originais no processo de revelação dos negativos em plena floresta. O filme *Rituais e Festas Bororo*, de 1917, é considerado pela crítica cinematográfica como uma das primeiras experiências de sucesso na montagem cinematográfica do cinema brasileiro, além de um dos primeiros filmes antropológicos do mundo. (GONÇALVES, 2006, p.81)

Labaki (2006, p.22) ressalta outros dois importantes documentaristas brasileiros: Silvino Santos e Thomas Reis que, em 1913, realizaram às margens do rio *Putumayo* (Amazonas) os primeiros registros indígenas que resultaram em *Witotos do rio Putamayo*, lançado três anos depois.

Dentre os clássicos do período mudo produzidos por Santos, Gonçalves (2006, p.81) destaca a produção no estado do Amazonas, que vivia a fase próspera de exportação de borracha para o mercado mundial.

Patrocinado por um poderoso empresário local, Silvino Santos filmou entre 1920 e 1935 mais de 10 filmes de curta-metragem exibidos comercialmente, além de 2 longas, sendo o filme *No País das Amazonas*, produção de 1922, seu trabalho mais importante. Com o passar dos anos e a contínua produção cinematográfica no período áureo da economia local, os filmes de Silvino aprofundam um olhar sobre a região amazônica, superando os limites dos filmes de propaganda para constituírem-se em importantes registros antropológicos da região.

A intenção de som sincronizado com a imagem no cinema vem desde o começo do próprio cinema, como afirma Garcia (2014, p.138). Em 1927, o filme *O Cantor de Jazz*³ foi o primeiro filme sonoro e falado da história do cinema:

³ The Jazz Singer. Direção Alan Crosland. Estados Unidos, Warner Bros, 1927.

O Vitaphone era um sistema no qual o som, gravado em disco era sincronizado mecanicamente com o filme, um projetor ligado a um fonógrafo; mas que logo foi substituído pelo sistema de som ótico, que vinha sendo desenvolvido há um bom tempo e era muito mais eficaz. (GARCIA, 2014, p.138)

Para Garcia (2014, p.138), o som, portanto, temporalizou a imagem, impondo uma normatização e uma estabilização da velocidade do desenrolar do filme.

No Brasil a chegada do som ao cinema conta com duas datas essenciais para seu desenvolvimento. Labaki (2006, p.39) cita fevereiro de 1932, quando um decreto de lei passou a obrigar a exibição de curtas-metragens educativos, realizados no Brasil, antes de cada sessão de longa estrangeiro. E a segunda data, março de 1936, quando o primeiro governo getulista criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), visando à realização de filmes didático-científicos. “[...] concretizando o ideal de Getúlio Vargas do cinema como ‘o livro das imagens luminosas’.” (LABAKI, 2006, p.39)

Altafini (1999, p. 9) ressalta que o final da década de 40, o Brasil vivia seu chamado período democrático. Época de abertura entre o Estado Novo e o Golpe de 64. Neste contexto, surge, na São Paulo de 1949, a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, idealizada pelo engenheiro italiano Franco Zampari para produção brasileira de padrão internacional:

O objetivo da Vera Cruz era o desenvolvimento de uma produção cinematográfica brasileira em escala industrial e sua estrutura foi montada tendo como principal influência a indústria de Hollywood, construindo estúdios gigantescos e caros e importando os melhores equipamentos do mercado internacional. A produção da Vera Cruz se caracterizou justamente por esta proposta industrial sendo produzidos alguns documentários de linguagem clássica e de curta metragem como PAINEL (1950) e SANTUÁRIO (1951), dirigidos por Lima Barreto. (ALTAFINI, 1999, p. 9)

Teixeira (2004, p.15) afirma que, do final dos anos de 1950 e início dos anos de 1960, o cinema real ou direto foram reivindicados pelo cinema documentário, período conhecido como cinema direto, cinema verdade ou cinema vivido, tanto na Europa quanto na América:

O que estava em jogo não era mais a oportunidade entre ficção e realidade, com ambas as modalidades cinematográficas correspondentes, mas sim mudanças substanciais no regime narrativo que alteraram por completo os termos dessa relação. [...] ‘direto’/ ‘verdade’/ ‘vivido’, só muito

superficialmente podem ainda remeter ao antigo desejo de poder captar uma realidade/vida nua e crua, bruta, 'como ela é'.

Para Teixeira (2006, p.82), através do som do mundo e do som da fala, o cinema verdade inaugura a entrevista e o depoimento como elementos estilísticos.

No que se refere à entrevista, Labaki (2006, p.48) menciona a produção *Viramundo* do início da década de 1960, a qual considera um dos primeiros exemplos acabados de documentários brasileiros influenciados pelas novas possibilidades técnicas e estéticas do Cinema Direto, lançado por Drew, Leacock e outros nos EUA. Para o autor (2006, p.48), os equipamentos mais leves, filmes mais sensíveis, gravação de som sincrônico à imagem fazem o documentário ganhar uma nova agilidade para captar em som, imagem e movimento, “a vida como ela é”.

Baggio (2009, p.168) descreve que o Cinema Verdade passou a fazer uso de entrevistas, especialmente com pessoas comuns ou populares, dando voz para as pessoas. “Ou, em outra vertente, o Cinema Verdade busca a intervenção através de procedimentos que ficam explícitos no filme, a utilização de recursos narrativos que envolvem desde citações em forma de texto até a intervenção direta do documentarista diante da câmera.”

Para o autor (2009, p.169), o Cinema Verdade fundado por Jean Rouch⁴ teve e tem muitos seguidores no Brasil, apesar de a característica principal do documentário brasileiro ser a do valor dado à entrevista e às marcas do realizador, e não tanto às experiências poéticas e de hibridação com a ficção.

Deste mesmo ponto de vista, Labaki (2006, p.59) afirma que as inovações foram determinantes para a escola do Cinema Verdade da primeira metade da década de 1960 e que o modelo de Jean Rouch imprimiu marcas mais nítidas no Cinema Verdade brasileiro da metade final dos anos 60 e os anos 70.

Para o autor (2006, p.50), a expansão da cultura documental estimulou o desenvolvimento da escola brasileira de Cinema Direto, que assume a denominação de Cinema Verdade.

⁴ Jean Rouch era engenheiro, doutor em Letras, etnógrafo e explorador. Ligado ao Centro de Estudos de Antropologia do Museu do Homem de Paris, já filmava suas viagens de exploração etnográfica desde a década de 40. (BAGGIO, Eduardo. O cinema verdade de Jean Rouch no filme Di Cavalcanti Di Glauber. Curitiba: RC, 2009).

Não se confunda, contudo, Cinema Novo e Cinema Verdade. É certo que “Cinema Novo” abarcava toda a obra, em ficção ou em documentário, de toda aquela geração. Proponho, porém, uma revisão. A primeira classificação caberia à produção ficcional destes cineastas. (LABAKI, 2006, p.51)

Os anos de 1960 também foram marcados pela passagem do Cinema Verdade para o Cinema Novo. Esse novo movimento foi inspirado no pensamento dos intelectuais ligados ao movimento cinemanovista, como afirma Carvalho (2014 p.189):

Formado do cinemanovistas – formados nas sessões dos cineclubes, na crítica cinematográfica produzida nas páginas de cultura dos jornais e, sobretudo, nas longas e constantes discussões em torno do cinema e da realidade do país desejavam, acima de tudo, fazer filmes, ainda que fossem “ruins” ou “malfeitos”, embora “estimulantes” [...]. (CARVALHO, 2014 p.189)

Ainda segundo a autora (2014 p.291), outra característica do Cinema Novo era a alusão ao passado como elemento relevante para a investigação do presente. “Para os cinemanovistas, a repercussão da história do Brasil pelo cinema poderia ser uma resposta à ‘situação colonial’ então vigente no país, em especial na área cinematográfica.” [...] baseava-se na ideia de conhecer a própria história, ser capaz de analisá-la e, o mais importante, aprender com ela para construir um futuro melhor.

Através do desenvolvimento do Cinema Novo brasileiro, Labaki (2006, p.67) cita Eduardo Coutinho como um dos principais contribuidores da época, mesmo produzindo entre as duas classificações de produção de cinema: Cinema Verdade e Cinema Novo. “O primeiro documentário dirigido por Coutinho, em 1976, foi *Seis Dias de Ouricuri*. É uma radiografia do impacto desumano da seca sobre aquela cidade, situada a 620 km do Recife.” O autor (2006, p.67) destaca que o filme seguiu o modelo tradicional da série no exercício de Cinema Verdade, com ênfase em entrevistas e na narração onisciente do locutor.

Nas décadas de 70 e 80, Labaki (2006, p.86) menciona o crescimento da vídeo-arte, ou seja, o barateamento e a difusão do vídeo que incentivam o uso não-comercial por artistas do mundo todo. “Documentaristas eram os segundos, por mais que todos estivessem percorrendo o mesmo território estético apenas com instrumentos distintos.”

A partir da década de 90, com o impacto do advento do cinema digital, o documentário no Brasil passa por novas mudanças. Segundo Labaki (2006, p.90), o documentário tornou-se um único campo de expressão, o que tratou como “alforria à revolução digital”, que ampliou o acesso à produção e instrumentos de expressão audiovisual. “O diretor branco de classe média não é mais o único que filma, saudou recentemente Salles em uma constatação de Eduardo Scorel.” (LABAKI, 2006, p.90)

Para Teixeira (2006, p.77), a história do documentário no Brasil ainda não foi totalmente contada e com a evolução tecnológica e o advento do cinema digital em 1990, o documentário torna-se um único campo de expressão.

O documentário brasileiro, de acordo com Lucena (2009, p. 30), marcou uma aproximação maior com a linguagem, temas e estética da televisão, com produção subsidiada e permeada pelo uso mais recorrente da tecnologia. Conhecido o panorama histórico do documentário no Brasil, o próximo passo desta pesquisa foi identificar as características do documentário.

3.1.2 Características do videodocumentário

O documentário pode ser dividido em elementos constitutivos que são capazes de diferenciar uns dos outros. Nichols (2010) identifica seis modos de representação que fazem parte do subgênero do documentário: poético, observativo, participativo, reflexivo, performático e expositivo.

Para Nichols (2010, p.138), documentário poético reúne fragmentos do mundo de modo considerado abstrato. Alinhado com o período do modernismo, deixa de fazer sentido os termos realistas e narrativos tradicionais e passa a ser utilizado, para representar a realidade em fragmentos, impressões subjetivas e associações vagas, o que evidencia a subjetividade e se preocupa com a estética.

O modo poético sacrifica as convenções da montagem em continuidade, e a ideia de localização muito específica no tempo e no espaço derivada dela, para explorar associações e padrões que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais. [...] a dimensão documental do modo poético de representação origina-se, em boa medida, do grau em que os filmes modernistas se baseiam no mundo histórico como fonte. (NICHOLS, 2010, p.138-139)

O documentário observativo evita o comentário e encenação e observa as coisas como elas acontecem, ou seja, capta a realidade tal como acontece. “[...] uma série de considerações éticas que incluem o ato de observar os outros se ocupando de seus afazeres.” (NICHOLS, 2010, p. 147-148)

O documentário performático enfatiza aspectos subjetivos de um discurso classicamente objetivo. Utiliza as técnicas cinematográficas de maneira livre, ou seja, o uso excessivo de estilo.

Os documentários performáticos dirigem-se a nós de maneira emocional e significativa em vez de apontar para nós o mundo objetivo que temos em comum. [...] o documentário performático busca descolar seu público para um alinhamento ou afinidade subjetiva com sua perspectiva específica sobre o mundo [...]. (NICHOLS, 2010, p. 171)

O documentário expositivo trata diretamente de fragmento histórico em uma questão argumentativa, que transmite ao espectador diretamente com imagens, legendas e, principalmente, pelos recursos de vozes (voz de Deus) que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam uma história.

O documentário expositivo facilita a generalização e a argumentação abrangente. As imagens sustentam as afirmações básicas de um argumento geral em vez de construir uma ideia nítida das particularidades de um determinado canto do mundo. [...] é o modo ideal para transmitir informações ou mobilizar apoio dentro de uma estrutura preexistente ao filme. (NICHOLS, 2010, p. 144)

De acordo com Nichols (2010 p.144), o documentário expositivo depende muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente e as imagens desempenham papel secundário, elas ilustram, esclarecem, evocam ou contrapõem o que é dito. “Portanto, presume-se que o comentário seja de ordem superior a das imagens que o acompanham.”

O documentário participativo conta com entrevistas a ponto de que o documentarista e equipe interagem no processo de gravação, ou seja, falam de suas experiências ou experimentam novas oportunidades, formando assim um diálogo. “O documentário participativo dá-nos uma ideia do que é, para o cineasta, estar numa determinada situação e como aquela situação conseqüentemente se altera.” (NICHOLS, 2010, p. 153)

O documentário reflexivo questiona a forma de documentar, pois cineastas e participantes do filme passam a ser o foco de atenção e perdem de vista as questões concretas. Tratam da realidade e estimulam o espectador a respeito de sua relação com o documentário e aquilo que ele representa.

Os documentários reflexivos também tratam do realismo. Esse é um estilo que parece proporcionar um acesso descomplicado ao mundo; toma a forma de realismo físico, psicológico e emocional por meio de técnicas de montagem de evidências ou em continuidade, desenvolvimento de personagem e estrutura narrativa. (NICHOLS, 2010, p. 164)

Bergan (2010) afirma que muitos documentários buscam persuadir a plateia sobre um determinado ponto de vista, através de uma criteriosa seleção de fatos que, para conscientizar as pessoas sobre situações sociais, faz uma distorção da realidade em favor de um argumento que pode ser considerado propaganda. “No entanto, os documentaristas costumam alegar que não criam um mundo, mas apenas o relevam tal como é.” (BERGAN, 2010, p.30)

Para Nichols (2010, p.30), os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Isso faz com que signifiquem ou representem os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições.

O conceito de representação é aquilo que nos leva a formular a pergunta ‘por que as questões éticas são fundamentais para o cinema documentário?’ que também poderia ser expressa como o que fazemos com as pessoas quando filmamos um documentário? (NICHOLS, 2010, p.31)

No caso da não ficção, o autor (2010, p.31) classifica as pessoas como atores sociais, isso porque continuam a levar a vida como fariam sem a presença da câmera, ou seja, continuam a serem atores culturais e não artistas teatrais. “Seu valor para o cineasta consiste não no que promete uma relação contratual, mas no que a própria vida dessas pessoas incorpora.”

Deste ponto de vista, é relevante mencionar que, para o autor (2010, p.36), os cineastas que têm a intenção de representar pessoas que não conhecem, mas que caracterizam ou detêm um conhecimento especial de um problema ou assunto de interesse, correm o risco de explorá-las. “Os cineastas que escolhem observar os outros sem intervir abertamente em suas atividades, correm o risco de

alterar comportamentos e acontecimentos e de serem questionados sobre sua própria sensibilidade.”

De acordo com Nichols (2010, p.36), os cineastas que escolhem trabalhar com pessoas já conhecidas enfrentam o desafio de representar de maneira responsável os pontos comuns, mesmo que isso signifique sacrificar a própria opinião em favor da dos outros. Neste caso, leva-se em consideração que a maioria dos cineastas agem como representante das pessoas filmadas ou da instituição patrocinadora, e não como membro da comunidade. O autor (2010, p.38) reforça ainda que, frequentemente, surgem tensões entre o desejo do cineasta de fazer um filme marcante e o desejo dos indivíduos de terem respeitados seus direitos sociais e sua dignidade pessoal.

As questões éticas, para Nichols (2010, p. 40), surgem frequentemente quando se trata da pergunta:

“Como devemos tratar as pessoas que filmamos?” é uma pergunta que também nos faz lembrar das várias formas que os cineastas podem escolher para representar o outro. Alianças muito diferentes podem tomar forma na interação tripolar de (1) cineasta, (2) temas ou atores sociais e (3) público ou espectadores. Um modo conveniente de pensar essa interação consiste na formulação verbal dessa relação tripolar. A mais clássica é: Eu falo deles para você.

Segundo Nichols (2010, p.42), o cineasta fala e o público vê. “[...] assistimos ao filme como espectadores, parte do público, embora parte de nosso motivo para agir assim possa estar no fato de que o filme fala de pessoas e assuntos cuja experiência real se iguala à nossa ou contrasta com ela.”

É de interesse notar que o ‘você’, para Nichols (2010, p.43), é ativado como público quando o cineasta transmite a sensação de que está, de fato, falando com o receptor de que o filme o atinge de alguma forma.

Sem essa sensação, podemos até estar presentes, mas não assistimos ao filme. Os cineastas têm de encontrar um modo de ativar a percepção de nós mesmos, tanto como aqueles para quem o cineasta fala (sobre alguém ou alguma coisa) quanto como membros de um grupo ou coletividade, um público para o qual o assunto tem importância. (NICHOLS, 2010, p.43)

Para Nichols (2010, p.46), essas formulações transmitem uma ideia de como o cineasta adota uma posição específica em relação àqueles que estão representados no filme e àqueles a quem o filme se dirige, assim, o documentário

será resultado da qualidade de relação que ele tem com seus temas e o feito que exerce ao público.

Nichols (2010, p.47) expõe que se o documentário fosse uma reprodução da realidade seria simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, trata-se de uma representação do mundo a qual se vive.

Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. Julgamos uma reprodução por sua fidelidade ao original - sua capacidade de se parecer com o original, de atuar como ele e de servir aos mesmos propósitos. Julgamos uma representação mais pela natureza do prazer que ela proporciona, pelo valor das idéias ou do conhecimento que oferece e pela qualidade da orientação ou da direção, do tom ou do ponto de vista que instila. Esperamos mais da representação que da reprodução.

Para construção do videodocumentário realizado a partir dos resultados desta pesquisa, o grupo optou pelo hibridismo, junção dos subgêneros participativo e reflexivo. Em *Sonhos de Maio*, no modo participativo, houve a interação dos pesquisadores com seus entrevistados, o que proporcionou uma troca de experiências e diálogos sobre o objeto de estudo e as histórias das pessoas com deficiência. No modo reflexivo, a estrutura narrativa do roteiro buscou abordar o real dos fatos, ou seja, um mundo concreto, real e que merece ser disseminado. Diante disso, no subtópico 3.2 será apresentado os principais elementos da linguagem audiovisual. Antes, vamos discutir o jornalismo humanizado.

3.1.3 O jornalismo humanizado

O jornalismo não é cinema, mas pode ser jornalismo realizado em audiovisual. “Na trajetória das mídias, o uso do cinema e do vídeo para fazer jornalismo nunca foi desprezado [...]” (TAVARES, 2005, p.12)

O documentário utiliza-se do jornalismo através de técnicas e estruturas que nesta pesquisa foram analisadas a partir do jornalismo humanizado.

No que diz respeito a jornalismo e documentário, Silva (2006, p. 77) lista elementos e argumentos que unem, mas também separam as duas atividades.

As distinções e semelhanças gravitam em torno de questões relacionadas à autoria, criatividade, objetividade, unidade temporal, efemeridade versus profundidade, suporte tecnológico e industrial (cinema e televisão), presença ou ausência de narradores, rotinas de produção, comprometimento com a ética, tema e expectativas da recepção, para citar algumas mais recorrentes. (SILVA, 2006, p. 77)

Segundo Silva (2010, p. 79), documentário e reportagem não são a mesma coisa, mas há uma diversidade de modos de documentários, assim como há diferentes formas de construir reportagem.

O jornalismo como um ato de comunicação surgiu exatamente pela capacidade dos humanos de criar sistemas que lhes permitam compartilhar informações, pensamentos e ideias. “Portanto, sim, o fazer jornalístico é uma ação humana.” (JUIM, 2011, p.3)

O jornalismo humanizado antes de ser mais um rótulo, é, na verdade, uma alternativa ao jornalismo predominante existente na imprensa brasileira (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.14).

Alves e Sebrian (2008, p.1), refere-se ao processo de significação que exige observação, percepção, reflexão e expressão de mundo “[...] os jornalistas devem ir além do ‘dar a notícia’ para compreender os fenômenos sociais e compartilhar esta compreensão.” (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.1)

O jornalismo humanizado não se propõe apenas produzir textos diferenciados que valorizam personagens. “[...] é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado.” (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.1)

Para os autores (2008, p.1), o jornalismo humanizado dispõe fomentar a recuperação do prazer e do desejo de descobrir as pessoas no contexto social em que vivem, no qual a narrativa tem uma marca autoral inovadora. “Trata-se de humanizar as técnicas profissionais em prol da vitalidade do cotidiano, uma vez que a gramática jornalística atual não dá conta das demandas coletivas.” (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.7-8)

Vale lembrar que o jornalista não se relaciona apenas com um objeto de conhecimento, mas também com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.8).

Portanto, para entender os fenômenos sociais é necessário compreender as ações dos sujeitos. Até mesmo porque, com as práticas jornalísticas atuais, o repórter corre o risco de concentrar-se somente nos fatos, desprezando as múltiplas conexões com os outros fatos e, portanto, a contextualização

necessária para a compreensão das ações que originaram a matéria e também da sociedade.

Para Alvez e Sebrian (2008, p.8), entende-se que o relato das ações humanas e a compreensão dos sentidos dos fenômenos é o resultado da observação/percepção e, ao mesmo tempo, da reflexão dos fenômenos. Os autores reforçam que o mesmo acontece quando os jornalistas vão às ruas à procura das experiências a fim de resgatar as histórias dos protagonistas sociais “[...] as fronteiras do real e do imaginário se diluem por meio da seleção dos fatos a serem noticiados, porém não se trata de razão ou irracionalidade, é algo que transcende a dicotomia racional/irracional.” (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.9)

Neste caso, o compromisso do comunicador se configura na observação e na reflexão acerca do mundo, possibilitando que o profissional o perceba e assim o expresse, não se limitando apenas às funções técnicas (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.9).

O relato jornalístico humanizado, para Montipó (2011, p.4-5), é aquele que não busca disseminar preconceitos, mas compartilhar sentidos e valores universais.

No entanto, vale ressaltar que humanizar um relato não significa imprimir a opinião ou as críticas do repórter no texto jornalístico, mas dotar a narrativa de traços do ambiente onde o profissional esteve, dar o máximo de informações possíveis (sejam elas depoimentos ou impressões) para que os receptores possam compreender o fato. O relato humanizado também pode ser entendido como aquele que traz a figura humana sempre presente. (MONTIPÓ, 2011, p.6)

O autor (2011, p.7) reforça que nesses casos humanizados é importante o repórter estar atento aos valores universais contidos na singularidade humana, e tomem cuidado para não criar estereótipos. Nesta pesquisa, ao abordar a deficiência neuromotora, neuromuscular e o transtorno do espectro do autismo, os pesquisadores sempre buscaram não diagnosticar o deficiente sem antes compreender, por relatos e testemunho de profissionais das áreas da saúde e educação, das reais condições da pessoa com deficiência.

Para Ijuim (2011, p.14), o jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, e supõe que se inicia antes da pauta, na consciência do ser jornalista.

No trabalho de apuração, busca versões verdadeiras e não, necessariamente, produz a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. (IJUIM, 2011, p.133)

Já Alves e Sebrían (2008, p.10) afirmam que o jornalismo humanizado busca compreender os fenômenos e não pode se limitar apenas à factualidade das notícias. (ALVES, SEBRIAN, 2008, p.10)

Compreendido o jornalismo enquanto atividade humanizada, o próximo passo foi compreender os cuidados relacionados à abordagem da pessoa com deficiência nos meios de comunicação.

3.1.4 Jornalismo, mídia e deficiência

É inegável que os meios de comunicação desempenham um importante papel na transmissão não apenas de informações, mas de conceitos e opiniões, contribuindo assim para a formação social dos mesmos. “Deste modo, é fundamental que estes meios trabalhem de forma ideal para evitar a discriminação, explícita ou velada, de qualquer setor da sociedade.” (SAKER, 2010, p.36). Cabe lembrar ainda que:

a) Opinião pública não é formada apenas pelos jornalistas, mas também pelas obras de entretenimento e pela própria sociedade, em relação de troca de pautas e influência recíproca de uma sobre as outras; desta forma, não se pode atribuir a tal atividade a plena responsabilidade pela transmissão e manutenção de estigmas; b) Contudo, reconhecer que os veículos midiáticos não são os únicos responsáveis por tal estigmatização de setores da sociedade, entre os quais está o dos indivíduos com deficiência, não significa eximi-los desta responsabilidade e verificar a necessidade de um novo fazer jornalístico. (SAKER, 2010, p.71)

A mídia deve abordar a inclusão da pessoa com deficiência não apenas na sociedade como um todo, mas também na forma de tratar essas pessoas, pois a discriminação a este público ocorre principalmente pela forma errada com que os meios de comunicação lidam com o assunto (SASSAKI, 2002, p.6).

De acordo com Sasaki (2002, p.6), a discriminação sem intenção por parte da mídia para com a pessoa com deficiência, é uma prática comum, principalmente em reportagens sobre escolas ou trabalhos inclusivos. “Basta ter um aluno/a ou um/a funcionário/a com qualquer deficiência para que a fonte utilize o adjetivo inclusivo, prontamente reproduzido pelo jornalista.” (SASSAKI, 2002, p.6)

O autor (2002, p.6) ressalta que o assunto deficiência causa um certo tipo de emoção, impossibilitando de se manter a lucidez defendida no exercício cotidiano do jornalismo. “Toda notícia sobre deficiência parece ser uma super pauta, o que nem sempre é verdade.” (SASSAKI, 2002, p.6)

A abordagem de temas sociais como a deficiência é considerada um fenômeno novo na imprensa brasileira. Sasaki (2002, p. 10) ressalta a importância dos profissionais da mídia em cumprir com suas responsabilidades sobre aquilo que é divulgado, principalmente com temas considerados complexos como o tratamento da pessoa com deficiência. “A dificuldade se dá, principalmente, devido ao despreparo desses profissionais para lidar com temas preponderantes, como educação, saúde, violência e inclusão.” (SASSAKI, 2002, p.10)

Segundo Sasaki (2002, p.22), um dos deslizes mais comuns cometidos pela mídia é a de utilizar a expressão “deficiente físico” de forma genérica, a fim de designar todos os tipos de deficiência física ou motora, intelectual ou mental, sensorial ou múltipla.

Se TODOS somos absolutamente diferentes, como designar os “especiais”? Quanto mais “especial” é uma pessoa, mais temos a sensação de necessitar de conhecimentos e de condições “especiais” para lidar com ela. Essa situação afasta pessoas com deficiência de pessoas sem deficiência. (SASSAKI, 2002, p.34, grifo do autor)

Na tentativa de valorizar as pessoas com deficiência, a sociedade e a mídia acabam por fazer colocações inadequadas e fazem afirmações consideradas insensatas. “Dizer que TODO funcionário com deficiência é motivado e leal ao trabalho seria o mesmo que fazer afirmações como essas: ‘todo gordo é simpático’, ‘toda mulher com cabelos loiros é inteligente’ [...]” (SASSAKI, 2002, p.66, grifo do autor)

Para Sasaki (2002, p.15), a partir dessas colocações a mídia precisa ser reeducada sistematicamente na abordagem do tema inclusão de pessoas com

deficiência na sociedade, abandonando uma postura passiva diante de informações fornecidas pelas fontes.

Segundo Sasaki (2002, p.23), a mídia e profissionais da área precisam entender que uma pessoa com deficiência é um sujeito com os mesmos direitos que as demais, não se tratando apenas de direitos especiais, mas de instrumentos e apoio especial na saúde, no trabalho, na educação e no lazer. “Espera-se que a mídia deixe de reproduzir esse chamado ‘senso comum’ em relação à pessoa com deficiência.” (SASSAKI, 2002, p.23)

Dias (2016, p.15) afirma que não existem deficientes e nem pessoas especiais, esse especialismo é um erro grande cometido pela imprensa, pois se tratam de pessoas humanas. “Toda vez que alguém escreve algo assim, nos tira o direito de pertencer à diversidade humana.”

O autor (2016, p.23) destaca uma função importante do jornalismo é informar, não causar pânico e muito menos heróis ou pessoas superiores e especiais.

Quando o assunto é informar, Sasaki (2002, p. 42) reforça que a imprensa está cada vez mais abrindo espaço ao tema deficiência, mesmo sendo um assunto pouco explorado. No entanto, o ideal é que esse assunto deixe de ser mais valorizado em datas especiais e passe ser de interesse e preocupação diária.

Um exemplo: se um repórter da TV está fazendo a cobertura de uma enchente na rua e entrevista todos aqueles que passam, que entreviste também um adulto com síndrome de Down ou uma mulher cega sobre a enchente. Isso acontece? Raramente. O repórter “guarda” essas pessoas para uma super matéria ou para um caderno especial com quatro cores sobre deficiência mental ou cegueira. (SASSAKI, 2002, p.42)

Para Saker (2010, p.71), não se trata de condenar os jornalistas pela reprodução dos estigmas ligados às pessoas com deficiência. Às vezes, os comunicadores cometem deformações na forma de representar tais indivíduos, mas em outras vezes contribuem para uma inclusão tanto física quanto social na sociedade.

Também não se busca aqui “ensinar” os jornalistas a abordarem o tema “da forma correta”, dentro de uma visão limítrofe de certo e errado. Ora, tratam-se de profissionais que contam com suas próprias experiências de trabalho, e que sabem que na comunicação social, a abordagem correta do que se noticia é muitas vezes incerta, e o que parecia ser uma representação objetiva e correta dos fatos acaba mostrando brechas para interpretações

distintas e inesperadas pelo próprio comunicador. Limitar a discussão sobre os estigmas a definições de certo e errado muito provavelmente levaria a um “engessamento” da notícia, a um excesso de zelo pelo politicamente correto, e assim a forma prejudicaria o conteúdo da notícia em si. (SAKER, 2010, p.79)

Ainda segundo o autor (2010, p.71), deve-se levar em conta como precisa ser a formação do jornalista nos tempos atuais com a presença de uma sociedade cada vez mais plural: “[...] um jornalista precisa contar com uma boa bagagem cultural, social e ética, de forma a poder compreender o mundo em que vive e os grupos sociais para os quais noticia este mundo.” (SAKER, 2010, p.71)

Saker (2010, p. 142-143) aponta um novo padrão para os cursos de Comunicação Social, que permita levar em conta as necessidades específicas de cada elemento do plural social para permitir uma comunicação inclusiva a todos, dessa maneira, uma comunicação mais humana. Os pesquisadores buscaram retratar a história da instituição *Lumen et Fides*, através de relatos dos profissionais.

A partir dos conhecimentos adquiridos de jornalismo e mídia, esta pesquisa aborda as necessidades e cuidados ao se referir a pessoa com deficiência, a ser revelado especificamente em audiovisual.

3.2 Linguagem audiovisual

A constituição da linguagem cinematográfica deve seus conceitos às antigas formas de enquadramento do olhar, relacionadas à perspectiva renascentista como interpretadas por Hegemeyer (2012, p.66):

Foi a partir do Renascimento que surgiram as formas modernas de produção e comercialização de “quadros”, com o surgimento da “tela” como espaço privilegiado de composição das formas do mundo, onde os artistas adotaram as metáforas teatrais da “cena” e do “cenário” para ambientar as “ações” e os “personagens” retratados. A “cena” passou a ser dividida em diferentes “planos”, e muitas vezes a paisagem no qual o retrato era produzido não passava de um “pano de fundo”, um simulacro de paisagem produzido pelo artista juntamente para esse fim.

A constituição do olhar cinematográfico, para Hegemeyer (2012, p.72), se relacionou com a busca pela multiplicação do olhar do indivíduo, seja através de ampliação graças a instrumentos óticos ou através do registro e da reprodução.

A revolução industrial no século XVIII foi um marco de novos inventos que permitiram aprender uma nova forma de captar imagens, olhar, através da

inversão da câmara escura. “A fotografia se tornou a ‘lente da verdade’ capaz de capturar uma imagem no fragmento do mundo, a partir de meios unicamente mecânicos.” (HEGEMEYER, 2012, p.74)

Para Hegemeyer (2012, p.78), ao dar vida às imagens fotográficas se estabelece uma leitura sequencial através da qual o espectador observa a relação de causa e efeito. Com a invenção do cinema, houve o aprimoramento das fotos em sequências, isto é, os mecanismos de projeção e desenvolvimento de padrões de linguagem e constituição de uma narrativa.

Para Mascelli (2010 p.101), um filme é composto de vários planos, filmados de ângulos de câmera diferentes e agrupados numa sequência, ou seja, uma série de planos que se torna um capítulo da história, que, por sua vez, são combinadas para formar uma narrativa completa.

Antoniutti, Fontoura, Alvez, (2008, p.20) ressaltam que o processo de produção visual tem como finalidade principal comunicar algo a alguém através de métodos, técnicas e ferramentas de linguagens. “Comunicar é um ato inerente ao ser humano. Mas comunicar audiovisualmente é um ato intencional e, como tal, é um fenômeno que precisa ser amplamente analisado, discutido e aprendido.”

Para os autores (2008, p.14), os seres humanos estão impregnados por signos e mensagens transmitidas por meio de imagens e sons, para compreender sua percepção de mundo hoje, é necessário penetrar no universo da linguagem audiovisual.

A ação é definida pela junção de elementos de duas naturezas: os sonoros e os visuais, conforme interpretados por Martin (2005, p.28). A imagem é, antes de tudo, realista, dotada de todas as aparências da realidade. “O som é igualmente um elemento decisivo da imagem pela dimensão que acrescenta ao restituir-lhe o ambiente dos seres e das coisas que sentimos na vida real.” (MARTIN, 2005, p.28) Essa junção prende o olhar na sua totalidade e o receptor passa a observar de forma atenta:

[...] o nosso campo auditivo abrange constantemente a totalidade do espaço ambiente, enquanto que o nosso olhar apenas consegue abranger de uma só vez um ângulo de sessenta graus, e por vezes de trinta se pretender observar de maneira atenta.

Ainda segundo Martin (2005), o que distingue o cinema de todos os outros meios de expressão cultural, é o poder excepcional que resulta do fato de sua linguagem funcionar a partir da reprodução fotográfica da realidade.

Com efeito, com ele, são os próprios seres e as próprias coisas que aparecem e falam, dirigem-se aos sentidos e falam à imaginação: a uma primeira abordagem parece que qualquer representação (o *significante*) coincide de forma exacta e unívoca com a informação conceptual que veicula (o *significado*). (MARTIN, 2005, p. 24)

No que diz respeito às imagens, essas serão feitas através do olhar dos cinegrafistas sobre o tema, ao retratar o dia a dia dos deficientes, mas também utilizará ângulos e planos que se enquadrem à realidade e perspectiva de vida da pessoa com deficiência, por meio de câmera subjetiva, a fim de levar o espectador a uma construção da deficiência, conforme o olhar de quem possui as limitações.

A câmera subjetiva é aquele tipo de construção cinematográfica em que há uma coincidência entre a visão dada pela câmera ao espectador e a visão de uma personagem particular. Em outras palavras, eu – espectador – vejo na tela exatamente o que a personagem vê no seu campo visual. (MACHADO, 2002, p. 11)

Para Puccini (2007), no documentário, o controle do universo de representação trata-se de uma aquisição gradual, um processo de troca entre um “eu” e um “outro”. “O percurso é marcado pela perspectiva daquilo que está por vir, a captura de um real que gradualmente vai sendo moldado até se transformar em filme.” (PUCCINI, 2007, p.21)

Dentro desta concepção, está a construção de um discurso, que segundo o autor, é sedimentado em ocorrências do real. “Se existe um discurso, o filme, quer seja ele narrativo ou não, existirá sempre alguém que o profere, um sujeito da enunciação.” (PUCCINI, 2007, p.21). Nesta pesquisa, os sujeitos serão pais ou responsáveis e profissionais da instituição *Lumen et Fides*. E a pessoa com deficiência, que só será possível se ocuparem relativamente o seu próprio discurso, acompanhado de profissionais da instituição ou responsáveis.

A composição das cenas, para Puccini (2007), está ligada à relação palavra-imagem, embora uma peça audiovisual não se resuma apenas ao conteúdo das suas imagens.

É na descrição de imagens que se encontra o maior desafio para o roteirista. De fato, o roteiro, para ser cinematográfico, deve se ater apenas àquilo que está ao alcance do olhar, seu texto tem necessariamente de estar submetido a essa condição de descrever sempre alguma coisa que é dada a ver. (PUCCINI, 2007, p.31)

Este estudo parte da concepção, feita por Puccini (2007 p.32), de que é na descrição de situações vivenciadas por personagens que se encontra o campo de total domínio para aquele que se utiliza da palavra para pensar o filme, assim, o discurso levará a pessoa a refletir sobre os relatos da história dos personagens. Diante disso, busca-se não apenas a estética da imagem, mas estimular pensamentos ou reflexões sobre o tratamento oferecido pela instituição à pessoa com deficiência.

Para o autor (2007, p.39), quando se trata da característica de ser um discurso de filme documental, pode ser sustentada por ocorrências do real:

Trata efetivamente daquilo que aconteceu, antes ou durante as filmagens, e não daquilo que poderia ter acontecido como no caso do discurso narrativo ficcional. Essa ancoragem no real vai encontrar seus procedimentos chave sempre na busca de sua legitimação (PUCCINI, 2007, p.39)

Para Puccini (2007), a exploração do recurso da entrevista, como principal ponto de sustentação da estrutura discursiva do filme, vem a ser uma das características do documentário. Pode-se dizer que a entrevista está para o documentário assim como a encenação está para o filme de ficção.

Esse momento da entrevista constrói um personagem que se revela na interação com o entrevistador (muitas vezes o próprio diretor do filme); não em situação de ação, mas através de uma exposição oral que pode descrever ações de uma narrativa ou simplesmente exteriorizar comentários. O relato de ações ou os comentários podem trazer embutido a referência a outros personagens, chegando mesmo a minimizar o papel do entrevistado colocando-o mais na condição de testemunha de um determinado evento histórico. (PUCCINI, 2007, p.100)

Levando em conta o pensamento de alguns cineastas como Godard⁵, Vasconcellos (2008, p.60) acredita que “Não se trata de falar das possibilidades da arte, mas da possibilidade de pensar, de produzir pensamentos. Um pensamento

⁵ Godard iniciou sua carreira com um cinema de vanguarda, com temas polêmicos que trataram dos dilemas e perplexidades do século 20. Com Godard, o cinema busca atingir uma instância ontológica e não exclusivamente estética da arte. (VASCONCELLOS, Jorge. A Pedagogia da Imagem: Deleuze, Godard – ou como produzir um pensamento do cinema, 2008, p. 155-167.)

que não se faz por intermédio de conceitos, mas por meio de idéias [...]” Com a definição de linguagem audiovisual (som e imagem) e a exploração dos recursos de entrevistas, os próximos subtítulos nortearam as escolhas dos pesquisadores da estética visual trabalhada em *Sonhos de Maio*.

3.2.1 Planos e enquadramentos

As escolhas de planos ou enquadramentos são decisões pensadas antes de começar a captura das imagens. A câmera não é um objeto estático. “Como prolongamento do olho humano realiza todos os movimentos que o homem deseja e muito mais. Ela foi inventada para reter e ampliar o alcance das imagens.” (COMPARATO, 2009, p.247)

Comparato (2009, p.248) define a área captada pela objetiva da câmera de enquadramento e tem como sinônimo plano. Este estudo dos planos, para o autor (2009, p.248), é importante na linguagem da imagem. “Cada tipo de plano possui capacidade narrativa, conteúdo e utilidade dramática.”

Uma câmera só mostra o que o seu operador selecionar e da forma que ele mostrar. “A forma como arranjar, enquadrar, movimentar são fundamentais para a composição de uma imagem agradável convincente ou comunicativa para o telespectador”. (BONASIO, 2002, p.249)

Esse processo de escolha e filmagem traz consigo a proximidade dos objetos e intimidade com as personagens, rompendo barreiras que vêm mostrar coisas do cotidiano e que transmitam a mensagem do melhor modo e com maior rigor de significado.

Mascelli (2010, p.21) esclarece que plano define uma visão contínua filmada por uma câmera sem interrupção e que cada plano é uma tomada e pode ser fixo ou estar em movimento.

O Plano *Close* (Figura 1) trata da imagem da cabeça e do ombro (COMPARATO, 2009, p.248).

FIGURA 1: Plano Close



Fonte: Sonhos de Maio

O Plano Detalhe (Figura 2) “[...] detalha objetos ou parte do corpo humano que são ou serão importantes na narrativa da história.” (COMPARATO, 2009, p.249)

FIGURA 2: Plano Detalhe



Fonte: Sonhos de Maio

O Plano Americano (Figura 3) é visualizar uma pessoa dos joelhos para cima (COMPARATO, 2009, p.249).

FIGURA 3: Plano Americano



Fonte: Sonhos de Maio

No Plano Médio (Figura 4) o personagem é o centro da atenção na tela. “O Plano Médio corta imediatamente abaixo dos cotovelos e é ótimo para as tomadas de introdução em entrevistas.” (WATTS, 1990, p.159)

FIGURA 4: Plano Médio



Fonte: Sonhos de Maio

O Plano Geral (Figura 5) é toda área da ação, ou seja, o lugar, as pessoas, os objetos mostrados para familiarizar o telespectador. “[...] desse modo, os espectadores saberão quem são as pessoas envolvidas e onde estão situadas conforme se movimentam e são vistas em planos mais fechados no decorrer da cena.” (MASCELLI, 2010, p.34)

FIGURA 5: Plano Geral



Fonte: Sonhos de Maio

O Grande Plano Geral (Figura 6) representa uma área extensa vista de longe. “Pode-se usá-lo sempre que se quiser impressionar o público com a gigantesca extensão do cenário ou acontecimento.” (MASCELLI, 2010, p.33)

FIGURA 6: Grande Plano Geral



Fonte: Sonhos de Maio

Em relação aos planos para gravação de entrevistas, Puccini (2007, p.138) detalha que normalmente não reserva grandes surpresas no que se refere ao planejamento do trabalho de câmera. Nesta pesquisa o grupo optou por trabalhar com o Plano Meio Close (Figura 7).

FIGURA 7: Plano de entrevista - Meio Close



Fonte: Sonhos de Maio

Puccini (2007, p.138) afirma que não há sentido filmar toda uma entrevista em Grande Plano Geral, fazendo com que o entrevistado ocupe um espaço mínimo na tela. Nesta ocasião, foram utilizadas duas câmeras para proporcionarem ângulos diferenciados; enquadramento fixo e outro em detalhe.

No caso dos planos fixos a qualidade da imagem é garantida por meio dos recursos que sustentam a câmera, como o tripé. Puccini (2007, p.138) descreve que em entrevistas previamente agendadas, é conveniente a utilização de tripé para uma maior estabilidade da imagem e menor sacrifício do operador de câmera, especialmente no caso de entrevistas longas.

3.2.2 Movimentos de câmera

Os planos podem ser combinados com movimentos de câmera, seguindo um eixo direcionado e mantido em posicionamento para ter sentido ao espectador. A câmera é infinitamente mais versátil do que o olho humano, neste sentido realiza movimento que não fazemos com os olhos e guarda a imagem além da nossa memória humana. “Penetra num mundo ao qual normalmente não temos acesso. Voa, corre, olha para baixo, por cima, de lado etc.” (COMPARATO, 2009, p.247).

A partir da concepção de alguns referenciais, neste subtítulo estão descritas algumas situações sobre movimento de câmera que serão utilizadas na produção de filmagens.

Dolly caracteriza-se pela aproximação ou afastamento objetiva da câmera fisicamente: “*Dolly in* significa que a câmera se aproxima bastante do objeto. *Dolly out* se refere a um afastamento e *dolly back* significa que a câmera retrocede, deixa de cena e desaparece.” (COMPARATO, 2009, p.250). Com definição parecida, Bonasio (2002, p.262) se refere a um movimento que faz com que o tamanho do objeto em quadro mude proporcionalmente de maneira natural.

Já o *Travelling* é quando a câmera acompanha o movimento do personagem ou objeto na mesma velocidade (COMPARATO, 2009, p.251).

Panorâmica (pan) ocorre quando a câmera se move horizontalmente da esquerda para direita ou vice-versa sobre o eixo. Para Bonasio (2002, p.262), trata-se de um movimento usado frequentemente para seguir a ação e que deve ser gravado em velocidade uniforme para que o movimento não se torne um borrão na tela, também conhecido de “chicote”.

Tilt (inclinação) é o movimento da câmera de cima para baixo ou vice-versa, na vertical. “Assim como a panorâmica, estabeleça pontos definidos de partida e de chegada, para guiar o seu movimento de inclinação de sujeito para sujeito”. (BONASIO, 2002, p.263)

Dentre dos movimentos de câmera, estão aqueles que podem ser feitos mecanicamente através dos recursos da lente. Podemos citar o *Zoom*, o *Desfoque* e *Rack Focus*.

Zoom é a aproximação ou afastamento pela lente da câmera e pode ser dividido em *zoom in* e *zoom out*. “*Zoom in*: O operador de câmera usa as lentes zoom para tornar o sujeito maior no enquadramento”. (BONASIO, 2002, p.266) Este movimento é defendido por alguns diretores como o efeito de fechar. “*Zoom out*: O oposto do zoom in, alguns diretores se referem a esse efeito como ‘abrir’.” (BONASIO, 2002, p.266)

Desfoque é quando a imagem da câmera está em foco e passa a ficar indefinida de maneira gradual (BONASIO, 2002, p.266).

Rack focus é a mudança do foco da câmera de um objeto de primeiro plano para segundo plano ou vice-versa. “Esse recurso é empregado para redimensionar a atenção do telespectador em uma cena”. (BONASIO, 2002, p.266).

É importante ressaltar o pensamento de Bonasio (2002, p.252) pelo qual diz que uma variedade de ângulos mecânicos ou manuais, ajuda a construir

uma dimensão do vídeo, cada vez que a câmera muda em cena, muda também o ponto de vista.

3.2.3 Ângulos

Ângulos de câmera produzem perspectivas que intensificam a percepção dimensional do objeto ou pessoa. “[...] podem ser utilizados em várias combinações para produzir um filme com variedade visual, interesse dramático e continuidade cinematográfica.” (MASCELLI, 2010, p.59)

Mascelli (2010, p.62) ressalta que o ângulo escolhido para cada plano é determinado pela forma como os personagens e a ação devem ser representados naquele momento particular da narrativa. O autor (2010, p.71) reforça que a escolha do ângulo da câmera pode ser feita analisando o propósito do plano e o efeito desejado. Neste tópico, listaremos os principais ângulos utilizados para criar mudanças de tensão ou ritmo: *plongée* e *contra-plongée*.

Plongée (mergulho) é o posicionamento da câmera de cima para baixo (Figura 8). “Na tomada em ângulo alto, ou *plongê*, a câmera é direcionada para baixo para ver o objeto a ser filmado.” (MASCELLI, 2010, p.46)

Em relação ao movimento, o ângulo desacelera o objeto filmado e o efeito lento é maior quando se afasta ou aproxima a câmera (MASCELLI, 2010, p.50).

FIGURA 8: Ângulo Plongée



Fonte: Sonhos de Maio

Contra-plongée (contra-mergulho) é o oposto de *plongée*, é o posicionamento da câmera de baixo para cima (Figura 9). “[...] é aquela em que a câmera é inclinada para cima para captar o objeto”. (MASCELLI, 2010, p.50).

FIGURA 9: Ângulo Contra-plongéé



Fonte: Sonhos de Maio

Para Mascelli (2010, p.52), filmando neste tipo de ângulo é possível aumentar a altura e predominância de estruturas naturais e construídas pelo homem.

O autor (2010, p.76) reforça que o importante não é como se deve inclinar a câmera, mas sim como o objeto aparecerá na tela. “Estudar a imagem no visor com várias inclinações ajudará a escolher a melhor solução.” (MASCELLI, 2010, p.76).

3.2.4 Iluminação

No que diz respeito à iluminação, as imagens só são possíveis quando leva-se em consideração que se trata de um elemento processado através da luz. “Luz é um ingrediente-chave da percepção visual e a orientação no tempo e espaço, além de afetar nossas emoções.” (BONASIO, 2002, p.337)

Para o autor (2002, p.337), a iluminação é uma mistura de ciência e arte e requer domínio de técnica e criatividade. A forma como uma pessoa ou objeto é iluminado, contribui para o processo final estético de como a imagem irá aparecer em vídeo.

A finalidade básica da iluminação, para Bonasio (2002, p.337), é manipular e articular a percepção do ambiente:

Assim como a música, a luz pode ter um efeito intuitivo, influenciando nossas emoções. Algumas iluminações nos fazem sentir felizes, tristes, desconfortáveis e até assustados. A iluminação pode passar ao telespectador o clima emocional da cena. Exemplo: cenas bem iluminadas dão uma ideia de felicidade, alegria, e são usadas em programas de humor, infantis e, principalmente, diurnos. A iluminação em tons escuros, com muitas sombras, pode ser usada em cenas de tensão ou drama.

Bonasio (2002, p.337) ressalta que a iluminação providencia o nível de luz suficiente para que a câmera opere, capte e reproduza com fidelidade as imagens. “A luz tem importante papel na cenografia: as cores, os formatos e os movimentos se destacam dentro da cena com ajuda da iluminação”. (BONASIO, 2002, p.338)

As técnicas de iluminação podem ser manipuladas a partir da percepção dos cinegrafistas sobre o ambiente. Bonasio (2002, p.347) afirma que a melhor maneira de se aprender sobre iluminação é observar a sua volta com atenção. “O objetivo da maioria das iluminações é imitar a iluminação natural. A luz cria forma e textura, reflexos e sombras, profundidade e detalhes.” (BONASIO, 2002, p.347)

É de interesse notar que a utilização de “luz dura” e “luz suave”, para Bonasio (2002, p.342), ajuda a passar para o telespectador uma realidade que na verdade não existe. Isso porque a câmera percebe o efeito da iluminação de uma maneira diferente a do olho humano.

Luz dura, para o autor (2002, p.342), cria sombras definidas e trata-se de uma luz direta e forte. Deste ponto de vista, é relevante mencionar Pisani (2015, p.30), pois considera uma luz que incide diretamente sem nenhum obstáculo no objeto iluminado, sendo possível ver o contorno das sombras que ficam marcadas. “Podemos perceber com facilidade o lado da luz que é claro e o lado da sombra que é escuro. Ela é usada para marcar e destacar o personagem na cena.” (PISANI, 2015, p.30)

No que diz respeito à luz suave, Bonasio (2002, p.342) ressalta como criando pouca ou nenhuma sombra. “De acordo com a locação, horário e fonte principal de luz, os efeitos sobre uma cena ou sujeito mudam nossa percepção em relação ao evento.” (BONASIO, 2002, p.342). Já, segundo Pisani (2015, p.30), luz

suave ou difusa é a luz que incide parcialmente no objeto iluminado de forma menos intensa e não foca diretamente; a luz fica espalhada, difusa, e é mais suave.

Mascelli (2010, p.73) classifica a relação da luz interna e luz externa, em fatores naturais ou físicos. Os fatores naturais, para o autor (2010, p.73), dependem da posição do sol, clima e terreno, o que pode influenciar na escolha do ângulo da câmera. Levam-se em consideração essas observações por serem elementos que não são controláveis e que devem se adaptar às condições. Quanto aos fatores físicos, o autor (2010, p.73), diz respeito ao ambiente em que serão gravadas determinadas cenas internas, neste sentido a iluminação fica por conta de recursos mecânicos da câmera ou através de fontes de luz secundárias. Nesta pesquisa os pesquisadores obtiveram os recursos secundários, porém não utilizaram.

3.2.5 Som

O som desempenha o papel de dar sentido à imagem, ou seja, a ambientalização da cena. Rodríguez (2006, p.328) define o som como um instrumento organizador, que tem relação direta com a lógica da percepção humana: “O som desempenha um papel essencial na narrativa audiovisual como elemento de organização, unificando ou separando estruturalmente sequencias visuais compostas de múltiplos movimentos e mudanças do ponto de vista.”

De acordo com Rodríguez (2006, p.329), o som costuma ser utilizado para organizar a narração audiovisual de três formas específicas.

A primeira faz referência ao som que corresponde a determinado plano e se prolonga além do momento que aparece o plano seguinte “[...] (efeito de sobreposição ou *overlapping*). O resultado é uma leve sensação formal de união entre os planos, apesar de as imagens serem completamente diferentes.” (RODRÍGUEZ, 2006, p.329, grifo do autor)

A segunda pode-se utilizar uma música desde que esteja sem rupturas ao longo de diversos planos visuais “O resultado da coesão perceptiva a esses planos, produzindo um efeito narrativo de ação ou situação unitária.” (RODRÍGUEZ, 2006, p.329-330)

O autor (2006, p.330) reforça que o efeito da utilização de uma música é tão forte quanto a primeira referência ao som, sendo usada para proporcionar a relação entre os dois planos visuais, quando há um salto evidente de tempo.

A terceira forma é considerada um ponto de audição estável que produz um efeito perceptível do som em planos, em espaços e tempo, proporcionando a capacidade de ouvir, perceber o som e se inserir aos conteúdos audiovisuais propostos (RODRÍGUEZ, 2006, p.330).

No que diz respeito à percepção sonora, Dancyger (2007, p.425) relata que o som é mais rapidamente processado pelos espectadores do que as imagens, e se o som não parecer persuasivo, as imagens e o envolvimento do público estarão perdidos. “Um som crível é fundamental à experiência do filme. Consequentemente, o mais importante papel da montagem sonora é criar um som crível.” (DANCYGER, 2007, p.425)

Para Rodríguez (2006, p.170), as formas sonoras mais simples são o silêncio e o ruído. O silêncio possui as mesmas características acústicas e perceptivas em seus diferentes usos além de ser considerado uma forma sonora. A concepção que se tem do silêncio, é a ausência total de som, mas se torna interessante destacar que o silêncio absoluto por sua vez não existe. “Quando se produz ausência total dos sons exteriores, ouvem-se os ruídos do próprio corpo.” (RODRÍGUEZ, 2006, p.136)

Concluimos, assim, que o silêncio não é ausência de som, uma vez que a ausência de som não é possível: “[...] silêncio na realidade, é o efeito perceptivo produzido por determinados tipos de forma sonora.” (RODRÍGUEZ, 2006, p.182)

A segunda estratégia relacionada ao fato de criar um som é o ruído. O conceito de ruído, para Rodríguez (2006, p.170), na esfera da comunicação audiovisual é extremamente familiar e pouco específico.

[...] sons do âmbito audiovisual que não são de origem verbal nem musical, como a campainha de um telefone ou o ranger de uma porta; muitas vezes a palavra ruído se assemelha também ao conceito de som, ou seja, qualquer vibração perceptível pelo ouvido; outras vezes entende-se por ruído tudo aquilo que dificulta um processo de comunicação. (RODRÍGUEZ, 2006, p.170)

Ainda de acordo com o Rodríguez (2006, p.178), pode-se descrever um ruído e analisá-lo de uma forma objetiva, ser representado e transformado em dados, mas não se pode dizer que os ruídos em suma estão em uma fala ou na música, chegando à conclusão de que os ruídos ou efeitos sonoros de uma série de formas acústicas heterogêneas. “[...] única característica definida, em princípio, é não pertencer às formas musicais nem às da fala.” (RODRÍGUEZ, 2006, p.177)

Portanto, para Rodríguez (2006, p.170) o ruído faz referência aos efeitos sonoros que por sua vez se assemelha ao conceito de som e em outras vezes é entendido por ruído tudo aquilo que dificulta a comunicação.

Para Matte (2008, p.4), o conceito de ruído ganha uma dimensão e importância muito grandes para qualquer linguagem.

Alguns exemplos de ruídos: num meio digital, a demora em abrir uma página, um erro de digitação; numa canção, a mistura da voz com os instrumentos prejudicando a compreensão da letra; num quadro, a pouca luminosidade; numa pintura no metrô, a velocidade do trem e as barras entre as janelas impedindo a visualização do todo; num manuscrito, a letra de difícil leitura; num livro, a letra pequena demais.

Segundo o autor (2008, p.4), o ruído marca a instabilidade da mensagem. E, sendo assim, é o ruído o responsável por indicar que a via da mensagem é uma via processual e dinâmica.

Nesta pesquisa, o ruído (real) foi utilizado para ambientar as cenas de forma provocar reações sensoriais. Matte (2008, p.4) compreende que este tipo de abordagem afeta, inclusive, os processos internos do destinador e do destinatário:

Cada um deles pressupõe a existência dessa instabilidade causada pelo ruído para, no caso do destinador, produzir mais pistas e, no caso do destinatário, entender a recorrência das pistas como elemento fundamental para a comunicação.

Matte (2008, p.4) reforça que os ruídos são portanto, fundamentais para o processo comunicativo.

O som na questão audiovisual nesta pesquisa partirá do pensamento criado por Dancyger (2007, p.445) ao trabalhar narração, efeitos sonoros, música e diálogo.

A seleção de efeitos, o tom desses efeitos, a natureza de um narrador, as palavras que eles usam, como dizem tais palavras, o uso de uma música

diferente para cada personagem importante (portanto “sinalizando os personagens”), o uso da música para criar um sentido de tempo e local, o uso da música para definir o tempo do filme e, é claro, o uso do som como recurso de transição da montagem ou recurso de continuidade. (DANCYGER, 2007, p.446)

Na produção do filme *Sonhos de Maio* foram utilizados o uso de música, diálogo, narrativa e ruído para ambientar o contexto da *Lumen*.

O diálogo, efeitos sonoros e a música são recursos utilizáveis para unir cenas. “A transição é necessária para geral continuidade quando mudanças de locação ou tempo estão envolvidas” (DANCYGER, 2007, p.442)

Segundo Dancyger (2007, p.442), o diálogo gerará uma transição quando é sobreposto entre cenas, ou seja, a passagem de uma para outra. O mesmo acontece no efeito sonoro que irá gerar transição, quando desaparece de uma cena para outra. “Os montadores, em geral, contam com a repetição, o efeito de eco, para alcançar a transição. Uma palavra repetida até o fim de uma cena e o começo da outra ou um efeito sonoro pode ser usado”. (DANCYGER, 2007, p.442)

A música, segundo Dancyger (2007, p.443), é utilizada para controlar as batidas do material, produzidas no corte final do filme. “[...] a trilha musical – seja utilizada ou direta, pesadamente orquestrada ou simplificada, lírica, intensa ou instrumental, referencial ou original – convida o público a engajar-se no filme.” (DANCYGER, 2007, p.442)

Desenvolvida na etapa de produção e pós-produção, a música traz sentimentos através das trilhas e são usadas para causar algum tipo de sentimento no espectador. “Na maioria dos filmes, no entanto, o realizador procura uma interpretação emocional direta com a trilha musical.” (DANCYGER, 2007, p.443) A partir destas informações, os pesquisadores selecionaram na plataforma do YouTube (*library*), músicas temas, que posteriormente ao publicar o audiovisual em plataformas online, não fossem impedidos por uso não atribuído de direitos a seus criadores.

Para Dancyger (2007, p.445), o som é utilizado para criar sentimento sensorial em relação a diferentes ambientes, mudanças de um lugar para outro, tempo e espaço e por fim para dar continuidade em narrativas complexas.

No que diz respeito à estética escolhida pelo grupo, o som parte da concepção feita por Puccini (2007) em que: O som direto é o som obtido em sincronismo com as imagens, que se origina da situação de filmagem. “Neste grupo

encontramos os sons que se originam de entrevistas, depoimentos, dramatizações, e os obtidos em tomadas em locação.” (PUCCINI, 2007, p.130)

O som de arquivo faz referência ao tema, ou seja, tudo que já disseram sobre ele. “Possui origens diversas como filmes, programas de rádio e televisão, discursos, entrevistas, etc.” (PUCCINI, 2007, p.130)

Os efeitos sonoros são os sons criados na fase de edição e editados artificialmente proporcionando uma ambientação para as imagens (PUCCINI, 2007, p.130).

A trilha musical é todo o artefato musical voltado a uma construção estética da cena, “[...] tanto pode ser obtida em material de arquivo, trilha musical compilada, como ser composta exclusivamente para o documentário, original.” (PUCCINI, 2007, p.130) Em *Sonhos de Maio* foram utilizadas trilhas musicais, efeitos sonoros e materiais de arquivo em vídeo.

Assim, definidos os aspectos da linguagem audiovisual, coloca-se em prática as etapas de produção do videodocumentário.

3.3 Etapas de produção

Antes de iniciar qualquer produto audiovisual, é necessário fazer o planejamento do filme para que a ideia possa sair do papel.

Bernard (2008, p.2) ressalta que os documentários conduzem seus espectadores a novos mundos e experiências por meio da apresentação de informação factual sobre pessoas, lugares e acontecimentos reais, geralmente retratados por meio do uso de imagens reais e artefatos.

Para a autora (2008, p.3), a história é o dispositivo que faz com que essa organização seja possível e que pode começar de uma ideia, de uma hipótese ou de séries de questões. “Seu foco se intensifica no decorrer do processo de rodagem, até que o filme acabado passa a ter um início intrigante, um meio inesperado e um final convincente.”

Para Puccini (2007, p.21), o percurso é marcado pela perspectiva daquilo que está por vir, a captura de um real que gradualmente vai sendo moldado até se transformar em filme. “Estamos falando da construção de um discurso sedimentado em ocorrências do real.” (PUCCINI, 2007, p.21)

A primeira etapa foi a pré-produção, quando os pesquisadores entraram em contato com o objeto de estudo a ser revelado no videodocumentário.

3.3.1 Pré-produção

Documentários podem ter origem em desejos pessoais de investigação e divulgação de determinados assuntos presentes na história da sociedade, mas também se originam de projetos institucionais, de iniciativa de empresas, órgãos públicos e não-governamentais, instituições filantrópicas. (PUCCINI, 2007, p.76).

Dentro das etapas de roteirização, a escrita de um argumento seria momento anterior à escrita do roteiro, uma apresentação menos detalhada do filme no papel.

Sendo parte necessária, mas não obrigatória, na atividade do roteirista, o argumento estará, forçosamente, dentro de nosso campo de pesquisa, pois se trata de documento importante se queremos esclarecer as etapas de criação de documentários e apontar os aspectos básicos que caracterizariam a escrita do roteiro desses filmes. (PUCCINI, 2007, p.22)

No argumento, segundo Puccini (2009, p.184), ficam estabelecidos personagens principais, ação dramática, tempo e lugar dessa ação e os eventos principais que irão compor essa história.

Um rápido levantamento de filmes documentários é suficiente para constatarmos que apesar do fato de alguns desses filmes valorizar situações imprevistas provenientes do choque com o real (e, em alguns casos, até mesmo torcerem por elas), grande parte do conteúdo desses filmes pode, e deve, ser previsto ainda na fase de pré-produção, o que faz com que a escrita do argumento não seja exatamente um tiro no escuro. (PUCCINI, 2009, p.184)

Para Puccini (2009, p.184), todo filme é resultado de uma ação planejada. Documentaristas experientes possuem estratégias próprias de abordagens já testadas que funcionam como um guia de conduta. “Essas estratégias se balizam, também, por um conjunto de expectativas acerca do universo a ser investigado que estão baseadas em contatos e informações levantadas na pesquisa.” (PUCCINI, 2009, p.184)

Puccini (2009 p.181) define quatro fontes de investigações iniciais baseadas no pensamento de Rosenthal⁶, classificando em: material impresso, material de arquivo (filmes, fotos arquivos de som), entrevistas e pesquisa de campo nas locações de filmagem. Para o autor (2009 p.181), seguindo essas quatro etapas o documentarista deverá ler tudo aquilo que for possível sobre o tema e o que está disponível sobre o assunto escolhido.

No que diz respeito à pesquisa de campo, etapa primária, Puccini (2007, p.88) refere-se à capacidade de mapear e fazer um cuidadoso estudo das locações, úteis para prevenir possíveis imprevistos ou problemas técnicos relacionados à iluminação e captação de som, além de fazer com que o documentarista se familiarize mais com o universo abordado.

[...] é conveniente estudar a iluminação dos locais de filmagem, a incidência de luz natural e as fontes de eletricidade caso haja a necessidade de luz artificial. As condições de som ambiente também podem criar empecilhos para a captação do som de entrevistas caso o local esteja próximo de fontes de ruído, como fábricas e aeroportos, ou seja, ele mesmo barulhento. (PUCCINI, 2007, p.88)

Já o material de arquivo, para Puccini (2007, p.86), é detalhado por um recurso frequente adotado pelos documentaristas como forma de ilustração visual de eventos passados. Neste sentido, a busca desse tipo de material envolve burocracia e negociação com órgãos públicos e privados que porventura possuam acervo. “[...] fazer um exaustivo levantamento de material de arquivo, entre fotos, filmes e arquivos sonoros, buscando garantir permissão para uso.” (PUCCINI, 2009, p.181)

As pré-entrevistas, para o autor (2007, p.87), marcam o primeiro contato entre documentarista ou equipe de pesquisadores, e os possíveis participantes do documentário. “São úteis tanto para fornecer informações, ou mesmo aprofundar informações já coletadas”. (PUCCINI, 2007, p.87)

A proposta de filmagem (ANEXO A) deste projeto parte da concepção de Puccini (2007, p.79) ao interpretar o modelo sugerido por Rabiger⁷ que transcreve evidências e preocupações.

⁶ ROSENTHAL, Alan. Cineasta com um foco em documentários políticos e docudramas. É professor das comunicações na universidade hebréia (Jerusalem), na universidade de York (Toronto) e na universidade de Stanford.

⁷ RABIGER, Michael. Atuou como editor e diretor de documentários da BBC e atualmente atua como professor da Universidade de Buenos Aires.

Neste modelo, sugere-se pensar na hipótese de trabalho e interpretação, tema e exposição do tema, sequências de ação, personagens principais, conflitos, público-alvo e expectativa de resposta de audiência, entrevistas, estrutura, estilo e resolução. Este modelo foi seguido nas etapas de pesquisa de campo e pode auxiliar para que os pesquisadores chegassem à produção do documentário (APÊNDICE A).

Ainda sobre pesquisa, Nodari (2012, p.9) afirma que, quando é bem realizada, com uma estratégia definida, é possível encontrar a forma do roteiro, sabendo que estilo poderá seguir, que estética será praticada. “A reflexão e a decisão sobre o modo de filmar só será possível quando o conteúdo já é conhecido pelo realizador.” (NODARI, 2012, p.9)

A autora (2012, p.9) reforça ainda que, além de conhecer o personagem e a locação onde a gravação será realizada, é preciso decidir que tipo de planos, enquadramentos, posicionamentos de câmera, lentes, será necessário utilizar. E que a questão não é controlar imprevisto e sim tudo que é previsto dentro de uma produção e isso só se dá através de uma produção bem feita e que siga a ordem: ideia, pesquisa e roteiro.

3.3.2 Elaboração do roteiro

As funções do argumento dentro das etapas de produção de um filme documentário são semelhantes às das etapas criativas do roteiro de ficção. “De maneira resumida, o argumento, em sua exposição textual, deverá responder a seis questões principais: 1. ‘O que?’; 2. ‘Quem?’; 3. ‘Quando?’; 4. ‘Onde?’; 5. ‘Como?’ e 6. ‘Porquê?’.” (PUCCINI, 2007, p.93, grifo do autor)

O “O que?” diz respeito ao assunto do documentário, seu desenvolvimento, sua curva de tensão dramática. O “Quem?” especifica os personagens desse documentário (os personagens sociais e, se por acaso houver, os de ficção muitas vezes criados para auxiliar a exposição do tema), além de estabelecer os papéis de cada um deles. O “Quando?” trata do tempo histórico do evento abordado. O “Onde?” especifica locações de filmagem e/ou o espaço geográfico no qual transcorrerá o evento abordado. O “Como?” especifica a maneira como o assunto será tratado, a ordenação de seqüências, sua estrutura discursiva, enfim, suas estratégias de abordagem. E o “Porquê?” trata da justificativa para a realização do documentário, o porquê da importância da proposta [...]. (PUCCINI, 2007, p.93)

Para Puccini (2007, p.93), todas as seis questões colocadas acima devem ser respondidas com base em material coletado na etapa de pesquisa (ver subseção 3.3.1 deste projeto).

O percurso é marcado pela perspectiva daquilo que está por vir, a captura de um real que gradualmente vai sendo moldado até se transformar em filme. O processo de roteirização em documentário é a marca no papel desse esforço de aquisição de controle de um universo externo (PUCCINI, 2007, p.21).

Roteirizar, para Puccini (2007, p.21), significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e fim.

Para o autor (2009, p.180), o texto da proposta é resultado de uma primeira etapa de pesquisa. Sua função é garantir condições de aprofundamento para que só então possa ser iniciada a etapa de filmagem. “[...] a escrita da proposta marca também o início de um processo de seleção necessário para ajustar esse conteúdo do mundo ao formato discursivo de um filme.” (PUCCINI, 2009, p.180)

O maior desafio na construção de um roteiro é justamente o de, através de um texto enxuto e objetivo, demonstrar domínio sobre o assunto abordado. “Com o intuito de adiantar algo sobre o estilo e a estrutura do filme, poderá ser incorporado à proposta um primeiro tratamento (*treatment*) para o filme, contendo um resumo das suas principais seqüências.” (PUCCINI, 2009, p.178)

Comparato (2009, p.27) ressalta que existem diferentes formas de definir um roteiro: a mais simples é a forma escrita de qualquer projeto audiovisual.

A especificidade do roteiro no que respeita a outros tipos de escrita é a referência diferenciada a códigos distintos que no produto final comunicam a mensagem de maneira simultânea ou alternada. Neste aspecto ele tem pontos em comum com a escrita da dramática, que também combina códigos, uma vez que não alcança sua plena funcionalidade até ter sido representado. (COMPARATO, 2009, p.27)

No que se refere à ação dramática citada por Comparato (2009 p.57), leva-se em consideração como relatar o sinônimo de conflito vivido pelos personagens e de que maneira contar a história. “Etimologicamente, drama, do latim *drama*, por sua vez do grego drama, *dráo*, “eu trabalho”, significa ação. **Sem conflito, sem ação não existe drama.**” (COMPARATO, 2009 p.57, grifo do autor)

Puccini (2007, p.31) relata que é na criação e ordenação de cenas dramáticas que se encontra a principal contribuição do roteirista para a construção narrativa do filme.

A constatação dessa especificidade no campo de trabalho do roteirista traz consigo um problema central em relação ao papel da escrita do filme que está ligado à relação palavra-imagem. É comum vermos associado à escrita de um roteiro com uma série de descrições de imagens para o filme (muito embora uma peça audiovisual não se resuma apenas ao conteúdo das suas imagens). (PUCCINI, 2007, p.31)

Em relação à palavra e imagem, a situação colocada no roteiro será a base para pensar na composição de cada plano cinematográfico, incluindo enquadramento e trabalho de câmera, momento em que a ocupação de um espaço cenográfico será transposta e ajustada às exigências de um espaço cinematográfico (PUCCINI, 2007, p.33).

Puccini (2007, p.29) ainda ressalta a cena como uma partícula rigorosamente dramática no corpo de um texto que é, por vocação, narrativo, o texto cinematográfico. “Qualquer alteração no tempo e no espaço da ação, ou seja, qualquer quebra da continuidade da ação descrita, determinará o fim de uma cena e o início de outra.” (PUCCINI, 2007, p.29)

Costa e Alvarenga (2012, p.8) declaram que, por mais detalhado que seja um roteiro de filmagem de um documentário, esse gênero apresenta na sua definição uma diferença crucial em relação à ficção. O documentarista tem controle apenas sobre o material captado nas filmagens. “[...] sua função é selecionar os aspectos dessa realidade que ele julga importantes para a construção de um texto coeso que torne explícita a sua visão daquela realidade, e então captá-los. Um trabalho de seleção.”

Field (2001, p.12) define roteiro como uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática “O roteiro é como um substantivo — é sobre uma pessoa, ou pessoas, num lugar, ou lugares, vivendo sua ‘coisa’.” É o relacionamento entre essas partes que unifica o roteiro, o todo. O autor (2001, p. 13) ressalta que geralmente uma página de roteiro corresponde a um minuto de filme.

Dez minutos são dez páginas de roteiro. Esta primeira unidade de ação dramática de dez páginas é a parte mais importante do roteiro, porque você tem que mostrar ao leitor quem é o seu personagem principal, qual é a premissa dramática da história (sobre o que ela trata) e qual é a situação dramática (as circunstâncias em torno da ação). (FIELD, 2001, p. 14)

Field (2001, p.17) reforça a construção do paradigma ao se tratar de uma forma, não uma fórmula. Forma é o que contém algo, uma estrutura ou uma configuração. “O paradigma é uma forma, não fórmula; é o que mantém a história coesa. A espinha dorsal, o esqueleto e a história é que determinam a estrutura; a estrutura não determina a história.”

Tratando de estrutura, a forma de escrever um roteiro é um processo experimental, para Field (2001, p. 149), “[...] um processo de aprendizado que envolve a aquisição de habilidade e coordenação.”

Para Field (2001, p. 158), o trabalho do escritor é produzir o roteiro, o trabalho do diretor é filmar o roteiro, pegar as palavras do papel e transformá-las em imagens no filme. Este processo de produção pode ser acompanhado no tópico a seguir.

3.3.3 Produção

O processo de produção é a prática do que foi estabelecido na etapa de pré-produção, incluindo a produção do roteiro que foi estabelecido no planejamento do documentário. Nesta ocasião iniciam-se as filmagens e divisão das equipes.

O mapeamento das seqüências feito no tratamento do documentário serve como guia para o levantamento das situações de filmagem exigidas pela produção. Todo o planejamento da filmagem de um documentário dependerá de quais forem essas situações de filmagem previstas pelo tratamento. (PUCCINI, 2007, p.137)

De acordo com Puccini (2007, p.227), os aspectos ligados à prática da produção do documentário partem do princípio em que o processo de roteirização do documentário é entendido como processo de organização do discurso e produção do filme.

Nodari (2012, p.9) afirma que só é possível a transposição do texto escrito para o audiovisual, etapa de produção; se conhecer o que será filmado: “Não

há como adivinhar o que o personagem irá falar ou como será o local onde será realizada a gravação da cena, sem conhecer isso tudo antes da produção.”

3.3.4 Pós-produção

A pós-produção é marcada pela edição do material audiovisual captado durante a etapa de produção. Puccini (2007, p.175), ressalta que a etapa de montagem do documentário é o momento em que o documentarista adquire total controle do universo de representação:

Aqui não importa mais o estilo do documentário, toda a montagem implica em um trabalho de roteirização que orienta a ordenação das seqüências, define o texto do filme dando forma final ao seu discurso. Mesmo no caso de não ser escrito no papel, o roteiro do filme virá impresso na maneira como este se apresenta ao espectador; será marcado pelas escolhas do documentarista que definem as imagens e os sons do documentário. (PUCCINI, 2007, p.175)

Para o autor (2007, p.187), o processo de montagem se inicia com a análise do material filmado, tanto as imagens como os sons captados. “Em documentário, essa análise é bem mais demorada em função não só do fato de, em muitos casos, inexistir um roteiro guia [...] também pela maior quantidade e diversidade de imagens disponíveis ao montador [...]” (PUCCINI, 2007, p.187). Neste caso, o roteiro de edição será resultado de uma leitura atenta das imagens e sons contidos no material bruto.

No processo de seleção do material para o documentário, Puccini (2007, p.188) ressalta que o diretor pode se deparar com três tipos de seqüências: de entrevistas, de ação e de material de arquivo, que podem ser compostas por situações de entrevistas como por momentos de ação. O autor (2007, p.188) reforça que a esses três tipos podem ser acrescentadas seqüências formadas por animações gráficas, textos, fotografias e documentos. Nesta pesquisa foram utilizadas as seqüências de entrevistas, ações e materiais de arquivos, que juntos ajudam a contar histórias dos personagens e da instituição.

Identificado o processo de seqüência, inicia-se a etapa de seleção e eliminação de todos os planos que apresentarem problemas técnicos bem como aqueles que não possuem qualquer interesse para o filme. “Essa primeira seleção

irá facilitar o trabalho seguinte, que é o da transcrição das entrevistas e decupagem das seqüências de ação.” (PUCCINI, 2007, p.188)

A transcrição das entrevistas, logo após a análise das imagens, é fundamental para condução do tema proposto no documentário. O método de transcrição no papel é aconselhável: “[...] Essa transcrição pode ser feita de maneira detalhada, palavra por palavra, ou se contentar com a anotação de tópicos que resumam o assunto de cada parte da entrevista.” (PUCCINI, 2007, p.189)

Para o autor (2007, p.189), após ter recortado os trechos mais interessantes das cópias originais, o roteirista pode então reorganizar esse novo material pensando já em uma estrutura para o filme. “Esse método seria o primeiro passo para se pensar um roteiro de edição, roteiro esse que seria baseado na estrutura estabelecida pela ordenação dos trechos selecionados das entrevistas.” (PUCCINI, 2007, p.189)

Ainda sobre as entrevistas, Puccini (2007, p.189) reforça que as estruturações dos trechos servem apenas como uma base para que se possa pensar nas seqüências de imagens intercaladas ou sobrepostas às entrevistas e que os trabalhos de ordenação das seqüências no documentário podem ser facilitados, caso haja uma linha narrativa a ser seguida.

[...] a definição de uma linha narrativa serve não só para orientar o espectador, mas também para orientar o diretor e editor do filme durante o processo da montagem. Uma trama narrativa, com seus respectivos personagens, estabelece um caminho a ser seguido, com início, desenvolvimento e resolução da história. O roteiro de edição orientará a montagem do copião pré-montado, ou corte bruto, resultado de um primeiro esforço de montagem. O importante nessa etapa é definir a estrutura do documentário: esta será montada através de blocos temáticos claramente divididos?; através da mistura de vozes e entrevistas?; através do respeito a uma ordem cronológica?; qual será sua abertura?; como será desenvolvido o tema?; qual será a sua resolução?. (PUCCINI, 2007, p.191)

Quanto à cronologia, a história e desenvolvimento *Lumen et Fides*, recebeu um tratamento não cronológico, pois no desenvolvimento revelado no videodocumentário buscou-se mesclar a história da entidade com a história dos atendidos. Puccini (2007, p.192) ressalta que esta ação propicia a exploração de recursos narrativos como surpresa e suspense.

Antecipar parte de uma informação que está localizada entre o meio e o fim da cadeia cronológica de eventos da história serve também para se criar ganchos, estratégia utilizada para prender a atenção do espectador pelo

resto do filme, dada a sua curiosidade em saber o que levou o personagem, ou os personagens, a atingir aquele ponto da história. (PUCCINI, 2007, p.192)

Em relação às sequências do documentário, Puccini (2007, p.193) induz a como introduzir o assunto ao espectador e como atizar a curiosidade para com aquilo que está por vir “[...] como cativar a audiência, especialmente se o assunto não for muito familiar para a maioria. A grande quantidade de material bruto dificulta sobremaneira a escolha.” (PUCCINI, 2007, p.193)

Em relação ao assunto abordado, é importante saber como iniciar o filme e como terminar:

[...] definir em qual momento o filme já passou todo o conteúdo informativo necessário para a compreensão do assunto e da abordagem do diretor tendo a preocupação de não se tornar um filme arrastado, cansativo, com excesso de informações desnecessárias e redundantes. (PUCCINI, 2007, p.198)

Para Mascelli (2010 p.169), editar é como lapidar um diamante bruto. O material precisa ser analisado, cortado, polido e lapidado. Em seu primeiro estado, o filme ainda é um conjunto de planos sem conexões e ao final do trabalho o que permanece é a história que será contada.

O autor (2010 p.171) classifica em dois tipos a edição de imagens: edição em continuidade e edição de compilação.

A edição de continuidade se dá em cortes contínuos em diferentes planos, em que a ação que se desenrola flui de um plano para outro. “Uma sequência contínua, ou uma série de cortes contínuos, pode consistir em vários tipos de planos filmados de ângulos diferentes.” (MASCELLI, 2010 p.171)

A edição por compilação, vem por meio de uma narração contínua, que é construída pela trilha sonora, que impulsiona a cena. “Os cortes de compilação apresentam poucos problemas de continuidade, uma vez que os planos individuais simplesmente ilustram o que está sendo ouvido e não necessitam ter ligação visual um com o outro.” (MASCELLI, 2010 p.175)

O autor (2010, p.175) ressalta que os dois formatos podem se unir, trazendo a ideia do corte de compilação, como uma maneira introdutória a uma sequência de continuidade.

Ocasionalmente, narrativas que usam corte de continuidade também podem usar corte compilação, como uma série de planos gerais introdutória, uma sequência de montagem que condensa tempo e espaço, ou uma série de planos desconectados para apresentar uma impressão, em vez de produzir em particular se usadas para fins de introdução ou transição, podem utilizar narração explicativa. (MASCELLI, 2010 p.175)

No que diz respeito à narrativa, Puccini (2007, p.183) afirma que pode ocorrer um ganho em velocidade por meio dos cortes.

Esse ganho de velocidade narrativa é resultado da recorrência ao corte como operação elementar da montagem. O corte do plano, em situação de filmagem, representa a quebra da continuidade de uma ação. Essa quebra de continuidade, que no cinema clássico é disfarçada, manipula o tempo real da ação através da eliminação de tudo aquilo que não for essencial para a fluência da narrativa. A cada corte se institui uma elipse temporal que ajuda a dinamizar a narração. (PUCCINI, 2007, p.183)

No documentário, Puccini (2007, p.179) reforça que a tendência é explorar uma montagem expressiva, consequência direta da própria natureza das imagens disponíveis ao montador.

De acordo com Mascelli (2010 p.193), esse processo narrativo deve estar em harmonia de cor, som, exposição e iluminação, para que não se apresentem distorções. “Nenhuma diferença visual ou sonora notável pode estar aparente quando o filme for montado [...] a não ser que sejam inseridos deliberadamente para um efeito especial.” (MASCELLI, 2010 p.193)

Para Dancyger (2007, p.399), os processos de montagem podem ser divididos em dois estágios. O primeiro é o de juntar os planos em um primeiro corte e o segundo afinar o tom e o ritmo do primeiro corte, transformando no corte final.

Mascelli (2010, p.79) define que o roteiro de filmagem ou de continuidade é um filme preliminar no papel, ou seja, um plano contínuo para fotografar e editar a produção.

Diferentemente da simples gravação de uma notícia, um filme não pode representar um acontecimento numa única cena. Faz-se necessária uma série de cenas – uma sequência – para representar qualquer ação de uma maneira correta. Uma sequência sem intervalo de tempo deve apresentar o acontecimento de modo contínuo e realista. (MASCELLI, 2010, p.79)

O autor (2010, p.80) defende que o principal objetivo de um filme, seja um longa-metragem de ficção ou um documentário, é prender a atenção do público do plano de abertura ao *fade out*. Para isso deve-se apresentar o filme convidando

os espectadores a se envolver na história colocada na tela. “Se eles tiverem de adivinhar para onde a câmera subitamente se virou, ou por que de uma mudança sem explicação na ação de um ator quebra-se o encanto.” (MASCELLI, 2010, p.80)

Dancyger (2007, p.400) ressalta que a montagem nunca poderá confundir o espectador, pois ele sempre deverá estar envolvido na história.

A clareza na narrativa é alcançada quando o filme não confunde os espectadores. Isso requer uma ação contínua de um plano a outro e a manutenção de um sentido claro de direção entre os planos. Isso significa fornecer uma explicação visual se uma nova idéia ou *insert* for apresentado. Para permitir clareza na narrativa, as deixas visuais são necessárias e, aqui, habilidade do montador é um fator crucial. (DANCYGER, 2007, p.400)

Neste sentido, Dancyger (2007, p.416) afirma que o ritmo do filme depende muito de questão individual e intuitiva. Para o autor (2007, p.416), a quantidade de informações visuais em um plano determina sua duração. “Um plano geral, o qual tem mais informação visual do que um *close-up*, será mantido por mais tempo para permitir que o público absorva a informação.” (DANCYGER, 2007, p.416)

Gervaiseau (2012, p.81) defende que a alternância de planos tem como função “[...] o estabelecimento de uma relação mental e emocional entre situações que se desdobram em espaços fisicamente contíguos ou próximos, mas que são mantidos cinematograficamente desconexos.”

No que diz respeito à alternância, o autor (2012, p.84) ressalta que são os fragmentos de cenas que permitem articular um conjunto complexo de relações entre imagens.

Se a informação é nova, Dancyger (2007, p.416) descreve que é apropriado permitir que o plano continue mais tempo para que o público se familiarize com o novo meio.

Em relação à duração dos planos, Dancyger (2007, p.417) reforça que um plano nunca deverá ser do mesmo tamanho. “Se eles são todos longos ou todos curtos, a falta de variedade enfraquece o impacto da sequência. Ela não terá nenhum ritmo. Para dar ritmo aos planos, é necessário mudar sua duração.” (DANCYGER, 2007, p.417)

Para Gervaiseau (2012, p.81), “[...] a alternância das imagens valoriza também a expressão da força dramática da percepção física das relações dos personagens entre si, em meio a uma unidade espaço-temporal.”

O ritmo também pode ser afetado pelo tipo de transição entre as sequências e os cortes. “Um corte seco pode ser dissonante. Ele nos deixa confuso até que uma deixa visual ou sonora sugira que a mudança aconteceu.” (DANCYGER, 2007, p.417). Nesses casos é utilizado o recurso de fusão no final de cada sequência para suavizar e fornecer uma deixa visual.

Um dos recursos mais utilizados para suavizar a fusão, é o *fade out*, “[...] ocasionalmente usado no final da sequência. Embora seja um claro indicativo de fechamento de uma sequência e início de outra.” (DANCYGER, 2007, p.417).

Para Mascelli (2010 p.157), dissolve ou dissolução mistura uma cena em outra. “Tecnicamente, uma dissolução é um fade-out sobreposto a um *fade in*, para que uma perda em densidade de imagem na primeira cena seja equilibrada com um ganho em densidade de imagem na segunda.”

Neste tópico, entende-se por pós-produção, ritmo, continuidade e edição, o processo de montagem desde a filmagem até o produto final ao telespectador. Em *Sonhos de Maio* as organizações das etapas de produção foram essenciais para o desenvolvimento. Conceituando documentário, sua linguagem audiovisual e as etapas de produção, esta pesquisa entra no aprofundamento objeto de estudo, a instituição *Lumen et Fides*.

4 LUMEN ET FIDES

4.1 Registro histórico dos 30 anos

A Associação de Desenvolvimento de Crianças Limitadas - *Lumen et Fides* foi fundada em 15 de maio de 1987 pelo seguinte grupo: Ademar Barreto Nobre, Andréo Kozuki, Aparecida Mieko Sawamura Kozuki, Argene Maria Virgili Lemos, Carlos Alberto Santos, Clara Aparecida Bongiovani, Edmundo Werner Roll, José Demétrio Pontalti, Manoel Francisco Lemos, Ricardo Cesar Miele e Vera Ines Valente dos Santos. Eles buscavam tratamentos adequados para os filhos com características de autismo e com problemas neurológicos e assemelhados.

Para formar o nome da Associação, o grupo de fundadores utilizou de três palavras a relacionar seus significados à sua missão.

A palavra **Lúmen** é o mesmo que uma unidade de fluxo luminoso e foi escolhida para representar a luz que brilha indicando o caminho do bem. Já a palavra **Fides**, que vem do Latim, significa fiel, e representa o laço de amizade que une os homens que se propõem a realizar algo bom. Desta forma, **Lumen Et Fides**, significa **Luz e Fé**. (LUMEN ET FIDES, 2012, p.11, grifo do autor)

Segundo o educador físico João Baptista Souza Filho⁸, que trabalha há 29 anos na instituição, a *Lumen* surgiu de uma necessidade encontrada na época:

A iniciativa de abrir a Lumen é que a Apae daqui de Prudente não atendia cadeirantes, pessoal com problema motor severo. Os dois pais que fundaram, as crianças tinham distrofia muscular, que são progressivas, tanto que faleceram. Então, a Apae não atendia esses tipos severos e o autismo também, não tinha um trabalho específico, colocava lá junto com o mental. Então, os pais tomaram uma iniciativa. Uma mãe que veio de São Paulo e tinha algumas observações de lá e trouxe pra cá.

Em sua primeira ata de reunião no dia 23 de março de 1987, o principal objetivo definido pelo grupo de pais foi a criação de uma escola sem preocupação de diagnóstico de cada aluno e que uma vez criada atenderia crianças de Presidente Prudente e região.

⁸ João Baptista Souza Filho. Educador Físico da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da Lumen et Fides, 10 mar. 2017.

Na mesma ocasião foi determinado o primeiro corpo de diretoria e conselho fiscal, que ficou frente da *Lumen* de 16 de maio de 1987 até 15 de maio de 1989:

DIRETORIA *LUMEN ET FIDES* (1987 – 1989)

- Presidente: Edmundo Werner Roll
- Vice-presidente: José Demétrio Pontalti
- 1º Secretário: Andréo Kozuki
- 2º Secretário: Ricardo César Miele
- 1º Tesoureiro: Carlos Alberto dos Santos
- 2º Tesoureiro: Argene Maria Virgili Lemos
- 3º Tesoureiro: Aparecida Mieko Sawamura Kozuki

CONSELHO FISCAL *LUMEN ET FIDES* (1987 – 1989)

- Presidente: Manoel Francisco Lemos
- Membros: Vera Inês Valente dos Santos e Ricardo Cesar Miele
- Suplentes: Odete Aparecida Arrigoni Miele e Ademar Barreto Nobre

Conforme prevê o Art. 22 do Estatuto da *Lumen et Fides* (1987): “A Diretoria da Associação será eleita na 2ª (Segunda) quinzena do mês de maio, sendo de 2 (dois) anos o seu mandato, com início em 16 de maio de 1987, permitida a reeleição de qualquer de seus membros.”

Dando início aos trabalhos, os primeiros atendimentos ocorreram em uma chácara às margens da Rodovia Raposo Tavares (SP-501), no município de Álvares Machado (SP), que pertencia aos fundadores Manoel Francisco Lemos e Argene Maria Virgili Lemos, no dia 13 de maio de 1987. No mesmo ano, a Associação passou a funcionar no fundo da Igreja Presbiteriana Independente, localizada na Rua Siqueira Campus, 814, em Presidente Prudente, mas por motivos de espaços físicos passou oferecer seus atendimentos em outro local. Segundo a fisioterapeuta, Rosimeire Peres⁹ “[...] nós montávamos a escola, a *Lumen*, na segunda de manhã, ficava até sexta e na sexta à tarde desmontava a *Lumen* para montar a escola dominical [...]”

Em 1988, a instituição se instalou na Avenida Coronel José Soares Marcondes, 905, bairro do Bosque. No mesmo ano, pela primeira vez, foi declarada de Utilidade Pública Municipal pela Câmara de Presidente Prudente (SP), com a Lei

⁹ Rosimeire Peres. Fisioterapeuta da *Lumen et Fides*. Entrevista sobre a história da *Lumen et Fides*, 07 mar. 2017.

Municipal nº 2.618/88 (ANEXO B). Segundo o Sindicato das Instituições Beneficentes Filantrópicas e Religiosas do Estado de São Paulo (SINBFIR, [s.d.]), esta atribuição assegura às instituições o direito a isenção do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), Imposto Sobre Serviços (ISS), auxílio financeiro concedido pelo Poder Público local e isenção de tarifas públicas nos municípios onde esses serviços não foram privatizados (água e luz). Despesas que eram, até então, mantidas pelos fundadores.

No início da década de 1990, a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (Apaes) de Presidente Prudente cedeu espaço em uma das alas para os atendimentos da *Lumen*. A instituição *Lumen* funcionava na rua David Cerqueira Leite, 261, porém, houve a necessidade de maiores ambientes devido ao crescimento no número de atendidos. (LUMEM ET FIDES, 2012, p.11)

Em abril de 1991, a *Lumen* passou a funcionar no Serviço de Obras Sociais (SOS), na Rua José Tarifa Conde, 1023. Ano também do início da implantação do considerado primeiro centro do Brasil de equoterapia dentro de uma instituição, após as fisioterapeutas, Rosimeire Geraldo Peres, Agda Marcia dos Santos e Lucila Kato e juntamente com a fundadora Argene Maria Virgili Lemos, terem participado do 1º Encontro Nacional de Equoterapia, em Brasília. Segundo Rosimeire Peres¹⁰:

Fomos em três fisioterapeutas e a diretora da instituição. Chegamos lá e fizemos um curso. Acho que foi mais ou menos 15 dias. Ai nós fomos atrás da dona Margarida Kunzli que montou a hípica aqui de Prudente. E ela era uma exímia conhecedora de cavalos. Fomos atrás dela. Ela já senhora tinha 80 anos mais ou menos. Assim, deu maior apoio pra gente, nos ensinando como fazer, o que precisava melhor, o estribo melhor, o loro melhor, a sela, a manta, o cilião. Assim, tudo e também como era a parte de cuidados.

Acreditando na potencialidade do método, “[...] a instituição organizou-se para sua implantação, providenciando espaço físico adequado, adquirindo animais adestrados e a capacitação de sua equipe interdisciplinar.” (LUMEM ET FIDES, 2012, p.25) E, em 1992, foi definitivamente implantada.

No dia 3 de setembro de 1992, a entidade foi decretada de Utilidade Pública Federal pela Presidência da República, de acordo com o processo nº 6.286/92-11(ANEXO C). Para o Sinbfir ([s.d.]), uma instituição enquadrada nesses

¹⁰ Rosimeire Peres. Fisioterapeuta da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da Lumen et Fides, 07 mar. 2017.

parâmetros passa a ter benefícios como: certificado de fins filantrópicos junto ao Conselho Nacional de Assistência Social, isenção do recolhimento da quota patronal para o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), gozo das isenções das contribuições sociais, possibilidade de receber benefícios e subvenções da União e permitir às pessoas físicas e jurídicas a dedução no Imposto de Renda de doações em nome da entidade.

Em 1993, com o fechamento da instituição que atendia deficientes adultos, a Associação dos Deficientes Físicos Albert Sabin, a *Lumen* recebeu parte de sua atual sede própria, na Rua Maria Fernandes, 449, no Jardim Alto da Boa Vista, cedida pela Prefeitura Municipal de Presidente Prudente.

No local havia apenas um barracão onde iniciaram-se os atendimentos de equoterapia, enquanto os outros atendimentos eram realizados no S.O.S, conforme relata Rosimeire Peres¹¹.

Esse terreno aqui, reformou, e as terapias complementares que é a equoterapia e integração sensorial, começou [sic] a ser feita aqui. Então, nós ficávamos lá e duas vezes por semana vinham os terapeutas com algumas crianças para desenvolver esse trabalho aqui, voltava pra lá pra parte pedagógica e a fisioterapia tradicional.

No dia 23 de julho de 1996, a *Lumen* recebeu o primeiro Atestado de Entidade Beneficente de Assistência Social (ANEXO D), através do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), conforme processo nº 23002.000645/90, deferido em sessão realizada no dia 3 de dezembro de 1991 pelo Serviço Público Federal e o então Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS).

Em 1996, após a *Lumen* ser totalmente instalada no bairro Jardim Alto da Boa Vista, a instituição iniciou à construção da hidroterapia (Figura 10) técnica que ajuda o paciente a ter melhor liberdade dos movimentos físicos e estímulos psicológicos, melhorando a autoconfiança (LUMEM ET FIDES, 2012, p.9).

¹¹ Rosimeire Peres. Fisioterapeuta da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da Lumen et Fides, 07 mar. 2017.

FIGURA 10: Inauguração hidroterapia em 1996



Fonte: Foto Cedida: *Lumen et Fides*

Peres¹² relata que a construção da hidroterapia foi mais rápida por questões de estrutura. “[...] a piscina já tinham outras pessoas que conhecia, já era uma terapia um pouquinho mais antiga, então favoreceu muito pra gente, e aí nós fomos também atrás de fazer curso, de fazer toda a formação pra poder usar de forma adequada.”

Ainda no ano de 1996, a *Lumen* deu início à construção da Ala da Interação, dedicada ao atendimento do transtorno do espectro autismo, inaugurada no dia 30 de setembro. No mesmo espaço, a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), locou o terreno para fazer um parque de obras e montar a parte administrativa conforme relata o engenheiro Dalton Mello¹³.

O Carlos Alberto ele era gerente da Sabesp na época, e nós passamos a construir várias obras em Presidente Prudente, e na construção da obra precisava construir um canteiro de obra para fazer as obras da Sabesp, o que nós fizemos para poder compartilhar e ter esse recurso vindo para a *Lúmen*, nós naquela época, nós solicitamos da empresa contratada, que a gente doaria o terreno, para eles ficarem um ano, dois anos, fazendo as obras da Sabesp, e posteriormente eles deixariam aquele canteiro de obra, para que a gente pudesse transformar aquele canteiro de obra em sala de aula para as crianças.

¹² Rosimeire Peres. Fisioterapeuta da *Lumen et Fides*. Entrevista sobre a história da *Lumen et Fides*, 07 mar. 2017.

¹³ Dalton Mello. Engenheiro Civil da *Lumen et Fides*. Entrevista sobre a história da *Lumen et Fides*, 15 mar. 2017.

No mesmo ano (1996), os pais enfrentaram as primeiras dificuldades financeiras como relata a fundadora Aparecida Kozuki¹⁴.

Com isso tivemos que fazer eventos, vários eventos, para arrecadar dinheiro para complementar a verba que recebíamos que era pouca, que não dava para pagar o pessoal, então foram jantares, o bingo, teve até uma época que nós fizemos um sorteio pela loteria federal de um carro, ai ficávamos assim na entrada da cidade, pra [...] parar os carros e oferecer quando os carros paravam o bilhete

Na ocasião, a fundadora¹⁵ explica que foi convocada uma reunião para resolver a situação. “Foi explicado para os pais, na reunião, que se não tivesse a colaboração para que arrumasse doadores; se fechássemos, cada um teria que ficar com, o seu filho em casa, teria que voltar à estaca zero.”

Após enfrentar as dificuldades, o ano de 1997 iniciou com doações de cadeiras de roda de uma rede bancária Itaú, com sede em Presidente Prudente (Figura 11). Ao todo, foram doadas 13 unidades; o que representou um avanço, pois antes os profissionais tinham que locomover as crianças dentro da instituição nos braços.

FIGURA 11: Doação das cadeiras de rodas



Fonte: Foto Cedida: *Lumen et Fides*

¹⁴ Aparecida Kozuki. Fundadora da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da Lumen et Fides, 11 mar. 2017.

¹⁵ Idem

No dia 16 de maio de 1997, após a *Lumen* enfrentar novamente problemas financeiros, passou a ser administrada por sócios contribuidores da Loja Maçônica de Presidente Prudente, Cavaleiros Arte Real, como relata a fundadora Aparecida Kozuki¹⁶.

Os pais mesmo falavam, nós não temos condições de levar a Lúmen, então precisamos ter ajuda de pessoas de fora. Como uma das mães, a Vera Inês, ela conhecia o pessoal da maçonaria, porque o marido dela fazia parte da maçonaria, aí nós convidamos pessoas de fora, para assumir a diretoria.

No mesmo ano, foi criada sua primeira administração com integrantes da sociedade. Segundo o presidente da instituição, Vandik Fernandes¹⁷ a partir da reformulação todo conselho foi mudado “diretoria administrativa, diretoria financeira, são todos da loja maçônica, que pegou como responsabilidade essa entidade.” Esta mesma diretoria permaneceu à frente da instituição no período 16 de maio de 1997 a 15 de maio de 1999.

Com a passagem da administração de pais para a Maçonaria e a necessidade de ampliar os atendimentos, a instituição *Lumen et Fides* passou por uma reformulação nos atendimentos de saúde e educação conforme relata o diretor administrativo Manoel Dionísio¹⁸.

Nós fizemos uma reformulação aqui que havia uma procura muito grande, e aí as crianças permaneciam o tempo todo, havia uma necessidade de se ampliar, e algumas crianças foi internada a rede pública então nós dividimos a programação aos atendimentos em duas etapas.

Segundo Rosimeire Peres¹⁹, na programação 1: “A criança fica aqui até, por conta da parte pedagógica, à medida que ela vai pro estado, aí ela já é desligada da programação 1”. Já quanto à programação 2, a coordenadora de saúde Luciana Tanaka²⁰ relata que é uma programação de pacientes que estão na rede

¹⁶ Aparecida Kozuki. Fundadora da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da Lumen et Fides, 11 mar. 2017.

¹⁷ Vandik Fernandes. Presidente da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história reformação administrativa da Lumen et Fides, 08 mar. 2017.

¹⁸ Manoel Dionísio. Diretor Administrativo da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da Lumen et Fides, 08 mar. 2017.

¹⁹ Rosimeire Peres. Fisioterapeuta da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da Lumen et Fides, 07 mar. 2017.

²⁰ Luciana Tanaka. Coordenadora de Saúde da Lumen et Fides. Entrevista sobre os atendimentos de saúde na Lumen, 09 mar. 2017.

regular de ensino, e frequentam à instituição para receber somente os atendimentos terapêuticos da saúde.

No dia 26 de outubro de 1999, a *Lumen* foi decretada de Utilidade Pública Estadual (ANEXO E) sobre decreto nº 44.352. De acordo com o Sinbifir ([s.d]), este decreto proporciona o direito à isenção do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) e do Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) e obtenção de subvenções estaduais.

Em 2013, a instituição passou a receber o convênio da saúde através do Governo do Estado de São Paulo para o tratamento do transtorno do espectro do autismo, conforme desta Luciana Tanaka²¹.

Antigamente tínhamos um convênio estadual com o SUS que contemplava todos os nossos pacientes, atualmente nós temos dois convênios do SUS também são estaduais. Em 2013 saiu uma portaria, onde nós escrevemos um projeto da Lumen para contemplar as crianças com transtorno do espectro do autismo, então hoje nós temos um convênio que atende a deficiência múltipla e um convênio para o transtorno do espectro autista.

Segundo a coordenadora da saúde Luciana Tanaka²², a instituição teve que adaptar aos métodos e técnicas de atendimento que eram pedidos como requisitos no edital.

No ano de 2016, a instituição passou a utilizar o método do *Pediasuit* que, segundo o Conselho Regional de Fisioterapia e de Terapia Ocupacional da 8ª Região – Paraná (CREFITO.8), consiste em:

[...] colete, touca, shorts, joelheiras, calçados e um sistema de elásticos ajustáveis, posicionados para reproduzir a musculatura, funcionando como uma estrutura elástica externa, promovendo uma melhora da postura e consequentemente melhora dos movimentos, alinhando o corpo o mais próximo do normal, desempenhando um papel crucial na normalização do tônus muscular, do sistema vestibular e de funções sensoriais.

A escolha do método, segundo Tanaka²³, “Surgiu através de uma conversa em equipe. Em uma de nossas reuniões, uma fisioterapeuta colocou ao conhecimento da equipe sobre o *Pediasuit* (Figura 12) e a gente viu que era um método revolucionário.”

²¹ Luciana Tanaka. Coordenadora de Saúde da Lumen et Fides. Entrevista sobre os atendimentos de saúde na Lumen, 09 mar. 2017.

²² Idem

²³ Idem

FIGURA 12: Método do *pediasuit*

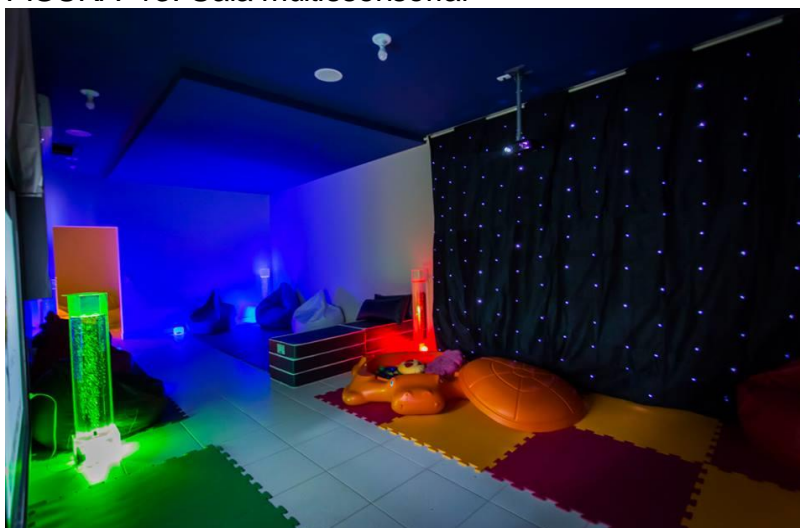
Fonte: Sonhos de Maio

Peres²⁴ explica como funciona o método do *pediasuit*:

É tipo um macacão e são colocados alguns elásticos, tudo que favorece o desenvolvimento melhor do paciente, e também tem o spider, que coloca um cinturão e através desse cinturão coloca elásticos e o paciente consegue desenvolver algumas posições que normalmente as vezes não consegue, então é possível colocar um paciente que nunca ficou em pé.

No dia 1 abril de 2016, através de doação do Banco do Brasil, a *Lumen* implantou um serviço pioneiro na cidade de Presidente Prudente: a Sala Multissensorial (Figura 13), que tem como objetivo oferecer diversos estímulos sensoriais, como: tato, paladar, visão, audição e olfato.

FIGURA 13: Sala multissensorial



Fonte: Foto Cedida: *Lumen et Fides*

²⁴ Rosimeire Peres. Fisioterapeuta da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da Lumen et Fides, 07 mar. 2017.

Segundo a coordenadora pedagógica Perlla Roel²⁵, a sala multissensorial é mais um recurso que a *Lumen* recebeu para efetivar o aprendizado dos alunos. “Ela ajuda incentivar o desenvolvimento das áreas cognitivas e motoras, e também as habilidades sociais, um dos ambientes ele tem um piso interativo, que ele é ligado a um sensor de movimento e projeta 70 efeitos, os quais a criança consegue interagir.”

Neste ano, 2017, a instituição conseguiu a aprovação do *Playground* Inclusivo através do projeto voluntário do Banco do Brasil (BB) e Fundo da Infância e Adolescência (FIA). O objetivo do *playground* é promover a interação dos alunos com transtorno do espectro autismo com os alunos que apresentam deficiências múltiplas, por meio de brincadeiras, estimulando relações de trocas e experiências.

A missão atual da instituição é proporcionar a crianças, adolescentes e adultos um tratamento de habilitação ou reabilitação, com ações voltadas para áreas terapêuticas e educacionais. Seu objetivo é atender crianças de 0 a 6 anos com disfunções neuromotoras e doenças neuromusculares e de 3 a 35 anos com transtorno do espectro do autismo (LUMEM ET FIDES, 2012, p.9). Atualmente, a *Lumen* conta com 150 assistidos de Presidente Prudente e região e com 65 profissionais multidisciplinares (APÊNDICE B).

Segundo a assistente social da instituição Lucimar Navarro²⁶, a fila de espera para atendimento estima em nove pessoas no setor de deficiência múltipla e 38 no setor de autismo.

Os recursos provêm de convênios com as secretarias de saúde estadual e municipal, Sistema Único de Saúde (SUS), Secretaria da Educação Estadual (Escola de Educação Especial) e também de eventos beneficentes. Nos dias de hoje, das 14 cidades que encaminham crianças para atendimento na *Lumen*, cinco prefeituras auxiliam a instituição, através de convênios e seis estão em negociação, conforme relata o Diretor Manoel Dionísio Filho²⁷.

Hoje a Lumen tem um custo mensal de 164 mil reais de folha de pagamento. Nós temos hoje uma cobertura uma arrecadação que corresponde a 91% decorrente de convênio, estadual, municipal, estadual e

²⁵ Perlla Roel. Diretora Pedagógica da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da instituição, 08 mar. 2017.

²⁶ Lucimar Navarro. Assistente Social da Lumen et Fides. Entrevista sobre a assistência social da Lumen, 06 mar. 2017.

²⁷ Manoel Dionísio. Diretor Administrativo da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da Lumen et Fides, 08 mar. 2017.

federal mais as parcerias com as prefeituras, 9% advém de arrecadação junto à comunidade prudentina e até regional.

Caracterizada como instituição filantrópica, a Escola de Educação Especial realiza atendimentos especializados nas áreas de fonoaudiologia, pedagogia, fisioterapia, terapia ocupacional, psicologia, serviço social, nutrição e enfermagem; atendimento médico nas especialidades de pediatria, neurologia e psiquiatria, além de terapias complementares, equoterapia, hidroterapia e integração sensorial, visando à habilitação ou reabilitação. (LUMEM ET FIDES, 2012, p.6)

4.1.1 Deficiências: transtorno do espectro do autismo, neuromotora e neuromuscular

No último levantamento feito pelo IBGE (2010), a deficiência visual apresentou o maior número de ocorrências: 18,6% da população brasileira. A deficiência motora está em segundo lugar, com 7% de casos, seguida da deficiência auditiva com 5,10% e da deficiência mental ou intelectual correspondendo a 1,40% da população brasileira.

Segundo a Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2010), órgão que integra a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, com relação à idade da população brasileira, apenas 10,46% do predomínio da deficiência ocorre no grupo de idade de 0 a 9 anos, o que possivelmente está ligada à identificação e diagnóstico da deficiência no indivíduo.

Segundo Diniz, Barbosa e Santos (2009, p.67), existem pelo menos duas maneiras de se compreender a deficiência. A primeira pode ser entendida como uma manifestação da diversidade humana, considerado um corpo com impedimentos de ordem física, intelectual ou sensorial, já a segunda forma de entender a deficiência é sustentada pelo ponto de vista de ser uma desvantagem natural, pessoas com impedimentos corporais que são diferenciadas do restante. (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009, p. 67)

As deficiências abordadas nesta pesquisa, neuromotora, neuromuscular e transtorno do espectro do autismo, partiram da escolha do grupo ao terem entrado em contato com a instituição *Lumen et Fides* e pelo tratamento de habilitação oferecido a este público.

O transtorno do espectro autismo (TEA) é uma síndrome que pode ser percebida antes dos três anos de idade. Souza e Silva (2015, p.5) alegam que é

pela falta de sintonia diante de estímulos e que, na maioria dos casos, é diagnosticável pela escassez de afetividade. As crianças com TEA não reagem a atos de carinho, como por exemplo, abraços.

O diagnóstico do TEA é feito por uma equipe multidisciplinar, onde o paciente é observado em diferentes situações, para obter um diagnóstico preciso. Após ser diagnosticado o TEA, a família da criança deve recorrer a tratamentos específicos, que irão auxiliar a criança e sua rede de apoio, buscando possibilidades para melhorar a qualidade de vida, proporcionando bem-estar e para que a criança tenha a oportunidade de desenvolver os aspectos motores, sensoriais e de comunicação. (SOUZA; SILVA, 2015, p.5)

Para obter um diagnóstico preciso, os autores Souza e Silva (2015, p.6) explicam que é fundamental que a criança seja observada de forma física, psicológica e neurologicamente, sendo necessário fazer entrevistas com os pais para um melhor entendimento sobre o caso, além de exames para detecção de doenças genéticas e hereditárias.

O transtorno do espectro do autismo é caracterizado, “[...] por aspectos observáveis que indicam déficits na comunicação e na interação social, além de comportamentos repetitivos e áreas restritas de interesse.” (LUMEM ET FIDES, 2012, p.29)

De acordo com a revista *Lumen et Fides* (2012, p.29), “[...] essas características podem ser observadas antes dos três anos de idade, atingindo 0,6% da população, sendo considerada quatro vezes mais comum em meninos do que em meninas.”

O TEA é um distúrbio do desenvolvimento humano que vem sendo estudado pela ciência há quase seis décadas. Mello (2007, p.17) afirma que o autismo ainda não tem causas exatas, mas quase todos os estudos indicam ser de origem genética, o que ainda não confirmado pela ciência.

As causas do autismo são desconhecidas. Acredita-se que a origem do autismo esteja em anormalidades em alguma parte do cérebro ainda não definida de forma conclusiva e, provavelmente, de origem genética. Além disso, admite-se que possa ser causado por problemas relacionados a fatos ocorridos durante a gestação ou no momento do parto. (MELLO, 2007, p.17)

A psicóloga da *Lumen*, Soellyn Tofanelli²⁸, explica que o transtorno sucede de uma alteração em várias áreas. O aluno que tem o espectro encontra uma dificuldade na parte de socialização, comunicação, afetividade e na linguagem e cada uma dessas áreas tem a sua alteração. “[...] então, para cada alteração, não necessariamente ele vai ter todos os comprometimentos. Às vezes, dependendo do grau de comprometimento que o aluno tem, cada uma dessas áreas vai ser afetada, onde a gente vai trabalhando, na área da dificuldade maior.

As características do transtorno do espectro do autismo são inúmeras, conforme afirma a psicóloga²⁹.

O transtorno ele acaba tendo uma alteração em várias áreas. Então, o aluno que tem o espectro, ele tem uma dificuldade na parte de socialização, na parte de comunicação, na parte afetiva, e na parte de linguagem. Então, cada uma dessas áreas, vai tendo suas alterações, e não necessariamente em todas elas. Então, hoje nós temos alunos que são verbais, mas que tem comprometimento na parte afetiva, na parte de socialização, até mesmo na parte na escrita, verbalizam mas não conseguem se alfabetizar ou não conseguem desenvolver em outras áreas.

Cavalcanti e Rocha (2007, p.24) explicam que é dificultoso conceituar o autismo, pois enquanto a neurologia o descreve como uma síndrome, considerando o déficit da capacidade afetiva, da comunicação e da linguagem, a psiquiatria se divide entre considerá-lo um distúrbio psicoafetivo ou uma doença geneticamente determinada. “Desse ponto de vista, o autismo é definido como uma patologia precoce, um tipo específico de organização psíquica, marcada pelas ausências de linguagem e de relações objetais.”

Mello (2007, p.23) define o transtorno do espectro do autismo como uma alteração nas áreas de aprendizado e comunicação, caracterizado por desvios qualitativos na comunicação, na interação social, no uso da imaginação, no comportamento e na maneira de se organizar no espaço. “O diagnóstico precoce é importante para poder iniciar a intervenção educacional especializada o mais rapidamente possível.” (MELLO, 2007, p.23)

De acordo com o Art. 3º da Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012, que garante a proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista, (BRASIL,2012), a deficiência intelectual tem a garantia de:

²⁸ Soellyn Tofanelli. Psicóloga da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de psicologia da Lumen, 07 mar. 2017.

²⁹ Idem.

I - a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer; [...] III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo: a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo; b) o atendimento multiprofissional; c) a nutrição adequada e a terapia nutricional; d) os medicamentos; e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento; IV - o acesso: a) à educação e ao ensino profissionalizante; b) à moradia, inclusive à residência protegida; c) ao mercado de trabalho; d) à previdência social e à assistência social. (BRASIL, 2012)

Mello (2007, p.24) ainda ressalta que existem diferentes graus de dificuldade e patologias associados ao transtorno do espectro do autismo. “[..] há graus diferenciados de autismo e [...] intervenções adequadas a cada tipo ou grau de comprometimento.”

O autor (2007, p.32) ainda lembra que o transtorno do espectro do autismo não tem cura e, nem por isso pode ser considerado uma sentença de morte, mas para melhorar a perspectiva de vida da criança autista é importante fazer o uso de tratamentos e acompanhamentos voltados à área da saúde para o melhor desenvolvimento da criança. “Existem outras formas de tratamento, como tratamentos psicoterapêuticos, fonoaudiólogos, equoterapia, musicoterapia [...]” (MELLO, 2007, p.40)

O trabalho da *Lumen et Fides* no tratamento de crianças que possuem o transtorno do espectro do autismo é oferecer atividades que auxiliem no desenvolvimento comportamental, cognitivo e das áreas da comunicação e educação. “O objetivo é alcançar uma maior independência, possibilitando uma melhora no seu convívio social.” (LUMEM ET FIDES, 2012, p.29)

Além da habilitação do transtorno do espectro do autismo, a *Lumen et Fides* oferece atendimento a deficiência neuromotora e neuromuscular que também necessitam de recursos e tratamentos objetivos e específicos.

Schirmer et al. (2007, p.15) ressaltam que um dos papéis principais do sistema nervoso é o de coordenar e controlar a maior parte das funções corporais e para isso ele recebe informações de diferentes órgãos integrando todas elas, afim de determinar a resposta a ser executada pelo corpo. “Essa resposta será expressa pelo comportamento motor, atividade mental, fala, sono, busca por alimento, regulação do equilíbrio interno do corpo, entre outros.” (SCHIRMER et al., 2007, p.15)

A fisioterapeuta da instituição Rosimeire Peres³⁰ explica que a disfunção neuromotora é decorrente de uma lesão que afeta a parte motora do desenvolvimento. “A neuromotora ocorreu uma lesão neurológica ou antes, ou durante, ou após parto e aí essa lesão, muitas vezes ela não vai conseguir ter o controle da cabeça, não vai conseguir controlar o tronco.”

As disfunções neuromotoras, segundo Beidacki (2011, p.4), estão ligadas, na maioria das vezes, às dificuldades no controle muscular, atraso nas etapas do desenvolvimento motor e postural do indivíduo. “As patologias com dano no sistema nervoso central podem acarretar disfunções neuromotoras as mais variadas, a depender do grau e da localização”. Ainda segundo Beidacki (2011, p.4), a disfunção pode estar restrita à área motora, mas também pode ser associada ao déficit nas áreas sensoriais, psíquicas e cognitivas.

Para Schirmer et al. (2007, p.111), as crianças com disfunções neuromotoras necessitam de recursos específicos que supram suas necessidades posturais, como, por exemplo, assentos e encostos que alinhem e proporcionem estabilidade e conforto. “[...] soluções simples como almofadas de contenções laterais, cinto, apoio de cabeça, um apoio para os pés ou um simples antiderrapante no assento [...]” (SCHIRMER et al., 2007, p.111)

Deficiências neuromusculares, segundo Aranha (2006, p.17-18), são termos utilizados para as doenças caracterizadas como degenerativas e de debilitação gradual dos músculos. Os órgãos comprometidos são geralmente os músculos do esqueleto e músculos cardíacos. “Os sintomas começam a ser percebidos por volta do segundo ano de idade, já que a criança apresenta uma tendência de andar sobre as pontas dos pés e cair. [...] Quando chega à adolescência, o paciente geralmente não mais consegue andar.” (ARANHA, 2006, p.17-18)

A fisioterapeuta Rosimeire Peres³¹ ressalta as disfunções neuromusculares como sendo um problema que ocorre na musculatura do paciente caracterizando uma distrofia. “[...] ocorre uma lesão na parte muscular que vai debilitando o paciente, o músculo vai sendo substituído por gordura.”

³⁰ Rosimeire Peres. Fisioterapeuta da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da Lumen et Fides, 07 mar. 2017.

³¹ Idem.

Com esta deficiência aos poucos a criança vai deixando de andar, explica Peres³² “[...] é um movimento meio que inverso, na neuromotora a criança não tem e ganha, na neuromuscular a criança nasce bem e vai perdendo. São movimentos inversos.”

Segundo Schirmer et al. (2007, p.22), o comprometimento da função física acontece quando existe a falta de um membro, má formação ou deformação e alterações que comprometem o sistema muscular e esquelético.

É possível encontrar alterações motoras decorrentes de lesões no Sistema Nervoso. “Sabemos também que nem sempre a deficiência física aparece isolada e em muitos casos encontraremos associações com privações sensoriais (visuais e auditivas), deficiência mental, autismo etc.” (SCHIRMER et al., 2007, p.23)

Schirmer et al. (2007, p.27) ressaltam que na deficiência física encontram-se variados tipos e graus de comprometimento que requerem estudos sobre as necessidades específicas de cada indivíduo. Os tratamentos são tradicionalmente longos e, nos casos típicos, podem ser iniciados com medicamentos e atividades de desenvolvimento motor, cognitivo e sensorial. Após compreendido as deficiências neuromotoras, neuromusculares e o transtorno do espectro do autismo, o próximo passo foi identificar os atendimentos de educação e saúde para este público.

4.1.2 Educação

A educação oferecida na *Lumen et Fides* proporciona aos seus atendidos um ensino inclusivo de qualidade, para que possam ser inseridos na rede regular de ensino e educação. “A meta é oferecer uma proposta construtiva do conhecimento para que a aprendizagem seja significativa. As atividades são funcionais positivas e despertam o interesse do aluno, buscando a inclusão social e educacional.” (LUMEM ET FIDES, 2012, p.7)

Batista e Mantoan (2006, p.17) ressaltam que o atendimento educacional especializado provém de uma visão nova da educação especial que é sustentada legalmente e considerada uma das condições para o sucesso da inclusão escolar de alunos com deficiência. “Esse atendimento existe para que os

³² Rosimeire Peres. Fisioterapeuta da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da Lumen et Fides, 07 mar. 2017.

alunos possam aprender o que é diferente do currículo do ensino comum e que é necessário para que possam ultrapassar as barreiras impostas pela deficiência.”

Para os autores (2006, p.26), o atendimento educacional especializado deve garantir a inclusão escolar da criança e adolescente com deficiência, na medida em que são oferecidos o aprendizado e o conhecimento, ou seja, tudo aquilo que ele iria aprender em escolas comuns.

O ensino em escola especial não é facilitado, mas promove a compreensão do aluno, não é totalmente adaptado, mas permite ao aluno se adaptar as exigências de ensino e aprendizado. Portanto, a educação especial não substitui o ensino regular, mas complementa o que o ensino regular aplica (BATISTA, MANTOAN, 2006, p.26).

Vivarta (2003, p.56) explica que, quando se trata do direito à educação regular em escolas comuns: “Crianças, adolescentes e jovens com deficiência não costumam ser reconhecidos como titulares do direito à educação, como qualquer outra criança e, assim, ter os apoios especiais como complemento e não como substitutivo ao atendimento regular.” (VIVARTA, 2003, p. 56)

Segundo a diretora pedagógica da instituição, Perlla Roel³³, por ser uma escola exclusiva de educação especial, a *Lumen* pode adaptar o currículo. “Nós temos todos os nossos conteúdos acadêmicos que uma escola regular tem. Porém, nós conseguimos adaptar com estratégias diferenciadas até que essa criança possa aprender até de uma melhor forma.”

A pedagoga Sílvia Queiroz³⁴ ressalta que o objetivo da educação na *Lumen*, voltada às limitações múltiplas, é para que a criança adquira independência e supere suas dificuldades, e para isso a equipe pedagógica elabora um cronograma de atividades. “É um momento que a equipe senta para elaborar esse cronograma, sobre cada criança; ver algumas dificuldades, e o que a gente pode adaptar para cada criança”.

A forma de estimular seus alunos é diferenciada, conforme relata a professora Silvia³⁵.

³³ Perlla Roel. Diretora Pedagógica da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da instituição, 08 mar. 2017.

³⁴ Sílvia Queiroz. Pedagoga (Múltiplas) da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de educação para deficiência múltipla, 08 mar. 2017.

³⁵ Sílvia Queiroz. Pedagoga (Múltiplas) da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de educação para deficiência múltipla, 08 mar. 2017.

A brincadeira que eu faço com eles é voltado para as atividades pedagógicas, para a alfabetização, pro conhecimento que eles possam, todas as áreas, português, matemática, ciência, e a artes, que eu falo a questão do desenho, o que eu posso usar a minha imaginação, e isso eles precisam ser desenvolvidos, essas habilidades cognitivas elas têm que ser desenvolvida.

Queiroz³⁶ destaca que a importância do ensino em suas aulas é proporcionar também a socialização entre seus alunos.

O ensino, segundo Paula e Costa (2007, p.8), oferece a oportunidade de convívio e relacionamento com diferentes pessoas. A criança aprende a perceber suas próprias características, e as diferenças entre ela e o outro. “Dessa forma, ela vai passar por muitas experiências novas e, assim, vai agir, reagir e mudar sua forma de pensar, criar um jeito próprio de se relacionar com o mundo”. (PAULA; COSTA, 2007, p.8)

Para a pedagoga da *Lumen*, Liryan Rocha³⁷, é de suma importância para o desenvolvimento o relacionamento da pessoa com deficiência. “Neste momento ela não vai tá só na sala dela, mas com todas as salas, que a gente também estimula pra que um tenha contato com o outro, a valorização do contato com outras crianças, com os outros profissionais.”

Outro trabalho importante para o desenvolvimento da pessoa com deficiência múltipla na *Lumen* é a educação funcional. Maria José Marquesi³⁸ relata que este atendimento foi implantado no setor de Programação 1, no ano de 2013, e que sua função é a ressocialização. “[...] têm muitos que nunca nem conseguiram ir para outras escolas, ficaram sempre aqui. Então, com determinada idade não podia permanecer nesse setor da educação, ficava só no setor da saúde, aí com a implantação deste sistema, pode voltar para a sala de aula.”

A pedagoga³⁹ desenvolve um trabalho mais voltado à colagem, pintura e pintura livre; com aluno de faixa etária de 15 até com 26 anos. “A participação deles, sempre assim, não deixa de ser na escrita e na leitura, é mais visual. A gente tenta sempre estar em contato, interagindo com eles na realização das atividades.”

³⁶ Sílvia Queiroz. Pedagoga (Múltiplas) da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de educação para deficiência múltipla, 08 mar. 2017.

³⁷ Liryan Rocha. Pedagoga (Múltiplas) da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de educação para deficiência múltipla, 08 mar. 2017.

³⁸ Maria Marquezi. Pedagoga (Múltiplas) da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de educação para deficiência múltipla, 06 mar. 2017.

³⁹ Idem

O ensino pedagógico da Programação 1 (P1), segundo a coordenadora pedagógica Ana Paula Soares⁴⁰ é voltado à estimulação precoce devido ao comprometimento das crianças, em razão disso, as pedagogas buscam o que é prazeroso à educação, mesmo sendo complicado ensinar a criança por conta de seu comprometimento motor e cognitivo.

Diferentemente da educação pedagógica na P1, o ensino na interação é baseado em métodos que visam à organização e estabelecem uma rotina a ser seguida pelos alunos. Um dos métodos de ensino estruturado utilizado é o TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and related Communication- handicapped Children* / Tratamento e educação de crianças portadoras de deficiência autista relacionadas com a comunicação) que compreende em um painel de rotina, mesa de ensino estruturado, mesa de trabalho independente e o pareamento de figura, conforme relata a coordenadora Ana Paula Soares⁴¹.

O painel de rotina é onde a criança consegue se organizar melhor no seu dia a dia, e nos trabalhos pedagógicos realizados dentro da sala de aula. A mesa de aprendizado é onde o professor ensina aquilo que ele ainda não adquiriu, qualquer habilidade que ele ainda não tenha adquirido. A mesa de trabalho independente é onde ele realiza sozinho essas atividades, pra que ele possa realizar essas atividades sozinho sem o auxílio do professor, e o pareamento de figuras ele consegue uma maior independência, é onde ele consegue nos falar e buscar aquilo que realmente ele quer pelo pareamento de figuras.

O TEACCH é um método desenvolvido nos anos 60 que, de acordo com Mello (2007, p.36), foi criado no Departamento da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, e atualmente é utilizado em vários locais. “O TEACCH foi idealizado e desenvolvido pelo Dr. Eric Schoppler, e atualmente tem como responsável o Dr. Gary Mesibov.” (MELLO, 2007, p.35)

Para o autor (2007, p.36), o método TEACCH é baseado em uma organização do ambiente físico através de rotinas, quadros, painéis ou agendas, a fim de tornar fácil a compreensão da criança e poder compreender o que se espera dela. “Através da organização do ambiente e das tarefas da criança, o TEACCH visa desenvolver a independência da criança de modo que ela necessite do professor

⁴⁰ Ana Paula Soares. Coordenadora Pedagógica da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de educação da Lumen. 08 mar. 2017

⁴¹ Idem.

para o aprendizado, mas que possa também passar grande parte de seu tempo ocupando-se de forma independente.”

O método utiliza uma avaliação chamada PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado), que segundo Mello (2007, p.36), trata de avaliação dentro do método TEACCH que serve para analisar a criança, levando em conta os seus pontos fortes e suas dificuldades, tornando possível um programa de ensino individualizado.

A pedagoga Edna Pereira⁴² relata que seu trabalho, na instituição para o transtorno do espectro do autismo, visa criar o elo de confiança da criança para seu desenvolvimento. “Através disso, eles desenvolvem, mostram o que sabem e o que não sabem para mim, e isso acaba dando um espaço para que eu possa entrar no mundo deles e compreender um pouco.”

A pedagoga⁴³ relata que busca uma maior autonomia para com seus alunos:

Eles irem ao banheiro sozinho, de se vestirem sozinhos, comer sozinho, de ter a autonomia de ir ao armário pegar a pasta com o seu caderno e voltar e colocar na mesa, tudo isso é um trabalho, porque eles não têm ainda essa noção e a gente tem. Diariamente trabalho com isso, para eles alcançar isso e em casa também, para ter mais autonomia não ficar o tempo inteiro parado, então a gente não permite muitas vezes deixa ele ansioso.

Crianças com deficiência convivem e aprendem a lidar com suas dificuldades em um ambiente novo que se encontra fora do círculo familiar ao que estão acostumadas. “Essa convivência vai trazer muito benefícios para seu futuro, pois a escola, como um recurso da comunidade, representa a sociedade tal como ela é”. (PAULA; COSTA, 2007, p.10)

O papel da escola especial inclusiva, como a *Lumen*, se caracteriza por aceitar, respeitar e valorizar as diferenças do outro, sendo ele menino ou menina, negro ou branco, deficiente físico ou mental. “É uma escola construída sob o princípio da educação como direito de todos os cidadãos. É um objetivo a ser alcançado pela luta por uma escola pública gratuita e de qualidade”. (PAULA; COSTA, 2007, p.10).

⁴² Edna Pereira. Pedagoga (Interação) da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de educação ao transtorno do espectro do autismo, 06 mar. 2017.

⁴³ Idem

Paula e Costa (2007, p.12) ressaltam a importância de que a escola respeite cada criança como tal, cada uma com seu jeito de aprender, dessa maneira respeitando também os seus interesses. Segundo a coordenadora pedagógica da Interação, Ana Paula Soares⁴⁴, “Os professores são orientados a respeitar essas dificuldades dele; porém, aos poucos ir inserindo novos conceitos, novas formas de trabalho, com muita atenção, respeitando as questões que são do autismo, que já são umas dificuldades deles.”

Outro método utilizado para os autistas não verbais é o PECS (*Picture Exchange Communication System* - Sistema de Comunicação por Troca de Figuras). Segundo a terapeuta ocupacional da *Lumen et Fides*, Eziléia Gargel⁴⁵, o PECS é uma metodologia para estimular a comunicação verbal e não verbal dos nossos pacientes “[...] o objetivo principal da terapia do PECS é estimular a comunicação dele, pra que ele tenha mais independência, mais autonomia pra tá pedindo o que ele quer, pra tá mostrando o que ele deseja.”

Souza e Silva (2015, p.8) explicam que o método por ser uma forma de comunicação por troca de figuras e uma ferramenta importante para as crianças com o transtorno do espectro do autismo, principalmente aquelas que não possuem a linguagem falada.

O PECS, de acordo com Mello (2007, p.39), foi desenvolvido para ajudar crianças e adultos com autismo e com outros distúrbios de desenvolvimento a fim de adquirir e desenvolver as habilidades de comunicação e que visa ajudar a criança a perceber que, através da comunicação, pode conseguir muito mais rapidamente as coisas que deseja, estimulando-a, assim, a comunicar-se.

Batista e Mantoan (2006, p.20) entendem que o atendimento educacional especializado para a criança ou adolescente com deficiência deve permitir que essa criança ou adolescente deixe de lado a posição de “não-saber”, ou de “recusa de saber” e se aproprie de um conhecimento que lhe é próprio, que ele mesmo construiu. (BATISTA; MANTOAN, 2006, p.20)

⁴⁴ Ana Paula soares. Coordenadora Pedagógica da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de educação da Lumen. 08 mar. 2017

⁴⁵ Eziléia Gargel. Terapeuta Ocupacional da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de terapia ocupacional da Lumen, 10 mar. 2017.

O trabalho realizado pela pedagoga da *Lumen et Fides*, Rosa Maria de Lima⁴⁶ faz referência às habilidades de cada atendido:

Com os nossos adolescentes, através também da rotina estruturada, partindo de algo que eles já sabem, descobrindo as habilidades. A gente injeta as áreas do conhecimento, trabalha-se a matemática partindo de uma coisa simples que é a culinária, dentro da culinária a gente consegue trabalhar as 4 operações, e eles conseguem aprender ludicamente aquilo que para eles, o abstrato que é tão difícil pro autista. Ele consegue aprender de maneira prática, a quantidade, as cores, os cheiros, os gostos, que seria a ciência, a geografia, a história do alimento, tudo isso dentro de uma única atividade prática e prazerosa.

De acordo com Schirmer et al. (2007, p.28), os professores do ensino educacional especializado têm por função oferecer recursos para o acesso ao ambiente escolar e por sua vez ao conhecimento. “Proporcionam, ao educando com deficiência, maior qualidade na vida escolar, independência na realização de suas tarefas, ampliação de sua mobilidade, comunicação e habilidades de seu aprendizado.”

Schirmer et al. (2007, p.17) ressaltam que o ambiente escolar é para qualquer criança um espaço de interação de uma com as outras. Nesse espaço é possível perceber a motivação e a comunicação das crianças, bem como sua necessidade de se locomover, entre outras habilidades.

O aprendizado de habilidades ganha muito mais sentido quando a criança está imersa em um ambiente compartilhado que permite o convívio e a participação. A inclusão escolar é a oportunidade para que de fato a criança com deficiência física não esteja à parte, realizando atividades meramente condicionadas e sem sentido. (SCHIRMER et.al, 2007, p.17)

O ambiente escolar proporciona desafios de aprendizagem à criança. Schirmer et al. (2007, p.18) afirmam que privar o aluno do ensino é o mesmo que impedi-lo de se desenvolver e evoluir, quanto mais desafios propostos, mais essa criança vai responder aos mesmos e irá desenvolver suas habilidades perdidas, ou antes, nunca desenvolvidas.

Se propusermos situações de acordo com a limitação da criança, ela não encontrará motivos para se sentir desafiada. Uma criança com atraso no desenvolvimento motor, ou com uma paralisia cerebral, quando incluída em

⁴⁶ Rosa Maria de Lima. Pedagoga (Interação) da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de educação ao transtorno do espectro do autismo, 06 mar. 2017.

ambiente escolar inclusivo, tem inúmeras razões para se sentir provocada a desenvolver habilidades que não desenvolveria em um ambiente segregado. (SCHIRMER et.al, 2007, p.18)

Aprender, para Gomes et al. (2007, p.17), é considerada uma ação humana criativa, individual, heterogênea e disciplinada pela criança em aprendizado, independente de suas condições físicas, motoras ou mentais ser mais ou menos privilegiada. “São as diferentes idéias, opiniões e níveis de compreensão que enriquecem o processo escolar e clareiam o entendimento dos alunos e professores.”

O atendimento de educação especial recebe várias denominações em diversos locais, segundo Paula e Costa (2007, p.17) o ensino normalmente é chamado de serviço de apoio pedagógico especializado, serviço de atendimento educacional especializado, entre outros.

De acordo com Vieira e Pereira (2003, p.20), atualmente a educação possui uma importância significativa com a finalidade de oferecer um futuro melhor a quem deseja. As instituições de atendimento educacional especial foram evoluindo e buscando inserir a educação, preocupando-se não apenas com a saúde, mas visando o ensino à educação, “[...] deixando o pessoal técnico de ser constituído essencialmente por enfermeiros, que progressivamente foram substituídos por pessoas com uma formação mais voltada para a educação.” (VIEIRA; PEREIRA, 2003, p.22)

Na *Lumen*, segundo a diretora pedagógica Perlla Roel⁴⁷, todos os profissionais são capacitados e têm como objetivo da inclusão social, a inclusão escolar. “O desenvolvimento das habilidades motoras dessa criança, da parte cognitiva, da área social, para que essa criança consiga se inserir a sociedade e se inserir na sua própria família e que ela também consiga ter qualidade de vida.

E para a educação ser inserida nas instituições especiais, os autores (2003, p. 24) lembram que é importante incluir profissionais de diversas formações que tenham um conhecimento teórico e técnico. “[...] embora se tenha mantido durante anos uma certa tendência para cada um utilizar os seus conhecimentos de forma isolada e sem verdadeira interação.” (VIEIRA, PEREIRA, 2003, p.24)

⁴⁷ Perlla Roel. Diretora Pedagógica da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da instituição, 08 mar. 2017.

Batista e Mantoan (2006, p.27) explicam que, na formação de professores especializados, além da graduação, é proposto que tenham cursos especializados em educação de pessoas especiais, cada qual focado em uma determinada deficiência “[...] diferenciando essa formação daquela para professores do ensino regular, mas formação em ciência da educação continua sendo a base da formação desse e de todos os professores.”

Um desses casos é o da pedagoga Silvia Queiroz⁴⁸, a qual compreende que a busca por conhecimento tem que ser sempre constante. “[...] eu procurei sempre fazer curso voltado para a área de educação especial, depois eu fui fazer pós na área de educação especial, com ênfase na área de deficiência múltiplas, buscando, reformulando a nossa prática”

Os cursos de formação, segundo Batista e Mantoan (2006, p.31), propiciam a construção de uma identidade própria para a equipe pedagógica, pois anteriormente era conhecido como um modelo de auxiliar a reabilitação de pessoas com deficiência. “Percebeu-se que os profissionais da educação retificaram a sua posição passando a se colocar como atores do processo educacional, vislumbrando uma desvinculação da dependência do saber clínico.” (BATISTA; MANTOAN, 2006, p.31)

Para Blascovi-assis (2001, p.100), a preparação desses profissionais para exercer o trabalho educacional com pessoas deficientes, seja na escola, clínica ou instituição “[...] merece ser revisto com atenção, já que principalmente aqueles provenientes de áreas técnicas recebem pouca ou nenhuma informação sobre o trabalho em grupo ou a equipe disciplinar.” (BLASCOVI-ASSIS, 2001, p.100)

A contribuição da *Lumen* na área da educação é oferecer um atendimento pedagógico de qualidade visando o desenvolvimento do aluno e a sua interação e socialização. “A meta é oferecer uma proposta construtiva do conhecimento para que a aprendizagem seja significativa.” (LUMEN ET FIDES, 2010, p.7). Compreendido o atendimento de educação na instituição, o próximo passo é adquirir conhecimento sobre a saúde.

⁴⁸ Silvia Queiroz. Pedagoga (Múltiplas) da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de educação para deficiência múltipla, 08 mar. 2017.

4.1.3 Saúde

Os tratamentos voltados à área da saúde foram uma das preocupações iniciais dos fundadores da instituição, que buscavam realizar atendimentos tanto da área pedagógica quanto da saúde em um só lugar. O objetivo da *Lumen et Fides* “[...] é oferecer um tratamento especializado e diferenciado, buscando sempre o bem estar do paciente através de terapias complementares.” (LUMEM ET FIDES, 2012, p.6)

A instituição atende pacientes com diversas patologias relacionadas as disfunções neuromotoras e neuromusculares e também ao transtorno do espectro do autismo. Os tratamentos prestados pela *Lumen* aos seus assistidos, além de oferecer a habilitação ainda colaboram para o desenvolvimento da criança, tanto motor quanto cognitivo, de forma prazerosa. “Para isso, a *Lumen* conta com uma equipe de profissionais multidisciplinares especializados.” (LUMEM ET FIDES, 2012, p.6).

A equipe da saúde realiza um trabalho interdisciplinar, todos com o mesmo objetivo conforme diz a coordenadora de saúde, Luciana Tanaka⁴⁹.

Os atendimentos da área da saúde aqui na *Lumen*, é o de fisioterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, é temos também psicologia, o suporte na área de assistência social, de psicóloga, de nutrição, enfermagem e também suporte médico na área de pediatria, psiquiatria e neurologia.

A *Lumen* oferece atendimento familiar com a assistência social para dar início aos tratamentos do assistido. A assistente social Lucimar Navarro⁵⁰, relata que normalmente são os pais que procuram a instituição:

A partir de uma busca espontânea da família, nós agendamos uma anamnese para a família, após essa anamnese numa outra data a gente entra em contato com a família, agenda uma triagem técnica onde a criança vai passar por avaliação com a equipe multidisciplinar da Lumen. Essa equipe é formada por fonoaudiólogos, fisioterapeutas, terapeuta ocupacional, psicóloga, as médicas, ai essa equipe vai falar pra gente se essa criança é um caso legível de receber os atendimentos especializados.

⁴⁹ Luciana Tanaka. Coordenadora de Saúde da Lumen et Fides. Entrevista sobre os atendimentos de saúde na Lumen, 09 mar. 2017.

⁵⁰ Lucimar Navarro. Assistente Social da Lumen et Fides. Entrevista sobre a assistência social da Lumen, 06 mar. 2017.

Segundo o Art. 16. da Lei nº 7.853 (BRASIL, 1999), que dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, no parágrafo 2º “A deficiência ou incapacidade deve ser diagnosticada e caracterizada por equipe multidisciplinar de saúde, para fins de concessão de benefícios e serviços.” Neste estudo foram listados os atendimentos individualizados que visam o desenvolvimento ou prestam apoio à pessoa com deficiência na *Lumen et Fides*.

A assistência social, segundo Vivarta (2003, p.29), é um direito que deve ser prestado às famílias e a todo cidadão. Dessa forma, a pessoa com deficiência que estiver nesta condição recebe auxílio e assistência. “[...] as ações e os programas da assistência social, como está definido na legislação, devem ter sempre por objetivo a habilitação, a reabilitação e a inclusão das pessoas na sociedade.”

Lucimar Navarro⁵¹ ressalta ser um direito da pessoa com deficiência receber o Benefício de Prestação Continuada (BPC) e explica que “O Benefício de Prestação Continuada, é um direito da criança com deficiência, quando a renda familiar é igual ou inferior a ¼ do salário mínimo”.

Para Diniz, Medeiros e Barbosa (2010, p.61), o BPC é destinado à proteção tanto às pessoas deficientes quanto aos idosos que comprovem não possuir meios de prover seu próprio sustento. O benefício faz parte da política de assistência social e é um direito assegurado constitucionalmente a todos que dele necessitam.

O Benefício de Prestação Continuada (BPC) é um programa assistencial que transfere mensalmente o valor de um salário mínimo a seus beneficiários. São elegíveis ao BPC idosos e pessoas cuja deficiência é considerada incapacitante para o trabalho, nos dois casos devendo o beneficiário ter rendimentos familiares per capita inferiores a um quarto de salário mínimo. (DINIZ; MEDEIROS; BARBOSA; 2010, p.113-114)

O trabalho de assistente social na instituição, além de encaminhar a família para os serviços disponíveis na sociedade, é o de acolher a família, realizar a coleta de dados e proporcionar a essa família, através de grupos de atividades realizado com os pais, a compreensão da realidade vivenciada conforme afirma Navarro⁵²:

⁵¹ Lucimar Navarro. Assistente Social da Lumen et Fides. Entrevista sobre a assistência social da Lumen, 06 mar. 2017.

⁵² Idem

Identifico as reais necessidades individuais e coletivas dessas famílias e trabalho o enfoque da garantia de direito e a inclusão no atendimento. Nós fazemos o Grupo Operativo semanalmente, onde eu a psicóloga e a psiquiatra também participamos desse grupo e a família consegue compreender mais a realidade vivenciada através de orientações, de trocas nesse grupo.

Aranha (2004, p.7) ressalta ser necessário que a família construa conhecimento sobre as necessidades de seus filhos, visando desenvolver as competências e as potencialidades e que também é importante que os profissionais desenvolvam relações saudáveis e respeitadas, a fim de garantir maior eficiência e alcance de seus objetivos para com a criança. “É importante se prover de cuidados e apoio à família e à comunidade, para que as crianças e adolescentes tenham condições favoráveis para um desenvolvimento saudável.” (ARANHA, 2004, p.7)

O trabalho da neuropediatria na instituição, segundo a médica Renata Witter, é o de examinar os casos de atendidos neuropatas e oferecer tratamento de acordo com seu diagnóstico. “São casos mais neurológicos: crianças cadeirantes, crianças que não andam, não falam que tem crises convulsivas.”

Renata Witter⁵³ explica que na *Lumen* a decorrência de problema neurológico geralmente vem associado à prematuridade, pois o cérebro ainda não está totalmente formado e não possui um fluxo sanguíneo adequado, causando uma lesão neurológica que compromete os desenvolvimentos motor e psíquico do paciente. “Essa lesão vai dar um problema neuromotor e a criança que irá ficar debilitada, por isso que ela tem que fazer um acompanhamento multidisciplinar.” A médica⁵⁴ ressalta que para um tratamento eficaz é importante a estimulação da criança e o acompanhamento de diversos profissionais de outras áreas terapêuticas.

O atendimento da fonoaudiologia na instituição, segundo Ana Paula Janial⁵⁵, abrange vários aspectos como a comunicação oral e a escrita. A fonoaudióloga⁵⁶ explica que cada criança tem a sua particularidade, algumas verbalizam outras não. Neste caso, os estímulos variam de acordo com as necessidades de cada atendido, seja ela verbal, cognitiva ou de raciocínio. Quando

⁵³ Renata Witter. Médica Neuropediatra da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho médico da Lumen, 06 mar. 2017.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Ana Paula Janial. Fonoaudióloga da Lumen et Fides. Entrevista sobre atendimento de fonoaudiologia na Lumen, 06 mar. 2017.

⁵⁶ Idem.

ao desenvolvimento da fala, Janial⁵⁷ ressalta que para uma criança com deficiência varia do prognóstico do atendido e o trabalho é realizado a longo prazo. “Eu vejo se a criança demonstra alguma intenção de comunicação, se ela não demonstrar a gente entra com as estratégias [...] ou com a comunicação alternativa que é por meio de figuras”.

Outra contribuição da fonoaudiologia na instituição, segundo Janial⁵⁸, é o estímulo à mastigação e deglutição dos pacientes em parceria com a área da nutrição. “Elabora o cardápio em cima da minha avaliação com a consistência que eu indiquei, se é pastoso, se é sólido né, se o líquido precisa utilizar o espessante, engrossante do líquido.”

Após a nutricionista Ana Carina Pasquinelli⁵⁹ receber uma avaliação prévia da fonoaudióloga, é elaborado cardápio a fim de oferecer uma alimentação variada e rica em nutrientes, de acordo com a necessidade de cada criança. “Ela vai passar pra mim se é geral, branda ou pastosa.”

O atendimento da nutrição na instituição, segundo Pasquinelli⁶⁰, tem o intuito de promoção de saúde e qualidade de vida dos pacientes a fim de prevenir possíveis doenças. “Nós trabalhamos também na prevenção de doenças e também no tratamento, onde é prescrito dieta de acordo com cada patologia e mais a promoção de saúde e qualidade de vida.”

Já o atendimento psicológico de acordo com a psicóloga Soellyn Tofanelli⁶¹, não visa apenas ao atendimento dentro do consultório, mas também trabalhar dentro de uma sala de aula, em atendimentos terapêuticos. “Têm alunos que a eu atendo na equoterapia, ou na parte de alimentação, ou na parte dos cuidados básicos em sala de aula ou em outras terapias.”

Trabalhar as emoções principalmente aquelas com o transtorno autista não é tão simples e se não forem trabalhadas da maneira correta alteram o comportamento da criança segundo a psicóloga⁶²:

⁵⁷ Ana Paula Janial. Fonoaudióloga da Lumen et Fides. Entrevista sobre atendimento de fonoaudiologia na Lumen, 06 mar. 2017.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Ana Carina Pasquineli. Nutricionista da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de nutrição na Lumen.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Soellyn Tofanelli. Psicóloga da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de psicologia da Lumen, 07 mar. 2017.

⁶² Idem.

[...] quanto mais dificuldades e quanto mais desordem cognitiva ele tiver, mais dificuldade de fazer a leitura das emoções também, então isso independente ser um aluno verbal ou não, o que vai diferenciar é a questão da cognição. Então quanto mais alteração cognitiva ele tiver, mais dificuldade ele vai ter de entender essa estrutura.

Soellyn Tofanelli⁶³ explica que os objetivos do atendimento psicológico são direcionados para a compreensão do atendido em tudo que ele pensa, sente e entende daquilo que é sentido, a fim de diminuir a alteração de comportamento da criança. “O trabalho é estruturado na compreensão do eu, para essa estruturação do eu, então para cada aluno vai ser direcionado de uma maneira.”

O trabalho da fisioterapia na *Lumen*, segundo a fisioterapeuta Rosimeire Peres⁶⁴, é baseado no método *Bobath*. “Um método neuro evolutivo, que a criança passa do deitado, pro controle de cabeça, pro controle de tronco. Então, objetivo é sempre esse que a gente busca nos pacientes o desenvolvimento motor normal.”

Outro atendimento oferecido pela instituição é a terapia ocupacional. Segundo a terapeuta Eziléia Gargel⁶⁵, o trabalho é voltado na reabilitação, prevenção e na manutenção das disfunções físicas, mentais e sociais, da pessoa com deficiência neuromotora, neuromuscular e o transtorno do espectro do autismo, por meio de atividades do cotidiano. “O objetivo da terapia ocupacional é melhorar a qualidade de vida do indivíduo, tornando ele mais independente e melhorando a sua participação tanto na escola, como na comunidade em que ele vive.”

Além desses atendimentos a *Lumen* oferece terapias complementares, como terapia aquática, equoterapia, integração sensorial, *Picture Exchange Communication System* (PECS) e o *Relation play*.

A terapia aquática (hidroterapia) na instituição é a combinação de técnicas de exercícios físicos e terapêuticos. “A água ajuda os pacientes a realizarem os exercícios de forma mais fácil e com mais liberdade nos movimentos. Trabalha o físico e estimula o psicológico, melhorando a autoconfiança.” (LUMEN ET FIDES, 2012, p.09)

⁶³ Soellyn Tofanelli. Psicóloga da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de psicologia da Lumen, 07 mar. 2017.

⁶⁴ Rosimeire Peres. Fisioterapeuta da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da Lumen et Fides, 07 mar. 2017.

⁶⁵ Eziléia Gargel. Terapeuta Ocupacional da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de terapia ocupacional da Lumen, 10 mar. 2017.

A equoterapia proporciona a melhora do equilíbrio, postura de tronco ereto, coordenação dos movimentos, além de estimular aspectos cognitivos como a atenção, concentração, memória, motivando a aprendizagem (LUMEN ET FIDES, 2012, p.27). Cada realidade de atendimento é um animal diferente, então a terapia vai de acordo com a necessidade de cada praticante segundo o equitador de equoterapia, Alessandro Farias⁶⁶:

A equipe em conjunto avalia, eu preciso de um determinado animal, de dorso mais largo, de passo mais lento, mais acelerado, para cada necessidade. Então você vai ser bem minucioso na escolha desse animal, não é somente um cavalo, isso é um instrumento terapêutico e além de tudo é um instrumento ser vivo. Ele não vai falar, ele simplesmente vai agir, então você tem que ser perspicaz para avaliar a necessidade do praticante, e adequar o animal pra necessidade.

A integração sensorial, segundo a fisioterapeuta Rosimeire Peres⁶⁷, funciona como um parque de diversões adaptado para criança com alteração. “A criança pode escalar, ela pode ir num balanço, ela pode ir numa prancha, ela pode ir tipo uma gangorra, cada espaço favorece ela desenvolver algumas habilidades que uma criança.”

Em novembro de 2014, cinquenta profissionais foram capacitados para trabalhar com o método *Picture Exchange Communication System* (PECS) ou Sistema de Comunicação por Troca de Figuras. Este método, segundo a terapeuta ocupacional, Eziléia Gargel⁶⁸, ele é uma metodologia para estimular a comunicação verbal e não verbal dos pacientes “[...] o objetivo principal da terapia do PECs é estimular a comunicação dele, pra que ele tenha mais independência, mais autonomia pra tá pedindo o que ele quer, pra tá mostrando o que ele deseja.”

Em 2015, a *Lumen* aderiu o método *Relation play* que “[...] visa desenvolver o auto-conhecimento da criança através da consciência de seu corpo e do espaço que a cerca, pelo ensino do movimento consciente.” (MELLO, 2007, p.16)

⁶⁶ Alessandro Farias. Equitador de Equoterapia da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de equoterapia da Lumen, 11 mar. 2017.

⁶⁷ Rosimeire Peres. Fisioterapeuta da Lumen et Fides. Entrevista sobre a história da Lumen et Fides, 07 mar. 2017.

⁶⁸ Eziléia Gargel. Terapeuta Ocupacional da Lumen et Fides. Entrevista sobre o trabalho de terapia ocupacional da Lumen, 10 mar. 2017.

A coordenadora de saúde Luciana Tanaka⁶⁹ relata que o *relation play* é uma aprendizagem através do movimento.

A *Lumen* oferece todos os atendimentos acima citados para habilitação das deficiências múltiplas e o transtorno do espectro do autismo. No que diz respeito a Programação 1, ela contempla a área da saúde e educação. A Programação 2 atende apenas o setor da saúde. Já a Interação realiza os atendimentos tanto na saúde como na educação. Todo desenvolvimento prático do videodocumentário *Sonhos de Maio* pode ser acompanhado no memorial descritivo.

⁶⁹ Luciana Tanaka. Coordenadora de Saúde da Lumen et Fides. Entrevista sobre os atendimentos de saúde na Lumen, 09 mar. 2017.

5 MEMORIAL DESCRITIVO

5.1 A Ideia

Trabalhar com audiovisual sempre foi a escolha dos integrantes do grupo, que se formou desde o quarto termo da graduação. A primeira formação foi composta por Lucas Araújo, Rafaela Garbal, Shorrayla Duda, Wesley Murici e Weverson Nascimento, todos com o mesmo propósito.

O interesse por audiovisual aumentou durante o período de estudo, quando quatro dos pesquisadores participaram do estágio da TV Facopp Online e aprimoraram os conhecimentos nesta área.

Após o estágio a escolha do grupo sempre foi optar por um trabalho que tivesse valor e transformação social. Para isso, os pesquisadores assistiram alguns videodocumentários da Facopp: “Jupyra”, “Apostas”, “A oitava cor”, “Além da muralha” e “A fé entre os rios”.

No sétimo termo o grupo procurou a professora Thaisa Bacco para conversar sobre a ideia de documentar algo relacionado à pessoa com deficiência e pedir uma orientação sobre o videodocumentário. Foi então que a professora sugeriu conhecer o trabalho da instituição *Lumen et Fides* em Presidente Prudente.

No dia 25 de agosto de 2016, o grupo fez a sua primeira visita na instituição, a fim de conhecer o espaço e trabalho desenvolvido para a pessoa com deficiência. Os alunos foram recebidos pela diretora pedagógica Perlla Roel, que apresentou a entidade e requisitou uma carta convite declarando o objetivo do projeto para diretoria e presidência da instituição. No mesmo dia o grupo enviou o e-mail.

A partir desta data, o projeto foi sendo desenvolvido teoricamente e no dia 9 de setembro de 2016 o grupo recebeu autorização para execução da pesquisa por meio do presidente da instituição Vandik Souza Fernandes.

Foram dias de pesquisas, leituras de livros e artigos até a elaboração final do pré-projeto. Com o pré-projeto pronto, no dia 22 de novembro o grupo apresentou a proposta de pesquisa para a banca de qualificação composta pelos professores Maria Luisa Hoffmann, Giselle Tomé, Homéro Ferreira, Thaisa Bacco e Thiago Ferri, que por fim aprovou a ideia do grupo, colocando algumas observações para enriquecer o projeto.

Os professores orientaram o grupo a um novo encaminhamento quanto ao objetivo geral. Antes era retratar, através de videodocumentário a história, habilitação e reabilitação de deficientes com limitações múltiplas e transtorno do espectro do autismo. Com a mudança, passou a ser documentar as contribuições do trabalho da instituição *Lumen et Fides* ao longo de 30 anos na história de deficientes com limitações múltiplas e transtorno do espectro do autismo.

A partir da aprovação do pré-projeto, a professora Dr^a Thaisa Bacco passou a ser orientadora do grupo. No dia 29 de novembro foi realizada a primeira orientação para os ajustes necessários, para cadastrar o pré-projeto como pesquisa no Programa Especial de Iniciação Científica (PEIC) da Unoeste e na Plataforma Brasil.

Além disso, as orientações ficaram definidas para todas as terças-feiras às 7h30 no laboratório de TV da Facopp. A primeira foi no dia 07 de fevereiro de 2017. A orientadora também disponibilizou ao grupo um cronograma de atividades de todo o semestre, no qual cada semana deveria ser cumprida uma certa tarefa.

5.2 Desenvolvimento teórico

Do final de dezembro de 2016 até o começo de 2017, o grupo deu início à pesquisa teórica. No total, foram estudadas 82 referências, entre livros e fichamentos que tratassem de documentário, deficiência, *Lumen et Fides*, jornalismo humanizado e metodologia, porém, para o uso desta pesquisa foram utilizados 78 autores.

Realizado o levantamento bibliográfico, os integrantes dividiram o que cada um iria ler e fichar dos materiais encontrados. Os pesquisadores também decidiram contribuir com um valor mensal para futuros gastos com o projeto. Cada integrante deveria colaborar com R\$ 50, até a finalização do trabalho.

Em meio aos fichamentos, o grupo se reuniu de 9 a 20 de janeiro de 2017 na casa de Shorrayla Duda. O objetivo dos encontros era para discutir sobre a pesquisa e dar início à escrita do capítulo Jornalismo e Documentário. Além disso, os pesquisadores assistiram documentários que retratassem deficiência.

Os documentários assistidos foram: Um só mundo (2014), Amor Azul – um videodocumentário sobre autismo, amor, pais e filhos (2014), Cuerdas (2013) e

Como eu era antes de você (2016). Mas ainda faltava assistir aquele que seria inspiração para o modelo estético.

Optou-se pela estética do documentário Amazônia Eterna (2014), o qual serviu de embasamento na escolha de planos e enquadramentos, uso de foco, projeto videográfico e fontes. Um integrante do grupo pediu a ajuda de um amigo para identificar quais fontes foram utilizadas pelo documentário que acabara de ter como referência.

Após os pesquisadores terem assistido aos videodocumentários como referência e com os fichamentos em mãos, deram início à escrita do capítulo 3 - Jornalismo e Documentário. Na segunda semana em que o grupo realizava os encontros para a construção do capítulo, o aluno Lucas Araújo se desligou da pesquisa após uma desavença com o grupo.

Na sequência, o próximo passo seria o início da pesquisa de campo marcada para dia 16 de janeiro. A diretora pedagógica da Lumen, Perlla Roel, remarcou para a semana seguinte, pois naquela semana seria para adaptação de novas crianças na instituição.

5.3 Apuração

Antes de o grupo iniciar a pesquisa de campo, a orientadora sugeriu que definisse uma função para cada pesquisador. Rafaela Garbal ficou com a função de produtora. Shorrayla Duda ficou com a função de repórter. Wesley Murici ficou com a função de cinegrafista e Weverson Nascimento ficou com a função de cinegrafista e diretor. Mas ao longo do processo, foi necessário desempenhar mais funções do que o estabelecido.

No dia 23 de janeiro, o grupo iniciou a pesquisa de campo na instituição. O objetivo seria conhecer a fundo todo o processo dos atendimentos nas áreas de saúde e educação, espaço físico, bem como a história da fundação da Lumen, as histórias dos profissionais e as histórias das pessoas que são atendidas.

Os pesquisadores estavam ansiosos e ao mesmo tempo curiosos para conhecerem o objeto de estudo. Eles se dividiram para que a pesquisa pudesse ser realizada em dois lugares da instituição ao mesmo tempo. Rafaela Garbal e Weverson Nascimento formaram uma dupla e Shorrayla Duda e Wesley Murici outra. Posteriormente, ocorreu a troca das duplas. Assim, começou a pesquisa de campo.

Do dia 23 a 27 de janeiro, o grupo observou a Programação 1, ala onde são atendidas crianças com deficiências múltiplas na área de saúde e educação. O grupo observou as crianças em três salas de aulas: seus comportamentos e forma de comunicação, didática das professoras, bem como a realização de pré-entrevistas com os profissionais e responsáveis pelos atendidos.

Na primeira semana os pesquisadores realizaram 13 pré-entrevistas. Além dos objetivos de conhecer a instituição e as histórias, as pré-entrevistas serviram para que escolhessem quais pessoas posteriormente fariam parte do videodocumentário.

Do dia 30 de janeiro a 06 de fevereiro, o grupo observou o Centro de Educação e Reabilitação (CER), ala onde são atendidas crianças com transtorno do espectro do autismo. As observações foram autorizadas em apenas três salas de aulas devido à alteração de comportamento de algumas crianças, característica da pessoa com autismo.

Foi realizado o mesmo processo da semana anterior: comportamentos e forma de comunicação das crianças, didática das professoras, bem como a realização de pré-entrevistas com os profissionais. Já na segunda semana de pesquisa o grupo realizou 10 pré-entrevistas.

Os pesquisadores buscaram conhecer os atendimentos de saúde: fonoaudiologia, fisioterapia, terapia ocupacional, psicologia, serviço social, nutrição, enfermagem e atendimento médico. Além das terapias complementares: equoterapia, hidroterapia e integração sensorial.

Foram 15 dias de pesquisa de campo. Os pesquisadores chegavam à instituição às 8h e saíam às 17h, totalizando oito horas de observação por dia, exceto uma hora de almoço, somando 120h de imersão na instituição.

Para o grupo, a pesquisa de campo foi de extrema importância para conhecer os atendimentos da instituição, que muitas vezes as dúvidas eram sanadas por mais de três profissionais. Além disso, foi fundamental para conhecer as histórias de pessoas que são atendidas, buscando documentar as contribuições e o desenvolvimento da Lumen, através de relatos de pessoas, ou seja, o uso do jornalismo humanizado.

Ao final de cada dia da pesquisa, o grupo enviava um relatório descritivo para a orientadora, a fim de acompanhar todo processo da pesquisa. Este

relatório de 15 dias de pesquisa se constitui na soma mais de 65 páginas e foi compartilhado pelo grupo fechado do Facebook com todos os integrantes.

No dia 07 de fevereiro de 2017, ocorreu a primeira orientação do grupo com a professora Dr^a Thaisa Bacco. Na orientação os pesquisadores conversaram e discutiram ideias sobre documentário, além de entregarem o capítulo 3 - Jornalismo e Documentário. Para a próxima orientação o grupo teria que apresentar uma lista com as fontes entrevistadas, cronograma de externas e pré-roteiro (macro e micro temas).

Na mesma semana, o grupo voltou à *Lumen* para a pesquisa documental. O objetivo seria de coletar fotos, atas, declarações, todo tipo de documentos sobre a história da instituição. Simultaneamente, os pesquisadores sentaram para resolver o cronograma de externas e o pré-roteiro.

No domingo, dia 12 de fevereiro, um dos pesquisadores conversou com um ex-aluno da Facopp, Júlio Dourado, em relação ao projeto videográfico, uma vez que o mesmo já tinha desenvolvido esse tipo de trabalho na faculdade. A partir disso, o grupo já começou a pensar em possíveis nomes para o videodocumentário.

Após a orientação do dia 14 de fevereiro, foi necessário voltar à instituição no dia 16 de fevereiro. O objetivo seria pegar os cronogramas individuais das crianças, a fim de saber quais atividades são desenvolvidas durante a semana na instituição e assim conseguir definir o cronograma de gravação. Na mesma semana, os pesquisadores sentaram para a escrita do capítulo 4 - *Lumen et Fides* e início das pautas. Todas as pautas finalizadas encontram-se disponíveis na (APÊNDICE C).

Os pesquisadores se dividiram novamente e conseguiram definir os macro e micro temas (APÊNDICE D) e o cronograma de gravação (APÊNDICE E). Além desses, o grupo finalizou a lista dos entrevistados (APÊNDICE F) com 27 pessoas e o capítulo 4 - *Lumen et Fides*. Na orientação dia 21 de fevereiro todos esses arquivos foram entregues juntamente com as pautas.

Na mesma semana a orientadora passou as pautas para dois integrantes do grupo que estavam na faculdade, a fim de começarem as correções. Foram duas semanas de correções das pautas e abordagens dos entrevistados. As correções foram feitas via Google Drive com todos os integrantes do grupo.

A orientadora programou para o grupo dois dias de treinamento de cinegrafia. No primeiro treinamento, 24 de fevereiro, os pesquisadores Wesley Murici e Weverson Nascimento foram com o técnico da TV Facopp, Kaito Lomartire até a Lumen. O objetivo seria discutir enquadramentos, som ambiente e iluminação do local. Após o primeiro dia de treinamento, os cinegrafistas sentaram e realizaram um plano de filmagem, a fim de quando chegasse a etapa de produção já saberiam o que deveriam filmar.

No dia 03 de março, o grupo participou do segundo dia de treinamento. Desta vez, além de Kaito, o outro técnico da TV Facopp também participou, Carlos Shirosawa. Todos os pesquisadores estavam presentes. Os cinegrafistas fizeram mais de 10 planos de enquadramentos em diferentes lugares e alguns *takes* para verificar a iluminação e som ambiente.

No mesmo dia, o grupo acessou a plataforma do sistema gestor da Unoeste e verificou a aprovação do projeto pelo Comitê Assessor de Pesquisa Institucional (CAPI) e Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Oeste Paulista. Após todos os processos de pré-produção iniciava-se o *play*: a gravação do videodocumentário.

5.4 Gravação

Antes do processo de gravação, uma das preocupações do grupo seria em como abordar a pessoa com deficiência no documentário. Desse modo, nos referenciais teóricos foi estudada a forma como a mídia retrata esse público e o que os pesquisadores deveriam seguir.

No dia 06 de março de 2017 iniciaram-se as gravações. Tudo o que estava no papel, agora entraria em prática. No mesmo dia, os alunos realizaram a compra de um HD Externo de 1TB - Seagate Expansion 2.5sub 3.0, a fim de armazenar o conteúdo e pela segurança dos arquivos estarem salvos na ilha de edição da TV Facopp e no HD.

Por 20 dias o grupo adentrou a *Lumen*, para capturar sonoras e imagens. Chegavam à instituição às 8h e saíam às 17h, conforme o cronograma. Diariamente descarregavam o material bruto na ilha de edição da Facopp e também no HD externo.

Para as externas, foram utilizadas duas câmeras filmadoras Sony HD 2000, quatro baterias grandes Sony NP F970, duas baterias pequenas Sony NP F570, um carregador para baterias Sony AC-VQ1050, um tripé Manfrotto 501 HDV e um tripé Manfrotto Mvh502a, dois microfones de lapela Le Son ML-70D, um boom de vara Rode NTG-2 e uma câmera fotográfica Canon EOS 60D. Equipamentos disponibilizados pela Facopp.

Os cinegrafistas Wesley Murici e Weverson Nascimento, que moram em Rancharia (SP) e Piquerobi (SP), respectivamente, ficaram as duas semanas de gravações hospedados em Presidente Prudente. A decisão foi tomada por facilitar a ida dos pesquisadores para a instituição, pois andavam do Parque do Povo até o Jardim Alto da Boa Vista. Rafaela Garbal e Shorrayla Duda iam de carro para a instituição. No fim de cada dia, todos levavam os equipamentos para a faculdade, a fim de descarregarem o material bruto.

Os pesquisadores realizaram as gravações sempre em conjunto. A produtora colocava a lapela e preparava os entrevistados. Os cinegrafistas posicionavam as câmeras: uma câmera em meio close (enquadramento de entrevista) e outra fazendo imagens de detalhes, além de testarem o áudio e a iluminação. A repórter conversava e explicava sobre as perguntas e o diretor ressaltava o objetivo da entrevista. E, por fim, a gravação.

De acordo com o cronograma desenvolvido, a primeira semana de gravações foi destinada a entrevistas com os personagens selecionados; porém, foram aproveitados os intervalos entre sonoras para captar imagens. Do dia 06 a 11 de março, foram realizadas 21 entrevistas. O grupo teve que remarcar duas sonoras de mães de crianças: uma por conta de que o filho estava com febre e a outra porque não compareceu no dia. Houve também a alteração na data de entrevista de um profissional.

Quinze entrevistas foram realizadas em salas fechadas, onde surgiu a maior dificuldade enfrentada pelo grupo: o calor. Por conta do microfone de lapela ser sensível, havia a necessidade de desligar os ventiladores do local e o diretor do filme solicitava de três a quatro paradas por entrevista.

Em todas as entrevistas surgia uma discussão: a iluminação, que variava a cada local e enquadramento. Um exemplo foi no dia 11 de março, em uma sonora com a fundadora da *Lumen*, Aparecida Kozuki, em sua residência. A

entrevista estava marcada para às 9h, mas iniciou-se às 10h, ou seja, uma hora para encontrar o melhor posicionamento.

Já na segunda semana, o objetivo era capturar imagens das atividades e atendimentos na instituição, além das gravações das sonoras que ainda faltavam. Simultaneamente, a produtora e a repórter iniciavam as transcrições das entrevistas. No total, as 27 entrevistas, geraram um arquivo de 100 páginas de conteúdo transcrito captado por meio de depoimentos. Este material foi estudado de forma aprofundada para confecção do roteiro.

Um fato curioso ocorreu enquanto o diretor fazia imagens externas. Um homem apareceu perguntando sobre as gravações e disse que ajudava a instituição desde sua fundação. A produtora apurou e soube, posteriormente, que se tratava do engenheiro civil Dalton Mello, que colaborou com as plantas e construção da instituição. Assim, uma entrevista foi agendada.

Um problema que o grupo encontrou na segunda semana de gravação foi o episódio em que remarcou três vezes a entrevista com uma mãe. Na primeira data, a entrevistada não compareceu à instituição. Na segunda tentativa o grupo conseguiu concluir, porém, quando abriram o take no computador havia um elemento na imagem que comprometeria a atenção de quem fosse assistir. Remarcada, a sonora foi realizada no último dia de gravação. Do dia 13 a 21 de março foram realizadas sete entrevistas, totalizando 27 entrevistas em duas semanas.

Durante o período de gravação, os cinegrafistas filmaram toda parte de atendimento da área da saúde e educação. Foram captadas imagens de fonoaudiologia, pedagogia, fisioterapia, terapia ocupacional, psicologia, serviço social, nutrição, enfermagem e atendimento médico. Além de terapias complementares: equoterapia, hidroterapia e integração sensorial. No total, o grupo obteve um material bruto de entrevistas de 11h09' e de imagens 14h35', totalizando 25h44' brutas de gravações.

Em todo o processo de produção, as orientações aconteciam depois que o grupo chegava à faculdade para descarregar os materiais captados. Desta forma não comprometeria o que deveria ser cumprido no cronograma de gravação.

Foram quatro semanas para que as transcrições de sonoras estivessem concluídas, e uma semana para os relatórios de imagens, exemplo que foi seguido está disponível no Apêndice G. O grupo se dividiu novamente: a

produtora e a repórter fizeram as transcrições de sonoras e os cinegrafistas ficaram com os relatórios de imagens. O pesquisador Wesley Murici ainda ajudou com a transcrição de três entrevistas enquanto Weverson Nascimento começaria o roteiro.

No dia 28 de março, o grupo entregou as transcrições e relatórios, capítulos anteriores para correção e também o capítulo 5 - Memorial Descritivo. A orientadora sugeriu a correção das transcrições, a fim de eliminar erros ortográficos e limpar a questão linguística.

Antes de encerrar o período de produção, o grupo ainda voltou a campo no dia 03 de abril. Nessa data, a *Lumen* realizava o evento “3ª Caminhada Azul”, com alusão ao Dia Mundial do Autismo. O fato ocorreu no Parque do Povo, das 8h30 às 10h30.

No dia 04 de abril, o grupo recebeu mais uma orientação. Além de ocorrer a entrega do capítulo 2 - Fundamentação Metodológica, novas correções dos outros capítulos foram sugeridas. A orientadora falou para o grupo começar a cotar os preços DVD virgem, capas de DVD, impressões, ou seja, todo processo do produto final. Além disso, estipulou aos pesquisadores um prazo para a entrega do roteiro: dia 06 de abril.

Após a orientação, o grupo deveria decidir qual nome o documentário iria receber. Os pesquisadores já haviam anotados possíveis nomes, mas, mesmo assim, sentaram e realizaram um *briefing*. Após aproximadamente 1h30, o nome do documentário estava decidido: *Sonhos de Maio*. Para chegar a esse nome, o grupo optou pelo mês em que a instituição foi fundada. Além disso, as mães fundadoras tinham um sonho de um local com atendimento de saúde e educação para seus filhos. Eis que surge o nome.

Decidido o nome, a pesquisadora Shorrayla Duda se encarregou de pesquisar os valores das capas e DVDs. Ao mesmo tempo, Weverson Nascimento realizava o roteiro e Wesley Murici foi a Facopp nos dias 06 e 07 de abril para realizar os cortes das entrevistas e ir montando o esqueleto do documentário junto com o técnico Carlos Shirosawa. O objetivo seria deixar somente as perguntas e respostas em sequência.

E, por fim, já era a hora de correr contra o tempo. Após todo trabalho teórico e prático, havia chegado o momento da edição.

5.5 Edição

No dia 10 de abril iniciou-se o processo de edição do documentário. Com o roteiro em mãos, os pesquisadores reduziram o documentário de 1h09 para 1h46 e dividiram o vídeo entre: histórias de atendidos, história da intuição e atendimentos oferecidos.

No dia seguinte, a orientação do grupo foi realizada na ilha de edição com a orientadora. Ela sugeriu que o documentário tivesse 1h de duração e orientou sobre novos cortes e as sequências das histórias.

O grupo teve uma semana para os ajustes pedidos. Um novo roteiro foi elaborado, desta vez com alternância entre as histórias de atendidos, história da instituição e atendimentos, e assim sucessivamente. O documentário foi reduzido para 1h19.

No dia 18 de abril, novamente o grupo sentou com a orientadora para reverem o documentário. Ela sugeriu modificações na abertura, novos cortes e ressaltou a necessidade de documentos e fotos para o vídeo. Após a orientação, houve a redução para 1h14. Ainda na orientação, o grupo realizou uma apresentação para a orientadora, pois iriam participar do 3º Colóquio Facopp no dia 20 de abril. O objetivo seria apresentar um resumo do processo da pesquisa.

Ao mesmo tempo, o grupo tinha decidido o dia do lançamento do documentário. A princípio estava marcado para 15 de maio, dia em que a instituição completaria 30 anos de fundação. Porém, o grupo juntamente com a orientadora decidiu trocar para 31 de maio, para que o lançamento não prejudicasse a festa de aniversário da *Lumen*.

Posteriormente a orientação, os pesquisadores editaram novamente o documentário no período da tarde. O início do vídeo e as sequências foram ajustadas e novos cortes haviam sido realizados. O grupo reduziu o documentário para 1h.

Um novo roteiro foi elaborado e nele inserido fotos e arquivos que fariam parte do documentário (APÊNDICE H). No dia 19 de abril o grupo deu continuidade na edição. Dessa vez, cobrindo com fotos a história da instituição e dos atendimentos. Foram utilizados 40 arquivos.

No dia 20 de abril, às 9h, o grupo pausou a edição e partilhou a pesquisa. Os pesquisadores se apresentaram no 3º Colóquio da Facopp, a fim de

expor a pesquisa de forma resumida para professores e alunos. Foram 10 minutos de apresentação e 20 minutos de considerações a respeito da pesquisa.

De volta à edição às 14h, o grupo iniciou o processo de cobrir o documentário com imagens. Além do relato dos personagens na entrevista, a imagem cumpriria o papel de mostrar a realidade da história contada.

O grupo teria que entregar toda parte teórica completa na orientação do dia 25 de abril. Chegada a manhã do dia 25, além das entregas, a orientadora sentou na ilha de edição com o grupo para assistir ao videodocumentário. Nesta data, foi orientado que precisaria de mais imagens, dos termos de uso de imagem e que agora era “tudo ou nada”, pois a próxima semana seria a entrega para a banca de qualificação.

Ainda pela manhã, os pesquisadores ligaram novamente para as mães das crianças solicitando mais fotos e foram ao bairro de Montalvão. O grupo foi à casa de Elisângela Tavares, mãe de Gabriela Tavares, para colher o termo de uso de imagem, buscar fotos de quando a criança nasceu e fez imagens dela em casa.

Na volta para Universidade o grupo resolveu passar na casa da fundadora da *Lumen*, Aparecida Kozuki, para perguntar sobre possíveis fotos e colher o termo do uso de imagem. Aparecida lembrou que na instituição poderia haver um quadro com fotos antigas e que estaria guardado em algum quarto.

Após isso, havia chegado o momento de voltar ao objeto de estudo da pesquisa: a *Lumen*. Lá os pesquisadores entregaram os termos de “Cessão gratuita de direitos autorais com autorização de uso de imagem, nome som de voz” para a diretora e coordenadora pedagógica distribuírem para os profissionais e para os responsáveis pelos atendidos. O termo pode ser acompanhado no Apêndice I. Em seguida conversaram com responsável pela manutenção da instituição, quem achou o quadro que a fundadora havia comentado.

Fascinados pela descoberta, foram ao encontro do educador físico, João Baptista, para descobrirem quais fotos eram aquelas do quadro. Foram solicitados também arquivos pessoais do educador físico João, da fisioterapeuta Rose e da pedagoga Rosa. Na sequência, desmontaram o quadro para levar as imagens, porém, as fotos estavam coladas. Sem alternativa, o quadro foi levado inteiro para a faculdade, a fim de recuperar todas as imagens. As fotos foram fotografadas, digitalizadas e tratadas no mesmo dia por um dos integrantes no período da noite. Próximo passo: a continuação da edição.

No dia 26, o grupo continuou as edições no período da manhã e da tarde. Desta vez, cobrindo as histórias das crianças com fotos e vídeos cedidos e também alguns clipes para o documentário. No período da noite, as fotos do quadro foram separadas para cobrir a história da instituição, que ainda estava incompleta.

No dia 27, mais uma data para edição, desta vez no período da tarde e da noite. Os alunos voltaram à faculdade para continuar a edição e um dos integrantes foi a *Lumen* para pegar as fotos que João Baptista separou. Em seguida, mais fotos foram fotografadas e digitalizadas para o uso no processo de edição.

No dia 28, teria que finalizar o documentário, pois seria o último dia de edição, antes de ter que enviar todo o projeto para a banca de qualificação. Os horários reservados foram no período da manhã, tarde e noite. Weverson Nascimento e Wesley Murici continuaram a edição pela manhã e na parte da tarde a integrante Rafaela Garbal e Shorrayla Duda se dividiram. Rafaela foi até a *Lumen* para recolher os termos de uso de imagem e Shorrayla foi comprar DVDs e capa de DVD.

Depois que o grupo terminou de cobrir o documentário com imagens, foi realizada a inserção dos elementos videográficos, como base, tarja, vinheta e ficha técnica. Todos produzidos pelo publicitário formado pela Facopp, Julio Dourado.

Havia chegado o momento do resultado final. No período da noite, o técnico do laboratório da TV da Facopp, Carlos Shirosawa e Weverson Nascimento renderizaram e exportaram o arquivo. No total, foram 4h para esse processo, finalizando os trabalhos às 23h.

Chegado o dia 02 de maio, o grupo se reuniu pela manhã para as impressões do projeto teórico, no qual, três cópias foram impressas. Da parte prática, três DVDs foram copiados. Feito isso, os pesquisadores se dirigiram a faculdade para entregarem na hemeroteca.

Após a banca de qualificação, os pesquisadores iniciaram as correções sugeridas pela banca, finalização do documentário e a preparação para a exibição pública.

Na pós-produção, foi adicionado um filtro de cor amarelo, para que todo o documentário ficasse com cor uniforme. Também foi solicitado para melhor acesso à reprodução física, um menu de reprodução.

Na semana seguinte, o grupo teve mais uma orientação e foram sugeridos apontamentos para correção do documentário. Na mesma semana, três cópias do documentário foram entregues para o entrevistado Dalton Mello, que iria viajar a Londres e exibir o trabalho em entidades de outros países.

Todo o projeto foi revisado para a banca de defesa pública. Os convites para a exibição do documentário e as capas dos DVDs foram enviados para a impressão. O grupo se reuniu na faculdade para fazer as cópias dos DVDs e a assessoria de imprensa para a exibição. Dezoito veículos de comunicação receberam o release de divulgação do documentário, entre emissoras de TV, rádio, impresso, revista e blog. As divulgações realizadas até a Banca de Defesa Pública podem ser acompanhadas no clipping exposto no Apêndice J.

Havia chegado a hora de mostrar para o público o videodocumentário “Sonhos de Maio”.

5.6 Identidade visual

O grupo realizou estudo etimológico do que diz respeito às palavras “Sonhos” e “Maio” após chegarem o nome do documentário.

Sonho faz referência aos relatos escutados pelos pesquisadores ao longo da pesquisa na instituição *Lumen et Fides*. Exemplo: sonhos dos pais fundadores em encontrar o melhor lugar e o melhor atendimento a seus filhos; sonhos de todos os pais fundadores ou atuais verem o desenvolvimento do seu filho (andar, falar, comer sozinho etc); sonhos das quebras de barreiras, paradigmas e preconceitos para pessoa com deficiência; sonhos de que as crianças sejam inclusas e aceitas na sociedade; sonhos de oportunidade para a pessoa com deficiência (escola, trabalho); sonhos de que as políticas públicas se voltem à pessoa com deficiência.

Maio faz referência ao aniversário da instituição *Lumen* no dia 15 de maio de 1987, mas também há algumas comemorações do mês como: 05/05 dia da comunidade; 13/05, dia da fraternidade brasileira; 2º domingo de maio dia das mães; 15/05 dia da assistência social. E também porque no dia 15 de maio comemora-se o Dia Internacional das Famílias ou, simplesmente, o Dia Internacional da Família, definido pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Definido o nome, etimologia e as ideias de justificativa do mesmo, foram encaminhadas ao publicitário a Julio Dourado⁷⁰ para que fosse feita a identidade visual do projeto: logotipo, vinheta, bases, gcs e animação. No dia 17 de abril, o publicitário, encaminhou duas propostas de logotipo para o projeto *Sonhos de Maio*. A escolha do grupo foi unânime na definição da imagem, pois todos remeteram a pesquisa realizada na *Lumen* ao longo dos meses de estudo.

Segundo Julio Dourado⁷¹, a aplicação das ideias na construção do logotipo não foi um processo demorado, pois ao longo dos contatos com o grupo foi se aproximando do que seria abordado no videodocumentário e também as ideias sugeridas pelos pesquisadores.

No dia 17 de abril, o publicitário encaminhou a proposta de logotipo (Figura 14) para o projeto *Sonhos de Maio*.

FIGURA 14: Logotipo



Fonte: Julio Dourado

Segundo o Julio Dourado⁷², o projeto *Sonhos de Maio* teve sua identidade visual formada a partir da junção de seu nome com as características da *Lumen et Fides*.

⁷⁰ Julio Dourado. Publicitário formado pela Facopp. Entrevista sobre a construção da identidade visual. 18 abr. 2017

⁷¹ Idem

⁷² Idem

A lua crescente utilizada no logotipo, representa não só a palavra “sonhos” que acontecem, geralmente, durante a noite enquanto as pessoas dormem, mas também o desenvolvimento e avanço de cada paciente da Lumen, ou seja, avanços crescentes. E também ao desenvolvimento da instituição ao longo dos 30 anos de trabalho.

A criança correndo sobre a lua, além de representar o sonho de crianças e adultos, mostra a alegria e desenvolvimento do ser humano, função primordial desempenhada pela instituição. O publicitário⁷³ relata que a figura infantil mostra que o trabalho se inicia através de sua raiz, sendo algo que se desenvolve com o tempo, assim como uma criança.

Quanto à escolha da tipografia utilizada, Julio Dourado ressalta que seus traços variam a espessura ao final de cada letra, além de representar o trabalho humanitário pelas formas que parecem ser pinturas feitas a mão. Mostra também que o tratamento das crianças e adultos é constante, pois o final de cada forma fica mais “fino”, mostrando que é algo “sem fim”, porém, quanto mais trabalhado, melhor fica seu resultado.

A produção das tarjas para inserção de créditos em *Sonhos de Maio* foi um processo demorado. De início, o grupo teve a ideia de creditar somente o nome do entrevistado e a sua função, mas quando aplicaram sobre o videodocumentário houve a necessidade de uma base para as informações que ficasse em destaque. Assim, foi solicitado ao publicitário uma nova tarja com fundo azul que remetesse à identidade visual do projeto (Figura 15).

Além disso, a primeira versão feita pelo publicitário não abriu no *Adobe After Effects* (programa que cria animações e efeitos cinematográficos) da ilha de edição da TV Facopp, devido à incompatibilidade de versão. Desse modo para facilitar os processos para confecção das tarjas, foram divididas em duas etapas. A primeira foi anexar somente a base azul que veio em formato de *chroma key*. E a segunda fixar o efeito das estrelas que veio em formato *screen* (tela).

⁷³ Julio Dourado. Publicitário formado pela Facopp. Entrevista sobre a construção da identidade visual. 18 abr. 2017

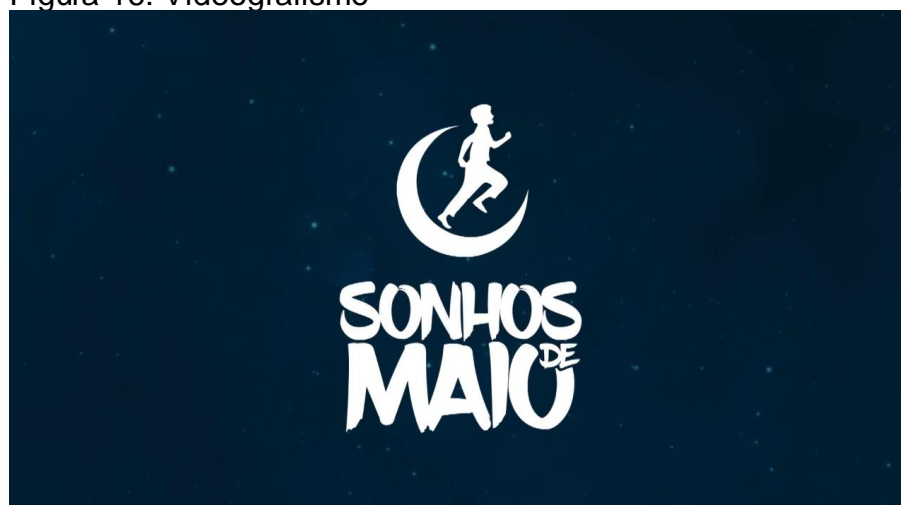
Figura 15: Tarjas para crédito das fontes



Fonte: Sonhos de Maio

O videografismo para banca de defesa pública foi atualizado dando mais movimentos e duração. Composto por nuvens que remetessem à noite, o publicitário trabalhou a questão semiótica de sonhos.

Figura 16: Videografismo



Fonte: Sonhos de Maio

A escolha da música Message To Bears - Daylight Goodbye⁷⁴, trouxe a leveza de somente efeitos musicais e algumas vozes ao fundo. A produção final da vinheta de abertura teve duração de 10 segundos.

É importante ressaltar que toda produção foi baseada nos estudos etimológicos das palavras “sonho” e “maio”.

⁷⁴ Message To Bears, trata-se de compositor musical e multi-instrumentista do inglês Jerome Alexander. Acesso em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZK4EszQpE14>>

5.7 Lançamento

Após todo trabalho de pesquisa, pré-produção, produção e pós-produção, chegou o momento mais esperado pelos pesquisadores: o dia do lançamento de *Sonhos de Maio*. No dia 12 de maio aconteceu o primeiro lançamento do videodocumentário (Figura 17). O evento foi realizado na Casa dos Médicos em Presidente Prudente e recebeu autoridades do município, ex-presidentes da *Lumen et Fides*, funcionários e familiares dos assistidos. O lançamento contou com aproximadamente 100 pessoas (Figura 18).

Figura 17: Lançamento: coordenação *Lumen et Fides*



Fonte: Foto Real Presidente Prudente

Figura 18: Lançamento Lumen et Fides 12 de maio



Fonte: Foto Real Presidente Prudente

Para exibição pública foram convidados os entrevistados, profissionais da *Lumen et Fides*, colaboradores, autoridades públicas, imprensa, familiares e professores (Figura 19).

Figura 19: Lançamento Público 31 de maio



Foto: Beatriz Vitrio

O lançamento contou com autoridades como o vice-prefeito de Presidente Prudente, Douglas Kato, que apoia as causas da pessoa com deficiência no município (Figura 20).

Figura 20: Lançamento Público: vice-prefeito Douglas Kato



Foto: Beatriz Vitrio

No final do evento o grupo fez a distribuição de DVDs para alguns convidados (Figura 21).

Figura 21: Lançamento Público



Foto: Beatriz Vitrio

O evento foi realizado no dia 31 de maio, às 19h30, no Anfiteatro Azaléia, no Campus II da Unoeste. No total, 171 pessoas estavam na lista.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proteção e a integração da pessoa com deficiência na sociedade estabelece-se no Brasil desde a Constituição Federal de 1988, no Art. 24 inciso XIV. (Brasil, 1988) Porém, em uma sociedade que ainda no século XXI dita seus padrões de normalidade, a deficiência seja ela congênita, hereditária ou consequência de doenças, traumas ou lesões, torna-se pouco compreendida até que afete lares ou famílias das reais necessidades de uma pessoa com deficiência.

Presidente Prudente, segundo o IBGE (2010), conta com uma população de 207.610 pessoas, dessas, 43.936 são pessoas com deficiências que têm necessidade de atendimentos e assim, órgãos e instituições para a habilitação ou reabilitação. Uma delas é a Associação de Desenvolvimento de Crianças Limitadas – *Lumen et Fides*

A presente pesquisa, cujos resultados são revelados no videodocumentário *Sonhos de Maio*, buscou documentar as contribuições da *Lumen et Fides* no atendimento a deficientes com limitações múltiplas e transtorno do espectro do autismo ao longo de 30 anos de sua história.

Em relação aos objetos específicos desta pesquisa, todos foram alcançados. O primeiro foi o de compreender o processo de produção de um documentário em vídeo. Nesta ocasião, os pesquisadores compreenderam o documentário de representação social no sentido de explorar e proporcionar novas visões de mundo e a necessidade de relatar histórias identificando o processo de onde estão inseridas.

O segundo objetivo foi traçar um panorama histórico com os principais fatos ocorridos nos 30 anos de atendimento da *Lumen et Fides* nas áreas de saúde e educação. Em relação à saúde, os pesquisadores compreenderam a busca incessante por parte da instituição em proporcionar métodos inovadores ao se tratar das limitações múltiplas e transtorno do espectro do autismo, sempre à procura da multidisciplinariedade e a necessidade do trabalho conjunto de diversas áreas para habilitação da pessoa com deficiência.

Seus tratamentos pioneiros, na década de 1990, trouxeram a Presidente Prudente recursos antes não vistos na região. No caso da equoterapia, técnica na qual a *Lumen* é pioneira no Brasil como centro dentro de uma instituição, desde sua instalação proporciona ao deficiente um atendimento especializado e

diferenciado, sempre buscando o bem estar através de terapias complementares. (LUMEN ET FIDES, 2012, p.6) Atualmente, a instituição conta com o método do *Pediasuit*, o qual proporciona habilitação das deficiências múltiplas, considerado pelos profissionais como método eficaz e de mudanças significativas em postura e desenvolvimento do deficiente.

Os resultados dos atendimentos da *Lumen* são revelados no videodocumentário, a partir dos relatos de mães e profissionais que acompanham o desenvolvimento de cada assistido. O trabalho individual proporciona ao atendido diversos resultados por conter toda uma equipe envolvida com um só objetivo, habilitar a pessoa com deficiência.

No que se refere ao trabalho de educação da instituição, os pesquisadores perceberam que uma das contribuições da *Lumen et Fides* não é somente dentro das salas de aula ou também fora com a socialização da pessoa com deficiência, através de ações simples como realizar uma caminhada, ir a um supermercado, ou seja, estimular a funcionalidade e independência do indivíduo visto que muitas das vezes os pais ou responsáveis acabam por proteção, privando-as do convívio social.

Compreendeu-se também que a entidade não contribui somente com seus assistidos, mas oferece apoio às famílias no que diz respeito à aceitação do diagnóstico e a manutenção deste ao longo dos anos. No contato dos pesquisadores com a instituição, foi possível identificar condições plurais de desenvolvimento de cada assistido. É a capacidade onde muitas vezes a sociedade enaltece com incapacidade ao considerar limitada uma pessoa por ser deficiente. Puderam perceber também que a pessoa com deficiência tem uma vida social normal e que a sociedade deve integrar e não incluir.

O terceiro objetivo foi o de vivenciar a prática do jornalismo humanizado promovendo as visões dos atendidos, profissionais, fundadores e aqueles que contribuíram com a história da *Lumen*. Esta ação proporcionou aos pesquisadores um contato em profundidade com testemunhos reais de famílias que têm a pessoa com deficiência, transmitindo em sensibilidade buscando não responder somente “o quê, quem, quando, onde, como e por quê” e sim o “e daí” das histórias. O documentário trouxe questões de mundo que muitas vezes não são tratadas pela mídia, ou seja, são minimizadas como no caso das deficiências intelectuais. Colocou-se em discussão também o tema deficiência não somente

como assunto a ser pautado, mas as condições de ouvir a pessoa com deficiência em situações comuns do dia a dia.

Uma contribuição geral deste trabalho foi a relação e contato com a pessoa com deficiência, visto que não fazia parte do cotidiano dos pesquisadores. Com o pouco conhecimento que se tinham sobre as limitações, muitas vezes chegaram com conceitos pré-estabelecidos sobre a deficiência física e deficiência intelectual e que no desenvolver da pesquisa foram quebrando barreiras.

Quanto aos que contribuíram com a fundação da instituição, esta pesquisa mostrou as dificuldades no final da década de 80 para o acesso da pessoa com deficiência à rede de ensino em Presidente Prudente, como apresentado por Aparecida Kozuki.

Atualmente, a instituição conta com atendimentos que visam o desenvolvimento e prestam apoio à pessoa com deficiência e suas famílias, pois compreendem que seus pacientes alcançam melhores resultados com uma estimulação contínua em casa.

E foi através destas necessidades que esta pesquisa chegou ao seu quarto objetivo específico, retratar por meio de videodocumentário, as atividades desenvolvidas pela *Lumen* no atendimento a deficientes com limitações múltiplas e transtorno do espectro do autismo. Durante a imersão de 15 dias na instituição, os pesquisadores puderam compreender a importância das atividades que visam à habilitação de seus atendidos. Foram dias de observação e acompanhamento de profissionais em atividades, que proporcionaram demonstrar a funcionalidade e as necessidades terapêuticas, revelados na peça prática.

Mais do que teorizar sobre os estudos do documentário que até então os alunos não tiveram contato durante a graduação, a pesquisa permitiu colocar em prática todo o processo de produção de um filme de representação social, desde compreender as suas características até executá-las em audiovisual. Realizados os estudos sobre o gênero documentário e suas aplicações, cada etapa para sua execução foi decisiva no resultado final da pesquisa.

No processo de pré-produção do audiovisual, entraram em ação as técnicas jornalísticas de investigação aprendidas durante os anos de graduação, as quais possibilitaram o contato em profundidade com a história da instituição. Nesta ocasião, a entrevista em profundidade, definida na metodologia, proporcionou selecionar os personagens de *Sonhos de Maio*. No processo de pré-entrevistas, um

personagem levava a outro, então houve a facilidade para se chegar ao panorama de 30 anos da instituição, sempre com histórias surpreendentes reveladas no videodocumentário.

Quanto à fundação e desenvolvimento da *Lumen et Fides*, os pesquisadores se sustentaram em relatos de quatro profissionais (João Baptista, Rosimeire Peres, Silvia Queiroz e Rosa Maria de Lima) que estão há mais de 20 anos na instituição, sempre buscando a construção dos fatos ocorridos ao longo dos 30 anos.

Ainda no processo de apuração, o contato durante 15 dias acompanhando salas de aulas e terapias complementares e alternativas, no que diz respeito a compreender o atendimento oferecido pela instituição à pessoa com deficiência, proporcionou também identificar personagens. No caso das setes histórias de pessoas com deficiências retratadas em *Sonhos de Maio*: Gabriele Tavares, Enzo Ferraz, Jessé Ferraz Lorenzo Alves, Bruno Chiantaretto, Rafael Honório e Manuela Miranda, foram selecionadas a fim de retratar famílias que representassem as diferentes realidades trabalhadas pela instituição. Trazendo também na peça prática o relato humanizado de quem tem ou convive com a deficiência.

No processo de produção, os conhecimentos adquiridos sobre documentário e construção da linguagem audiovisual, proporcionaram um delineamento da peça prática. Antes mesmo do início das gravações, uma das preocupações do grupo fazia referência em como abordar a pessoa com deficiência, no uso de terminologias. Nesta ocasião, realizaram estudos sobre a abordagem da mídia brasileira para com este público, a fim de identificar as melhores formas ao se referirem a pessoa na investigação do objeto de estudo, no contato com personagens e na forma a qual seria abordado no processo de produção em vídeo, tomando o cuidado de não inferiorizá-los.

Na produção, a importância da organização foi crucial para o desenvolvimento do projeto, com listas de entrevistados e macro e microtemas de assuntos a serem abordados. Durante duas semanas os pesquisadores conseguiram produzir 27 entrevistas, o que totalizaram 11h brutas de material captado e também foram produzidas 14h35 minutos de imagem.

No processo de pós-produção, as entrevistas transcritas foram cruciais para construção do roteiro de *Sonhos de Maio*. Um processo desgastante para

extrair do material bruto fragmentos importantes e o desafio da sequência dos personagens contar somente uma história. Em cada etapa de produção os pesquisadores exploravam os conhecimentos adquiridos teoricamente para que se chegasse ao resultado final desta pesquisa, revelado a partir de audiovisual.

Nesta mesma ocasião, os pesquisadores concluíram que o planejamento do videodocumentário foi fundamental para sua execução. E foi por meio das respostas dos objetivos específicos que esta pesquisa resolveu sua pergunta problema, como a *Lumen et Fides* se desenvolveu ao longo dos 30 anos no atendimento de deficientes com limitações neuromotoras, neuromusculares e transtorno do espectro do autismo.

É possível compreender que as ações dos pais fundadores não foram somente em contribuir com a melhora de seus filhos, mas o de oferecer a outras famílias as mesmas condições de atendimento. Todos os anos, novas parcerias são firmadas entre a instituição e as famílias para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e adultos com deficiências. Mesmo com a passagem da administração de pais para sócios contribuintes, a *Lumen* sempre projetou oferecer atendimento a todos, investindo em infraestrutura, métodos e profissionais. A *Lumen* contribui também com a capacitação de seus funcionários através de cursos para melhoria no atendimento do transtorno do espectro do autismo e as deficiências múltiplas, buscando a raiz de sua formação, a união, o amor e o zelo. O que pode ser compreendido pela dedicação de cada profissional ao seu trabalho.

Uma vez que todos os objetivos foram cumpridos, a utilização do videodocumentário como registro dos 30 anos de trabalho da *Lumen et Fides* no atendimento da pessoa com deficiência, mostra o valor de uma instituição que oferece apoio a diversas famílias, o que muitas vezes não seria encontrado pelos pais. O documentário revela para sociedade um mundo real que precisa ser discutido e disseminado, ou seja, a importância da integração da pessoa com deficiência.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carolina Amaral. **Cinema e História: documentário de arquivo como lugar de memória.** São Paulo, 2011.

ALTAFINI, Thiago. **Cinema Documentário Brasileiro - Evolução Histórica da Linguagem,** 1999. Disponível em: < <http://bocc.unisinos.br/pag/Altafini-thiago-Cinema-Documentario-Brasileiro.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. Jornalismo humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 9., 2008. Guarapuava. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** Guarapuava, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0540-1.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

ANTONIUTTI, Cleide Luciane; FONTOURA, Mara; ALVES, Marcia Nogueira. **Mídia e produção audiovisual: uma introdução.** Curitiba: lbpex, 2008.

ARANHA, Maria Salete. **Educação inclusiva: a família.** Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/afamilia.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2017.

ARANHA, Maria Salete. **Saberes e Práticas da Inclusão.** Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência física/neuro-motora. 2.ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/alunosdeficienciafisica.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2017.

BAGGIO, Eduardo. **O cinema verdade de Jean Rouch no filme Di Cavalcanti Di Glauber.** Curitiba: RC, 2009.

BATISTA, Cristina; MANTOAN, Maria. **Educação inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental.** Brasília: MEC/ SEESP, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/defmental.pdf>> Acesso em: 08 fev. 2007.

BEIDACKI, Katia Scherer. **O uso da tecnologia assistiva na adaptação de um instrumento de avaliação de priming semântico: construindo possibilidades de avaliação para um caso de Paralisia Cerebral.** 2011. Monografia (Especialização em Neuropsicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37196/000787649.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 out. 2016.

BERGAN, Ronald. **Ismos para entender o cinema.** São Paulo: O Globo, 2010.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário**: Técnicas para uma produção de alto impacto. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

BLASCOVI-ASSIS, Silvana. **Lazer e Deficiência Mental**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2001.

BONASIO, Valter. **Televisão**: Manual de Produção e Direção. Belo Horizonte: Leitura, 2002.

BRASIL. Constituição Federal (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: [.<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em: 14 set. 2016.

BRASIL. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Palácio do Planalto Presidência da República, Brasília, DF, 20 dez. 1999. Disponível em: [.<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm>](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm) Acesso em: 05 jan. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de saúde da pessoa com deficiência. Brasília: Editora MS, 2010. Disponível em: [.<http://proacessi.com.br/arquivo/4dfce_Politica%20Nacional%20-%20Pessoa%20com%20Deficiencia.pdf>](http://proacessi.com.br/arquivo/4dfce_Politica%20Nacional%20-%20Pessoa%20com%20Deficiencia.pdf). Acesso em: 14 set. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Palácio do Planalto Presidência da República**, Brasília, DF, 27 dez. 2012. Disponível em: [.<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm>](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm) Acesso em: 05 jan. 2017.

CARVALHO, Maria do Socorro. Cinema novo Brasileiro. In: MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas: Papyrus, 2014. p. 289-310.

CAVALCANTI, Ana Elisabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. **Autismo** - Construções e Desconstruções. 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**: teoria e prática. 4.ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

Conselho Regional de Fisioterapia e de Terapia Ocupacional da 8ª Região – Paraná - CREFITO.8. O Método PediaSuit. 2011. Disponível em: [.<http://www.crefito8.org.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=431:o-metodo-pediasuit&catid=13:noticias&Itemid=14>](http://www.crefito8.org.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=431:o-metodo-pediasuit&catid=13:noticias&Itemid=14). Acesso em: 03 mar. 2017.

COSTA, Nathan Ferreira; ALVARENGA, Alexandre Curtiss. Interferências externas em documentários: as diferentes formas de lidar com o acaso na realização de um documentário. In: XXII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA

REGIÃO SUDESTE, 22., 2012, Ouro Preto. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Ouro Preto, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/PAPERS/REGIONAIS/SUDESTE2012/resumos/R33-2052-1.pdf>> Acesso em: 5 jan. 2017.

COUSINS, Mark. **História do Cinema: dos clássicos mudos ao cinema moderno**. São Paulo: Martins, 2013.

CRUZ, Dulce Márcia. **Linguagem Audiovisual**. 3.ed. Palhoça: Unisul Virtual, 2010. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1512149/mod_resource/content/1/Linguagem%20Audiovisual.pdf>. Acesso em: 14 set. 2016.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo: história, teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido: Tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

DIAS, Adriana. **Minimanual do Jornalismo Humanizado**. Pessoas com deficiência. São Paulo: Thinkolga, 2016.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo; BARBOSA, Lívia. **Deficiência e igualdade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.anis.org.br/biblioteca/2014-11/Deficiencia-e-igualdade_LetrasLivres_EdUnBpdf.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS LIMITADAS – *Lumen et Fides*, 1987.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/247033/mod_resource/content/1/Syd%20Field.pdf> Acesso em: 18 jan. 2017.

GARCIA, Demian. O som no cinema e a música concreta. **Revista Científica FAP**. Curitiba, v.10, p.135-146, jan/jun. 2014.

GERVAISEAU, Henri Arraes. **O Abrigo do tempo: abordagens cinematográficas da passagem do tempo**. São Paulo: Alameda, 2012

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOMES, Adriana, et al. **Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Mental**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

GONÇALVES, Gustavo Soranz. Panorama do documentário no Brasil. **Histórias do Documentário**. Campinas, n.1, p. 79-81, dez., 2006. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/~doc/01/doc01.pdf>> Acesso em: 05 abr. 2017.

HEGEMEYER, Rafael Rosa. **História & Audiovisual**. Belo Horizonte: Autentica, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE 2010. **Cartilha do Censo 2010: Pessoa com Deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2016

IJUM, Jorge Kanehide. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011. Recife. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Recife 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2440-1.pdf>> Acesso em: 16 jan. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE 2010. **Censo demográfico Presidente Prudente 2010**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/8ZUN>>. Acesso em: 26 out. 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LUCENA, Luiz Carlos, **Como fazer documentários: Conceito, linguagem e prática de produção**. Summus: São Paulo, 2012. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=44wbuAFevAUC&oi=fnd&pg=PT4&dq=pr%C3%A9,+produ%C3%A7%C3%A3o+e+p%C3%B3s+produ%C3%A7%C3%A3o+de+um+v%C3%ADdeo+document%C3%A1rio&ots=DkDyAK0IPj&sig=MbUmNp_tKWUldwIzNuMVsunzZM#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

LUCENA, Luiz Carlos. **Nem tudo é verdade!**. Summus: São Paulo, 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=9T5_AgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA9&dq=pr%C3%A9,+produ%C3%A7%C3%A3o+e+p%C3%B3s+produ%C3%A7%C3%A3o+de+um+v%C3%ADdeo+document%C3%A1rio&ots=YsZwx7jYhv&sig=BY18oIFAVPZPQ-OSHTzO64UkngQ#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 05 jan. 2017.

LUMEN ET FIDES. 25 anos. Presidente Prudente: Prograf Projetos Gráficos, 2012-. Edição comemorativa Jubileu de Prata.

MACHADO, Arlindo. Regimes de Imersão e Modos de Agenciamento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – SALVADOR, 25., 2002, Salvador. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Salvador, 2002. Disponível em:

<<http://comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/home/lmersao%20e%20Agenciamento%20-%20Machadotexto5.pdf>>. Acesso em 18 nov. 2016.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2005. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/martin-marcel-a-linguagem-cinematogrc3a1fica.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2016.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas: Papyrus, 2006. Disponível em: <<http://sescse.com.br/cinema/historia+do+cinema+mundial.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2016.

MASCELLI, Joseph. **Os cinco Cs da cinematografia: técnicas de filmagens**. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

MATTE, Ana Cristina Fricke. O processo semiótico de comunicação sobre o esquema de comunicação de Ignácio Assis Silva. **Cadernos de Semiótica Aplicada**. V. 6, n.2, P. dez. 2008.

MELLO, Ana Maria. **Autismo: guia prático**. 7. ed. São Paulo: AMA, 2007. Disponível em: <<http://www.ama.org.br/site/images/home/Downloads/guiapratico.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2007.

MONTIPÓ, Criselli. Jornalismo, ética e humanização: reflexões sobre a tríplice tessitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011. Recife. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Recife 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1228-1.pdf>> Acesso em: 19 jan. 2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5.ed. Campinas: Papyrus, 2010.

NODARI, Sandra. A pesquisa como fundamento no roteiro de documentário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 35., 2012, Fortaleza. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0694-1.pdf>> Acesso em: 16 jan. 2017.

PAULA, Ana Rita; COSTA, Carmen Martini. **A Hora e a vez da família: Em uma sociedade inclusiva**. São Paulo: Sorri-Brasil, 2007.

PISANI, Marília Mello. **Iluminação e áudio**. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 2015. Disponível em: <http://nte.ufabc.edu.br/cursos-internos/producao-de-video/wp-content/uploads/2015/05/03_IluminacaoEAudio.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2017.

PUCCINI, Sérgio. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção**. 2007. 236 f. Tese (Doutorado em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2007. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000439619&fd=y>. Acesso em: 28 out. 2016.

PUCINI, Sérgio. Introdução ao roteiro de documentário. **DON ON-LINE Revista Digital de Cinema Documentário**. Campinas, n.6, p. 173-190, ago., 2009.

Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4006946.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2.ed. Rio de Janeiro, 2013.

RAMOS, Natália; SERAFIM, José Francisco. Cinema e mise en scène: histórico, método e perspectivas da pesquisa intercultural. **Repertório Teatro e Dança**.

Salvador, n.13, p.89-97, 2009. Disponível em:

<http://www.revistarepertorioteatroedanca.tea.ufba.br/13/arq_pdf/cinemaemiseenscene.pdf> Acesso em: 01 mar. 2017.

RODRÍGUEZ, Ángel. **A dimensão sonora da linguagem audiovisual**. São Paulo: Senac, 2006.

SAKER, Fernando A. Simões. **Jornalismo e pessoas com deficiência**. Construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação. 2010. 209 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, São Paulo, 2010

SÃO PAULO. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência. 2010. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/node/766>>. Acesso em: 26 out. 2016.

SASSAKI, Romeu. Como chamar as pessoas que têm deficiência? In: SASSAKI. **Vida Independente**: História, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos. São Paulo: RNR, 2003, p. 12-16.

SCHIRMER, Carolina, et al. **Atendimento Educacional Especializado**: Deficiência Física. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

SECRETARIA DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA (2010). Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/node/766>>. Acesso em: 26 out. 2016.

SILVA, Luciene. **O estranhamento causado pela deficiência**: preconceito e experiência. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, v.11, n.33, p. 424-434, 2006.

SINDICATO DAS INSTITUIÇÕES BENEFICENTES FILANTRÓPICAS E RELIGIOSAS DO ESTADO DE SÃO PAULO - SINBFIR. **Declaração de Utilidade Pública**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.sinbfir.org.br/juridico/164-declaracao-de-utilidade-publica>> Acesso em: 16 fev. 2017.

SOUZA, Marjane, SILVA, Priscilla. Equoterapia no tratamento do transtorno do espectro autista: a percepção dos técnicos. **Ciência e Conhecimento**. São Jerônimo, v.9, n.1, 2015. Disponível em:

<<http://cienciaeconhecimento.com.br/edicoes-antiores/edicao-2015/edicao-atual-2/>>. Acesso em: 7 jan. 2017

STEFANELLI, Ricardo. **Roteiro** – Cinema, Televisão e Vídeo. 2010. Sertãozinho. 18p. Notas de aula.

TAVARES, Denise. Fronteiras entre cinema e jornalismo. A realização de vídeo-documentário no curso de jornalismo. In: Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, 8., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005. P.1-17.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil: tradição e transformação**. Summus, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ljEpFW503P4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 04 fev. 2017.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, Jorge. A Pedagogia da Imagem: Deleuze, Godard – ou como produzir um pensamento do cinema. **Educação e Realidade**. Rio Grande do Sul, v. 33, n.1, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6692>>. Acesso em: 27 out. 2016.

VIEIRA, Fernando; PEREIRA, Mário. **“Se houvera quem me ensinara...”**: a educação de pessoas com deficiência mental. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

VIVARTA, Veet. Mídia e deficiência. **Agência de Notícias dos Direitos da Infância, Fundação Banco do Brasil**. Brasília, v.2, 2003. Disponível em: <http://www.andi.org.br/sites/default/files/Midia_e_deficiencia.pdf > Acesso em: 19 jan. 2017.

YIN, Robert k. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

WATTS, Harris. **Direção de câmera**. Um manual de técnicas de vídeo e cinema. São Paulo: Summus, 1999.

ANEXOS

ANEXO A
MODELO DE PROPOSTA DE FILMAGEM DE RABIGER

Título do projeto:

Formato:

Diretor:

Diretor de fotografia:

Operador de áudio:

Editor:

Outros: (função)

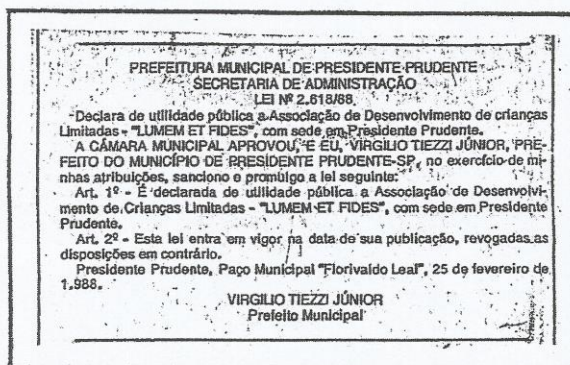
1. Hipótese de trabalho e interpretação. Quais as suas expectativas sobre o universo que você irá mostrar no filme, o argumento principal.
2. Tema e exposição do tema. Qual o assunto do filme? Quais informações necessárias para que o espectador possa ter acesso a esse universo e como essas informações serão transmitidas a ele?
3. Sequências de ação. Escrever um breve parágrafo resumindo aquelas que poderão ser as seqüências que mostram ação (ou atividade) dos personagens envolvidos no filme.
4. Personagens principais. Um breve parágrafo para descrever cada personagem e seus respectivos papéis no documentário.
5. Conflito. Se por acaso houver, quais os conflitos a serem explorados pelo documentário?
6. Público-alvo e expectativa de resposta dessa audiência. Qual o público alvo? Qual a idéia pré-concebida que se imagina que esse público possa a ter do assunto abordado e como o documentário irá lidar com essa idéia?
7. Entrevistas. Lista descritiva dos entrevistados.
8. Estrutura. Um breve parágrafo sobre como o filme irá trabalhar sua estrutura narrativa, de forma linear, não-linear, possíveis macetes narrativos a serem empregados, curva de tensão dramática, como serão intercaladas as entrevistas com a ação do filme, etc.
9. Estilo. Considerações sobre estilo de filmagem e edição, iluminação.
10. Resolução. Um breve parágrafo sobre como se imagina que será o final: em aberto, conclusivo?

ANEXO B
DECRETO DE UTILIDADE PÚBLICA MUNICIPAL Nº2.618/88

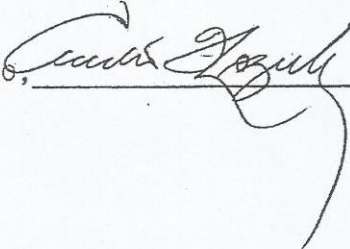


ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS LIMITADAS
"LUMEM ET FIDES"

Sede: Rua Campos Sales, 56-Vila Santa Isabel
Fone: (0182) 22-2381-Cx.Postal 270-CEP-19020
Presidente Prudente - Estado de São Paulo
CGC-MF-53.302.675/0001-51



LEI MUNICIPAL Nº 2.618, DE 25 DE FEVEREIRO DE 1988, PUBLICADA NO JORNAL "O IMPARCIAL" DE PRESIDENTE PRUDENTE, PÁGINA 9 (PUBLICAÇÕES OFICIAIS) DA EDIÇÃO DO DIA 04 DE MARÇO DE 1988.

O 1º SECRETÁRIO,  (ANDRÉO KOZUKI).

Registro nº 707, no livro nº A-4 do 1º Cartório de Registro de Empresas Jurídicas da cidade de Pres. Prudente - SP

ANEXO C
DECRETO DE UTILIDADE PÚBLICA FEDERAL Nº 6.286/92-11

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.
Brasília, em 03 de setembro de 1992; 171º da dependência e 104º da República.

FERNANDO COLLOR
Marcello Marques Moreira

CASA DE SANTA RITA, com sede na cidade de Ibiuna, Estado de São Paulo, portadora do CGC nº 49.315.566/0001-28 (Processo MJ nº 32.402/76);

CASA TRANSITÓRIA "ANDRÉ LUIZ", com sede na cidade de Sorocaba, Estado de São Paulo, portadora do CGC nº 71.866.107/0001-65 (Processo MJ nº 61.867/74);

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS PASSIONISTAS DE SÃO PAULO DA CRUZ - PROVÍNCIA RAINHA DA PAZ, com sede na cidade de Brasília, Distrito Federal, portadora do CGC nº 26.447.516/0001-72 (Processo MJ nº 16.644/92-78);

DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICO-SOCIAL, com sede na cidade de Ubá, Estado de Minas Gerais, portadora do CGC nº 20.354.668/0001-44 (Processo MJ nº 8.640/92-61);

FUNDAÇÃO HOSPITALAR DE MORTES CLAROS, com sede na cidade de Montes Claros, Estado de Minas Gerais, portadora do CGC nº 16.920.928/0001-24 (Processo MJ nº 12.795/89-14);

FUNDAÇÃO HOSPITALAR DO TRABALHADOR-RURAL DE SÃO JORGE DO IVAÍ, com sede na cidade de São Jorge do Itvaí, Estado do Paraná, portadora do CGC nº 78.199.312/0001-63 (Processo MJ nº 8.268/92-01);

FUNDAÇÃO HOSPITALAR SÃO SEBASTIÃO, com sede na cidade de Três Corações, Estado de Minas Gerais, portadora do CGC nº 18.632.315/0001-17 (Processo MJ nº 2.732/90)-

HOSPITAL COMUNITÁRIO SARANDI, com sede na cidade de Sarandi, Estado do Rio Grande do Sul, portadora do CGC nº 89.753.917/0001-70 (Processo MJ nº 10.926/92-15);

HOSPITAL SÃO BENITO, com sede na cidade de Novo Cruzeiro, Estado de Minas Gerais, portadora do CGC nº 18.843.789/0001-08 (Processo MJ nº 283/92-01);

IBAP - INSTITUTO BRASILEIRO DE ASSISTÊNCIA E PESQUISA, com sede na cidade de Niterói, Estado do Rio de Janeiro, portadora do CGC nº 27.774.561/0001-02 (Processo MJ nº 13.925/89-55);

INSTITUTO DE PREVENÇÃO À DESNUTRIÇÃO E À EXCEPCIONALIDADE, com sede na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, portadora do CGC nº 11.088.218/0001-66 (Processo MJ nº 18.238/91-87);

LIGA DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E À INFÂNCIA DE AGRESTINA, com sede na cidade de Agrestina, Estado de Pernambuco, portadora do CGC nº 10.075.232/0001-62 (Processo MJ nº 8.013/92-11);

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE MILAGRES, com sede na cidade de Milagres, Estado do Ceará, portadora do CGC nº 05.455.555/0001-41 (Processo MJ nº 14.482/89-00);

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE BREJO SANTO, com sede na cidade de Brejo Santo, Estado do Ceará, portadora do CGC nº 06.740.625/0001-76 (Processo MJ nº 3.859/90-30).

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 03 de setembro de 1992; 171º da Independência e 104º da República.

FERNANDO COLLOR
Célio Borja

DECRETO DE 3 DE SETEMBRO DE 1992

Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, o imóvel situado na Rua Peixoto Gomide, nº 1038, na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto nos arts. 2º, alínea "a", e 6º, do Decreto-lei nº 3.365, de 21 de junho de 1941, e o que consta no Processo nº 001734/92.

DECRETA:

Art. 1º Fica declarado de utilidade pública, para fins de desapropriação, o imóvel localizado na Rua Peixoto Gomide nº 1038, na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, constituído de um prédio de seu respectivo terreno, medindo 15,00m de frente por 39,00m de ambos os lados, esboçando área de 585,00m², registrado no 13º Cartório de Registro de Imóveis de São Paulo, no Livro 2, matrícula nº 12.334.

Parágrafo único. O imóvel de que trata este artigo, destinar-se-á à instalação da Procuradoria Regional da República no Estado de São Paulo.

Art. 2º Fica o Ministério Público Federal autorizado a promover, na forma da legislação vigente, a desapropriação do imóvel, conforme descrito no artigo anterior, com utilização de recursos orçamentários próprios.

Art. 3º A desapropriação a que se refere este Decreto é declarada de urgência, nos termos do art. 15 do Decreto-lei nº 3.365, de 21 de junho de 1941, com a redação dada pela Lei nº 2.786, de 21 de maio de 1956, para efeito de imediata imissão de posse.

Art. 5º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 03 de setembro de 1992; 171º da Independência e 104º da República.

FERNANDO COLLOR
Marcello Marques Moreira

CLASS.	ESPECIFICAÇÃO	VALOR	POSTO	VALOR
17	RESIDÊNCIA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA INSTITUTO BRASILEIRO DE MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS	3.1.90.14	200	383.000
4	MANUTENÇÃO DO COMPLEXO DE ESTABILIMENTOS IMPLEMENTAÇÃO E MANEJO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	3.1.90.14	200	383.000
		TOTAL		766.000

CLASS.	ESPECIFICAÇÃO	VALOR	POSTO	VALOR
17	RESIDÊNCIA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA INSTITUTO BRASILEIRO DE MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS	3.1.90.14	200	383.000
4	MANUTENÇÃO DO COMPLEXO DE ESTABILIMENTOS IMPLEMENTAÇÃO E MANEJO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	3.1.90.14	200	383.000
		TOTAL		766.000

DECRETO DE 3 DE SETEMBRO DE 1992

Declara de utilidade pública a ASSOCIAÇÃO CRISTÃ FEMININA DE SALVADOR, com sede na cidade de Salvador/BA, e outras entidades.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 1º da Lei nº 91, de 28 de agosto de 1935, e no art. 1º do Alimento aprovado pelo Decreto nº 50.517, de 2 de maio de 1962.

DECRETA:

Art. 1º São declaradas de utilidade pública as seguintes instituições:

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ FEMININA DE SALVADOR, com sede na cidade de Salvador, Estado da Bahia, portadora do CGC nº 13.605.183/0001-10 (Processo MJ nº 13/89-71);

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO LUTISTA, com sede na cidade de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, portadora do CGC nº 57.715.989/0001-37 (Processo MJ nº 13.875/92-84);

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO DEFICIENTE VISUAL, com sede na cidade de Brasília, Distrito Federal, portadora do CGC nº 01.641.430/0001-55 (Processo MJ nº 13.139/92-07);

ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS LIMITADAS "LAPIM ET FIDES", com sede na cidade de Presidente Prudente, Estado de São Paulo, portadora do CGC nº 53.302.675/0001-51 (Processo MJ nº 6.288/92-11);

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS DEFICIENTES VISUAIS, com sede na cidade de Itapetina, Estado do Paraná, portadora do CGC nº 80.927.478/0001-09 (Processo MJ nº 11.427/92-82);

ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO À MATERNIDADE E À INFÂNCIA DE EUGENÓPOLIS, com sede na cidade de Eugênioópolis, Estado de Minas Gerais, portadora do CGC nº 4.432.563/0001-66 (Processo MJ nº 8.025/92-09);

ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO À MATERNIDADE E À INFÂNCIA DE GOIANDIRA, com sede na cidade de Goiandira, Estado de Goiás, portadora do CGC nº 01.130.1601-58 (Processo MJ nº 11.383/92-17);

ASSOCIAÇÃO DO MENOR DE RUA DE PARANAÍVAL, com sede na cidade de Paranaíba, Estado do Paraná, portadora do CGC nº 79.698.486/0001-33 (Processo MJ nº 12.530/92-60);

ASSOCIAÇÃO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO POPULAR INTEGRAL PAULO ENGLERT, com sede na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, portadora do CGC nº 23.275.894/0001-64 (Processo MJ nº 13.615/91-82);

ASSOCIAÇÃO PRO-DOWN, com sede na cidade de Brasília, Distrito Federal, portadora do CGC nº 32.901.894/0001-87 (Processo MJ nº 10.483/92-18);

ASSOCIAÇÃO "CARLOTA LIMA DE CARVALHO E SILVA", com sede na cidade de Mirim, Estado de São Paulo, portadora do CGC nº 0.516/0001-26 (Processo MJ nº 8.864/92-19);


ANEXOD
ATESTADO DE ENTIDADE BENEFICENTE DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL
CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL**

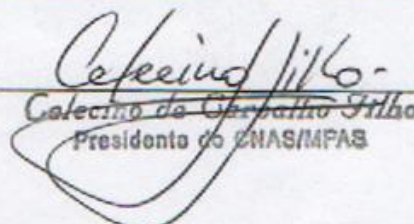
ATESTADO DE REGISTRO

O CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, no uso das atribuições que lhe confere a Lei nº 8.742 de 7 de dezembro de 1993 e, de acordo com o artigo 8º da Lei nº 1.493, de 13 de dezembro de 1951, ATESTA, que o(a) ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS LIMITADAS LUMEM ET FIDES
CGC Nº 53.302.675/0001-51
sediado(a) PRESIDENTE PRUDENTE
Estado SÃO PAULO acha-se REGISTRADO(A) neste Conselho, conforme Processo nº 23002.000645/90-85 deferido em Sessão realizada no dia 03 / 12 / 1991.

Brasília, CNAS, 23 de Julho de 1996



Andréia de Moraes Calari
Secretaria Executiva
CNAS/MPAS



Celso de Carvalho Filho
Presidente do CNAS/MPAS

AVERBAÇÕES:

Processo nº 28996.022383/94-57, deferido pela Resolução nº 099, de 26/06/96, DOU de 03/07/96.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

ANEXO E
DECRETO DE UTILIDADE PÚBLICA ESTADUAL Nº 44.352

Estado de São Paulo
GOVERNADOR MÁRIO COVAS
 Palácio dos Bandeirantes
 Av. Morumbi, 4.500 - Morumbi - CEP 05698-900 - Fone: (11) 3745-3333
 DIÁRIO OFICIAL DO EXECUTIVO DE 27. OUTUBRO, 1999

http://www.imesp.com.br

Volume 109 • Número 204 • São Paulo, quarta

ATOS DO GOVERNADOR

COMUNICADO

Senhores(as) Secretários(as) de Estado
 Assunto - Cadastro de Serviços Terceirizados e Cadastro de Locação de Imóveis
 O principal resultado apresentado por estes dois sistemas gerenciais é, sem dúvida, a economia obtida no período de janeiro de 1995 a julho de 1999 e que representou:
 - Redução de R\$ 2,60 bilhões, nos gastos com serviços terceirizados;
 - Redução de R\$ 71,41 milhões, nos gastos com locação de imóveis.
 Cumprimento os senhores Secretários, dirigentes e gestores pelo empenho e dedicação neste esforço para a racionalização dos recursos públicos.
 Determino, ainda, que se adotem providências relativas à análise/negociação dos contratos de terceirização enquadrados no 4º Quartil e os de locação de imóveis com variação superior à inflação anual, cujos resultados/justificativas deverão ser informados até 12 de novembro próximo, por intermédio dos respectivos aplicativos disponíveis na Rede Executiva do Governo.

DECRETOS

DECRETO Nº 44.352, DE 26 DE OUTUBRO DE 1999

Declara de utilidade pública a entidade que especifica

MÁRIO COVAS, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais e à vista da manifestação do Secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania,

Decreta:

Artigo 1º - Fica declarada de utilidade pública a entidade denominada ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS LIMITADAS "LUMEM ET FIDES", inscrita no CNPJ sob o nº 53.792.675/001-51 com sede em Presidente Prudente.

Artigo 2º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 26 de outubro de 1999
 MÁRIO COVAS
Belisário dos Santos Junior
 Secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania
Celino Cardoso
 Secretário-Chefe da Casa Civil
Antonio Angarita
 Secretário do Governo e Gestão Estratégica
 Publicado na Secretaria de Estado do Governo e Gestão Estratégica, aos 26 de outubro de 1999.

DECRETO Nº 44.353, DE 26 DE OUTUBRO DE 1999

Declara de utilidade pública a entidade que especifica

MÁRIO COVAS, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais e à vista da manifestação do Secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania,

Decreta:

Artigo 1º - Fica declarada de utilidade pública a entidade denominada ADIANTE - ASSOCIAÇÃO DE INCENTIVO AO NÚCLEO DE TRABALHOS ESPECIAIS, inscrita no CNPJ sob o nº 58.103.375/0001-67, com sede em Osasco.

Artigo 2º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 26 de outubro de 1999
 MÁRIO COVAS
Belisário dos Santos Junior
 Secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania
Celino Cardoso
 Secretário-Chefe da Casa Civil
Antonio Angarita
 Secretário do Governo e Gestão Estratégica
 Publicado na Secretaria de Estado do Governo e Gestão Estratégica, aos 26 de outubro de 1999.

DECRETO Nº 44.354, DE 26 DE OUTUBRO DE 1999

Declara de utilidade pública a entidade que especifica

MÁRIO COVAS, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais e à vista da manifestação do Secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania,

Decreta:

Artigo 1º - Fica declarada de utilidade pública a entidade denominada CENTRO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL CURUMIM, inscrita no CNPJ sob o nº 60.113.875/0001-21, com sede em São Miguel Arcanjo.

Artigo 2º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 26 de outubro de 1999
 MÁRIO COVAS
Belisário dos Santos Junior
 Secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania
Celino Cardoso
 Secretário-Chefe da Casa Civil
Antonio Angarita
 Secretário do Governo e Gestão Estratégica
 Publicado na Secretaria de Estado do Governo e Gestão Estratégica, aos 26 de outubro de 1999

DECRETO Nº 44.355, DE 26 DE OUTUBRO DE 1999

Dispõe sobre alteração da especificação da receita até o nível de subfonte

MÁRIO COVAS, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais,

Decreta:

Artigo 1º - Ficam criados itens de receita até o nível de subfonte, no orçamento Fiscal da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP e da Seguridade Social do Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual - IAMSPE, para abrigar recursos provenientes da celebração de convênio com a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, do Ministério da Educação e do Desporto, na conformidade dos Anexos que fazem parte integrante deste decreto.

Artigo 2º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 26 de outubro de 1999
 MÁRIO COVAS
Yoshiaki Nakano
 Secretário da Fazenda
André Franco Montoro Filho
 Secretário de Economia e Planejamento
Celino Cardoso
 Secretário-Chefe da Casa Civil
Antonio Angarita
 Secretário do Governo e Gestão Estratégica
 Publicado na Secretaria de Estado do Governo e Gestão Estratégica, aos 26 de outubro de 1999.

SUMÁRIO

Esta edição, de 64 páginas, contém os atos normativos e de interesse geral.

SECRETARIAS DE ESTADO

Casa Civil	1
Governo e Gestão Estratégica	2
Economia e Planejamento	2
Justiça e Defesa da Cidadania	2
Assistência e Desenvolvimento Social	3
Emprego e Relações do Trabalho	3
Segurança Pública	3
Administração Penitenciária	5
Fazenda	8
Agricultura e Abastecimento	15
Educação	16
Saúde	19
Energia	—
Transportes	22
Cultura	23
Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico	23
Esportes e Turismo	23
Habituação	23
Meio Ambiente	24
Procuradoria Geral do Estado	25

ANEXO I
 a que se refere o Decreto nº 44.355, de 26 de outubro de 1999
 QUADRO C
 10061: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - "JULIO DE MESQUITA FILHO" - UNESP
 Valores em R\$ 1,00

RECEITA POR SUBFONTE			
CÓDIGO	ESPECIFICAÇÃO	SUBFONTE	FONTES
1000.00.00	RECEITAS CORRENTES		12.638.234
1300.00.00	RECEITA PATRIMONIAL		
1390.00.00	Outras Receitas Patrimoniais		
1700.00.00	TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	12.638.233	12.638.233
1760.00.00	Transferências de Convênios		
2000.00.00	RECEITAS DE CAPITAL		
2400.00.00	TRANSFERÊNCIAS DE CAPITAL		
2470.00.00	Transferências de Convênios		
TOTAL			12.638.235

ANEXO II
 a que se refere o Decreto nº 44.355, de 26 de outubro de 1999
 QUADRO C
 05058: INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA AO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL - IAMSPE

APÊNDICES

APÊNDICE A
PROPOSTA DE FILMAGEM

Título do projeto: Sonhos de Maio

Diretora geral: Thaisa Bacco

Diretor e cinegrafista: Weverson Nascimento

Produtora: Rafaela Garbal

Repórter: Shorrayla Duda

Cinegrafia: Wesley Murici

Editor: Carlos Shirosawa

Pós-projeção: Kaito Lomartire

1. Hipótese de trabalho e interpretação. Documentar as contribuições da Lumen et Fides no atendimento a deficientes com limitações múltiplas e transtorno do espectro do autismo ao longo de 30 anos de história.
2. Tema e exposição do tema. A pesquisa pretende levar ao conhecimento da sociedade, por meio de um videodocumentário, a existência dos atendimentos oferecidos e como a instituição pode contribuir na vida da pessoa com deficiência.
3. Sequências de ação. A aplicação o jornalismo como instrumento de registro históricos e através do jornalismo humanizado, promover as visões dos atendidos, profissionais, fundadores e aqueles que contribuíram com a história da instituição.
4. Personagens principais. Todos
5. Conflito. Como a *Lumen et Fides* se desenvolveu ao longo dos 30 anos no atendimento de deficientes com limitações neuromotoras, neuromusculares e transtorno do espectro do autismo?
6. Público-alvo e expectativa de resposta dessa audiência. Proporcionar a disseminação de informações sobre a *Lumen et Fides* ao contribuir com atendimentos voltados à saúde e à educação da pessoa com deficiência, ou seja, revelar a partir de um videodocumentário o papel da instituição para as famílias que possuem a pessoa com deficiência, estudantes e profissionais das áreas de atuação (saúde e educação).
7. Entrevistas. 27 entrevistas selecionadas a partir de critérios e argumentos, como a importância para fundação da instituição de forma a contribuir com seu desenvolvimento, além de profissionais para as áreas específicas de atendimento de saúde e educação. E no caso das histórias das pessoas com deficiências, os pesquisadores selecionaram a partir de técnicas jornalísticas, atualidade, ineditismo, emoção e interesse público e social.
8. Estrutura. A cronologia que foi utilizada é o tratamento não cronológico, que propicia a exploração de recursos narrativos como surpresa e suspense.
9. Estilo. No que diz respeito às imagens, essas serão feitas através do olhar dos cinegrafistas sobre o tema, ao retratar o dia a dia dos deficientes, mas também utilizará ângulos e planos que se enquadrem à realidade e perspectiva de vida da pessoa com deficiência, ou seja, câmera subjetiva, a fim de levar o espectador a uma construção da deficiência, conforme o olhar de quem possui as limitações.
10. Resolução. A utilização do videodocumentário como registro histórico, que traz ao conhecimento da sociedade a histórias da instituição bem como os tratamentos e atendimentos realizados para a pessoa com deficiência.

APÊNDICE B
QUADRO DE FUNCIONÁRIOS 2017

DIRETORIA E ADMINISTRAÇÃO	
Vandik Souza Fernandes	Presidente
Manoel Dionísio Filho	Diretor Administrativo
Perlla Cristina Roel Oliveira	Diretora Pedagógica
Ana Paula Bianque Soares	Coordenadora Pedagógica
Luciana Christine Fernandes Tanaka	Coordenadora de Saúde
Lucimar Aparecida Navarro Inoue	Assistente Social
Izilda Margarete Fernandes	Auxiliar Administrativo
Kelly Rosemary Souza Moreira	Auxiliar Administrativo
Andressa Danielle Lourençoni	Auxiliar Escritório
EDUCAÇÃO	
Adriano Nonato da Silva	Monitor
Amanda Gomes de Souza	Monitora
Amanda Felix de Carvalho	Auxiliar de Classe
Ana Paula Batista de Souza	Monitora
Claudenir Coutinho do Carmo	Monitor
Diego Gomes da Silva	Auxiliar de Classe
Edna Carolina Pereira	Auxiliar de Classe
Jaiza Fernanda Souza Oliveira	Monitora
Janaina Monteiro Garcia Moura	Auxiliar de Classe
Jéssica Lais Garofolo Soares	Auxiliar de Classe
João Baptista de Souza Filho	Professor
Josimeire Rodrigues Gregório	Professora
Liryan Bianca Rocha Leite	Professora
Maria José Marquesi	Professora
Michele Miriam Silva de Jesus	Auxiliar de Classe
Paloma Cristina da Cruz Oliveira	Monitora
Regiane Rodrigues Vicente	Professora
Renata de Lima	Auxiliar de Classe
Rita de Cássia Lima Patrício	Professora
Rosa Maria de Lima	Professora
Silvia Alves de Queiroz Rocha	Professora
Thamires Santos Barros da Silva	Monitora
Verônica Campos de Oliveira	Monitora
SAÚDE	
Adriana Pereira Sávio	Psicóloga
Aline Elizabeth Martins Janial	Fisioterapeuta
Ana Carina Pasquinelis Caleiro	Nutricionista
Ana Paula Janial Molero	Fonoaudióloga
Carolina Hosoume Buona	Terapeuta Ocupacional
Danielle Semensati Paque	Fonoaudióloga
Danilo Luiz de Oliveira	Fisioterapeuta

Darlene Sassi	Fisioterapeuta
Eziléia Gabriela Miranda Souza de Araújo Cavalcanti Gargel	Terapeuta Ocupacional
Flávia Carolina da Cruz	Terapeuta Ocupacional
Gláucya de Jesus Godoy Yida	Fisioterapeuta
Ingrid Mayara Catucci Soares	Fonoaudióloga
Lara de Almeida Santos	Enfermeira
Ludimila Pinheiro Joventino Redivo	Médica Pediatra
Mariana Milanezi Gomes	Médica Psiquiatra
Nathalia Cristina Bilheiro Voltarelli	Fisioterapeuta
Regina Célia Muchon Cayres	Fisioterapeuta
Regina Mayumi Naoe	Terapeuta Ocupacional
Renata Witter Rocha	Médica Neurologista
Rosimeire Geraldo Peres	Fisioterapeuta
Soellyn Tofanelli Silva	Psicóloga
Stela Dalva Batista de Freitas	Fisioterapeuta
Vanessa Soares Rodrigues Fayad	Fisioterapeuta
Veruska Dutra Zullo Carneiro	Fonoaudióloga
SERVIÇOS EM GERAL	
Alessandro Faria de Oliveira	Tratador
Aparecida Jocila Acácio Vilalba	Cozinheira
César Vargas da Silva	Serviços Gerais
Edson José de Oliveira	Motorista
Maria Pereira de Souza	Limpeza
Nilson Henrique de Souza Meidas	Tratador
Silvio Cottini	Motorista
Valéria Zulmira da Silva	Cozinheira

APÊNDICE C
PAUTAS

PAUTA - 1

Retranca: Renata Witter

Proposta: Entrevistaremos a neuropediatra Renata, que fará parte do documentário. A abordagem será referente ao tratamento de pediatria oferecido na programação 1 e 2 da Lumen. A profissional irá falar sobre a história e desenvolvimento de Gabriele Tavares, atualmente atendida pela programação 2.

Roteiro

06/03 – Segunda- feira

08h30

Renata Witter (médica neuropediatra)

Local: Lumen et Fides – Sala a definir

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente. (Nome, função)
2. Quando passou a ser lei profissional da saúde em instituições?
3. Como começou seu trabalho na Lumen?
4. Quais são os casos atendidos aqui?
5. Como são realizados os atendimentos?
6. Quais os critérios de seleção para a criança ser atendida aqui?
7. O que é um problema neurológico?
8. Qual a história da Gabriele Tavares?
9. Qual o diagnóstico dela?
10. Qual a evolução do quadro dela?
11. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 2

Retranca: Lucimar Navarro

Proposta: Entrevistaremos a assistente social Lucimar. A abordagem será referente ao processo de triagem da deficiência neuromotora, neuromuscular e transtorno do espectro do autismo, atendidos pela Lumen. Lucimar falará sobre o atendimento prestado e os direitos e benefícios que a família da pessoa com deficiência tem. Ela também contará sobre a história da Gabriele Tavares e como a criança chegou à instituição.

Roteiro

06/03 – Segunda-feira

10h30

Lucimar Navarro (assistente social)

Local: Lumen et Fides – Sala de Assistência Social

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (Nome,função)
2. Como é o trabalho da assistência social aqui na instituição?
3. Como é a procura por tratamento aqui na Lumen?
4. Como é o processo de triagem da criança para ser atendido pela Lumen?
5. Como está a situação da lista de espera?
6. Quais os direitos e benefícios da família?
7. O que é o Benefício de prestação contínua (BPC)?
8. O que é o Grupo Operativo e como funciona?
9. Qual a história da Gabriele Tavares?
10. Como foi o processo de triagem da Gabriele?
11. Qual a sua relação com a Gabriele?
12. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 3

Retranca: Maria Marquesi

Proposta: Entrevistaremos a pedagoga Maria Marquesi. A abordagem será referente ao trabalho de educação com adolescentes e adultos, entre 14 e 29 anos relacionados à terapia funcional.

Roteiro

06/03 – Segunda-feira

13h30

Maria Marquesi (pedagoga)

Local: Lumen et Fides – Sala de Pedagogia 2

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (Nome, função)
2. Quando foi implantada a educação funcional?
3. Como funciona a educação funcional?
4. O que mudou na educação funcional desde quando começou até hoje?
5. Quais seus métodos de ensino?
6. Quais são os resultados alcançados com este tipo de trabalho?
7. Quais são as perspectivas para o futuro?
8. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 4

Retranca: Edna Pereira

Proposta: Entrevistaremos a pedagoga auxiliar de sala Edna Pereira. A abordagem será referente à metodologia de ensino aplicada aos alunos com transtorno do espectro do autismo e como é o relacionamento com as crianças.

Roteiro

06/03 – Segunda-feira

15h30

Edna Pereira (pedagoga auxiliar de sala)

Local: Lumen et Fides – Sala da Pedagogia Interação

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (Nome, Função).
2. Como é desenvolvido o trabalho educacional na interação?
3. Como funciona o método TEACCH?
4. Qual a sua forma de trabalho?
5. Quais os resultados alcançados?
6. Conte sua forma de relacionamento com as crianças.
7. Qual a história que mais te marcou?
8. Como é o trabalho em conjunto com o professor?
9. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 5

Retranca: Ana Paula Janial

Proposta: Entrevistaremos a Fonoaudióloga Ana Paula Janial. A abordagem será referente ao trabalho de fonoaudiologia realizado na Lumen e o desenvolvimento da fala. Ela falará das crianças Enzo e Lorenzo.

Roteiro

06/03 – Segunda-feira

16h20

Ana Paula Janial (fonoaudióloga)

Local: Lumen et Fides – Sala de atendimento Fonoaudiólogo

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (Nome, função).
2. Como funciona o trabalho de fonoaudiologia na Lumen?
3. Quais as técnicas e métodos utilizados nos atendimentos de fonoaudiologia?
4. Como é feita a avaliação do quadro de cada criança?
5. O que muda no tratamento de uma criança para outra?
6. Como é o desenvolvimento da fala para uma criança com deficiência?
7. Conte sobre o desenvolvimento do Lorenzo da Programação 1.
8. Conte sobre o desenvolvimento do Enzo da Programação 1.
9. Como é o trabalho juntamente com a nutricionista?
10. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 6

Retranca: Rosimeire Peres

Proposta: Entrevistaremos a fisioterapeuta Rosimeire Peres. A abordagem será referente à história da Lumen e o trabalho de fisioterapia desenvolvido na instituição. Ela falará também sobre as terapias complementares (equoterapia, hidroterapia e pediasuit) e a implantação na Lumen. Contará as histórias de Gabriel Yuri e Gabriele Tavares e o que significa a lesão neuromotora e neuromuscular.

Roteiro

07/03 – Terça-feira

10h20

Rosimeire Peres (fisioterapeuta)

Local: Lumen et Fides – Espaço de atendimento Fisioterápico

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome, função).
2. Como você conheceu a Lumen?
3. Onde eram e como eram as antigas instalações?
4. Como era realizado os atendimentos e com quais recursos da época?
5. Como era a aceitação da pessoa com deficiência na época? Já sofreram preconceito ou algo do tipo?
6. Quais os problemas enfrentados pelos pais fundadores antes da passagem para administração de sócios contribuidores? (Maçonaria, Rotary)
7. De que forma a Lumen se desenvolveu ao longo desses 29 anos?
8. Como é o trabalho de fisioterapia desenvolvido hoje aqui na Lumen?
9. Por que é necessária a questão da fisioterapia para pacientes da Programação 2?
10. Como foi a implantação da equoterapia?
11. Como foi a implantação da hidroterapia?
12. Como funciona a integração sensorial?
13. Como funciona o pediasuit?
14. Qual é a diferença da deficiência neuromotora e deficiência neuromuscular?
15. Por que cada criança possui um tratamento diferente?
16. O que é uma criança organizada?
17. Conte-nos a história da Gabriela Tavares.
18. Como foi o desenvolvimento desde que ela chegou aqui?
19. Conte-nos sobre o desenvolvimento do Gabriel Yuri.
20. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 7

Retranca: Soellyn Tofanelli

Proposta: Entrevistaremos a psicóloga Soellyn. A abordagem será referente ao trabalho de psicologia da Lumen, os métodos de tratamentos aplicados a cada criança e o atendimento aos pais através do grupo terapêutico. Ela também falará sobre as características do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e estereotípias, além do atendimento com Jessé e Manuela.

Roteiro

07/03 – Terça-feira

14h30

Soellyn Tofanelli (psicóloga)

Local: Lumen et Fides – Sala de atendimento Psicológico

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome, cargo, função)
2. Como funciona o trabalho da psicologia na Lumen?
3. Como é o atendimento da Programação 1 e Programação 2?
4. Como é o atendimento da interação?
5. O que é o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)?
6. Quais são as características do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)?
7. O que são as estereotípias e como ocorrem?
8. Como você trabalha a questão das emoções com os autistas?
9. Quais os resultados alcançados de maneira geral?
10. Como você age em situação de um aluno com crise?
11. Como funciona o tratamento individualizado com os alunos?
12. Como funciona o grupo terapêutico para os pais?
13. Como é o trabalho individualizado com os Pais?
14. Conte-nos a história do Jessé.
15. Como foi o desenvolvimento dele aqui?
16. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 8

Retranca: Tatilaine Alves

Proposta: Entrevistaremos a mãe do atendido Lorenzo da Programação 1 Tatilaine. A abordagem será referente à história de seu filho, como foi a descoberta da limitação da criança, quando ele entrou na Lumen e o seu desenvolvimento após ser tratado na instituição.

Roteiro

07/03 – Terça-feira

15h30

Tatilaine Alves (mãe - Lorenzo)

Local: Lumen et Fides – Espaço Físico da Lumen próximo a casa das mães ao ar livre

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP
Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome, mãe de tal aluno, idade, ocupação)
2. Conte a história do Lorenzo.
3. Como você conheceu a Lumen?
4. Como foi a adaptação do seu filho na instituição?
5. De que forma você avalia o desenvolvimento do Lorenzo?
6. O que você espera do desenvolvimento do seu filho na Lumen?
7. Como é o estímulo ao desenvolvimento da criança em casa?
8. Como é a vida do Lorenzo e a sua fora da Lumen?
9. Você trabalha a socialização do Lorenzo? Como?
10. O que seu filho significa para você?

PAUTA - 9

Retranca: Ana Carina

Proposta: Entrevistaremos a nutricionista Ana Carina Pasquinesi. A abordagem será referente à alimentação das crianças, bem como a dos funcionários. Falará sobre os diferentes tipos de alimentação (pastosa, sonda, etc), como é montado o cardápio e quais os cuidados com a alimentação dos atendidos pela Lumen.

Roteiro

08/03 – Quarta-feira

08h30

Ana Carina Pasquinesi Caleiro (nutricionista)

Local: Lumen et Fides – Cozinha Lumen

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

- 1- Se apresente (nome, função).
- 2- Como é o trabalho da nutrição na Lumen?
- 3- Como é montado o cardápio?
- 4- Quais as diferenças das alimentações para as crianças? E quais as necessidades?
- 5- Quais os tipos de dietas adotadas na Lumen?
- 6- Como funciona a alimentação por sonda?
- 7- Como funciona a alimentação da P1 e da interação?
- 8- De maneira geral qual a importância de uma alimentação saudável e equilibrada na Lumen?
- 9- O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 10

Retranca: Liryan Rocha

Proposta: Entrevistaremos a pedagoga Lyrian Rocha. A abordagem será referente ao método de ensino da P1 para os alunos entre 3 e 8 anos e como é o trabalho da educação.

Roteiro

08/03 – Quarta-feira

10h00

Liryan Bianca Rocha (pedagoga)

Local: Lumen et Fides - Sala de Pedagogia 3

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome, função).
2. Como é o trabalho educacional da Programação 1 na Lumen?
3. Como funciona a rotina dos alunos?
4. De que forma você desenvolve as atividades diárias?
5. Como é a atividade que trabalha as emoções da criança?
6. De que forma você procura estimular as crianças nas atividades?
7. Como funciona o trabalho conjunto com outras pedagogas? Quais atividades vocês desenvolvem?
8. Por que desenvolvem a atividade de socialização entre as salas?
9. Conte-nos o desenvolvimento do Enzo.
10. Conte-nos o desenvolvimento do Lorenzo.
11. Conte-nos o desenvolvimento do Gabriel Yuri.
12. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 11

Retranca: Manoel Dionísio

Proposta: Entrevistaremos o diretor financeiro e administrativo Manoel Dionísio. A abordagem será referente ao funcionamento da instituição: como ela é organizada financeiramente, como funcionam a sua administração, convênios, doações e a reformulação administrativa.

Roteiro

08/03 – Quarta-feira

13h30

Manoel Dionísio (diretor)

Local: Lumen et Fides – Sala da Direção

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome, função)
2. Como é o trabalho de um diretor na Lumen?
3. Como se deu a reformulação administrativa da instituição?
4. De que forma a Lumen se desenvolveu ao longo desses 29 anos?
5. Quantas pessoas e de quantas cidades são atendidas aqui?
6. Quais são e como funcionam os convênios em relação à educação?
7. Quais são e como funcionam os convênios em relação à saúde?
8. Como funciona o auxílio prestado pelas prefeituras?
9. Qual é o custo mensal total da Lumen?
10. De onde vêm os recursos para custear a entidade?
11. Quais são as outras ações da Lumen para arrecadar dinheiro para a instituição?
12. Quais são os projetos futuros para a instituição?
13. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 12

Retranca: Vandik Fernandes

Proposta: Entrevistaremos o Presidente da Lumen Vandik Fernandes. A abordagem será referente ao funcionamento da instituição, a reformulação administrativa e projetos futuros.

Roteiro

08/03 Quarta-feira

15h30

Vandik Fernandes (presidente)

Local: Lumen et Fides – Sala da Diretoria

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome, função).
2. Como é o trabalho de um presidente na Lumen?
3. Como é o seu trabalho em conjunto com a diretoria?
4. Como se deu a reformulação administrativa da instituição?
5. Quais os custos totais da instituição? (ganhos e gastos)
6. De que forma a Lumen se desenvolveu ao longo desses 29 anos?
7. Existem projetos futuros para a instituição? Quais?
8. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 13

Retranca: Silvia Queiroz

Proposta: Entrevistaremos a pedagoga Sílvia Queiroz. A abordagem será referente a sua história (personagem), ao trabalho educacional da Programação 1 e como é o desenvolvimento deste trabalho. Ela também falará sobre o Rafael.

Roteiro

09/03 – Quinta-feira

08h30

Silvia Queiroz (pedagoga)

Local: Lumen et Fides – Sala de pedagogia 1

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome, função).
2. Como você conheceu a Lumen?
3. Como era o trabalho educacional antes?
4. De que forma a Lumen se desenvolveu ao longo desses 29 anos sob o ponto de vista do atendimento pedagógico?
5. Como é o trabalho educacional da Programação 1 na Lumen?
6. De que forma você procura estimular as crianças nas atividades?
7. Como é o trabalho com os alunos de 2 a 5 anos?
8. Como é o trabalho com os alunos de 7 a 12 anos?
9. Como funciona o trabalho conjunto com auxiliar de sala? Quais atividades vocês desenvolvem?
10. Por que desenvolvem a atividade de socialização entre as salas?
11. Conte-nos sobre a história do Rafael.
12. Como foi o desenvolvimento dele?
13. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 14

Retranca: Ana Paula Soares

Proposta: Entrevistaremos a coordenadora pedagógica da interação, Ana Paula Soares. A abordagem será referente ao trabalho educacional do autismo e os métodos usados. Ela falará sobre o desenvolvimento deste trabalho e sobre o aluno Jessé.

Roteiro

09/03 – Quinta-feira

10h30

Ana Paula Soares (coordenadora pedagógica)

Local: Lumen et Fides – Espaço físico da Interação (Sofá próximo ao refeitório)
Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.
Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome, função).
2. Como funciona o trabalho da coordenação na interação?
3. Como é o trabalho educacional para o autismo na Lumen?
4. Explique sobre o método TEACCH?
5. De que forma as crianças são estimuladas nas atividades?
6. Conte-nos sobre o Jessé.
7. Conte-nos sobre a Manuela.
8. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 15

Retranca: Perlla Roel

Proposta: Entrevistaremos a diretora pedagógica Perlla Roel. A abordagem será referente ao trabalho da educação, às metodologias de ensino, o funcionamento de convênios ligados a educação e como funciona o trabalho de uma Diretora pedagógica na instituição. Abordaremos também a questão do futuro da Lumen.

Roteiro

09/03 – Quinta-feira

13h30

Perlla Roel (diretora pedagógica)

Local: Lumen et Fides - Sala da Coordenação de Saúde e Educação

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome e função).
2. Como funciona o trabalho da direção pedagógica?
3. Como é o desenvolvimento na área da pedagogia aqui na instituição?
4. Quais foram as principais mudanças desde sua chegada à Lumen?
5. Quais as principais diferenças entre o ensino da P1 e da Interação?
6. Quais os principais os requisitos exigidos para se conseguir convênios da educação? .
7. Quais os convênios que a Lumen tem hoje e como funcionam?
8. Como funcionam os recursos recebidos pela Lumen, como doações e colaborações?
9. Quais cidades a Lumen atende?
10. Que tipos de famílias são atendidas na Lumen?
11. Quais as contribuições que a Lumen proporciona para essas pessoas que são atendidas?
12. Existe algum projeto futuro que a Lumen pretende fazer, na área da educação?
13. Quais contribuições a Lumen oferece para a sociedade?
14. Existe um trabalho de projeção?
15. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 16

Retranca: Luciana Tanaka

Proposta: Entrevistaremos a coordenadora da Saúde Luciana. A abordagem será referente à área da saúde, como funcionam os atendimentos, os convênios da saúde, métodos de tratamento e trabalho exercido na instituição.

Roteiro

09/03 – Quinta-feira

15h30

Luciana Tanaka (coordenadora da saúde)

Local: Lumen et Fides - Sala de Coordenação

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome e função).
2. Como funciona o trabalho da coordenação de saúde?
3. Como é o trabalho da equipe de saúde?
4. Quais as deficiências atendidas na Lumen?
5. O que é deficiência neuromotora e neuromuscular?
6. Cite quais os atendimentos na área da saúde aqui na Lumen.
7. Quais os convênios da saúde que a Lumen tem e como funcionam?
8. Quais foram os requisitos exigidos para receber o convênio da saúde?
9. O que é o PECS?
10. Como foi a preparação para o atendimento de terapia cognitiva e comportamental?
11. O que é o método TEACCH?
12. O que é o Relation Play?
13. Quando e como foi implantado o Pediasuit na Lumen?
14. Como funciona a casa funcional para os adultos?
15. O que é e como funciona a comunicação alternativa?
16. Na programação 2 quais são os atendimentos oferecidos?
17. Qual é o objetivo da programação 2 na Lumen?
18. Na programação 1, quais são os atendimentos oferecidos?
19. Como a Lumen vem se desenvolvendo nesse trabalho da saúde?
20. Existe algum projeto futuro que a Lumen pretende fazer, na área da saúde?
21. Quais as contribuições da Lumen para a sociedade?
22. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 17

Retranca: Eziléia Gargel

Proposta: Entrevistaremos a terapeuta ocupacional Regina. A abordagem será referente ao desenvolvimento das atividades ocupacionais e como funcionam. Ela também falará sobre os pacientes, Gabriele Tavares e Gabriel Yuri.

Roteiro

10/03 – Sexta-feira

08h30

Eziléia Gabriela Cavalcante (terapeuta ocupacional)

Local: Lumen et Fides - Espaço Pediasuit

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome e função).
2. Como funciona o trabalho da T.O na Lumen?
3. Qual o objetivo da Terapia Ocupacional?
4. Qual é a metodologia utilizada para as atividades?
5. Como funciona seu trabalho em parceria com outras áreas da saúde?
6. Como funciona o Pecs?
7. Como funciona a casa funcional?
8. Conte-nos sobre o Jessé.
9. Conte-nos sobre a Manuela.
10. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 18

Retranca: João Baptista

Proposta: Entrevistaremos o Educador Físico João Baptista. A abordagem será referente à história da instituição, como foi desenvolvimento da Lumen, como é o trabalho do educador com os autistas. O João também irá contar a história do aluno Bruno que possui o transtorno do espectro do autismo e é órfão.

Roteiro

10/03

10h30

João Baptista de Souza Filho (educador físico)

Local: Lumen et Fides - Ala do Autismo

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome e função).
2. Como iniciou seu trabalho na Lumen?
3. Onde eram e como eram as antigas instalações?
4. Como eram realizados os atendimentos e com quais recursos da época?
5. Como eram organizados os eventos para arrecadar fundos?
6. Como era a aceitação da pessoa com deficiência na época? Já sofreram preconceito ou algo do tipo?
7. Conte o episódio que a Aparecida Kozuki comprou carne para os atendidos da Lumen?
8. Quando e como foi que a Lumen passou por crise?
9. Quais os problemas enfrentados pelos pais fundadores antes da passagem para administração de sócios contribuidores? (Maçonaria, Rotary)
10. De que forma a Lumen se desenvolveu ao longo desses 28 anos?
11. Como era e como é o trabalho do educador físico no autismo aqui na Lumen?
12. Quais as características do transtorno do espectro do autismo?
13. Quais atividades você desempenha com os alunos?
14. Conte-nos a história do Bruno.
15. Como foi o processo de aprendizagem dele aqui na Lumen?
16. De que forma a Lumen auxiliou após à morte dos pais?
17. Como foi o processo de lidar com as emoções do Bruno?
18. O Bruno passou por um treinamento de independência, como foi esse treinamento?
19. Como foi o desenvolvimento do Bruno?
20. Como você se sente em relação ao Bruno?
21. Quais os projetos futuros em relação ao autismo?
22. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 19

Retranca: Rosa Maria

Proposta: Entrevistaremos a pedagoga Rosa Maria. A abordagem será referente à história da instituição, como foi o seu desenvolvimento, como funciona o seu trabalho como professora da interação e o seu método e ensino. Falará sobre a sua turma do período da tarde e também sobre a Manuela, Jessé e Bruno.

Roteiro

10/03 - Sexta-feira

13h30

Rosa Maria de Lima (pedagoga)

Local: Lumen et Fides - Sala de aula - Interação

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome e função).
2. Como iniciou seu trabalho na Lumen?
3. Onde eram e como eram as antigas instalações?
4. Como eram realizados os atendimentos e com quais recursos da época?
5. Como eram organizados os eventos para arrecadar fundos?
6. Como era a aceitação da pessoa com deficiência na época? Já sofreram preconceito ou algo do tipo?
7. Quando e como foi que a Lumen passou por crise?
8. Quais os problemas enfrentados pelos pais fundadores antes da passagem para administração de sócios contribuidores? (Maçonaria, Rotary)
9. De que forma a Lumen se desenvolveu ao longo desses 20 anos?
10. Como é o trabalho da educação na interação?
11. Qual é o método de ensino?
12. Como é trabalhar com a criança com TEA?
13. Conte-nos sobre a sua sala do período da tarde.
14. Conte-nos sobre a Manuela.
15. Como foi o desenvolvimento dela aqui?
16. Conte-nos sobre o Jessé.
17. Como foi o desenvolvimento dele aqui?
18. Conte-nos sobre o Bruno.
19. Como foi o desenvolvimento dele aqui?
20. O que você espera do futuro da Lumen?

PAUTA - 20

Retranca: Grecieli Ferraz

Proposta: Entrevistaremos a mãe dos atendidos Jessé (interação) e Enzo (P1). A abordagem será referente à história dos filhos e o tratamento oferecido pela Lumen.

Roteiro

10/03 – Sexta-feira

16h00

Grecieli Ferraz (mãe – Enzo e Jessé)

Local: Lumen et Fides - Espaço físico - interação (próximo a sala das maes)
Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.
Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se presente (nome, idade, mãe de tal aluno, ocupação).
2. Conte-nos a história do Jessé.
3. Como você descobriu a deficiência do Jessé?
4. Conte-nos a história do Enzo.
5. Como você descobriu a deficiência do Enzo?
6. Quando e como foi que o Enzo começou a andar? O que você sentiu?
7. Como é o estímulo ao desenvolvimento de seus filhos em casa?
8. Como você conheceu a Lumen?
9. Como foi a adaptação dos seus filhos na instituição?
10. De que forma você avalia o desenvolvimento do Jesse?
11. De que forma você avalia o desenvolvimento do Enzo?
12. Conte-nos sobre a relação deles com os outros irmãos?
13. Como você trabalha a socialização dos seus filhos?
14. Como é a vida do Enzo e do Jessé e a sua fora da Lumen?
15. O que você espera do desenvolvimento dos seus filhos?
16. O que seus filhos representam para você?

PAUTA - 21

Retranca: Aparecida Kozuki

Proposta: Entrevistaremos a fundadora da Lumen Aparecida Kozuki. A abordagem será referente à fundação da instituição, como surgiu a necessidade dos pais na busca de um tratamento, como foi no início, locais, dificuldades, toda história da instituição e também abordar a sua história como mãe do Fábio de 40 anos, que possui o transtorno do espectro do autismo e é aluno na Lumen.

Roteiro

11/03 – Sábado - 09h00 - Aparecida Kozuki (fundadora)

Local: Lumen et Fides - Residência da Fundadora
Rua Campos Sales - 56 - Jardim Aviação (próximo ao ginásio de esportes)
Presidente Prudente – SP

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se presente (nome, função).
2. Como e de onde surgiu a ideia de dar início à instituição?
3. Antes da Lumen onde vocês procuravam atendimentos?
4. Como eram as condições de atendimentos antes da Lumen em Presidente Prudente?
5. Como foi a escolha do nome, razão, missão e objetivo da Lumen?
6. Conta a história da instituição desde o início.
7. Como era os passeios realizados na época?
8. Como foi o Bingo realizado no Prudenshopping? E o do prudentão?
9. Como eram arrecadados fundos para custear a Lumen?
10. Como foi o temporal que destelhou a Lumen?
11. Quando você e os outros pais decidiram dar início a esse trabalho?
12. Quais foram e onde foram os outros locais de instalação?
13. Quais foram as maiores dificuldades encontradas?
14. Como era o investimento nos profissionais no passado?
15. De onde surgiu a ideia da equoterapia?
16. As mães procuraram referências fora daqui? Como foi? E quem foi?
17. Quando e como foi a crise?
18. Como foi pra você saber que a Lumen poderia fechar?
19. Conte-nos sobre o episódio em que você teve que comprar carne para o almoço das crianças.
20. Como foi o processo para adquirir a filantropia?
21. Como foi a mudança da presidência de pais para a maçonaria e por quê?
22. Por que os pais resolveram deixar a administração da instituição?
23. Como era a atuação do seu marido?
24. Conte-nos a história do Fábio.
25. Quais os desenvolvimentos dele?
26. O que você espera do futuro da Lumen?
27. O que a Lumen representa para você?

PAUTA - 22

Retranca: Alessandro Oliveira

Proposta: Entrevistaremos o guia de equoterapia Alessandro. A abordagem será referente ao seu trabalho na instituição e como foi o processo de implantação da equoterapia, como foi realizada a escolha dos cavalos e como são os cuidados com os animais.

Roteiro

11/03 - Sábado

14h00

Alessandro Oliveira (guia equoterapia)

Local: Lumen et Fides - Baia dos Cavalos

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome e função).
2. Como é o seu trabalho de guia aqui na Lumen?
3. Como foi a implantação do centro de equoterapia aqui da Lumen?
4. Como foi a capacitação profissional em Brasília?
5. Qual a diferença do centro de equoterapia para o centro daqui?
6. Como foi o desenvolvimento da equoterapia ao longo desses 20 anos?
7. Como é o trabalho de guia de equoterapia?
8. Como é feita a escolha dos animais?
9. Quantos cavalos começaram e quanto tem hoje?
10. Quais são os cuidados com os animais?
11. Qual a sua relação com os animais?
12. O que a Lumen representa para você?

PAUTA – 23

Retranca: Cristina Fátima

Proposta: Entrevistaremos a mãe do Gabriel Yuri da P1, Cristina. A abordagem será referente à história do seu filho Gabriel com deficiência múltipla e possui um irmão gêmeo (Rafael) sem alteração genética e também falará sobre o trabalho da Lumen com o Gabriel.

Roteiro

14/03 – Terça-feira

09h00

Cristina Fátima Vendramim (mãe – Gabriel Yuri)

Local: Lumen et Fides - Espaço físico da Programação 1

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome, idade, mãe de tal aluno, ocupação).
2. Conte-nos sobre o nascimento dos seus filhos (Gabriel e Rafael).
3. Conte-nos sobre a dificuldade do Gabriel após o nascimento.
4. Como você descobriu a deficiência do Gabriel?
5. Como é o estímulo ao desenvolvimento de seus filhos em casa e de que forma você se relaciona com eles?
6. Como foi a adaptação do Gabriel na instituição?
7. De que forma você avalia o desenvolvimento do Gabriel?
8. Como é a relação da família com o Gabriel?
9. Como é a relação do Rafael com o irmão Gabriel?
10. Como você trabalha a socialização do seu filho?
11. Como é a vida do Gabriel e do Rafael fora da Lumen?
12. O que você espera do desenvolvimento do seu filho Gabriel?
13. O que o seus filhos significa na sua vida?

PAUTA - 24

Retranca: Elisângela Tavares

Proposta: Entrevistaremos a mãe da atendida Gabriele Tavares, Elisângela Tavares. A abordagem será referente à história da Gabriele, desde o nascimento até o momento, como foi descobrir a deficiência da filha, as dificuldades e o tratamento recebido na Lumen.

Roteiro

17/03 – Sexta-feira

08h30

Elisângela Tavares (mãe – Gabriela Tavares)

Local: Lumen et Fides - Espaço Físico (próximo a casa das mães)

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista - Presidente Prudente – SP.

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Se apresente (nome, função).
2. Conte-nos à história da Gabi.
3. Qual é o diagnóstico dela?
4. Quando ela entrou na Lumen?
5. Qual a importância da família na vida e desenvolvimento da Gabi?
6. O que a sua filha representa para você?

PAUTA - 25

Retranca: Rafael Honório

Proposta: Entrevistaremos o aluno da programação 1 Rafael Honório. A abordagem será referente ao tratamento recebido na instituição, quais foram suas conquistas, o que ele mais gosta e atividades que ele realiza. Como é o aprendizado em sala e a socialização com os coleguinhas.

Roteiro

16/03 – Quinta-feira

10h30

Rafael Honório (aluno da P1)

Local: Lumen et Fides – Sala de Pedagogia 2

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista

Presidente Prudente – SP. Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

- 1- Se apresente (nome, idade)
- 2- Quando você entrou na Lumen?
- 3- Como você se sente aqui na Lumen?
- 4- O que você mais gosta de fazer aqui?
- 5- Qual atividade você mais gosta de fazer?
- 6- Qual foi a sua maior conquista aqui na Lumen?
- 7- Quem são seus coleguinhas?
- 8- O que a Lumen é pra você?

PAUTA - 26

Retranca: Manuela Miranda

Proposta: Entrevistaremos a aluna da interação Manuela Miranda. A abordagem será referente ao tratamento recebido na instituição, quais foram suas conquistas, o que ela mais gosta, as atividades que ela realiza, como é o aprendizado em sala e a interação com os coleguinhas.

Roteiro

15h03 – Quarta-feira

16h30

Manuela Lores Silva Miranda (aluna da Interação)

Local: Lumen et Fides

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista

Presidente Prudente – SP

Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

- 1- Se apresente (nome, idade)
- 2- Quando você entrou na Lumen?
- 3- Como você se sente aqui na Lumen?
- 4- O que você mais gosta de fazer aqui?
- 5- Qual atividade você mais gosta de fazer?
- 6- Qual foi a sua maior conquista aqui na Lumen?
- 7- Quem são seus coleguinhas?
- 8- O que a Lumen é pra você?

PAUTA - 27

Retranca: Dalton Thadeu de Mello

Proposta: Entrevistaremos o engenheiro civil Dalton, um dos mais antigos voluntários e doador de recursos da Lumen. A abordagem será referente à fundação da instituição, como foi a construção, a elaboração da planta baixa, a infraestrutura da Lumen, quais são os projetos futuros de ampliação. O profissional também falará sobre sua história e o porquê de até o momento colabora com a instituição.

Roteiro

15/03 – Quarta- feira

09h

Dalton Mello (Diretor de patrimônio e engenheiro civil voluntário na Lumen)

Local: Lumen et Fides

Rua Maria Fernandes, 449 – Jardim Alto da Boa Vista

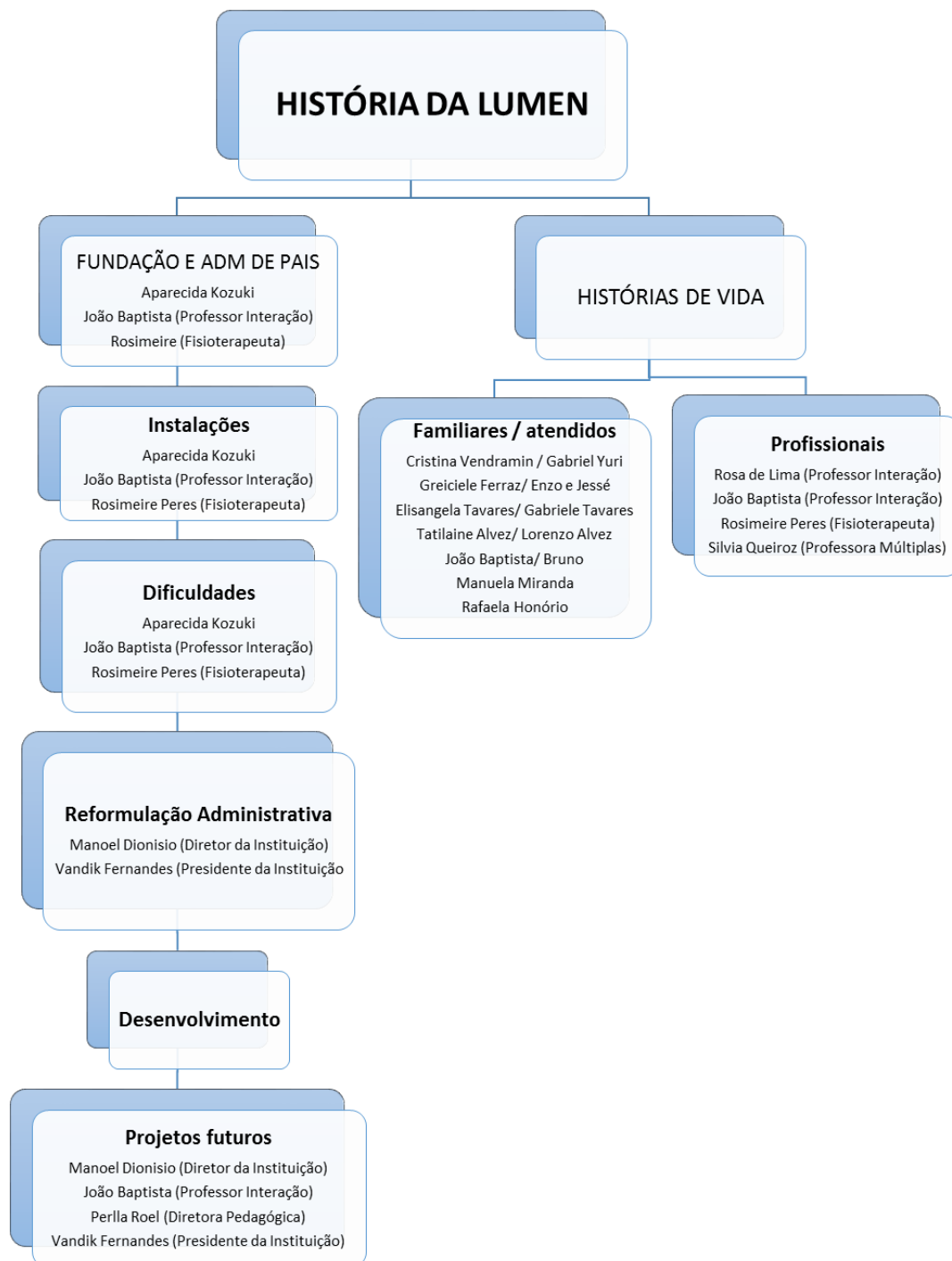
Presidente Prudente – SP. Telefone: (18) 3908-1076

ROTEIRO DE PERGUNTAS

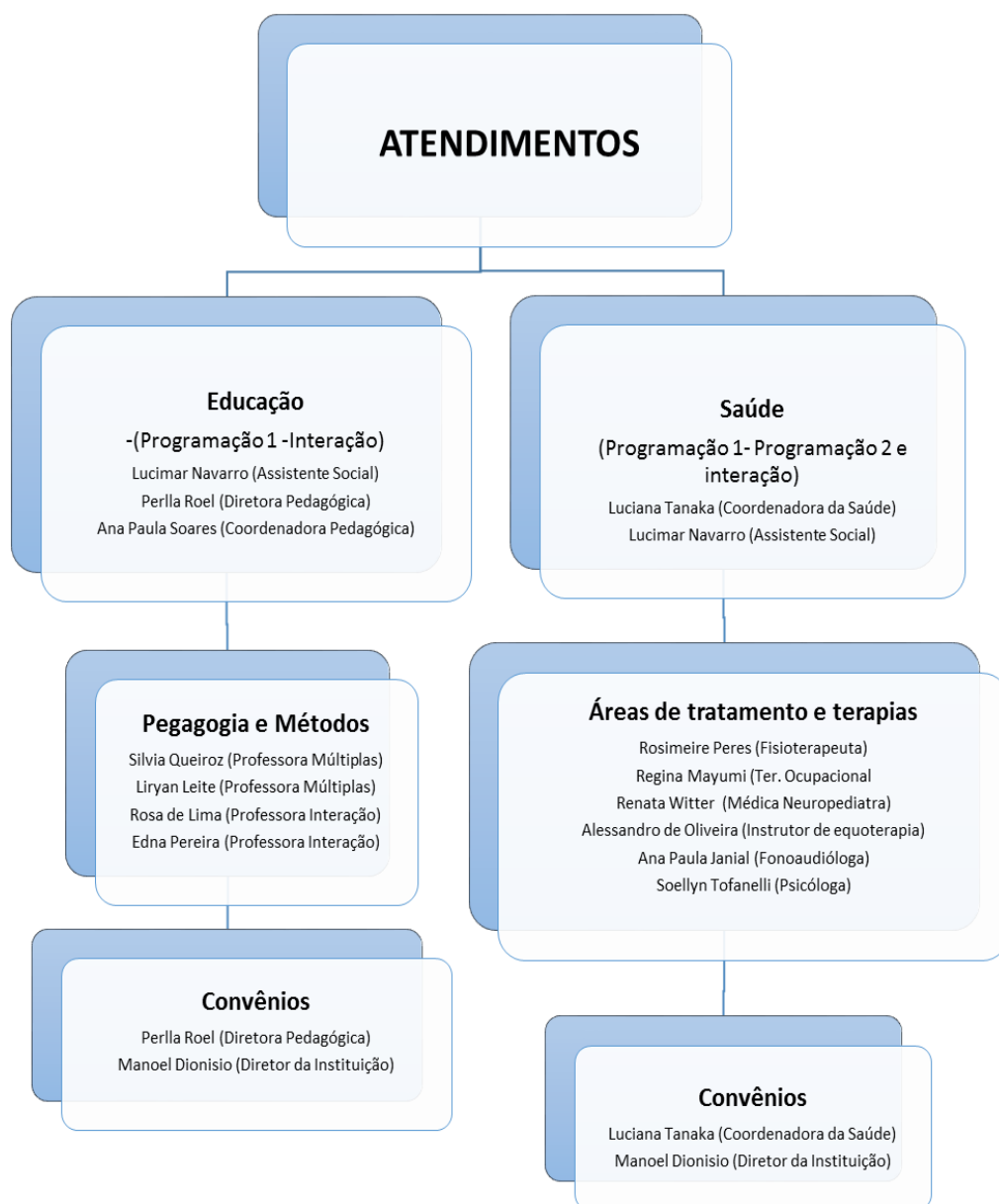
- 1- Se apresente (nome, função).
- 2- Como você conheceu a Lumen?
- 3- Quando você começou a colaborar com a entidade?
- 4- Por que você resolveu se tornar voluntário?
- 5- Quais foram os projetos de infraestrutura? Como foi a elaboração?
- 6- Como foi a elaboração?
- 7- Como foram as conquistas dos terrenos?
- 8- Como foram as construções?
- 9- Quais eram os recursos da época? (doações/ colaborações)
- 10-Quais os projetos futuros de ampliação?
- 11-Como foi colaborar com um trabalho que irá completar 30 anos?
- 12-O que a Lumen representa para você?

APÊNDICE D
MACRO E MICROTEMAS

MACROTEMA E MICROTEMA A



MACROTEMA E MICROTEMA B



APÊNDICE E
CRONOGRAMA DE GRAVAÇÕES

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
	06/03	07/03	08/03	09/03	10/03	11/03	12/03
MANHÃ 07h30 às 11h30	<p>Sonora Médica Neuropediatra - Renata Witter (08h30)</p> <p>Sonora Assiste Social - Lucimar Navarro (10h30)</p>	<p>Imagens do grupo terapêutico (TEA) (08h30)</p> <p>Imagens atendimento fisioterapia</p> <p>Sonora fisioterapeuta - Rosimeire Peres (10h20)</p>	<p>Sonora pedagoga P1 - Liryan Rocha (09h00)</p> <p>Imagens fachada Lumen</p>	<p>Sonora pedagoga P1 - Sílvia Queiroz (8h30)</p> <p>Sonora Coor. Pedagógica - Ana Paula Soares (10h30)</p> <p>Imagens externas Interação – (TEA)</p> <p>Imagens alimentação Múltiplas – P1</p>	<p>Sonora educador físico Interação – João Baptista (09h00)</p> <p>Sonora terapeuta ocupacional I- Elizéia Cavalcante (11h00)</p>	<p>Sonora fundadora - Aparecida Kozuki (09h00)</p>	
TARDE 12h30 às 17h00	<p>Sonora pedagoga P1 - Maria Marquesi (13h30)</p> <p>Sonora aux. classe interação - Edna Pereira (15h30)</p> <p>Imagens atendimento fonoaudiologia</p> <p>Imagens atendimento fisioterapia</p> <p>Sonora fonoaudióloga - Ana Paula Janial (16h20)</p>	<p>Sonora Psicóloga - Soellyn Tofanelli (14h30)</p>	<p>Sonora Diretor - Manoel Dionísio (13h30)</p> <p>Sonora Presidente Lumen - Vandik (15h00)</p> <p>Sonora nutricionista – Ana Carina Pasquineli (16h50)</p>	<p>Sonora Diretora Pedagógica - Perlla Roel (13h30)</p> <p>Sonora Coor. Saúde - Luciana Tanaka (15h30)</p>	<p>Sonora pedagoga Interação - Rosa Maria (13h30)</p>	<p>Sonora instrutor equoterapia - Alessandro Oliveira (14h00)</p>	

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
	13/03	14/03	15/03	16/03	17/03	18/03	19/03
MANHÃ 07h30 às 11h30	<p>-Imagens terapia ocupacional GABI - (08h50 às 09h20)</p> <p>-Imagens terapia aquática JESSÉ - (09h00 às 09h40)</p> <p>-Imagens equoterapia GABI - (09h40 às 10h10)</p> <p>-Imagens atendimento equoterapia</p> <p>-Imagens atendimento pediasuit</p>	<p>-Sonora Cristina Fátima - Mãe Gabriel Yuri (09h00)</p> <p>-Imagens atendimento hidroterapia – Prof. João</p> <p>-Imagens Bruno a caminho da Lumen - (07h30)</p> <p>-Imagens T.O Gabriel Yuri - (08h00)</p> <p>-Imagens atendimento T.O (P2)</p> <p>-Imagens cadeiras de rodas</p>	<p>-Imagens terapia aquática GABI / GABRIEL YURI - (09h00 às 09h40)</p> <p>-Imagens terapia aquática RAFAEL</p> <p>-Imagens equoterapia Manuela - (09h00 às 09h40)</p> <p>-Imagens Integração Sensorial Jessé</p> <p>-Imagens cozinha - (08h30)</p> <p>-Sonora engenheiro – Dalton Mello</p> <p>-Imagens planta-baixa Lumen</p>	<p>-Imagens da baia dos cavalos</p> <p>-Imagens chegada das crianças</p> <p>-Imagens Bruno saída de casa</p> <p>-Imagens corredor Múltiplas</p> <p>-Imagens espaço externo (pátio)</p> <p>-Imagens Terapias alternativas</p> <p>-Imagens Camila caminhando</p> <p>-Imagens atividade Kinect MULTIPLAS - (09h30)</p> <p>-Sonora – Aluno Rafael P1 (10h30)</p> <p>-Imagens almoço funcionário</p>	<p>-Sonora Eisangela – Mãe Gabriela Tavares (08h30)</p> <p>-Imagens Gabi e Mãe</p> <p>-Imagens entrada ala interação</p> <p>-Imagens criança (TEA)</p> <p>-Imagens da socialização de turmas (P1) (10h00) - Pedagogas Liryan, Sílvia e Maria Marquesi</p> <p>-Imagens limpeza - Maria</p>		
TARDE 12h30 às 17h00	<p>Imagens atividade esportiva BRUNO - (14h00 às 14h40)</p> <p>Imagens externas Interação (TEA) BRUNO - (16h00 às 16h30)</p> <p>Imagens das crianças indo embora - MÚLTIPLAS (17h00)</p>	<p>Imagens culinária BRUNO - (13h50 às 14h30)</p> <p>Imagens caminhada (TEA)</p> <p>Imagens corredores múltiplas</p>	<p>-Sonora Greiciele Ferraz - Mãe de Enzo e Jessé (13h30 às 15h00)</p> <p>-Imagens casa de apoio as mães</p> <p>-Imagens fisioterapia ENZO - (15h00 às 15h40)</p> <p>-fonoaudiologia</p> <p>-Sonora Manuela – Aluna (TEA)</p>	<p>-Imagens PECS</p> <p>-Imagens equoterapia ENZO - (14h10 às 14h40)</p> <p>-Imagens atividade Kinect INTERAÇÃO - (14h30)</p> <p>-Imagens terapia aquática BRUNO - (14h50 às 15h20)</p> <p>-Imagens padaria BRUNO - (15h20 às 16h20)</p>	<p>-Imagens culinária INTERAÇÃO - pedagoga Rosa (14h00)</p> <p>-Sonora Tatilaine Alves – Mãe Lorenzo Alves (13h30)</p> <p>-Imagens devolutiva da culinária (Pesquisa de mercado)</p>		

	SEGUNDA	TERÇA		SEGUNDA	TERÇA		
	20/03	21/03		03/04	25/04		
MANHÃ 07h30 às 11h30	-Imagens pedagógicas – Silvia -Imagens coordenação – saúde e educação -Imagens pediasuit – interno múltiplas -Imagens atendimento neuropediatra -Imagens triagem (Lucimar e Luciana)	-Imagens atividade (Gelatina) –Silvia, Liryan e Maria -Imagens multissensorial – Liryan		Imagens - Caminhada azul (8h00)			
TARDE 12h30 às 17h00	-Imagens pedagógicas – Liryan -Imagens terapia aquática – Lorenzo (13h30) -Imagens alimentação múltiplas (sonda) -Imagens reunião pedagógica	-Sonora Greiciele Ferraz - Mãe de Enzo e Jessé (16h00) -Imagens doação (Leite) -Imagens pedagógicas – Edna – Meire – Rita - Rosa -Imagens crianças brincando – espaço externo interação -Imagens acom. terapêutico -Imagens saída – crianças indo embora			Imagens – Gabriela Tavares em casa (10h30)		

APÊNDICE F
LISTA DE ENTREVISTADOS

LISTA DE ENTREVISTADOS – PROFISSIONAIS LUMEN ET FIDES

	NOME	FUNÇÃO	TEMPO DE TRABALHO	ARGUMENTO
1	Aparecida Mieko Sawamura Kozuki	Fundadora	1985 até o momento.	Fundadora da Lumen, personagem principal para se entender a história da instituição.
2	Ana Paula Janial Moreira	Fonoaudióloga	7 anos	Falar sobre a função de desenvolvimento da fala das crianças, bem como estimular a deglutição e mastigação.
3	Ana Paula Bianque Soares	Coordenadora Pedagógica (Interação)	10 anos	Falar sobre como funciona o setor da Interação e os métodos de aprendizagem aplicados para o desenvolvimento dos alunos com transtorno do espectro do autismo.
4	Alessandro Farias de Oliveira	Instrutor de equoterapia (cuida dos cavalos)	20 anos	Participou da implantação da equoterapia na Lumen juntamente com a fisioterapeuta Rosimeire.
5	Ana Carina Pasquinelí Caleilo	Nutricionista	3 anos	Falar sobre os diferentes tipos de alimentação para cada tipo de criança (Pastosa, branda, por sonda)
6	João Baptista de Souza Filho	Professor de educação física (Interação)	28 anos	Trabalha 28 anos na instituição e faz parte da história da Lumen e conta a história do aluno órfão, Bruno de 31 anos da interação.
7	Liryan Bianca Rocha Leite	Pedagoga (P1)	4 anos	Falar sobre os métodos de ensino aplicados a P1 (Deficiência Múltipla).
8	Lucimar Navarro Inoue	Assistente Social	7 anos	Falar sobre o processo de triagem e explicar a forma de assistência à família (Como as crianças conseguem entrar na instituição, quais os critérios de avaliação e etc.).
9	Luciana Christine Fernandes Tanaka	Coordenadora da Saúde	11 anos	Coordenadora da área da Saúde, explicará o processo de atendimento da saúde e convênios.
10	Maria José Marquesi	Pedagoga (P1)	10 anos	Trabalha com a educação de adultos e adolescentes bem como a terapia funcional.
11	Perlla Cristina Roel de Oliveira	Diretora Pedagógica	17 anos	Diretora Pedagógica, explicará o processo de atendimento de educação e convênios.

12	Rosa Maria de Lima	Pedagoga (Interação)	20 anos	Trabalha 20 anos na instituição e faz parte da história da Lumen.
13	Renata Witter Rocha Silva	Médica Neuropediatra	7 anos	Falar sobre as deficiências múltiplas e explicar cada uma delas e como funcionam.
14	Rosimeire Peres Bini	Fisioterapeuta	29 anos	Trabalha 29 anos na instituição e faz parte da história da Lumen e realizou a implantação da equoterapia juntamente com outros profissionais.
15	Eziléia Gargel	Terapeuta Ocupacional	3 anos	Falar sobre o desenvolvimento das atividades ocupacionais e como funcionam.
16	Sílvia Alves de Queiroz	Pedagoga (P1)	22 anos	Trabalha 22 anos na instituição e faz parte da história da Lumen.
17	Soellyn Tofanelli Silva	Psicóloga	5 anos	Falar como funciona seu trabalho com os alunos (P1, P2 e Interação) e quais são os métodos adotados por ela, também fala de seu trabalho voltado aos pais dos alunos e como funcionam as reuniões com eles.
18	Manoel Dionísio Filho	Diretor da Instituição	15 anos	Falar sobre o funcionamento da diretoria da instituição, um pouco da história da mesma e o funcionamento dos auxílios recebidos, bem como convênios e doações.
19	Edna Carolina Pereira	Auxiliar de Classe	3 anos	Falar como é a forma de trabalho com os autistas. (Forma diferente, dinâmica, mais próxima do aluno.)
20	Vandik Souza Fernandes	Presidente Lumen		Falar sobre a atual administração da Lumen

LISTA DE ENTREVISTADOS – FAMÍLIAS

	NOME	RESPONSÁVEL	ARGUMENTO	INTERLOCUÇÃO
1	Cristina Fátima Vendramim	Mãe do Gabriel Yuri	Tem filhos gêmeos, um deficiente e o outro não. Falar sobre o desenvolvimento do Filho Gabriel.	Rosimeire Peres (Fisioterapia) Liryan Rocha (Pedagogia) Ana Carina Pasquinesi (Alimentação) Eziléia Gargel (Pedia suit)
2	Greiciele de Jesus Ferraz	Mãe do Enzo e do Jessé	Tem dois filhos na instituição com deficiência (múltipla e autismo). Falar sobre o desenvolvimento do Enzo e do Jessé.	(ENZO) Liryan Rocha (Pedagogia) Ana Paula Janial (Equoterapia) (JESSÉ) Rosa Lima (Pedagogia) Ana Paula Soares (Pedagogia) Soellyn Tofanelli (Psicologia)
3	João Baptista de Souza Filho	Falar sobre o Bruno (Interação)	Falar sobre a história do Bruno e o cuidado após a morte dos pais.	Rosa Lima (vida)
4	Elisângela Tavares da Silva Egea	Mãe da Gabriele Tavares	Os profissionais relaram que a criança chegou na instituição devido ao caso de hidrocefalia a cabeça era desproporcional ao corpo. Não andava, não se equilibrava e hoje está habilitada em marcha.	Rosimeire Bini (Fisioterapia) Renata Witter (Neuropediatria) Eziléia Gargel (Terapia ocupacional) Lucimar Navarro (Relato de vida)
5	Tatilaine Figueiredo Leal Alves	Mãe do Lorenzo Filipe Leal Alves	Possui deficiência física que afetou a fala, porém, tem o cognitivo preservado.	Liryan Rocha (Pedagogia) Ana Paula Janial (Fonoaudiologia)
6	Rafael Honório	-----	Deficiente físico	-----
7	Manuela Miranda	-----	Deficiente intelectual	-----

APÊNDICE G
RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 06/03/2017

Câmera 3

TAKE/TIME CODE	DESCRIÇÃO
00000	SONORA – Meio close
00001	SONORA – Meio close
00004	SONORA – Meio close
00005	SONORA – Meio close
00007	SONORA – Meio close
00008	SONORA – Meio close
00011	SONORA – Meio close
00012	SONORA – Meio close
00013	IMAGEM - Plano Americano – Ana Paula Janial atendendo uma menina
00014	IMAGEM – Detalhe – Pote de lápis de cor
00015	IMAGEM – Detalhe – Pote de lápis de cor
00016	IMAGEM – Big Close – Menina falando com Ana Paula Janial
00017	IMAGEM – Detalhe - Figuras
00018	IMAGEM – Detalhe – Passando cola na folha
00019	IMAGEM – Zoon In – Ana Paula Janial colando e recortando folha
00020	IMAGEM – Zoon Out – Ana Paula Janial conversando
00021	IMAGEM – Zoon Out – Ana Paula Janial conversando
00022	IMAGEM - Médio – Fisioterapeuta no tablado atendendo um menino
00023	IMAGEM - Médio – Fisioterapeuta no tablado atendendo um menino
00024	IMAGEM – Zoon In – Menino rindo no atendimento
00025	IMAGEM – Zoon Out – Fisioterapeuta com a mão no joelho do menino
00026	IMAGEM – Tilt Down - Fisioterapeuta com a mão no joelho do menino
00027	IMAGEM – Tilt Up - Fisioterapeuta com a mão no joelho do menino
00028	IMAGEM – Médio – Menino sentado na bola terapeutica
00030	IMAGEM – Big Close – Menino rindo
00031	IMAGEM – Detalhe – Menino Rindo
00032	IMAGEM – Contra Plongée – Fisioterapeuta motivando na atividade
00034	IMAGEM – Rack Focus – Fisioterapeuta e menino em um “balanço”
00035	IMAGEM - Tilt Up - Fisioterapeuta e menino em um “balanço”
00036	IMAGEM - Tilt Up - Fisioterapeuta e menino em um “balanço”
00038	IMAGEM - Zoon In - Fisioterapeuta e menino em um “balanço”
00039	SONORA – Meio close
00040	SONORA – Meio close

Câmera 4

TAKE/TIME CODE	DESCRIÇÃO
00000	SONORA – Detalhe
00001	SONORA – Detalhe
00003	SONORA – Detalhe
00004	SONORA – Detalhe
00005	SONORA – Detalhe
00006	SONORA – Detalhe
00007	SONORA – Detalhe
00011	SONORA – Detalhe
00012	SONORA – Detalhe
00013	SONORA – Detalhe
00014	IMAGEM – Big Close - pintura

APÊNDICE H
ROTEIRO

Enquadramento de entrevista, Rafael Honório (Deficiente físico)+ coberto por imagens	Sobe som	
IMAGENS SLOW MOTION DO RAFAEL	Trilha 1	“Cometi a loucura de nossas fotos rasgar e uma por uma eu vou ter que colar. Mas foi na hora da raiva, na hora, na hora da raiva. Naquele segundo eu pensei que até te odiava, mas respirei fundo e vi que eu te amava. Mas foi na hora da raiva, na hora, na hora da raiva.”
Enquadramento de entrevista, Rafael Honório (Deficiente físico)+ coberto por imagens	Sonora	Minha maior conquista? Eu acho que foi ter conhecidos os meus amigos.
IMAGENS SLOW MOTION DO RAFAEL	Trilha 1	
IMAGENS SLOW MOTION DO MANUELA	Trilha 2	
Enquadramento de entrevista, Manuela Miranda (Transtorno do espectro do autismo)	Sonora	Eu, eu me sinto feliz porque eu sou bem tratada eu sou respeitada
IMAGENS SLOW MOTION DO MANUELA		
Enquadramento de entrevista, Rafael Honório (Deficiente físico) + no Fade final	Sonora	Aqui? Assim tem várias coisas, mas o que eu gosto de fazer aqui eu acho que é duas coisas de fazer aqui: gosto dos jogos, que vocês viram lá né. Ai eu gosto de participar do grupo.
IMAGENS SLOW MOTION DO MANUELA		
Enquadramento de entrevista, Manuela Miranda (Transtorno do espectro do autismo) + no Fade final	Sonora	Pra mim é como se fosse um lugar melhor para mim, eu sou mais feliz aqui .
Enquadramento de entrevista, Rafael Honório (Deficiente físico) + no Fade final	Sonora	É que lá na outra escola é, tinha professora tudo, mas não tinha uma pessoa pra ficar comigo. Me deixava lá

<p>Enquadramento de entrevista, Manuela Miranda (Transtorno do espectro do autismo) + no Fade final</p> <p>**Clipe dos atendimentos da instituição + GC**</p> <p>RAFAELA GARBAL produção reportagem edição de texto</p> <p>SHORRAYLA DUDA produção reportagem edição de texto</p> <p>WESLEY MURICI produção cinegrafia roteiro edição de texto</p> <p>WEVERSON NASCIMENTO produção cinegrafia roteiro fotografia direção edição de texto</p> <p>JULIO DOURADO projeto gráfico e videografismo</p> <p>CARLOS SHIROSAWA edição de imagens pós-produção e finalização</p> <p>KAITO LOMARTIRE edição de imagens pós-produção e finalização</p> <p>direção geral THAISA BACCO</p> <p>Videografismo</p>	<p>Sonora</p> <p>Trilha</p> <p>Trilha</p>	<p>no canto da sala, me deixava picotando papel. Aí ela me trouxe pra cá.</p> <p>Na minha antiga escola eu sofria muito bullying. Eu não podia chamar a professora de tia. Eu era muito zuada. Uma menina zuava meus desenhos dizendo que eu não ia conseguir. Ninguém me deixava copiar os desenhos. Eu tenho muita dificuldade em desenhar mais ela ria.</p>
--	---	--

<p>Entrevista Greiciele Ferraz - coberta por imagens rápidas de Jessé e Enzo em atividades</p> <p>Entrevista Tatilaine Alves - coberta por imagens rápidas do Lorenzo em atividade</p> <p>Entrevista Elizangela Tavares - coberta por imagens rápidas do Gabriele em atividade</p> <p>Entrevista Cristina Vendramim - coberta por imagens rápidas do Gabriel Yuri e do Rafael</p> <p>Logo permanece centro da tela no canto inferior do vídeo ao longo de todo o vídeo.</p>	<p>Sonora</p> <p>Sonora</p> <p>Sonora</p> <p>Sonora</p>	<p>“Os nossos filhos são nossas flechas da manhã. Então, eles são especiais demais,</p> <p>“Ele é tudo do jeitinho que ele é, eu não trocaria por nada nesse mundo.”</p> <p>“A Gabriele é tudo pra mim. A Gabriele é meu chão, é tudo.”</p> <p>“Filho é tudo, é tudo na nossa vida, é muito assim, [EMOÇÃO] não tem nem explicação né, filho acho que é o bem mais precioso que Deus nos confiou,</p>
<p>**HISTÓRIA DA GABRIELE**</p> <p>**CLIFE DAS CRIANÇAS PERSONAGENS**</p> <p>**IMAGENS SLOW MOTION DA GABRIELE TAVARES**</p> <p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres Bini (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p> <p>Enquadramento de entrevista, Elisângela Tavares (Mãe Gabriele Tavares) + coberto por imagens da Gabriele Tavares</p> <p>**IMAGENS SLOW MOTION DA GABRIELE TAVARES**</p>	<p>Trilha</p> <p>Sonora</p>	<p>A história da Gabriele Tavares, é uma história assim que particularmente eu acho muito bonita,</p> <p>Ai a Gabriele nasceu [...] Depois de umas horas assim que passou o tempo do período que você tem que ficar deitada que eu fui ver Gabriele fia, foi um choque. Porque eu... (emocionada) [...] Eu não esperava né, porque eu não sabia o que era uma hidrocefalia... (silêncio)</p>

<p>Enquadramento de entrevista, Elisângela Tavares (Mãe Gabriele Tavares) + coberto por imagens da Gabriele Tavares</p> <p style="text-align: center;">**GC** Elisângela Tavares mãe</p>	<p>Sonora</p>	<p>A médica falava assim “não se apegue mãe, porque ela não vai viver”. ai fez a cirurgia e a Gabriele começou a desenvolver, mais assim não tanto do jeito que a gente esperava né</p> <p>Ai eu fui na APAE, ai a APAE falou pra mim “mãe aqui não é o caso da sua filha, o caso da sua filha é Lumen. Se vai na Lumen, conversa com a assistente social de lá. [...] Ai eu vim aqui conversei com a assistente social aqui, fiz uma entrevista aqui, todas as mães passam por uma entrevista né. Ai fez a entrevista eu fiquei esperando a vaga</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Lucimar Navarro (Assistente Social) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Lucimar Navarro Assistente Social</p>	<p>Sonora</p>	<p>ela começou os atendimentos na programação 1, então ela recebia os atendimentos na área da pedagogia e da saúde também</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres Bini (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Rosimeire Peres Fisioterapeuta</p>	<p>Sonora</p>	<p>É de uma evolução muito grande é uma paciente que quando chegou aqui ela tinha uma cabeça, um quadro de hidrocefalia, e assim a cabeça ela é bem desproporcional ao resto do corpo, é de forma que ela não conseguia controlar a cabecinha dela, então assim a única forma que ela tinha, ela pisoteava em volta da cabeça, a cabeça ficava no centro, como o centro e os pezinhos ficavam em volta então ela rodava em volta da cabeça</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Elisângela Tavares + coberto por imagens da Gabriele Tavares</p>	<p>Sonora</p>	<p>A Gabriele só ficava deitadinha, não pegava nada com a mão, tudo o que queria era só com o pezinho</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Lucimar Navarro (Assistente Social) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>Ela tinha dificuldade devido a hidrocefalia congênita, com o passar do tempo com os atendimentos especializados e uma mãe muito comprometida a Gabriele</p>

<p>Enquadramento de entrevista, Renata Witter (Médica Neuropediatra) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Renata Witter Médica Neuropediatra</p>	Sonora	<p>começou a apresentar uma evolução muito grande.</p> <p>O diagnóstico da Gabriele é hidrocefalia, geralmente é um acúmulo do líquido, do licor no cérebro, aí o que precisa se fazer, precisa pro uma válvula, para esse líquido drena, porque se esse líquido não for drenado ela vai começar a ter sinais de hipertensão intracraniana, que é sonolência, vomito, as vezes pode até epilepsia, então por disso a gente tem que fazer esse tratamento cirúrgico</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>A gente foi trabalhando o desenvolvimento dela estimulando o controle de cabeça, depois o controle de tronco, depois ela começou a passar de sentado pra em pé, depois em pé com apoio, caminhando, depois começou a dar os primeiros passinhos e daí a gente começou a subir rampa, descer em locais com terreno com maior dificuldade, com pedrinha tudo, pra ela melhorar esse equilíbrio</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Renata Witter (Médica Neuropediatra) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>Você tem que estimular essas crianças, por isso que ela teve uma evolução muito boa</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>Hoje a Gabriele [...] ela se movimenta sozinha, anda sem o apoio, mas ela interage e até uma criança que tá parcialmente independente</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Lucimar Navarro (Assistente Social) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>Atualmente a Gabriele ela frequenta a programação 2 porque ela está na rede municipal de ensino, e ela já não usa mais fralda, ela anda pela instituição, então a evolução da Gabriele foi muito gratificante tanto pra mim quanto para os demais membros da equipe</p>

<p>**IMAGENS SLOW MOTION DA GABRIELE TAVARES**</p>	<p>Trilha</p>	
<p>**HISTÓRIAS DA INSTITUIÇÃO**</p> <p>**CLIFE COM IMAGENS ANTIGAS DA LUMEN**</p> <p>Enquadramento de entrevista, Aparecida Kozuki (Fundadora) + coberto por imagens</p> <p>**GC** Aparecida Kozuki Fundadora da Lumen</p> <p>**FADE**</p>	<p>Trilha</p> <p>Sonora</p>	<p>A história da Lúmen. O início da instituição surgiu porque os nossos filhos não tinham um tratamento adequado. O objetivo dela fosse para que ela, as crianças fizessem o tratamento em um lugar só.</p> <p>O Fábio por exemplo, ia duas vezes por semana na fonoaudióloga, depois ia duas ou três vezes, não lembro, na psicóloga, ia na fisioterapeuta, ai nessa clínica da fisioterapeuta, tinha pedagoga, frequentava também essa parte de pedagogia [...] eu procurei as escolas particulares, mais nenhuma das escolas aceitou o Fábio</p> <p>Uma mãe que morava em São Paulo, ela chegou para Prudente [...] e ela me ligou pra que, iria ter uma reunião na casa dela, ai nesta reunião estavam mais, estávamos em quatro casais [...] a intenção dela era funda a escola, ai nós fomos atrás, ai a psicóloga orientando como poderia fazer e assim começamos, e eu sei que começamos em julho de 86, para a escola iniciar somente no ano seguinte, no mês de maio, que foi no dia 15 de maio de 87.</p> <p>Nós fomos com a cara e a coragem, como se diz, não tínhamos lugar para começa, um dos pais tem, na época tinha</p>

		<p>uma chácara, vamos começar na chácara, ai na chácara nós fomos uma semana, mas, ai foi uma época de chuva, ai o carro não subia, não conseguia chegar na chácara, falou não assim não da para ficar.</p> <p>Começamos com 7 funcionários, 7 crianças, e tínhamos acho que 10 funcionários na época, tínhamos mais funcionários que crianças, porque as crianças necessitavam, assim de, aquele apoio, assim, porque são crianças especiais, não andavam, não falava, então, e o autista, o que não andava e não falava são os de múltiplas deficiências, e o autista, começamos com 3, com o Fábio, o Marco, o Lucinei, foram essas 3 crianças que começou.</p> <p>Nós não tínhamos verbal nenhuma, então os pais né, a gente ratiava, no começo da Lúmen os pais pagavam as despesas, “vai da tanto”, então todo mês todo mundo tinha que dá, da tipo assim, uma mensalidade [...] pra custear</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>[...] Quando eu iniciei era no fundo da IPI, da Igreja Presbiteriana Independente. Nós montávamos a escola a Lumen na segunda de manhã, ficava até sexta e na sexta a tarde desmontava a Lumen para montar a escola dominical</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Aparecida Kozuki (Fundadora) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>E nós fomos acolhidos por todo amor, não pagávamos nada, então nós ficamos lá alguns meses, e depois surgiu essa vaga em uma, na Av. Coronel Marcondes, que hoje funciona uma padaria, e nós ficamos lá</p>
<p>Enquadramento de entrevista, João Baptista (Educador Físico) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** João Baptista</p>	<p>Sonora</p>	<p>Em torno de um ano e meio, depois por custo, por problemas financeiros né, nós fomos lá pra APAE [...] a APAE ofereceu pra nós um bloco, acredito que nós ficamos também em torno de um ano e meio</p>

Educador Físico		
Enquadramento de entrevista, Aparecida Kozuki (Fundadora) + coberto por imagens	Sonora	APAE, que emprestou umas 3, 4 salas, eu não lembro mais, fazem 30 anos, então, foi emprestado as salas [...] e de lá nós viemos para o S.O.S que ficamos mais outro tempo, e depois nós conseguimos a assim, uma doação de uma entidade que fechou, ai a prefeitura nos cedeu o espaço onde é atualmente a Lúmen.
Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens	Sonora	Esse terreno aqui, reformou, e ai as terapias complementares que é a equoterapia e integração sensorial começou a ser feita aqui, então nós ficávamos lá então duas vezes por semana vinha os terapeutas com algumas crianças para desenvolver esse trabalho aqui, ai voltava pra lá pra parte pedagógica e a fisioterapia tradicional.
Enquadramento de entrevista, João Baptista (Educador Físico) + coberto por imagens	Sonora	Porque esse barracão atual, ele era de outra instituição da cidade que chamava Albert Sabin, e ela fechou, e pelo estatuto do município uma instituição similar tinha que incorporar ela, no caso a Lumen né, a Lumen pegou e incorporou essa instituição quando ela se fechou e ficou como legado o barracão, e naquele momento a gente tava iniciando o trabalho da equoterapia,
Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens	Sonora	A Lumen sempre na vanguarda das coisas, equoterapia na região não existia nada, nem só em São Paulo que tinha
Enquadramento de entrevista, Aparecida Kozuki (Fundadora) + coberto por imagens	Sonora	[...] e com isso tiveram que fazer cursos de equoterapia, foi em Brasília, foram os fisioterapeutas [...]
Enquadramento de entrevista,	Sonora	Fomos em três fisioterapeutas e a

<p>Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>		<p>diretora da instituição, chegamos lá e fizemos um curso, acho que foi mais ou menos 15 dias [...] ai nós fomos atrás da dona Margarida Kunzli que ela montou a hípica aqui de Prudente, e ela era uma exímia conhecedora de cavalos, fomos atrás dela, ela já senhora tinha 80 anos mais ou menos, e assim deu maior apoio pra gente, nos ensinando como fazer, o que precisava melhor, o estribo melhor, o loro melhor, a sela, a manta, o cilião, assim tudo e também como era a parte de cuidados</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Alessandro Farias (Equitador Equoterapia) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Alessandro Farias Equitador de equoterapia</p>	<p>Sonora</p>	<p>Em cada realidade é um animal diferente [...] então vai da necessidade de cada praticante, e a equipe em conjunto avalia, eu preciso de um determinado animal, de dorso mais largo, de passo mais lento, mais acelerado, pra cada necessidade, então, você vai ser bem minucioso na escolha desse animal, não é somente um cavalo, ele, isso é um instrumento terapêutico [...] e além de tudo é um instrumento ser vivo, ele não vai fala, ele simplesmente vai agir , então você tem que ter, ser perspicaz pra avaliar a necessidade do praticante, e adequar o animal pra necessidade.</p>
<p style="text-align: center;">**CLIFE COM IMAGENS DA CONSTRUÇÃO DA LUMEN**</p>	<p>Trilha</p>	
<p>Enquadramento de entrevista, João Baptista (Educador Físico) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>Esse barracão só era a parte estrutural, a parte só terra, só tinha as paredes e a cobertura</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Dalton Mello (Engenheiro) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Dalton Mello Engenheiro Civil</p>	<p>Sonora</p>	<p>Eu me lembro que o Carlos Alberto dos Santos e a Véra, que são as pessoas que me trouxeram para a Lúmen, o Carlos Alberto ele era gerente da SABESP na época, [...] e nós passamos a construir várias obras em Presidente Prudente, e na construção da obra precisava construir um canteiro de obra para fazer as obras da SABESP, o que nós fizemos</p>

<p>Enquadramento de entrevista, João Baptista (Educador Físico) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>para poder compartilhar e ter esse recurso vindo para a Lúmen, nós naquela época, nós solicitamos da empresa contratada, que a gente doaria o terreno, para eles ficarem 1 ano, 2 anos, fazendo as obras da SABESP, e posteriormente eles deixaria aquele canteiro de obra, para que, para que a gente pudesse transforma aquele canteiro de obra em sala de aula para as crianças.</p> <p>Ai com o tempo né com eventos que a instituição foi realizando ai terminou aquele barracão que é toda parte terapêutica hoje atualmente, que é a parte de integração sensorial, a parte das piscinas, toda aquela parte de fisioterapia ali foi a primeira estrutura que foi montada, ai na sequencia foi montada as primeiras salas, do outro lado secretaria, a cozinha e foi aumentando, foi sendo ampliado</p> <p>eles contratavam toda a equipe técnica necessária, parte de coordenação uma equipe completa que era necessário e ai eles começaram a entrar também na parte de administração e coordenação da instituição, ai começaram a realizar alguns pequenos eventos pra poder cobrir os gastos com essas crianças,</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Aparecida Kozuki (Fundadora) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>Então a dificuldade foi, sempre foi a parte financeira, então com isso tivemos que fazer eventos, pra arrecadar dinheiro para complementar a verba que recebíamos que era pouca, que não dava para pagar o pessoal, então foram jantares, o bingo, teve até uma época que nós fizemos um sorteio pela loteria federal de um carro, ai ficávamos assim na entrada da cidade, pra [...] parar os carros e oferecer quando os carros paravam o bilhete</p>
<p>Enquadramento de entrevista, João Baptista (Educador Físico) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>E nós funcionário também participava que havia um envolvimento aonde se mobilizava porque era um sonho né, era</p>

<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>um sonho em comum né tanto dos pais, como da gente né</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Silvia Queiroz (Professora) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Silvia Queiroz Professora Múltiplas</p>	<p>Sonora</p>	<p>Eles tavam realmente a frente do tempo de Presidente Prudente, então assim, eram pessoas que tavam assim sempre querendo algo a mais</p> <p>Antes, quando eu entrei o trabalho que era desenvolvido na área pedagógica , ela era, não era só em sala de aula, a nossa participação era, a gente realizava atividade em sala de aula, mas também levava as acrianças em atendimento, na hora da alimentação também era nos professores que alimentavam essas crianças, claro com uma parceria e orientação da fono, fonoaudióloga, que foi muito importante, devido a patologia das crianças, [...] Em sala de aula a gente trabalhava, na época, tinha crianças que já estavam na escola, então, muitas vezes acompanhava essas crianças nas atividades da escola, a gente tentava adaptar algumas atividades para ajudar a sanar a dificuldade dessa criança</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosa Maria de Lima (Professora) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Rosa Maria de Lima Professora Interação</p>	<p>Sonora</p>	<p>Eu entrei aqui na Lúmen em agosto de 97, na sala denominada escolaridade, era crianças com várias patologias, que hoje seria a deficiência múltiplas, era crianças que ficava período integral, um grupo ficava comigo o dia todo e outro grupo ia para a escola comum.</p>
<p>*CLIFE COM IMAGENS ANTIGAS DO ATENDIMENTO**</p>	<p>Trilha</p>	
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>Os recursos eram muito poucos, então bola, as vezes a gente tinha uma bola, um rolo, os pais se juntavam pra fazer</p>

<p>Enquadramento de entrevista, Aparecida Kozuki (Fundadora) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>algumas coisas e as vezes a gente ia no supermercado e pegava aquelas, aqueles apoios maiores, uns rolos de propaganda [...] a gente usava aquilo lá como recurso, tinha que adaptar ao que tinha, né, então assim por muito tempo a gente foi levando</p> <p>Primeiro convênio que eu, a na época a presidente a Argenti, que foi uma das, que era uma das, uma mãe também de um filho, né, que frequentava a Lúmen, ela conseguiu, ela mais as fisioterapeutas, mais as, o pessoal técnico da Lúmen, foi feito um convênio do SUS [...]ai nós conseguimos também a utilidade pública, é, municipal, estadual, federal,</p>
<p>Enquadramento de entrevista, João Baptista (Educador Físico) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>Tudo que vinha de mais de novo, de tecnologia, de métodos novo principalmente pra reabilitação, eles procuravam mandar a gente, para congresso, pra cursos e muitas vezes a instituição não tinha esse dinheiro, então os pais mesmos arcavam com essas despesas né, então nós íamos buscavam né as novas né, os novos métodos de trabalho, voltava aqui e a gente transmitia para os outros funcionários, então sempre teve né, essa busca de algo melhor</p>
<p>Enquadramento de entrevista, João Baptista (Educador Físico) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>Um fato mais marcante que eu tenho aqui na instituição, foi quando nós tivemos a informação que a entidade ia fechar,</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Aparecida Kozuki (Fundadora) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**FADE**</p>	<p>Sonora</p>	<p>Foi difícil, foi muito triste para a maioria,</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Aparecida Kozuki (Fundadora) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>Os pais ficaram desesperados, porque isso daí foi convocado a reunião para que resolvêssemos a situação, [...] se fechássemos, ai cada um teria que ficar</p>

<p>Enquadramento de entrevista, João Baptista (Educador Físico) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>com, o seu filho em casa, ai teria que volta à estaca 0</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Aparecida Kozuki (Fundadora) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>Porque muitas vezes em certas situações os pais, fizeram empréstimo no nome deles pra poder arcar com as despesas, arcar com os compromissos nossos de salário</p> <p>E esses empréstimos, fizemos e pagamos os funcionários, mais a quando chegava o mês de pagar, ai renovávamos, pagando juros para o banco [...] a gente conseguiu, sanar essa crise, não precisamos de fechar as portas não [...] ai os pais mesmo falavam “nós não temos condições de levar a Lúmen, então precisamos ter ajuda de pessoas de fora”. [...] Como uma das mães, a Vera Inês, ela conhecia o pessoal da maçonaria, porque o marido dela fazia parte da maçonaria, ai nós convidamos pessoas de fora, pra assumir a diretoria</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Vandik Fernandes (Presidente) + coberto por imagens</p> <p>**GC** Vandik Fernandes Presidente da Lumen</p>	<p>Sonora</p>	<p>A partir disso toda a parte, conselho, diretoria administrativa, diretoria financeira, são todos da [...] loja maçônica, que pegou como responsabilidade essa entidade.</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Perlla Roel (Diretora Pedagógica)</p> <p>**GC** Perlla Roel Diretora Pedagógica</p>	<p>Sonora</p>	<p>Nós temos alunos atendidos de 14 municípios [...] teve ocasiões de algumas famílias mudarem de seus municípios, mudar de São Paulo por exemplo buscando um atendimento aqui em Presidente Prudente e consequentemente aqui na Lumen</p>
<p>VIDEOGRAFISMO DAS CIDADES</p>		
<p>Enquadramento de entrevista, Manoel Dionísio (Diretor</p>	<p>Sonora</p>	<p>Hoje a Lumen ostenta é uma situação pra invejável em termos de entidade</p>

<p>administrativo e financeiro) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Manoel Dionísio Diretor Administrativo</p>		<p>filantrópica porque, porque aqui se atende parte terapêutica, saúde, parte pedagógica e assistência social</p> <p>Nós fizemos uma reformulação aqui que havia uma procura muito grande, e aí as crianças permaneciam o tempo todo, havia uma necessidade de se ampliar, e algumas crianças foram internadas na rede pública [...] então nós dividimos a programação aos atendimentos em duas etapas</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (Fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>A criança na programação 1 fica aqui até, por conta da parte pedagógica, a medida que ela vai pro estado, aí ela já é desligada da programação 1</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Luciana Tanaka (Coord. Saúde) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Luciana Tanaka Coordenadora de Saúde</p>	Sonora	<p>A programação 2 é uma programação de pacientes que estão na rede regular de ensino, e vem pra instituição só pra receber os atendimentos terapêuticos</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Lucimar Navarro (Assistente Social) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>A partir de uma busca espontânea da família, nós agendamos uma anamnese para a família, após essa anamnese numa outra data a gente entra em contato com a família, agenda uma triagem técnica onde a criança vai passar por avaliação com a equipe multidisciplinar da Lumen [...] aí essa equipe vai falar pra gente se essa criança é um caso legível de receber os atendimentos especializados</p> <p>O [...] trabalho de assistente social é acolher a família realizando coleta de dados, proporcionando através de grupos operativos a compreensão da realidade vivenciada dessas famílias [...] nós fazemos o Grupo Operativo</p>

<p>Enquadramento de entrevista, Soellyn Tofanelli (Psicóloga) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Soellyn Tofanelli Psicóloga</p>	<p>Sonora</p>	<p>semanalmente né, onde eu a psicóloga e a psiquiatra também participamos desse grupo e a família consegue compreender mais a realidade vivenciada através de orientações, de trocas nesse grupo</p> <p>Eles são abertos, então a todo momento, os pais podem estar entrando e saindo, então não é grupo fechado, porque a proposta é sempre estar trabalhando temas diferentes [...] quanto mais elas se fortalecerem, eles se fortalecem, mais condição eles vão ter de enfrentar as dificuldades</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Perlla Roel (Diretora Pedagógica) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>A primeira contribuição é aceitação, porque muitos dos nossos atendidos eles sofrem ou sofreram algum tipo de preconceito, né em outras esferas da sociedade, alguns até em algumas escolas pelas quais passaram, ou convívio mesmo social, então a primeira coisa que a Lumen contribui é para o acolhimento</p>
<p>Enquadramento de entrevista, João Baptista (Educador Físico) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>A aceitação era, hoje já é difícil né, mas naquela época, era bem maior, mas pela família tá envolvida né dentro da fundação, desde o início nós tentávamos realizar essa inclusão social [...] eu lembro que logo na primeira semana que eu entrei na Lumen teve uma passeata no calçadão</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>Falavam guarda essas crianças dentro de casa pra quê ficar expondo, porque deixar essas crianças, quantas vezes a gente ouvia isso daí, [...] e os próprios pais mesmo com medo dessas retaliações deixavam as crianças dentro de casa</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosa Maria de Lima (Professora) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>A gente foi em um hipermercado da cidade, uma coisa que me marcou muito foi justamente isso, foi que a nossa aluna</p>

<p>Enquadramento de entrevista, Perlla Roel (Diretora Pedagógica) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>tava ali fazendo a atividade proposta, de compra, de verificação de produtos, a pessoa se aproximou dela, se dirigiu a mim e não a ela, ai eu falei “não ela sabe fala, pode pergunta para ela, que ela responde”</p> <p>Algumas crianças elas acabam verbalizando algumas situações de preconceito que acontece lá fora e trazem aqui pra entidade, e ai nós trabalhamos isso, a equipe trabalha isso junto com a psicóloga, psiquiatra</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Manoel Dionísio (Diretor administrativo e financeiro) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>A missão da Lumen ela é estabelecida pelo seu estatuto social, ela tá preparada, estruturada pra atender a criança com, disfunção neuromotora, doença neuromuscular e síndrome do autismo</p>
<p>**HISTÓRIA GABRIEL YURI**</p>		
<p>**IMAGENS DO GABRIEL YURI NOS ATENDIMENTOS**</p>	<p>Trilha</p>	
<p>Enquadramento de entrevista, Cristina Fátima Vendramin (Mãe do Gabriel Yuri) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>“Meu nome é Cristina Fátima Vedramim Silva, tenho 34 anos, eu sou mãe do Gabriel Yuri Vedramim Silva”</p>
<p>**IMAGENS SLOW MOTION DO GABRIEL YURI E DO IRMÃO RAFAEL**</p>		
<p>Enquadramento de entrevista, Cristina Fátima Vendramim (Mãe do Gabriel Yuri) + coberto por imagens</p> <p>**GC** Cristina Fátima Vendramim Mãe</p>	<p>Sonora</p>	<p>Eles nasceram prematuros de 29 semanas e meia, e ficaram intubados, o Rafael ficou 43 dias, e o Gabriel ficou 3 meses [...] ai o médico falou para mim que era 2% de vida só [...] mas graças a Deus, ele conseguiu, ele lutou, e Deus fez um milagre, e ele conseguiu sair daquela</p>

<p>**FADE**</p> <p>**APRESENTAÇÃO** Gabriel Yuri Vendramim Silva XX anos Entrada na Lumen 18 de outubro de 2011</p>	<p>TRilha</p>	<p>Até os 9 meses eu não sabia [...] que iria ser uma criança especial. Ai comecei a correr atrás[...] ai a gente foi para a UNESP, fizemos tratamento lá, e ai através de lá eu conheci uma fono que tratava o Gabriel, né, ai a fono que me falou da Lúmen, ela me falava “ah acho que o caso do Gabriel é Lúmen [...] ai depois eu fui no doutor, fisiatra, ai ele também falou “ai o caso dele é Lúmen” É uma coisa bem lenta né, mas ele desenvolveu bastante [...]</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Liryan Rocha (Professora) + coberto por imagens</p> <p>**GC** Liryan Rocha Professora Múltiplas</p>	<p>Sonora</p>	<p>O Gabriel Yuri também tem muito interesse em fazer atividade, ele se interessa no brincar com os amigos, gosta da socialização, também tá desenvolvendo de forma integral.</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>Hoje ele tá com melhor controle de cabeça, com melhor controle de tronco, ele passou agora pelo intensivo do pediasuit, ele conseguiu uma melhora nesse tronco e ele tá uma criança bem mais organizada, com isso ele consegue centrar mais e desenvolver um pouco mais a parte cognitiva também.</p>
<p>**VIDEOGRAFISMO – MAPA INDICANDO A CIDADE DE ANHUMAS</p> <p>**CLIFE DE IMAGENS DE GABRIEL YURI E RAFAEL**</p>	<p>Sonora</p>	<p>Eu moro em Anhumas, e em Anhumas eu não tenho família que mora lá em Anhumas, né, só é a nossa família mesmo</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Cristina Fátima Vendramin (Mãe)</p>	<p>Sonora</p>	<p>De manhã o Rafa pra escola, eu levo o Rafa no ponto pra ir escola, ai depois a</p>

<p>do Gabriel Yuri) + coberto por imagens</p> <p>**CLIFE DE IMAGENS DE GABRIEL YURI E RAFAEL**</p>	<p>Trilha</p> <p>Sonora</p>	<p>gente vem pra Lúmen, né, ai depois que a gente chega da Lumen, 12:30, ai daqui a pouco o Rafa chega da escola, ai almoça, ai a tarde como o Gabriel fica aqui de manhã, ai a gente acorda cedo, sempre coloco ele pra dormi um pouco a tarde, ai depois acorda, vai no colchonete, vai brinca com o irmão, brinca um pouco o irmão, ai depois já chega a tardinha, as vezes a gente passeia</p> <p>O Rafael ele brinca[...] as vezes eu to lá na cozinha, mexendo nas coisas, ele fica lá, eu falo “vai cuida do seu irmão”, ai ele fica lá cuidando, ergue a cabeça do irmão, né Rafa, brinca, gosta de brinca [...] a brincadeira preferida é brinca de bola, e eles interagi bem, sabe, interagi bem, ele me ajuda bastante [...] é bem apegado com o irmão dele.</p>
<p>**ATENDIMENTOS LUMEN - ÁREA DA EDUCAÇÃO**</p> <p>**IMAGENS P1 E INTERAÇÃO**</p> <p>Enquadramento de entrevista, Perlla Roel (Diretora Pedagógica) + coberto por imagens</p> <p>**GC** Perlla Roel Diretora Pedagógica</p> <p>Enquadramento de entrevista, Luciana Tanaka (Coord. Saúde) +</p>	<p>Trilha</p> <p>Sonora</p> <p>Sonora</p>	<p>Por ser uma escola exclusiva de educação especial nós podemos adaptar o nosso currículo, nós temos todos os nossos conteúdos acadêmicos que uma escola ou municipal ou regular tem, porém nós conseguimos adaptar com estratégias diferenciadas até que essa criança possa aprender até de uma melhor forma, em relação as crianças que tem a deficiência física</p> <p>A deficiência neuromotora todas as deficiências é todo problema neurológico</p>

<p>coberto por imagens</p> <p>**GC** Luciana Nataka Cordenadora de saúde</p>		<p>que afeta as funções motoras né das crianças, podem tá associado ou não a outras deficiências né, como uma deficiência aditiva, uma deficiência visual.</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres Bini (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>A neuromotora ocorreu uma lesão neurológica ou antes, ou durante, ou após parto e ai essa lesão, muitas vezes ela não vai conseguir ter o controle da cabeça, não vai conseguir controlar o tronco, então ela vai ter uma dificuldade nesse desenvolvimento motor</p>
<p>**GC** Rosimeire Peres Fisioterapeuta</p>		
<p>Enquadramento de entrevista, Luciana Tanaka (Coord. Saúde) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>Agora as deficiências neuromuscular já estão ligada diretamente a parte muscular</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>O músculo vai sendo substituído por gordura e ai aos poucos a criança vai deixando de andar, é um movimento meio que inverso, na neuromotora a criança não tem e ganha, na neuromuscular a criança nasce bem e vai perdendo, tá são movimentos inversos</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Perlla Roel (Diretora Pedagógica) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>O trabalho com a deficiência física [...] nós usamos umas outras estratégias que tem a ver também com a acessibilidade, com adequação de currículo</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Liryan Rocha (Professora) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>O Trabalho educacional, todo começo do ano desenvolvemos o planejamento anual de cada sala [...] Eu trabalho através, as emoções fisionômicas, através de placa, através de roda da conversa e eu vou trazendo o aluno a se expressar, plaquinha hoje você está feliz, hoje você está contente, porque, ou se o aluno está chorando, porque você está chorando hoje, através das plaquinhas ele vai se expressando através de gestos, olhares ou até mesmo</p>

<p>Enquadramento de entrevista, Silvia Queiroz (Professora) + coberto por imagens</p> <p>**GC** Silvia Queiroz Professora Múltiplas</p>	<p>Sobe som</p> <p>Sonora</p>	<p>vocalizando.</p> <p>A brincadeira que eu faço com eles é voltado para as atividades pedagógicas, para a alfabetização, pro conhecimento que eles possam, todas as áreas, português, matemática, ciência, e a artes, que eu falo a questão do desenho, o que eu posso usar a minha imaginação, e isso eles precisam ser desenvolvidos, essas habilidades cognitivas elas tem que ser desenvolvida</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Maria José Marquezi (Professora) + coberto por imagens</p> <p>**GC** Maria José Marquezi Professora Múltiplas</p>	<p>Sonora</p>	<p>A educação funcional foi implantada nesse setor de programação um de deficiência múltiplas no ano de 2013, e a função dele é a ressocialização das crianças. E, porque assim, tem muitos que nunca nem conseguiram ir para outras escolas, ficaram sempre aqui, então com determinada idade não podia não permanecer nesse setor da educação, ficava só no setor da saúde, ai com a implantação deste sistema, ai pode voltar para a sala de aula, essas crianças frequentarem aqui. Trabalho mais com colagem, pintura, pintura livre, a participação deles, sempre assim, não deixa de ser na escrita e na leitura, é mais visual, a participação deles no que consegui fazer com as dificuldades que eles apresentam, a gente tenta sempre está em contato, interagindo com eles na realização das atividades</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Perlla Roel (Diretora Pedagógica) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>E as crianças que tem autismo a gente também precisa adequar alguns materiais, o ambiente, até pelas questões de comportamento.</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Soellyn Tofanelli (Psicóloga) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>Que entra na questão do diagnostico, o isolamento, é aquele contato ocular, então a criança evita esse contato visual,</p>

<p style="text-align: center;">**GC** Soellyn Tofanelli Psicóloga</p>		<p>o contato afetivo, se desorganizam, pelo simples fato de um som muito alto, tem uma rotina, aquilo que sai da rotina, gera uma dificuldade muito grande, então, uma das coisas quando o aluno entra aqui, que começa a ser trabalhado é a rotina, então nós precisamos organiza-los para que eles façam algo</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Ana Paula Soares (Coordenadora TEA) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Ana Paula Soares Coordenadora Pedagógica</p>	<p>Sonora</p>	<p>O trabalho educacional para o autismo na Lumen é a... nós usamos o ensino estruturado que é baseado no método TEACCH, através do painel de rotina e troca de figuras, as crianças elas se organizam melhor dentro do painel de rotina, onde tem toda a rotina que vai acontecer com ele naquele dia, ou seja, a hora que ele chega, o momento do café, banheiro, hora de tomar água, hora das atividades, uma caminhada ou qualquer outro tipo de atividade, então ele já sabe o que vai acontecer com ele durante todo o período que ele tá aqui</p>
<p>Enquadramento de entrevista Edna Pereira (Professora) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Edna Pereira Professora Interação</p>	<p>Sonora</p>	<p>Eu gosto de trabalhar e ter esse elo da confiança com as crianças, que através disso eles desenvolve, mostra o que sabe e o que não sabe para mim, e isso acaba dando uma certa, um espaço para que eu possa entrar no mundo deles e compreender um pouco.</p> <p>Conforme a gente vai pegando um pouco mais de carinho, de afinidade, eles vão se permitindo, a gente entra no mundo deles e compreender o que eles sentem e não sentem, nem sempre, mas de alguns alunos eu me acabo percebendo isso</p> <p>Irem ao banheiro sozinho, de se vestirem sozinhos, comer sozinho, de ter a autonomia de ir ao armário pegar a pasta com o seu caderno e voltar e colocar na mesa, tudo isso é um trabalho, porque eles não têm ainda essa noção e a gente tem, diariamente trabalha com isso, para</p>

<p>Enquadramento de entrevista, Ana Paula Soares (Coordenadora TEA) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>eles alcançar isso. Em casa também, para ter mais autonomia em casa também [...] não ficar o tempo inteiro parado, então a gente não permite muitas vezes deixa ele ansioso</p> <p>Cada sala tem a sua rotina, porque nós respeitamos muito a particularidade, a dificuldade e as potencialidades de cada criança, então cada sala, cada painel, ele é formado de acordo com a criança. Os professores são orientados a respeitar essas dificuldades dele, porém aos poucos ir inserindo novos conceitos, novas formas de trabalho, com muito carinho, muita atenção, respeitando as questões que são do autismo né que já são umas dificuldades deles</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosa Maria de Lima (Professora) + coberto por imagens</p> <p>**GC**</p> <p>Rosa Maria de Lima Professora Múltiplas</p>	<p>Sonora</p> <p>Sobe som</p> <p>Sobe som</p> <p>Sobe som</p>	<p>Também da rotina estruturada, também partindo de algo que eles já sabem, descobrindo as habilidades, a gente injeta as áreas do conhecimento, trabalha-se a matemática partindo de uma coisa simples que é a culinária, dentro da culinária a gente consegue trabalhar as 4 operações, e eles conseguem aprender ludicamente aquilo que para eles, se o abstrato que é tão difícil pro autista, ele consegue aprende de maneira pratica, a quantidade, as cores, os cheiro, o gosto, que seria a ciência, a geografia, a história do alimento, tudo isso dentro de uma única atividade pratica e prazerosa</p>
<p>**HISTÓRIA JESSÉ E ENZO**</p>		
<p>**IMAGENS DO ENZO E JESSÉ NOS ATENDIMENTOS**</p>	<p>Trilha</p>	
<p>Enquadramento de entrevista,</p>	<p>Sonora</p>	<p>Meu nome é Greiele tenho 34 anos,</p>

<p>Greicielle de Jesus Ferraz (Mãe do Enzo e Jessé) + coberto por imagens</p> <p>**IMAGENS SLOW MOTION DO JESSÉ **</p> <p>Enquadramento de entrevista, Greicielle de Jesus Ferraz (Mãe do Enzo e Jessé) + coberto por imagens +</p> <p>**GC** Greicielle Ferraz Mãe</p> <p>**APRESENTAÇÃO** Jessé Mateus Ferraz XX anos Entrada na Lumen 10 de fevereiro de 2014</p> <p>Enquadramento de entrevista, Ana Paula Soares (Coordenadora TEA) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p> <p>Sonora</p> <p>Sonora</p>	<p>tenho o meu filho aqui na Lumen que é o Jessé de 11 anos e o Enzo de 6 anos</p> <p>O Jessé começou a apresentar algumas situações diferente a partir dos três anos, na qual eu achei que era normal [...] trouxe ele pra passar pela psicóloga, e ela falou mãe essa criança é autista, eu pra falar a verdade eu me assustei, porque na verdade eu nem sabia o que que era autismo.</p> <p>Pra gente quando ela disse isso que ele era autista foi um choque muito grande, não foi uma aceitação rápida</p> <p>Graças a Deus desde quando ele entrou, na verdade o Jessé ele não socializava com ninguém, o Jessé era só próximo da família, mas ele não conseguia brincar com ninguém. Hoje o Jessé consegue ler, escrever, ele consegue entender né na verdade quem ele é, na verdade ele não sabia, mas foi uma etapa meio que difícil, mas hoje ele superou bastante coisa, conseguiu avançar muitas coisas</p> <p>Ele foi inserido dentro do setor pedagógico em sala de aula com outros alunos, demonstrando muita resistência tanto ao vínculo do professor, quanto as atividades e as regras estabelecidas em sala de aula.</p>
---	---	---

Enquadramento de entrevista, Soellyn Tofanelli (Psicóloga) + coberto por imagens	Sonora	O transtorno ele acaba tendo uma alteração em várias áreas, então, o aluno que tem o espectro, ele tem uma dificuldade na parte de socialização, na parte de comunicação, na parte afetiva, e na parte de linguagem, então cada uma dessas áreas, vai tendo suas alterações, e não necessariamente em todas elas.
Enquadramento de entrevista, Rosa Maria de Lima (Pedagoga) + coberto por imagens atuais	Sonora	[...] ele tem habilidade para as línguas gente, é interessante, porque, ele gosta muito do inglês, e aqui a gente não tem né, e ele lê algumas frases em inglês, quando eu falo “o Jessé fala para mim como se pronuncia” ai ele fala a pronuncia, “ata”, ai eu falei assim “só que tem o seguinte, onde nós estamos, vamos aprender um pouquinho da nossa língua, português”, porque chegou um momento que ele não queria mais falar , só queria ficar naquele “mundico” dele, então vamos aprender um pouquinho mais, volto a questão do vínculo também,
Enquadramento de entrevista, Ana Paula Soares (Coordenadora TEA) + coberto por imagens	Sonora	Aos poucos nós fomos conseguindo conquistar ele e desenvolver com ele, um trabalho para que ele sente prazer né nas atividades, e hoje o Jessé conseguiu grandes evoluções
Enquadramento de entrevista, Rosa Maria de Lima (Pedagoga) + coberto por imagens atuais	Sonora	As vezes ele acha assim “Rosa eu não consigo” eu falei “olha nossa sala tem um lema, o eu não consigo não existe, eu não consigo, mas eu vou tentar é o nosso lema, da nossa sala” [...] Então, aos poucos a gente percebe que eles esta cada vez melhor emocionalmente, tá amadurecendo muito mais [...]
HISTÓRIA DO ENZO		
**IMAGENS SLOW MOTION DO ENZO **		
Enquadramento de entrevista,	Sonora	Na verdade eu tenho sete filhos. A

<p>Greicielle de Jesus Ferraz (Mãe do Enzo e Jessé) + coberto por imagens</p>		<p>história do Enzo começa assim, ah como eu né e quando eu fiquei grávida do Enzo foi normal como todas as outras não tive nada de intercorrência na gravidez</p> <p>[...] ai chegando em casa o Enzo não parava de chorar, não parava de chorar, e ai primeiro mês eu levava no acompanhamento tava tudo ok.</p> <p>A doutora falou assim pra mim, falou mãe você vai ter que ensinar o Enzo a fazer tudo, eu particularmente eu me senti, eu falei Deus e agora? O que é que eu vou fazer</p> <p>Mas pelo fato de eu ter descoberto com três meses de idade, ele vem fazendo tratamento até hoje, ele começou com o tempo, ele começou a erguer a cabecinha, ele começou a ganhar movimento nas pernas, movimentos nos braços</p>
<p>**APRESENTAÇÃO** Enzo Rhanieri Ferraz XX anos Entrada na Lumen 23 de fevereiro de 2015</p>	<p>Trilha</p>	
<p>Enquadramento de entrevista, Greicielle de Jesus Ferraz (Mãe do Enzo e Jessé) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>O Enzo primeiro dia que ele veio, ele já se adaptou, porque ele viu o ônibus chegando ele já sabia que iria vir e brincar e ou na salinha ou conversar né, ele fala a, eles falam as mesmas línguas aqui, então não tinha amiguinhos dele da mesma situação [...]</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Liryan Rocha (Professora) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>O Enzo iniciou na Lumen, ele não andava, ele não vocalizava muitas palavras hoje o desenvolvimento a gente percebe um avanço integral do aluno Enzo, ele fala, tá iniciando frases curtas,</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Ana Paula Janial (fonoaudióloga) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>O desenvolvimento do Enzo [...] foi muito, né, grande, surpreendeu bastante toda a equipe né, porque quando o Enzo entrou</p>

<p align="center">**GC** Ana Paula Janial Fonoaudióloga</p> <p>Enquadramento de entrevista, Liryan Rocha (Professora) + coberto por imagens</p> <p>Enquadramento de entrevista, Ana Paula Janial (fonoaudióloga) + coberto por imagens</p> <p align="center">**IMAGENS ENZO CANTANDO**</p> <p>Enquadramento de entrevista, Greiciele de Jesus Ferraz (Mãe do Enzo e Jessé) + coberto por imagens</p> <p align="center">**IMAGENS SLOW MOTION DA ENZO E JESSÉ**</p>	<p>Sonora</p> <p>Sonora</p> <p>Sobe som</p> <p>Sonora</p>	<p>aqui, a gente tinha algumas dúvidas em relação ao quadro dele, até que ponto ele entendia, que ele não entendia, como eram as condições cognitivas dele. E hoje ele mostra uma evolução muito grande.</p> <p>É de suma importância para o desenvolvimento do aluno, porque neste momento ele não vai tá só na sala dele, mas com todas as salas, que a gente também estimula pra que um tenha contato com o outro, a valorização do contato com outras crianças, com os outros profissionais</p> <p>Ele demonstra intenção de comunicação, que é cantar, ele fala cantar, ta chamando a gente pra cantar</p> <p>Ele ganhou estrutura, hoje graças a Deus ele é uma criança feliz, uma criança que tem seus movimentos, [...]e ele em 20 de novembro, ele tava com a gente em casa, e ele levantou e não andava ainda, ele levantou sozinho disse mãe anda, e foi uma alegria muito grande</p>
<hr/>		
<p align="center">**ATENDIMENTOS LUMEN - ÁREA DA SAÚDE**</p> <p>*CLIFE COM IMAGENS ANTIGAS DO ATENDIMENTO DE SAÚDE*</p> <p>Enquadramento de entrevista, Manoel Dionísio (Diretor</p>	<p>Trilha</p> <p>Sonora</p>	<p>A parte terapêutica a entidade oferece atendimento multidisciplinar</p>

<p>Administrativo) + coberto por imagens</p> <p>**GC**</p> <p>Manoel Dionísio Diretor Administrativo</p>		
<p>Enquadramento de entrevista, Luciana Tanaka (Coord. Saúde) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>A equipe é composta por fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, fonoaudióloga, enfermeira, assistente social, psicóloga, é nutricionista, médicas na área de psiquiatria, neurologia e pediatria</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>O trabalho da fisioterapia ele basicamente é feito com base no Bobath que é um método neuro evolutivo, que a criança passa do deitado, pro controle de cabeça, pro controle de tronco, o desenvolvimento é sempre acéfalo-caudal e próximo-distal tá, então objetivo é sempre esse que a gente busca nos pacientes [...] o desenvolvimento motor normal</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Eziléia (Terapeuta Ocupacional) + coberto por imagens</p> <p>**GC**</p> <p>Eziléia Gargel Terapeuta Ocupacional</p>	Sonora	<p>O trabalho da terapia ocupacional na instituição é voltado na reabilitação, prevenção e na manutenção das disfunções físicas, mental e social né, dos portadores de deficiências múltiplas e também do setor de interação, que são os autistas. Por meio de atividades do cotidiano, atividades humanas [...] visando a qualidade de vida deles. [...]</p> <p>O objetivo da terapia ocupacional é melhorar a qualidade de vida do indivíduo né, tornando ele mais independente e melhorando a sua participação tanto na escola, como na comunidade em que ele vive, em casa né.</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Ana Paula Janial (Fonoaudióloga) + coberto por imagens</p> <p>**GC**</p> <p>Ana Paula Janial Fonoaudióloga</p>	Sonora	<p>A fonoaudiologia na Lumen ela abrange vários aspectos né, a gente trabalha a comunicação oral, a linguagem escrita, os distúrbios de deglutição, de alimentação [...] que nós também temos bastante pacientes que apresentam engasgos, que usa sonda pra alimentação</p>

<p>Enquadramento de entrevista, Ana Carina Pasquinel (Nutricionista) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Ana Carina Pasquinel Nutricionista</p>	Sonora	<p>A alimentação, primeiro a fono que vai passar pra mim o tipo de alimentação de cada criança né, então ela faz a avaliação, ela vai passar pra mim se é geral, branda ou pastosa, então as sondas são para as crianças que precisam ganhar peso, né que tem desnutrição de moderada a grave né então precisa do uso de sonda né, a pastosa a criança que tem alguma dificuldade na deglutição ou na mastigação</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Ana Paula Janial (Fonoaudióloga) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>E ela elabora o cardápio em cima da minha avaliação né com a consistência que eu indiquei, se é pastoso, se é sólido né, se o líquido precisa utilizar o espessante, engrossante do líquido</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Renata Witter (Médica Neuropediatra) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>No meu setor aqui, são casos mais neurológicos, crianças cadeirantes, crianças que não andam, não falam que tem crises convulsivas,</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Luciana Tanaka (Coord. Saúde) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>Então hoje a instituição busca o que há de melhor na reabilitação né, por isso temos muitas terapias complementares, como equoterapia, terapia aquática, integração sensorial e agora atualmente o pediasuit</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>A integração sensorial funciona [...] como sendo um parque de diversões adaptado pra criança com alteração [...] ela pode escalar, a criança pode escalar, ela pode ir num balanço, ela pode ir numa prancha, ela pode ir tipo uma gangorra, né cada espaço favorece ela desenvolver algumas habilidades que uma criança</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Luciana Tanaka (Coord. Saúde) + coberto por imagens</p>	Sonora	<p>O pediasuit surgiu através de uma conversa em equipe em uma de nossas reuniões, uma fisioterapeuta falou,</p>

<p style="text-align: center;">**GC** pediasuit</p> <p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>colocou ao conhecimento da equipe sobre o pediasuit e a gente começou a estudar sobre o assunto, e a gente viu que era um método revolucionário</p> <p>É tipo um macacão e são colocados alguns elásticos, tudo que favorece o desenvolvimento melhor do paciente, e também tem o spider, que coloca um cinturão e através desse cinturão coloca elásticos e o paciente consegue desenvolver algumas posições que normalmente as vezes não consegue, então é possível colocar um paciente que nunca ficou em pé</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Eziléia (Terapeuta Ocupacional) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**CG** PECS (<i>Picture Exchange Communication System</i> - Sistema de Comunicação por Troca de Figuras)</p>	<p>Sonora</p>	<p>O PECs ele é uma metodologia pra estimular a comunicação verbal e não verbal né dos nossos pacientes [...] o objetivo principal da terapia do PECs é estimular a comunicação dele, pra que ele tenha mais independência, mais autonomia pra tá pedindo o que ele quer, pra tá mostrando o que ele deseja</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (Fisioterapeuta) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>A piscina é outro seguimento, como nós usamos muito a flutuação porque tem crianças que por exemplo, não conseguem desenvolver uma marcha mas dentro da piscina ela consegue andar porque na água diminui a ação da gravidade. Então ela consegue desenvolver essa marcha</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Perlla Roel (Diretora Pedagógica) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>A sala multissensorial é mais um recurso que a Lumen adquiriu pra efetivar o aprendizado dos alunos, ela ajuda incentivar o desenvolvimento das áreas cognitivas e motoras, e também as habilidades sociais, nós temos dois ambientes na sala, um dos ambientes ele tem um piso interativo, que ele é ligado a um sensor de movimento e projeta alguns efeitos, são 70 efeitos, os quais a criança consegue interagir</p>

<p>**HISTÓRIA DO LORENZO**</p>		
<p>**IMAGENS DO LORENZO NOS ATENDIMENTOS**</p>	Trilha	
<p>Enquadramento de entrevista, Tatilaine Alves (Mãe Lorenzo) + coberto por imagens</p>	Sonora	Com 6 meses mais ou menos, eu comecei a notar que ele era um pouquinho mais lento, pra rolar, para tenta segurar alguma coisa, os movimentinhos,
<p>**IMAGENS SLOW MOTION DO LORENZO **</p>		
<p>Enquadramento de entrevista, Tatilaine Alves (Mãe Lorenzo) + coberto por imagens</p> <p>**GC** Tatilaine Alves Mãe</p>	Sonora	Com 8 meses eu fui no neuro [...] ela pegou e passou fisioterapia para ele fazer, a gente foi fazer [...]depois, alguém lá nessa clinica que eu tava comentou sobre a Lúmen, que até então eu nem sabia que existia, assim, eu não conhecia mesmo, comentou sobre a Lúmen, E eu falei que eu tinha interesse [...] ai eu trouxe, e ai depois de uns 8 meses mais ou menos, a gente foi chamado
<p>**APRESENTAÇÃO** Lorenzo Filipe Leal Alves XX anos Entrada na Lumen 04 de agosto de 2015</p>	Trilha	
<p>Enquadramento de entrevista, Liryan Rocha (Professora) + coberto por imagens</p>	Sonora	Ele é tem muito interesse em realizar as atividades pedagógicas, ele é independente numa pintura, nos gêneros, ele reconhece a figura minha mãe é menina, ele fala né, ele tá reconhecendo a professora é menina, o Lorenzo é menino, ele tem assim uma grande

<p>Enquadramento de entrevista, Tatilaine Alves (Mãe Lorenzo) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>assim, um desenvolvimento cognitivo muito bom, ele tá sendo independente me várias atividades</p> <p>Em casa é, a gente faz tudo a base de trocas, a gente vê assim, tem as coisas que ele mais coisas de fazer, ou de comer, e a gente pega e acaba trocando por exercícios [...] tipo, quer assistir um filme que ele gosta, então tá, você vai assistir, mais primeiro vamos ficar 40 minutos em pé, tem a extensora, a gente coloca, fica ali em pé, segurando na cadeira, ou mesmo apoiado no sofá, mais fica ali em pé, quer brinca de bola, a gente pega uma raqueta, joga a bola, ai ele tem que bate com a raquete, para fazer o movimento do braço, para ter mais controle [...] é assim que a gente faz, da continuidade do trabalho daqui.</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Ana Paula Janial (fonoaudióloga) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>Ele já iniciou alguns sons da fala né, ta tentando se comunicar, então o “Mam” ele já fala, o “Pa”, o abraço ele pede, água ele pede, então assim ele vem mostrando um desenvolvimento bacana,</p> <p>A parte cognitiva dele é super boa né, ele tem uma boa compreensão, uma boa atenção, ele presta atenção em tudo que ta acontecendo ao redor dele, então assim vem mostrando muita evolução e é uma criança que a gente aposta bastante nele, que ele vai surpreender muita gente ainda</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Tatilaine Alves (Mãe Lorenzo) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>Olha, assim, se fosse assim tipo “ah você quer que o Lorenzo ande, ou alguma coisa assim”, a gente que, né, não posso fala que não, porque acho que é o desejo de todas as mães que estão aqui, só que, eu quero assim, mais que ele seja feliz, entendeu, se ele for anda ou não, isso é uma consequência, se ele for falar ou não, tudo é uma consequência, eu to com ele, eu vou ser sempre a voz dele,</p>

		<p>os braços, as pernas, então isso daí para mim, e a Lúmen assim, ela dá um pouquinho de esperança para a gente, né, porque tudo que tem aqui, todos esses atendimentos, toda a estrutura que a Lúmen tem, tudo, assim, é tudo muito bom, então você fica com aquela pontinha de esperança sim, que pode acontecer</p>
<p style="text-align: center;">**ESTRUTURAÇÕES, RECURSOS E PROJETOS FUTUROS**</p> <p style="text-align: center;">**CLÍPE DE IMAGENS DA INSTITUIÇÃO**</p> <p>Enquadramento de entrevista, Manoel Dionísio (Diretor administrativo e financeiro) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Manoel Dionísio Diretor Administrativo</p> <p>Enquadramento de entrevista, Perlla Roel (Diretora Pedagógica) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** Perlla Roel Diretora Pedagógica</p> <p>Enquadramento de entrevista, Luciana Tanaka (Coord. Saúde) + coberto por imagens</p>	<p>Trilha</p> <p>Sonora</p> <p>Sonora</p> <p>Sonora</p>	<p>Hoje a Lumen tem um custo mensal de 164 mil reais de folha de pagamento, 164 mil reais. Nós temos hoje uma arrecadação que corresponde a 91% e nossas despesas nós temos de arrecadação decorrente de convênio estadual, municipal, estadual e federal mais as parcerias com as prefeituras elas nos dão uma situação, nós conseguimos uma manutenção custeável podemos dizer assim em 91%, 9% advém de arrecadação junto à comunidade prudentina e até regional</p> <p>O convênio da educação [...] é com a secretaria estadual de educação, a qual nós prestamos contas, todo ano nós temos o aditamento do convênio, então cabe a Lumen prestar contas de tudo que ela faz no setor educacional, cumprir os 200 dias letivos que são exigidos por lei e as outras normas exigidas [...] em dia pra que a gente consiga todos os anos a renovação deste convênio</p> <p>Atualmente nós temos dois convênios do SUS também são estaduais [...] então hoje nós temos um convênio que atende</p>

<p>Enquadramento de entrevista, Manoel Dionísio (Diretor administrativo e financeiro) + coberto por imagens</p> <p>**COBERTO POR IMAGENS**</p>	<p>Sonora</p>	<p>a deficiência múltipla e um convênio para o transtorno do espectro autista,</p> <p>Temos parceria com as prefeituras municipais com cinco prefeituras ai já, nós temos 14</p> <p>Nós temos as contribuições voluntárias, através de boletos bancários, nós temos ai próximo de 350, 343 contribuintes que pagam 25 reais por mês.</p> <p>Temos os eventos [...] a bacalhoda [...], e temos o chá bingo que é um evento da entidade realizado sempre na primeira semana do mês de agosto, [...] e no mês de novembro que é na primeira quinzena nós faturamos realizando a paeja em parceria com a sociedade de medicina com a classe médica e uma empresa especializada em frutos do mar que é a rotisseria navio</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Perlla Roel (Diretora Pedagógica) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>As vezes a Lumen ganha cestas básicas ou gêneros alimentícios. Então todo recurso que a Lumen recebe ou de convênios ou de doações eles são usados em favor do nosso atendido</p> <p>uma das contribuições é conscientizar as pessoas em relação a deficiência, a capacidade que o nosso aluno tem[...] dia 02 de abril a Lumen promove a caminhada azul que é alusão ao dia da conscientização do autismo, e essa caminhada a gente tem como objetivo conscientizar as pessoas em relação ao autismo, minimizar algumas atitudes que são discriminatórias e isso acaba envolvendo toda a sociedade, porque essa caminhada ela acaba acontecendo no parque do povo e ela é aberta ao público.</p>
<p>Enquadramento de entrevista,</p>	<p>Sonora</p>	<p>O projeto futuro nosso é de crescimento</p>

<p>Manoel Dionísio (Diretor administrativo e financeiro) + coberto por imagens</p> <p>Enquadramento de entrevista, Dalton Mello (Engenheiro) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>[...] a Lumen pela estrutura que ela possui ela tem a condições dentro da suas, de nossas instalações nós temos condições de ser um centro especializado de habilitação [...]</p> <p>2009 [...] nós reivindicamos ao prefeito e ele doou a área lateral, a área de utilidade pública, ele doou 1.800 metros, aonde foi construído as baias para os cavalos, quer dizer essas são três matriculas e a última agora é a maior, 4.610 metros é toda área, o quarteirão inteiro que agora pertence a Lumen, essa o prefeito fez sessão de uso por 30 anos, desde que a Lumen ofereça serviço público gratuito,</p> <p>Recentemente nós conseguimos aprovar na prefeitura, o aumento de mais 10 salas de aula [...] a necessidade construir um local, pra crianças, principalmente as crianças que perde o pai e a mãe, que muitas delas perde o pai e a mãe, perde a família, não tem com quem fica, então a gente pretende no futuro, construir uma área, onde essas crianças teriam as aulas aqui na Lúmen e também teriam como fosse uma residência</p>
<p>**HISTÓRIA DO BRUNO**</p> <p>**IMAGENS DO BRUNO CRIANÇA**</p> <p>Enquadramento de entrevista, João Baptista (Educador Físico) + coberto por imagens</p> <p>**APRESENTAÇÃO** Bruno Chantaretto XX anos Entrada na Lumen 23 de fevereiro de 1991</p>	<p>Trilha</p> <p>Sonora</p>	<p>O Bruno chegou na instituição com cinco anos, tinha o pai dele a mãe, o Bruno tinha nascido na suíça, o pai dele era suíço, a mãe brasileira</p>

<p>Enquadramento de entrevista, João Baptista (Educador Físico) + coberto por imagens</p> <p style="text-align: center;">**GC** João Baptista Educador Físico</p>	<p>Sonora</p>	<p>E ele tinha algo que os outros não tinha, ele aceitava mais o contato físico, ele aceitava a afetividade, o abraço, então é uma criança que você conseguia se aproximar, diferenciando dos outros.</p> <p>O importante de todo o trabalho de toda a interação que nós tivemos com o Bruno é a mãe, a mãe foi uma pessoa muito participativa desde o início [...] o pai dele havia vindo com alguns recursos e queria investir, fazer alguma coisa aqui na cidade, e naquela época ele tentou montar uma lojinha de artigos do Paraguai, [...] e a primeira vez que ele foi lá os caras trapacearam</p> <p>E a mulher dele pegou assim e não na próxima vez eu vou fazer a compra e você fica com o Bruno [...] ela fez as compras e voltou [...] chegando na casa, a casa estava toda escura, sem nenhuma iluminação, ela tocou a campainha, a campainha não atendeu e nesse momento ela subiu em cima do muro [...] ela viu a luz da geladeira aberta, e ela viu o Bruno, ela entrou em desespero, o Bruno com seis anos de idade ali na cozinha sozinho, não viu o marido [...] ai chamou a polícia, chamou os bombeiros, entraram na casa, arrombaram a porta ai que ela encontrou, o marido já havia falecido e pelo laudo depois, ele faleceu</p> <p>E ele estava deitado e acho que no momento de medo e dor, ele pegou uma imagem de nossa senhora aparecida e segurou no peito, foi um ataque cardíaco fulminante que ele teve. O Bruno ficou sempre gostou de revistinhas, os gibizinhos dele, ele passou todos esses dois dias, duas noites e um dia inteiro, ele ficou ali</p> <p>Ele foi pra suíça com a mãe [...] depois</p>
---	---------------	--

<p>** IMAGENS BRUNO CAMINHANDO**</p> <p>Enquadramento de entrevista, Rosa Maria de Lima (Professora) + coberto por imagens</p>	<p>Trilha</p> <p>Sonora</p>	<p>voltou pra cá e foi levando a vida [...] ai ela veio a falecer [...] ela tinha dois filhos do primeiro relacionamento dela, quando ela foi pra suíça deixou esses dois filhos [...] um desses filhos [...] estava morando em Portugal [...]voltou [...] tá até hoje cuidando dele</p> <p>E Lumen criou uma estrutura, ele é a única pessoa, ele fica aqui das oito as cinco e meia, [...] a própria Cida Kozuki chega a tarde ela manda frutas que ela manda pro Fábio ela manda igualmente pra ele [...] hoje na minha casa é ele já faz parte da minha família</p> <p>O Bruno mora aqui perto porque não nós podemos procurarmos organizar ele pra que ele possa vir pra escola, voltar pra casa sozinho [...]e eu me lembro que eu falei e é algo que tá até hoje, não para pra conversar, que ele era muito falador, não é pra conversar com ninguém no caminho ein Bruno, não fala com ninguém no caminho[...] se alguém parasse ele no caminho ele falava assim, tio João falou pra não conversar com ninguém,</p> <p>O Bruno Chantaretto ele é o nosso, assim vou te fala, é nossa grande pérola [...] quando a mãe dele, a Cida, antes de falecer, ela tinha verdadeira paixão pela Lúmen, porque, ela dizia que através da Lúmen, o trabalho feito na Lúmen, ela tinha ganhando o filho dela, ela tinha resgatado o filho dela, de um mundo que ela conseguia chega</p>
<p>**O QUE A LUMEN REPRESENTA PARA VOCÊ**</p> <p>**CLIFE FINAL + MÚSICA AMOR DE MÃOS DADAS**</p>		

Enquadramento de entrevista, Elisângela Tavares (Mãe Gabriela) + coberto por imagens da Gabriele Tavares	Sonora	Gabriele quando chegou aqui [...] não fazia nada e hoje praticamente faz tudo. Então eu agradeço aos profissionais da Lumen.
Enquadramento de entrevista, Cristina Fátima Vendramin (Mãe do Gabriel Yuri) + coberto por imagens	Sonora	A Lúmen, tem sido muito bom para o meu filho, para mim, só tenho que agradecer a Deus, porque se não tivesse a Lúmen, não saberíamos onde leva nossas crianças
Enquadramento de entrevista, Greiciele de Jesus Ferraz (Mãe do Enzo e Jessé) + coberto por imagens	Sonora	A Lumen ela representa uma família pra mim, vou usar a palavra porto seguro, porque aqui é um porto seguro pra gente, é como se é uma mãe que a Lumen é maravilhosa, pra gente é tudo
Enquadramento de entrevista, Aparecida Kozuki (Fundadora) - final coberto por imagem de um atendido	Sonora	Eu lembro do, de quando começou né, eu nunca imaginei que a gente chegaria a tanto [...] então eu fico muito orgulhosa, de ter feito parte assim da fundação da Lúmen, então como se diz, eu sinto orgulhosa sim, de ver onde ela chegou, com tantas crianças, com tantos profissionais, e ser reconhecido assim na cidade, a gente fica orgulhosa.
Enquadramento de entrevista, Perlla Roel (Diretora Pedagógica) - final coberto por imagem de um atendido	Sonora	É por isso que há 17 anos eu estou aqui nesse sonho, nesse projeto da Lumen em levar uma qualidade educacional e terapêutica pros nossos atendidos.
Enquadramento de entrevista, Ana Paula Soares (Coord. TEA) - final coberto por imagem de um atendido	Sonora	Eu aprendi com a Lumen a respeitar o outro e dar valor as coisas pequenas, conquistas pequenas, habilidades que muitas vezes pessoas não valorizam.
Enquadramento de entrevista, Edna Pereira (Professora) - final coberto por imagem de um atendido	Sonora	Não me vejo, assim, em outro lugar que não seja a Lumen, hoje

<p>Enquadramento de entrevista, Silvia Queiroz (Professora) - final coberto por imagem de um atendido</p>	<p>Sonora</p>	<p>Que a gente possa oferecesse algo melhor a sociedade, que a gente possa oferecer para essas crianças, pra essas famílias algo melhor</p>
<p>Enquadramento de entrevista, João Batista (Professor)- final coberto por imagem de um atendido</p>	<p>Sonora</p>	<p>Tudo isso é respeito, a respeito que eu tenho pela instituição, a respeito que eu tenho pelas crianças, a respeito que eu tenho pelo trabalho, pelas famílias</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosimeire Peres (Fisioterapeuta) - final coberto por imagem de um atendido</p>	<p>Sonora</p>	<p>Cada vez mais a gente aprende que um trabalho não se desenvolve com individualismo e sim com o conjunto, isso é a Lúmen, é um trabalho em conjunto</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Renata Witter (Médica) - final coberto por imagem de um atendido</p>	<p>Sonora</p>	<p>A Lúmen, eu acho que ela é uma satisfação pessoal e profissional, e uma lição de vida, para nós e assim, por causa dessas mães e dessas crianças. (EMOÇÃO) É uma lição de vida a Lúmen, assim, essas mães e essas crianças são guerreiras, então a gente aprende muito aqui</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Dalton Mello (Engenheiro)- final coberto por imagem de um atendido</p>	<p>Sonora</p>	<p>É uma entidade que para mim ela tá dentro do meu coração, digo para você, é até sem explicação [EMOÇÃO], é uma entidade que eu gosto</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Tatilaine Alves (Mãe Lorenzo) + coberto por imagens</p>	<p>Sonora</p>	<p>A Lúmen é assim, foi uma porta assim, que se abriu, que me mostra que é possível ser igual, mesmo você sendo diferente, mesmo que você seja diferente, para o padrão da sociedade, então, mesmo assim você continua sendo igual, e a Lúmen abre isso para a gente, que mesmo com limitações, nada te limita</p>
<p>Enquadramento de entrevista, Rosa Maria de Lima (Professora) - final coberto por imagem de um</p>	<p>Sonora</p>	<p>Eu cresci junto com a Lúmen, eu cresci profissionalmente juntamente com a Lúmen, porque, eu aprendi nos livros</p>

<p>atendido</p> <p>**CLIQUE DE ENCERRAMENTO – CAMINHADA AZUL**</p> <p>**FICHA TÉCNICA**</p>		<p>muita coisa, eu aprendi muita teoria, mas o que eu aprendi na pratica aqui na Lúmen, não há academia, não há faculdade, não há livros que ensine o respeito ao ser humano, eu aprendi respeito</p>
---	--	---

APÊNDICE I
CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS AUTORAIS COM AUTORIZAÇÃO DE USO
DE IMAGEM, NOME SOM DE VOZ

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS AUTORAIS COM AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, NOME SOM DE VOZ

Por meio deste instrumento, cedo, gratuita e expressamente, de forma irrevogável, integral, definitiva e por tempo indeterminado, em todo o território nacional, o conteúdo do arquivo das gravações que participei, incluindo os direitos de reprodução parcial e/ou integral, de edição, de publicação, de adaptação, de transformação, de tradução, de licenciamento, de cessão, de distribuição para ou por terceiros, de exploração educacional, comercial ou institucional, de distribuição via cabo, fibra ótica, satélite, internet, ondas ou qualquer outra forma de comunicação, de concessão para representação, recitação, declaração, execução musicalizada, radiodifusão sonora ou televisiva e incluindo-se o uso na internet, em conformidade com a Lei n.º 9.610, de 19/02/98.

Autorizo também, gratuitamente, a utilização da minha imagem – fixa ou em movimento, do meu nome e do som da minha voz, como forma de garantir a plenitude da presente cessão, transmitidas ou reproduzidas pelo projeto **“O videodocumentário como registro dos 30 anos de trabalho da Lumen et Fides no atendimento da pessoa com deficiência”** produzido pelos alunos Rafaela Silva Garbal (RG: xx.xxx.xxx-x); Shorrayla Indayara Duda Attar (RG: xx.xxx.xxx-x); Wesley Carlos Marcelino Murici (RG: xx.xxx.xxx-xx); Weverson Junior Santos do Nascimento (RG: xx.xxx.xxx-xx) da Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente (Facopp/Unoeste), que determinará a forma de exteriorização, sua apresentação, produção visual, sistema de reprodução, formato e demais aspectos técnicos, artísticos e que entender necessários, ficando, desde já, expressamente autorizado a sub-rogar total ou parcialmente os direitos patrimoniais ora cedidos a terceiros.

Presidente Prudente, _____ de _____ de 2017.

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG N°:
CPF N°:
Telefone para contato:

APÊNDICE J
CLIPPING

Fonte: **Sinomar Jornalismo & Colunismo Social.**

[Sinomar Calmona](#)
[Presidente Prudente / SP](#)
[Jornal O Imparcial](#)
[Contato](#)

SINOMAR
 JORNALISMO & COLUNISMO SOCIAL

Av. Manoel Goulart, 2400
 Presidente Prudente - SP

[Coluna](#)
[Presidente](#)
[Articulistas](#)
[Business](#)
[Cubas](#)
[Trabal](#)
[Entretenimento](#)
[Gerais](#)
[Sinomar](#)

[Galeria de Fotos](#)
[TV Sinomar](#)
[Links](#)
[Calendário](#)
[Cadastro-se](#)

Curtir 23 mil

A Cidade • Prudente

30 de Maio de 2017 -

História de 30 anos da Lumen et Fides é contada por meio de videodocumentário

Por:

Recomendar

Twitter

Projeto teve nove meses de pesquisa, 26 horas de imagens gravadas e 27 entrevistas. Trabalho revela a contribuição da instituição no atendimento da pessoa com deficiência.

Foto 1 (crédito: Jorge Flash): Shorrayla Duda, Weverson Nascimento, Wesley Murici e Rafaela Garbal

O videodocumentário "Sonhos de Malo", que trata dos 30 anos de história da Associação de Desenvolvimento de Crianças Limitadas – Lumen et Fides, será lançado no dia 31 de maio, às 19h30, no Anfiteatro Azaléia, no Campus II da Unoeste.

O filme é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) produzido na Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente (Facoop). A pesquisa, intitulada "O videodocumentário como registro dos 30 anos de trabalho da Lumen et Fides no atendimento da pessoa com deficiência", foi desenvolvida pelos alunos, Rafaela Garbal, Shorrayla Duda, Wesley Murici e Weverson Nascimento com orientação da professora e jornalista Thaisa Bacco. Foram nove meses de pesquisa sobre o tema, obtendo a gravação de 27 entrevistas e produção de 25 horas de imagens gravadas.

De acordo com um dos integrantes do grupo, Weverson Nascimento, o trabalho dá voz a pessoa com deficiência. "O documentário abordou questões de mundo que muitas vezes não são discutidas na sociedade. Colocou-se em discussão o tema deficiência não somente como assunto a ser pautado, mas as condições de ouvir a pessoa com deficiência em situações comuns do dia a dia", afirma Nascimento.

Para a diretora pedagógica da Lumen et Fides, Perilla Roel, além de mostrar o trabalho da instituição, a produção serve para esclarecer questões sobre a deficiência. "É mais uma ferramenta que ajudará as pessoas entenderem um pouco mais sobre o Transtorno do Espectro do Autismo, a Distúrbio Neuromotora e a Doença Neuromuscular e o trabalho de reabilitação com equipe interdisciplinar realizado na Lumen".

O videodocumentário mostra também o valor de uma instituição que passou pelas dificuldades desde o início. A Lumen et Fides foi fundada em 15 de maio de 1987 por um grupo de pais que procurava um lugar para atender os filhos. Há 30 anos, a instituição oferece tratamento nas áreas de saúde e educação, atendendo crianças e adultos com deficiências múltiplas e transtorno do espectro do autismo.

Para uma das fundadoras da instituição, Aparecida Kozuki, o videodocumentário revela a construção de uma história que teve envolvimento de muitas pessoas. "Para mim é motivo de muito orgulho. A Lumen chegou nesse patamar de hoje, sendo reconhecida pela sociedade pelo esforço de funcionários, diretoria, ajuda de pessoas, empresas, eventos e convênios", conta Kozuki.

Ao longo de três décadas de existência, a instituição vivenciou importantes momentos revelados em "Sonhos de Malo". O filme apresenta sete histórias que se cruzam na Lumen et Fides. O objetivo é, por meio de depoimentos reais, fazer um convite a refletir sobre o valor do ser humano.



Curtir 23 mil pessoas curtiram isso.

Acesso <<http://sinomarcalcona.com.br/post/1437/historia-de-30-anos-da-lumen-et-fides-e-contada-por-meio-de-videodocumentario>>

Fonte: **Jornal O Imparcial**



Videodocumentário

Após nove meses de pesquisa, 25 horas de imagens gravadas e 27 entrevistas será lançado hoje às 19h30, no Anfiteatro Azaléia, no Campus II da Unoeste, o videodocumentário que conta a história de 30 anos da Lumen et Fides. O trabalho revela a contribuição da instituição no atendimento da pessoa com deficiência. O filme é resultado de um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) produzido na Facopp (Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente). A pesquisa, intitulada "O videodocumentário como registro dos 30 anos de trabalho da Lumen et Fides no atendimento da pessoa com deficiência", foi desenvolvida pelos alunos, Rafaela Garbal, Shorrayla Duda, Wesley Murici e Weverson Nascimento com orientação da professora e jornalista Thaisa Bacco.



AUTORES Rafaela Garbal, Shorrayla Duda, Wesley Murici e Weverson Nascimento fizeram o videodocumentário que conta a história dos 30 anos da Lumen Et Fides.

Fonte: **Portal Facopp**

The screenshot shows the Portal Facopp website interface. At the top, there are logos for TU, eco, agência facopp, Assim, fotografia, GEPEC, and NEXU. Below the navigation bar, there is a sidebar on the left with a menu of links: Facopp, Manual do Aluno, Notícias, Trabalhos Acadêmicos, TCC/PEPP, Equipe, Ex-aluno, Galeria de Fotos, Vagas de Estágio, Corpo Docente, Quadro Curricular, Biblioteca, Aprender Unoeste, Manual do Portal, and Contato. Below the menu is a calendar for June 2017 and a section for 'Últimos Tweets' from @portalfacopp.

The main content area displays a news article titled "Alunos da Facopp lançam documentário sobre a Lúmen et Fides". The article is dated 06/06/2017 and updated on 08/06/2017. The authors listed are Bruna Leite, Alexandre Carvalho, and Sandra Prata. The article features a photograph of five people (three men and two women) standing together, each holding a copy of the documentary "Sonhos de Maio". The photo is credited to Beatriz Vitrio.

Below the photo, the text reads: "Videodocumentário foi exibido no Auditório Azaléia". The article continues: "Na noite da quarta-feira (31/05), os estudantes do 8º termo de Jornalismo, Sorrayla Duda Attar, Wesley Murici, Rafaela Garbal e Weverson Nascimento, lançaram no Auditório Azaléia o videodocumentário 'Sonhos de Maio'. O audiovisual começou a ser exibido por volta das 20h, e estiveram presentes funcionários, pais, pacientes da Lúmen, amigos e familiares dos realizadores do documentário, professores e alunos da Facopp também prestigiaram a produção."

The article concludes with the sentence: "Weverson Nascimento conta que a ideia da equipe sempre foi fazer um videodocumentário por causa do gosto em

Acesso < https://www.unoeste.br/facopp/noticias_visualizar.php?id=1919>